

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO
FECAP**

MESTRADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

AMANDA RUSSO CHIROTTO

**A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS
EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA FECAP: UMA ANÁLISE SOB
A ÓTICA DA TEORIA DO CAPITAL HUMANO**

São Paulo

2014

AMANDA RUSSO CHIROTTO

**A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM
CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA FECAP: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA
DA TEORIA DO CAPITAL HUMANO**

Dissertação apresentada à Fundação Escola de
Comércio Álvares Penteado – FECAP, como
requisito para a titulação de Mestre em Ciências
Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias

São Paulo

2014

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO – FECAP

Reitor: Prof. Edison Simoni da Silva

Pró-reitor de Graduação: Prof. Taiguara de Freitas Langrafe

Pró-reitor de Pós-graduação: Prof. Edison Simoni da Silva

Diretor da Pós-Graduação Lato Sensu: Prof. Alexandre Garcia

Coordenador de Mestrado em Ciências Contábeis: Prof. Dr. Cláudio Parisi

Coordenador do Mestrado Profissional em Administração: Prof. Dr. Heber Pessoa da Silveira

FICHA CATALOGRÁFICA

C541i	<p>Chiroto, Amanda Russo</p> <p>A influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da teoria do capital humano / Amanda Russo Chiroto. - - São Paulo, 2014.</p> <p>203 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP - Mestrado em Ciências Contábeis.</p> <p>1. Pós-graduação – Contabilidade – Brasil – São Paulo.2. Contabilidade – Estudo e ensino (Pós-graduação).3. Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP) – Pós-graduação – Contabilidade.4. Capital humano – Pós-graduação – Contabilidade.</p> <p>CDD 378.15530981</p>
-------	--

AMANDA RUSSO CHIROTTO

**A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM CIÊNCIAS
CONTÁBEIS DA FECAP: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA TEORIA DO
CAPITAL HUMANO**

Dissertação apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

COMISSÃO JULGADORA:

Profa. Dra. Jacqueline Veneroso Alves da Cunha
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dr. Claudio Parisi
Centro Universitário FECAP

Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias
Centro Universitário FECAP
Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora

São Paulo, 04 de setembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais Mauro e Solange, e à minha irmã Sabrina, por todas as palavras de incentivo e gestos de carinho e compreensão neste período de desenvolvimento do Mestrado.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias por ter apostado na ideia e ter me ajudado com todo seu conhecimento a atingir meu objetivo, e também, agradeço por sua amizade.

Agradeço ao Prof. Dr. Claudio Parisi por toda confiança e ajuda no desenvolvimento deste trabalho e neste novo projeto de minha vida profissional e acadêmica e à Profa. Dra. Jacqueline Veneroso Alves da Cunha pela inspiração na escolha deste tema e pelas valiosas contribuições recebidas na qualificação.

Agradeço à minha amiga e parceira de todas as horas Isabel Pinheiro, por estar ao meu lado e acompanhar de perto todo este processo, serei eternamente grata por ter a sua amizade. Agradeço também meu amigo Anderson Andrade, por compartilhar comigo dos mesmos ideais e sempre me ajudar com uma palavra amiga.

Agradeço todos os egressos da FECAP que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, em especial, Prof. Dr. Mauro Fernando Gallo, Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello, Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves e Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov, por toda a disponibilidade para a realização das entrevistas

Agradeço minhas amigas e parceiras de toda vida Carolina Mendonça, Daniela Leão e Kelly Sabadin por estarem sempre por perto e marcarem presença em todos os momentos importantes de minha vida. Agradeço à amiga Júnia Botter por estar presente nos momentos finais sempre com uma palavra de incentivo e carinho.

E um agradecimento especial ao meu (quase) esposo Lucas Alves, que sempre apoiou meus sonhos e nunca deixou de acreditar que eu conseguiria conquistar meus objetivos. À você, todo o meu amor.

*Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas
do que parecia impossível.
(Charles Chaplin)*

RESUMO

A base conceitual da Teoria do Capital Humano estabelece que um indivíduo ao adquirir mais conhecimentos e habilidades, aumentaria o valor do seu capital humano, e em consequência aumentaria sua empregabilidade, produtividade e rendimento potencial. Outro fator importante, é que o investimento em educação ocasiona um aumento de renda futura, e proporcionaria ao indivíduo destaque na sociedade na forma de bem-estar social e inovação tecnológica (CUNHA; CORNACCHIONE JUNIOR; MARTINS, 2010). Diante deste pressuposto, o objetivo geral deste trabalho foi analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano. Para que este objetivo pudesse ser atendido, foi realizada uma pesquisa descritiva, que utilizou de abordagem quantitativa e qualitativa, composta por três etapas: a) pesquisa de campo com a aplicação de um questionário para todos os egressos formados até 30/08/2013; b) análise documental do currículo Lattes de todos os egressos que responderam ao questionário e c) entrevista com os egressos doutores, para analisar a trajetória profissional, acadêmica e social dos egressos após o mestrado. A amostra foi composta por 180 egressos mestres e 4 egressos doutores. Os dados foram analisados com base em estatística descritiva, análise fatorial e análise das transcrições das entrevistas. Os resultados da pesquisa permitiram identificar que os mestres em Ciências Contábeis da FECAP são majoritariamente do gênero masculino, com idade média 47 anos, casados, com filhos, residentes da cidade de São Paulo e com formação em Ciências Contábeis, tem como principal atividade remunerada mercado e academia, a maioria está empregada no setor privado e tem remuneração acima dos R\$ 9.000,00. A pesquisa apontou que há uma melhora na faixa salarial após a conclusão do curso, porém, os homens recebem as remunerações mais altas. Ao considerar a principal atividade remunerada os dados apontaram que o mercado remunera melhor que a academia. A maioria escolheu o mestrado visando ampliar as possibilidades de trabalho, para obter realização e satisfação pessoal e para ingressarem e/ou ascenderem na carreira docente. Os principais fatores percebidos pelos mestres da FECAP como mais influenciados pelo título de mestre (CUNHA, J. V. A., 2007), foram: espírito acadêmico, diferenciação profissional, competências analíticas, empregabilidade, oportunidades na carreira, respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional. Ao realizar a análise fatorial foram obtidos três fatores, considerando apenas dez variáveis: Fator 1 - nominado Satisfação pessoal, Fator 2 - nominado Empregabilidade e Remuneração e Fator 3 - nominado Destaque profissional. A

contribuição acadêmica dos mestres da FECAP se concentra nas atividades de orientação e participações em bancas examinadoras. Ao analisar a trajetória profissional, acadêmica e social dos egressos doutores em Ciências Contábeis, contatou-se que os entrevistados reconhecem o seu papel como pesquisador e a importância da produção científica para a sociedade. É possível considerar que o título influenciou positivamente os egressos da FECAP considerando os fatores preconizados pela Teoria do Capital Humano, porém, ainda se faz necessário melhorar a participação dos egressos em instituições de ensino superior e o seu papel como pesquisador, para o aumento da produção científica.

Palavras-chave: Teoria do Capital Humano. Mestrado. Ciências Contábeis. Currículo Lattes.

ABSTRACT

The conceptual basis of the Human Capital Theory determines that one individual, upon acquiring more knowledge and skills, would increase their human capital value, and consequently increase their employability, productivity and income potential. Another important factor is that investment in education leads to an increase in future income, and would have the individual stand out in the society in the form of welfare and technological innovation (CUNHA; CORNACCHIONE JUNIOR; MARTINS, 2010). Considering this assumption, this study aimed to analyze the influence of the master's degree in alumni of the Accounting Sciences course from FECAP from the perspective of the Human Capital Theory. Therefore, a descriptive research was conducted, which used a quantitative and qualitative approach, comprising three steps: a) field survey with a questionnaire applied to all the alumni who graduated until August 30, 2013; b) document analysis of curriculum Lattes of all alumni who responded to the questionnaire, and c) inquiries of alumni PhD to analyze their professional, academic and social trajectory after the Master's degree. The sample comprised 180 alumni with Master's degree and 4 PhD. Data was analyzed using descriptive statistics, factor analysis, and analysis of interview transcripts. The survey results allowed us to identify that Masters in Accounting Sciences from FECAP are mostly male, mean age of 47 years, married, with children, residents in the city of São Paulo and majored in Accounting Sciences, whose main paid activity are the market and academy, most are employed in the private sector and have compensation exceeding R\$ 9,000.00. The survey showed that there is an improvement in the salary range upon completion of the course. However, men receive the highest remuneration. When considering the main paid activity, data showed that the market pays better than the academy. Most chose the master's degree aiming to expand the possibilities of work, for personal fulfillment and satisfaction and to join and/or ascend the teaching profession. The main factors perceived by FECAP masters as most influenced by the master title (CUNHA, J. V. A., 2007) were: academic spirit, professional differentiation, analytical skills, employability, career opportunities, respectability and academic/professional recognition. When performing the factor analysis, three factors were obtained, considering only ten variables: Factor 1 - nominated Personal Satisfaction, Factor 2 - nominated Employability and Compensation and Factor 3 - nominated Professional Highlight. The academic contribution of FECAP masters focuses on the guidance and participation in examination boards. By analyzing the professional, academic and social history of the PhD in

Accounting Sciences, we detected that respondents recognize their role as researchers and the importance of scientific production to society. It is possible to consider that the title has positively influenced FECAP alumni considering the factors recommended by the Human Capital Theory. However, it is still necessary to improve their participation in higher education institutions and their role as researchers, to increase scientific production.

Keywords: Human Capital Theory. Master's Degree Accounting Sciences Curriculum Lattes.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Cursos recomendados e reconhecidos em Ciências Contábeis.....	18
QUADRO 2 - Temáticas sobre teoria do capital humano no contexto internacional	26
QUADRO 3 - Temáticas sobre teoria do capital humano no contexto nacional	27
QUADRO 4 - Fatores influenciados pelo título de mestre segundo a ótica da teoria do capital humano	32
QUADRO 5 - Egressos doutores	50
QUADRO 6 - Itens escolhidos para avaliação do Currículo Lattes	55
QUADRO 7 - Comparativo da análise fatorial egressos FECAP versus egressos brasileiros.....	89
QUADRO 8 - Síntese das respostas da questão 1	100
QUADRO 9 - Síntese das respostas da questão 2	101
QUADRO 10 - Síntese das respostas da questão 3	102
QUADRO 11 - Síntese das respostas da questão 4	103
QUADRO 12 - Síntese das respostas da questão 5	105
QUADRO 13 - Síntese das respostas da questão 6	107
QUADRO 14 - Síntese das respostas da questão 7	109
QUADRO 15 - Síntese das respostas da questão 8	111
QUADRO 16 - Síntese das respostas da questão 9	112
QUADRO 17 - Síntese das respostas da questão 10	113
QUADRO 18 - Síntese das respostas da questão 11	114
QUADRO 19 - Síntese das respostas da questão 12	115
QUADRO 20 - Síntese das respostas da questão 13	117
QUADRO 21 - Síntese das respostas da questão 14	119
QUADRO 22 - Síntese das respostas da questão 15	120

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Programas e cursos de pós-graduação – área “Administração, Ciências Contábeis e Turismo”	44
TABELA 2 - Mestres formados por ano de conclusão.....	48
TABELA 3 - Quantidade de mestres em Ciências Contábeis por instituição.....	49
TABELA 4 - Distribuição dos currículos dos egressos por ano de atualização.....	56
TABELA 5 - Quantidade de periódicos por estrato qualis da Capes da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo	61
TABELA 6 - Distribuição da remuneração bruta atual	65
TABELA 7 - Idade dos mestres em Ciências Contábeis da FECAP durante sua trajetória acadêmica	67
TABELA 8 - Tempo médio do percurso acadêmico dos egressos.....	68
TABELA 9 - Tabela de frequências cruzadas para principal atividade remunerada (ingresso e momento atual)	70
TABELA 10 - Tabela de frequências cruzadas para regime de trabalho (ingresso e momento atual).....	72
TABELA 11 - Tabela de frequências cruzadas para remuneração mensal (ingresso e momento atual).....	73
TABELA 12 - Tabela cruzada de principal atividade remunerada por gênero e momento no curso	73
TABELA 13 - Tabela cruzada de remuneração mensal por principal atividade remunerada (ingresso e momento atual)	74
TABELA 14 - Tabela cruzada de remuneração mensal por gênero (ingresso e momento atual).....	75
TABELA 15 - Tabela de frequências sobre os fatores decisórios para a escolha do mestrado com maiores níveis de concordância	76
TABELA 16 - Tabela de frequências sobre os fatores decisórios para a escolha do mestrado com maiores níveis de discordância	77
TABELA 17 - Tabela de frequências sobre os fatores decisórios para a escolha do mestrado com níveis de neutros de concordância e discordância	78
TABELA 18 - Tabela de frequências sobre os fatores decisórios para a escolha do mestrado por principal atividade remunerada com maiores níveis de concordância.....	78

TABELA 19 - Tabela de frequências sobre os fatores decisórios para a escolha do mestrado por principal atividade remunerada com maiores níveis de discordância.....	80
TABELA 20 - Tabela de frequências sobre os fatores decisórios para a escolha do mestrado por principal atividade remunerada neutro.....	80
TABELA 21 - Análise descritiva dos fatores influenciados pelo título de mestre	82
TABELA 22 - Análise descritiva dos fatores influenciados pelo título de mestre por principal atividade remunerada	83
TABELA 23 - Teste Kruskall Wallis para comparação entre as principais atividades remuneradas quanto aos fatores influenciados pelo título de mestre	84
TABELA 24 - Análise descritiva dos fatores influenciados pelo título de mestre por gênero	85
TABELA 25 - Teste de Mann-Whitney para comparação entre os gêneros quanto aos fatores influenciados pelo título de mestre	86
TABELA 26 - Cargas fatoriais após Rotação Varimax, autovalores, % da variabilidade explicada, % acumulado da variabilidade explicada, Alpha de Chronbach, teste de Bartlett e Kmo dos fatores influenciados pelo título de mestre	87
TABELA 27 - Publicações em periódicos classificados Qualis antes e após o ingresso no mestrado.....	90
TABELA 28 - Artigos aceitos em periódicos classificados Qualis após o ingresso no mestrado.....	92
TABELA 29 - Trabalhos completos e resumos publicados em anais de congresso classificados Qualis antes e após o ingresso no mestrado.....	92
TABELA 30 - Livros e capítulos de livros publicados antes e após o ingresso no mestrado.....	93
TABELA 31 - Orientações concluídas antes e após o ingresso no mestrado	94
TABELA 32 - Participação em bancas examinadoras antes e após o ingresso no mestrado.....	95
TABELA 33 - Taxa de conversão.....	95
TABELA 34 - Índice de produtividade de orientações	96
TABELA 35 - Índice de produtividade de artigos em periódicos	97
TABELA 36 - Índice de produtividade de orientações – egressos doutores	97
TABELA 37 - Índice de produtividade de artigos em periódicos – egressos doutores	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	16
1.2 QUESTÃO DE PESQUISA	19
1.3 OBJETIVO GERAL.....	20
1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
1.4 JUSTIFICATIVA E CONTRIBUIÇÃO ESPERADAS	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 TEORIA DO CAPITAL HUMANO.....	22
2.1.1 LIMITAÇÕES DA TEORIA DO CAPITAL HUMANO.....	30
2.1.2 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE TEORIA DO CAPITAL HUMANO E PÓS-GRADUAÇÃO	32
2.2 A PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL	38
2.2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL.....	38
2.2.2 A PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS NO BRASIL.....	43
2.2.3 BREVE HISTÓRICO DA FECAP.....	44
2.2.4 O PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA FECAP.....	45
3 METODOLOGIA.....	52
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO E DA AMOSTRA	52
3.2 ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	53
3.2.1 QUESTIONÁRIO	53
3.2.2 CURRÍCULO LATTES	55
3.2.2.1 Limitações da pesquisa no Currículo Lattes	56
3.2.3 ENTREVISTAS.....	56
3.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	57
3.3.1 QUESTIONÁRIO	57
3.3.2 CURRÍCULO LATTES	60
3.3.2.1 Produção Bibliográfica.....	61
3.3.2.2 Atividade acadêmica.....	62
3.3.2.3 Taxa de conversão – TC.....	62
3.3.2.4 Índice de produtividade – IP	63
3.3.3 ENTREVISTAS.....	63
4 APRESENTAÇÃO E DUSCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	65
4.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO PARA EGRESSOS.....	65
4.1.1 PERFIL ATUAL DOS MESTRES EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA FECAP	65

4.1.2 MUDANÇAS OCORRIDAS NO PERFIL DOS EGRESSOS APÓS A TITULAÇÃO	69
4.1.3 FATORES MOTIVADORES PARA A ESCOLHA DO MESTRADO	75
4.1.4 FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE.....	80
4.2 CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA DOS EGRESSOS – ANÁLISE DO CURRÍCULO LATTES	89
4.2.1 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA.....	90
4.2.2 ATIVIDADE ACADÊMICA.....	93
4.2.3 TAXA DE CONVERSÃO – TC.....	95
4.2.4 ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE	96
4.3 OS EGRESSOS DOUTORES EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS.....	97
4.3.1 PERFIL DOS EGRESSOS DOUTORES	98
4.3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS EGRESSOS DOUTORES	99
4.3.2.1 <i>Análise do bloco de perguntas sobre a experiência antes e após a conclusão do Mestrado</i>	100
4.3.2.2 <i>Análise do bloco de perguntas sobre a experiência antes e após a conclusão do Doutorado</i>	109
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO QUESTIONÁRIO.....	137
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO	138
APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA	161
APÊNDICE D – E-MAIL SOLICITANDO ENTREVISTA	162
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	166
APÊNDICE F – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ... 200	

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A partir dos anos 1960, intensificou-se a discussão e o estudo da educação como um fator de produção, tendo como base a Teoria do Capital Humano (TCH). Esta discussão é em grande parte motivada pelos trabalhos de Schultz (1960), com os quais o autor buscou comprovar a relação entre educação e produtividade. Em síntese, os trabalhos de Schultz concluíram que o Capital Humano tem um valor econômico e é um investimento que não pode ser vendido, mas sim adquirido. Uma consequência é que a educação pode ser adquirida por meio de um processo evolutivo. Isso propiciaria às pessoas com melhor formação uma maior empregabilidade e, em decorrência, maior e melhor remuneração pelo seu trabalho. A Teoria do Capital Humano também reconhece que esta formação propiciaria aos indivíduos bem estar e reconhecimento social.

O impacto da educação nos indivíduos possui duas perspectivas de natureza econômica. Cunha e Cornacchione Junior (2008, p. 4) entendem que “o impacto da educação nos indivíduos é uma perspectiva microeconômica enquanto o impacto da educação no âmbito social pertence ao campo macroeconômico”. Para eles, os reflexos da educação na sociedade vão além dos salários individuais. Este ganho individual, tratado na literatura como externalidades, é revertido em algum tipo de vantagem para a sociedade.

Investir em educação não é algo individual, é coletivo. Uma sociedade mais “educada” promove mais possibilidades de trabalho e, quando empregados, melhores salários. Pinho (1976) afirma que o sistema educacional deve ser visualizado como um meio para a sociedade criar em países menos desenvolvidos ou aumentar, nos mais desenvolvidos um processo de expansão, que permita aos indivíduos o acesso a uma vida melhor e, além disso, promova a ação e a formação da personalidade humana.

Para Cunha, J. V. A. (2007) o desenvolvimento em capital humano é um processo que visa aumentar os conhecimentos, as habilidades e a capacidade das pessoas. Afirma ainda que o Brasil já formou seu próprio capital humano; porém, acredita que tão importante quanto formar é conservar, por meio de melhorias na saúde, habitação e estabelecimento de políticas e estímulos para evitar a fuga deste capital humano do país.

Moraes (2009) completa que esta conservação apontada por Cunha, J. V. A. (2007) incluiria também a permanente qualificação do capital humano. O autor acredita que o grande desafio é garantir a formação continuada dos indivíduos, para que não ocorra um grande desnível entre os diferentes níveis de escolaridade. Na educação superior, este processo de educação continuada do indivíduo se estende à pós-graduação *stricto sensu*. Para Cunha, J. V. A. (2007) e Moraes (2009) a formação continuada é o grande desafio que se impõem aos indivíduos, pois existe um desnível de acesso aos diferentes níveis de ensino no Brasil.

No Brasil, a pós-graduação tem origem no modelo de cátedras adotado nas primeiras universidades brasileiras criadas nos anos 1930. Porém, é somente nos anos 1960 com a publicação do Parecer nº. 977/65 do Conselho de Educação Superior (CESu) que a Pós-Graduação adota um modelo mais detalhado, inspirado no modelo norte-americano. Este modelo entende a Universidade como um centro dedicado às atividades e a elaboração de novos conhecimentos, por meio da pesquisa científica e tecnológica. (BRASIL, 1965).

Balbatchevsky (2005) complementa que foi esse parecer que estabeleceu o formato básico da pós-graduação brasileira, diferenciando os dois níveis de formação: mestrado e doutorado.

O Governo Federal tinha dois objetivos principais com a publicação deste parecer: a) formação de técnicos de alto nível, visando o desenvolvimento tecnológico nacional e b) formação de docentes qualificados para o ensino superior, visando atender à demanda gerada pelas novas instituições de ensino no país. (SANTOS, C. M., 2002).

Segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a Pós-Graduação brasileira apresenta: 3.157 (55,7%) cursos de Mestrado 1.941 (34,2%) cursos de Doutorado e 572 (10,1%) cursos de Mestrado Profissional em todas as áreas de conhecimento. (BRASIL, 2014a).

A pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis surge efetivamente em 1970, sendo pioneiro o Programa de Mestrado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, seguido do Programa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1978. Após este período, somente no final dos anos 1990 surgem novos programas de Mestrado, o da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Centro Universitário FECAP (antiga FACESP). De 1999 até 2014, a quantidade de programas de pós-graduação em Ciências Contábeis cresceu de 3 para 20. Os 20 Programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis do Brasil, oferecem 17 cursos de Mestrado

acadêmico, 9 de Doutorado e 2 de Mestrado Profissional. O Quadro 1 apresenta a evolução da área:

QUADRO 1 - CURSOS RECOMENDADOS E RECONHECIDOS EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Sigla	Nome IES	Ano de início	Nível avaliado (*)	Nota final 2013
USP	Universidade de São Paulo	1970/1978	M/D	6
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1978	M	3
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro	1998	M/D	5/4
UniFECAP	Centro Universitário FECAP	1999	M	4
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2000	M/D	5/4
FUCAPE	Fundação Inst. Capixaba de Pesq. Cont.Econ.e Finanças	2001	F	5
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	2004/2013	M/D	4
FURB	Universidade Regional de Blumenau	2005/2008	M/D	4
UFPR	Universidade Federal do Paraná	2005	M/D	4
USP/RP	Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto	2005	M/D	4
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2006	M	3
UFBA	Universidade Federal da Bahia	2007	M	3
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais	2007	M	4
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco	2007	M	4
UNB	Universidade de Brasília	2007	M/D	5
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2008	F	4
FUCAPE	Fundação Inst. Capixaba de Pesq. Cont.Econ.e Finanças	2009	M/D	4
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo	2010	M	3
UFU	Universidade Federal de Uberlândia	2013	M	3
UEM	Universidade Estadual de Maringá	2014	M	3

(*) F – Mestrado Profissional, M – Mestrado Acadêmico e D – Doutorado.

Fonte: Brasil (2014c)

Nos anos 2000 intensificou-se na área contábil brasileira, a produção de trabalhos que analisaram o impacto da educação em seus titulados, tendo como plataforma teórica a Teoria do Capital Humano, como pode ser constatado nos trabalhos elaborados por Cunha, Cornacchione Junior e Martins (2008; 2010), Moraes (2009), Oro et al. (2010), Martins, Vasconcelos e Monte (2009), Martins e Monte (2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2011), Silva (2012) e Dallabona, Oliveira e Rausch (2013). A realização destes trabalhos justifica-se por conta do crescimento constatado na pós-graduação *stricto sensu* em nosso País, a partir do final dos anos 1990. Este crescimento vem trazendo contribuições relevantes ao ensino e à pesquisa contábil no Brasil, ao mesmo tempo em que se constitui um atraente campo de atuação profissional.

Entre as pesquisas nacionais relacionadas ao tema na área de Ciências Contábeis, destaca-se a tese de Cunha, J. V. A. (2007). A autora foi precursora no estudo dos Doutores em Ciências Contábeis. Até então os estudos estavam relacionados aos impactos e influências da educação nos cursos de MBA e em análises gerais sobre as diversas áreas de

conhecimento, como é o caso da pesquisa desenvolvido por Velloso (2004). Sobre as contribuições dos Mestres em Ciências Contábeis e os retornos obtidos por meio da sua titulação, destacam-se a tese de Moraes (2009) e a dissertação de Silva (2012), os trabalhos analisaram os programas da USP e os da Região Sul, respectivamente.

A pesquisa de Cunha, J. V. A. (2007) apontou que os doutores em Ciências Contábeis não tem retribuído positivamente às expectativas estabelecidas na formação, já que a publicação de artigos científicos e a participação em atividades vinculadas à área acadêmica estão concentradas em um número bem reduzido de doutores. Os resultados também apontaram que as motivações declaradas pelos egressos para ingressar no doutoramento se materializaram em suas vidas acadêmico/profissionais e demonstraram grande satisfação quanto às contribuições do título de Doutor, além disso, houve melhora significativa nos rendimentos.

A tese de Moraes (2009) apontou que os mestres em Ciências Contábeis brasileiros percebem que os fatores identificados pela Teoria do Capital Humano sofreram algum tipo de alteração após a obtenção do título. Como a pesquisa avaliou diversos programas, notou-se uma percepção diferente entre os egressos de um programa para outro, que podem ser aplicadas pelos diferentes estágios de evolução e o processo de consolidação dos programas.

A dissertação de Silva (2012) verificou que os mestres em Ciências Contábeis da Região Sul do Brasil, em sua maioria, exercem exclusivamente a atividade acadêmica e tem como primeira formação o curso de Ciências Contábeis. Atuam preferencialmente na região de origem e publicam mais em eventos do que em periódicos científicos.

O cenário anteriormente descrito revela a possibilidade de continuidade das pesquisas sobre a Teoria do Capital Humano e suas consequências na formação dos egressos nos programas de Mestrado no Brasil. De forma específica, constata-se a oportunidade de aprofundar as investigações sobre o tema na área de Ciências Contábeis, com a identificação e análise dos retornos obtidos pelos egressos do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis do Centro Universitário FECAP.

1.2 QUESTÃO DE PESQUISA

Em função do exposto foi formulada a seguinte questão de pesquisa:

Qual é a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano?

1.3 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral é analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano.

1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos, elaborados para operacionalizar a pesquisa, são os seguintes:

- a) Traçar um perfil profissiográfico dos egressos do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP;
- b) Identificar as motivações que levaram o egresso a fazer o curso;
- c) Identificar os fatores discutidos pela Teoria do Capital Humano (CUNHA, J. V. A., 2007) que foram influenciados pelo título;
- d) Analisar a contribuição acadêmica dos egressos por meio da sua produção científica;
- e) Analisar a trajetória profissional, acadêmica e social dos egressos doutores em Ciências Contábeis.

1.4 JUSTIFICATIVA E CONTRIBUIÇÃO ESPERADAS

Uma finalidade da Universidade é a inserção no mundo do trabalho de indivíduos aptos para o exercício profissional. Ao formar um aluno no Mestrado entende-se que a Universidade irá prover formação, treinamento e especialização para o exercício da docência em nível fundamental, médio ou superior e o início à atividade de pesquisa. A Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) determina que 1/3 da composição do corpo docente das Universidades seja de docentes com títulos de mestre e doutor, fato que comprova a crescente necessidade de professores titulados nas instituições. Portanto, entender a atuação dos indivíduos formados, a

sua participação e atuação no mundo do trabalho são importantes para que a sociedade reconheça que a Universidade está cumprindo seu papel na formação, desenvolvimento e crescimento do ensino superior. (LOUSADA; MARTINS, 2005; MORAES, 2009). Fato também levantando por Cunha, J. V. A. (2007) ao considerar que a pós-graduação *stricto sensu* tem como objetivo principal a qualificação para a docência e a formação de pesquisadores.

É importante e útil difundir a participação dos egressos no ensino superior brasileiro. Entretanto, nota-se que existem poucos estudos que utilizam os egressos como fonte de informação nos cursos de Ciências Contábeis. Verifica-se também uma carência na área de trabalhos nacionais, que visem aprofundar o conhecimento e melhorar o entendimento das variáveis que influenciam a profissão. (LOUSADA; MARTINS, 2005; MORAES, 2009).

Em continuidade às investigações sobre egressos na área de Ciências Contábeis, utilizando como principais inspirações os estudos de Cunha, J. V. A. (2007), Moraes (2009) e Silva (2012), o presente trabalho tem como objetivo investigar, identificar e analisar a trajetória dos egressos do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP e a influência do título na sua vida acadêmica, pessoal e profissional. Tal iniciativa se justifica por diversos fatores assim elencados: a) relevância do programa na formação de mestres da área de Ciências Contábeis ao todo o curso já formou 305 egressos desde sua criação em 1999 até Dezembro/2013, ou seja, em média 22 mestres por ano, fato relevante comparado à Programas mais antigos, como o da USP (1970) e da PUC/SP (1978), que formaram em média 12 e 13 mestres por ano, respectivamente; b) avaliar a contribuição e participação da FECAP na pós-graduação brasileira diante do seu papel na formação e na qualificação de pesquisadores; e c) descrever a história e identificar principais contribuições obtidas na formação oferecida aos mestres do Programa.

O trabalho pretende contribuir com o crescimento da área de Ciências Contábeis no Brasil, sob os seguintes aspectos: a) continuar os estudos sobre a Teoria do Capital Humano; b) oferecer subsídios para o processo decisório daqueles que pretendem seguir uma carreira acadêmica consistente; c) melhorar as práticas no programa de Mestrado; d) divulgar a história do programa de Mestrado da FECAP e a sua contribuição na formação e desenvolvimento da área de Ciências Contábeis.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TEORIA DO CAPITAL HUMANO

Adam Smith destacou, em seu clássico “*Wealth of nations*” de 1776, a influência da escolaridade no mundo de trabalho, introduzindo a noção de ser humano como capital. Essa relação continuou sendo estudada pelos economistas Alfred Marshall e Irving Fisher, entretanto, sem nenhuma formulação teórica até o século 20. A definição da educação como fator de produção e a construção em um campo disciplinar, surgiu após a Segunda Guerra Mundial, no contexto das teorias do desenvolvimento. Várias são as razões deste atraso na formulação da Teoria do Capital Humano, das quais se destacam as diferentes opiniões entre os teóricos sobre a relação entre indivíduos, trabalho, capital e renda, o uso da visão Keynesiana para a definição de consumo e investimento e a natureza econômica anterior à Segunda Guerra Mundial, somente agrícola e industrial. (BAPTISTE, 2001; BRIGGS, 1987; FRIGOTTO, 2000).

Baptiste (2001) ressalta que as diferentes opiniões dos teóricos sobre capital humano formavam três linhas de pensamento distintas: a primeira representada por John Stuart Mill e Alfred Marshall, que reconheciam e classificavam habilidades e conhecimentos adquiridos como capital e os distinguiam dos indivíduos, não considerando o ser humano como capital. Para eles o capital e a riqueza existiam para servir ao indivíduo e não o contrário. Apesar de se opor a esta proposição, Marshall em sua publicação “Princípios da Economia” definiu uma metodologia para cálculo dos retornos obtidos pelo investimento na educação, que mais tarde viria a ser o núcleo da teoria.

A segunda, representada por Adam Smith, Irving Fisher e pela Escola de Chicago, defendia que o indivíduo deveria ser considerado capital, pois o “auto investimento” ampliaria a capacidade de as pessoas se tornarem livres para escolher e analisar as opções a elas disponíveis. Smith argumentava que as variações nos investimentos educacionais (capital humano) justificariam as variações salariais. A terceira, representada por Karl Marx, considerava, assim como Adam Smith, que uma maior produtividade por si só não elevava os rendimentos dos trabalhadores instruídos, e que os investimentos em educação deveriam fazer parte da equação. Marx concordava que o trabalhador vende sua força de trabalho, a qual se tornaria capital apenas quando fosse usada no processo produtivo, contrapondo-se ao que viria a ser a Teoria do Capital Humano. (BAPTISTE, 2001).

Nos anos 1950 as pesquisas empíricas sobre crescimento econômico e distribuição de renda, apontavam dois tipos de resultados: (1) o crescimento da produção de insumos de trabalho e capital era menor do que o crescimento da produção nos EUA e em outros países, e (2) os dados sobre a distribuição da renda pessoal demonstravam variações de rendimentos relacionados ao trabalho, as diferenças entre retorno do trabalho e de capital representavam o principal componente da desigualdade de renda pessoal. A partir destes resultados, verificou-se que faltava algo para explicar com maior clareza estas desigualdades entre as variáveis. Como resposta a este cenário os defensores da Teoria do Capital Humano sugeriram um conceito mais abrangente, incluindo capital humano, e que o conceito de trabalho homogêneo deveria estar relacionado ao conceito de distribuição funcional da renda e à medição de mão-de-obra em horas de trabalho. (MINCER, 1981).

Este novo conceito de capital teria como característica principal diferenciar os indivíduos por suas habilidades, natas ou adquiridas por meio da educação, formação profissional, mobilidade no mundo do trabalho e experiência, e isto envolveria custos e benefícios. As variações nos investimentos de capital humano dos indivíduos explicariam as variações na renda individual. Os gastos gerais sobre educação aumentariam as oportunidades de rendimentos. (BRIGGS, 1987; MINCER, 1981).

De maneira simplificada, a teoria sugere que ao mesmo tempo que uma empresa pode investir em capital físico para obter retornos financeiros, um indivíduo pode investir em capital humano - na forma de escolaridade, treinamento, educação continuada – para elevar a sua produtividade e, em consequência, obter maiores salários.

A ideia principal da Teoria do Capital Humano é de que ao adquirir mais conhecimento e habilidades, o indivíduo aumenta o valor do seu “capital humano”, em consequência aumenta sua empregabilidade, produtividade e rendimento potencial. Este efeito é revertido para a sociedade por meio de um impacto sobre o desempenho econômico, tratado como externalidades. (CUNHA, J. V. A., 2007).

A contribuição da teoria do capital humano foi ultrapassar os limites da economia, indo além das transações de mercado. Dentro da esfera macroeconômica, o estoque social do capital humano e seu crescimento seriam fundamentais para o processo de crescimento econômico e na esfera microeconômica, as diferenças individuais no investimento em capital humano e o seu desenvolvimento poderiam explicar, na maioria das vezes, as variações observadas no salário e na distribuição pessoal de renda. (MINCER, 1981).

A construção sistemática da teoria originou-se no grupo de estudos sobre as teorias do desenvolvimento coordenado por Theodore Schultz nos EUA. A intenção principal do grupo era descobrir por meio de suas pesquisas um fator que pudesse explicar as variações do desenvolvimento e subdesenvolvimento entre os países, além dos fatores usuais A (nível de tecnologia), K (insumos de capital) e L (insumos de mão-de-obra) da fórmula neoclássica de Cobb Douglas. Foi a partir destes estudos que Schultz propôs o fator H.

Esta descoberta foi anunciada em 1960. Entretanto, o “nascimento” da Teoria do Capital Humano ocorreu efetivamente no ano de 1962 com a publicação de um artigo no *The Journal of Political Economy*. Esta publicação tratou a educação como forma de investimento no ser humano, e defendia que os aumentos no rendimento nacional seriam consequências dessa nova forma de capital. A publicação deste artigo serviu para a elaboração de um livro sintetizando a Teoria do Capital Humano, *The economic value of education*, fato que concedeu à Schultz o Prêmio Nobel de Economia em 1968. (FRIGOTTO, 2000; SAUL, 2004; SCHULTZ, 1960).

Schultz (1960) acreditava que o capital físico perderia lugar futuramente para o capital humano, sendo este representado pela capacitação que as pessoas adquirem por meio da educação, programas de treinamentos em áreas específicas e da própria experiência pessoal, para desenvolver suas tarefas com competência. Para ele a educação também estaria relacionada à cultura de uma comunidade, sendo que por meio dela o indivíduo seria mais suscetível às escolhas individuais e sociais. Para ele o investimento em capital humano deveria ser diferenciado do consumo, por conta de suas dimensões quantitativas e qualitativas.

Outro ponto a considerar era o treinamento no ambiente de trabalho e a educação formal em seus diferentes níveis. Schultz citava também o processo de migração como algo a ser considerado nos estudos, pois este processo acontecia para que indivíduos e famílias pudessem se ajustar às oportunidades de emprego. Para ele era um equívoco desconsiderar os recursos humanos como uma forma de capital. (SAUL, 2004; SCHULTZ, 1960, 1961, 1973).

A grande contribuição para a Teoria do Capital Humano surgiu dos estudos de Gary Becker, ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1992, quando propôs uma explicação unificada para os diversos fenômenos empíricos que surgiram na época sobre o tema. Este autor desenvolveu uma teoria de investimentos em capital humano, que considerava a capacidade de certas atividades melhorarem as habilidades mentais e físicas das pessoas elevando a possibilidade de rendimento real (CUNHA, J. V. A., 2007). Em 1964, Becker

publicou *Human Capital*, obra que se tornaria referência nos estudos sobre investimento em educação, migração, formação dos trabalhos e assuntos correlacionados. (SAUL, 2004).

A análise de Becker sobre a Teoria do Capital Humano foi pautada em diferentes períodos dos custos e benefícios do investimento em educação e treinamentos. Suas pesquisas comprovaram que o chamado “agente racional” destina parte de seus custos sobre si mesmo, tendo como expectativa uma taxa de retorno sobre este investimento. Becker acredita que a unidade familiar tem importante papel no processo de aquisição do capital humano. Considera que os pais que são responsáveis financeiros pelos filhos tendem a adiar a entrada deles no mundo do trabalho. Em situações como esta, o indivíduo prefere adquirir maior educação e formação, tendo como meta elevar seu retorno financeiro futuro. (SANTOS, R. A., 2008).

É consenso afirmar que o conceito central da Teoria do Capital Humano é de que ao adquirir mais conhecimentos e habilidades, as pessoas aumentariam o valor do seu capital humano, e em consequência aumentariam sua empregabilidade, produtividade e rendimento potencial. Outro fator importante, é que o investimento em educação ocasiona um aumento de renda futura, e proporciona ao indivíduo destaque na sociedade na forma de bem-estar social e inovação tecnológica. (CUNHA; CORNACCHIONE JUNIOR; MARTINS, 2010).

Assim, a educação pode ser considerada uma forma de investimento quando analisada sob a perspectiva da aplicação de recursos para a obtenção, posteriormente, de maior eficácia do trabalho, maiores quantidades de bens e serviços, ou o aumento das qualidades físicas e intelectuais dos indivíduos, ou seja, quando a educação é adquirida por causa dos benefícios que poderá render no futuro. (PINHO, 19760; SCHULTZ, 1961; SHEEHAN, 1975).

Verifica-se, portanto, que os estudos sobre o papel da educação sob o ponto de vista econômico ganharam espaço a partir da metade do século 20. Os gastos e os investimentos em educação chamaram a atenção para o capital humano, esta nova perspectiva de crescimento econômico gerou novas possibilidades no mundo do trabalho. A educação deixou de ser insumo básico para se tornar vital não apenas ao processo produtivo, mas também, ao cultural e político de toda a sociedade. (HINCHLIFFE, 1987).

A pesquisa sobre a Teoria do Capital Humano no âmbito internacional se apresenta de maneira mais consistente em relação à pesquisa em âmbito nacional. As primeiras publicações sobre o tema acontecem nos anos 1960. O Quadro 2 apresenta os estudos dentro de temáticas relacionadas, e serão descritos cronologicamente:

QUADRO 2 - TEMÁTICAS SOBRE TEORIA DO CAPITAL HUMANO NO CONTEXTO INTERNACIONAL

Temáticas	Autores
Taxas de retorno por profissão variáveis por país, em diversas áreas de conhecimento	PSACHAROPOULOS E PASTRINOS, 2002
Evidências de existência de ganho para a sociedade (externalidades) provocado pela educação	RAUCH, 1993, MORETTI, 2002, PSACHAROPOULOS; PATRINOS, 2002
Impacto da escolaridade na vida dos indivíduos	BARUCH; PEIPERL, 2000
Relação entre educação, trabalho e desenvolvimento econômico, sendo o capital humano base para o desenvolvimento individual e coletivo	HUNTER; BROWN, 2000; LOENING, 2005; ZULA; CHERMACK, 2007.

Fonte: Adaptado de Cunha, J. V. A. (2007) e Martins e Monte (2009a).

Rauch (1993) em pesquisa realizada nos Estados Unidos, analisou se maiores níveis de capital humano teriam salários maiores. Os resultados apontaram que a produtividade geral da população aumenta em 2,8% para cada ano de escolaridade das pessoas.

Baruch e Peiperl (2000) avaliaram o impacto do curso de MBA no desempenho gerencial, por meio das habilidade e competências e na carreira dos formados em uma amostra de funcionários de 4 empresas do Reino Unido com e sem o diploma de MBA. Os resultados apontaram que os indivíduos diplomados percebem que seus níveis de competências são maiores e que existe relação entre competência com salário, satisfação e desempenho. O estudo apontou também que os titulados possuem mais expectativas de carreira futura e que o título correlaciona-se com maiores níveis de auto-confiança, auto-eficiência e auto-estima.

Hunter e Brown (2000) analisaram se as organizações internacionais tem influenciado as políticas governamentais dos países em desenvolvimento para o aumento do estoque de capital humano. Os autores examinaram 13 países latino-americanos entre os anos de 1980 e 1992 avaliaram que embora o Banco Mundial tenha convencido os acadêmicos dos países em desenvolvimento a "investir nas pessoas", verificou-se que não há desenvolvimento de ações de investimento em capital humano.

Psacharopoulos e Patrinos (2002) realizaram uma pesquisa em 98 países para verificar os retornos do investimento em educação por regiões e níveis de educação. O estudo concluiu que a taxa média de retorno de mais um ano de estudo na vida de um indivíduo é de 10% ao ano e que as maiores taxas de retorno são encontradas em países latino-americanos, nos países da região do Caribe e da África Subsaariana e as menores são observadas em países da Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OECD).

Moretti (2002) teve como objetivo em sua pesquisa avaliar o retorno econômicos da educação, ou seja, se a presença de pessoas com diploma superior impacta em outros

habitantes que residem na mesma cidade. Os resultados da pesquisa apontam que há impacto positivo no salário das pessoas com o secundário incompleto quando há presença de graduados no mesmo mercado de trabalho.

Loening (2005) analisou o impacto no capital humano em relação ao crescimento econômico da Guatemala durante os anos de 1951 a 2002. Os resultados apontaram que uma “força de trabalho mais educada” gera um impacto positivo e significativo para o crescimento econômico do país.

Zula e Chermack (2007) analisaram a relação entre capital humano e as implicações para o desenvolvimento de recursos humanos. Os resultados apontaram influências acadêmicas e escolares no desenvolvimento dos recursos humanos. Além disso, a pesquisa aponta para a necessidade de se incorporar um modelo de planejamento de capital humano, como forma de determinar os impactos das intervenções do RH no desempenho organizacional.

Em consonância com os estudos internacionais sobre capital humano, as pesquisas brasileiras evidenciam a estreita relação existente entre educação e mundo do trabalho, no Brasil. O Quadro 3 identifica os autores sobre as principais temáticas da Teoria do Capital Humano e, em seguida, serão descritos de maneira cronológica:

QUADRO 3 - TEMÁTICAS SOBRE TEORIA DO CAPITAL HUMANO NO CONTEXTO NACIONAL

Temáticas	Autores
Altas taxas de retorno ocasionadas pela educação	LANGONI, 1974; SENNA, 1976; LAM; LEVISON, 1990; TANNEN, 1991; RAMOS, 1991
Relação entre educação e o mundo do trabalho.	BARROS; HENRIQUES; MENDONÇA, 2002; MORETTO, 2002; CURI, 2006; NERI, 2007
Desempenho no mundo do trabalho das pessoas com formação superior	FERNANDES; NARITA, 2001
Desempenho profissional e acadêmico é afetado pela escolaridade	CUNHA, 2007
Influências da escolaridade na carreira	MACHADO, 2003; FREZATTI; KASSAI, 2003

Fonte: Adaptado de Cunha, J. V. A. (2007) e Martins e Monte (2009a).

Langoni (1973) comparou, por meio dos dados do Censo de 1960 e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1969, a taxa de retorno do capital físico em relação às taxas de retorno da educação no Brasil. Os resultados apontaram que as taxas de retorno para o capital físico são inferiores se comparadas com as taxas de retorno para capital humano. Langoni é considerado o “pai da moderna literatura brasileira sobre desigualdade de renda no país”, demonstrou em sua pesquisa a importância da educação na vida das nações.

Senna (1976) analisou homens da área urbana que trabalhavam no setor formal em 1970. Sua pesquisa verificou que o retorno à educação e o poder explicativo da Teoria do

Capital Humano são maiores no Brasil, comparado com Japão e Estados Unidos. O autor justifica este fato ao alegar que a distribuição dos investimentos em capital humano no Brasil é desigual.

Lam e Levison (1990) aplicaram em sua pesquisa o modelo de capital humano para analisar os perfis de desigualdade por idade e experiência para homens brasileiros e americanos. A pesquisa determinou que as mudanças na distribuição da escolaridade nos diferentes grupos analisados destacam-se na explanação dos perfis de desigualdade nos dois países. Explicando assim, as diferenças nas desigualdades de rendimento em cada um deles.

Tannen (1991) utilizou como base de dados o Censo de 1980, objetivando estimar os retornos de escolaridade no Brasil. Em seus resultados constatou que em relação ao Censo de 1970 a taxa média de retorno privado da educação caiu cerca de um terço, porém, permanecendo alta entre 12-13%. Ao segregar os dados verificou que os retornos privados ligados ao ensino superior são mais altos do que os retornos sociais. Este fato coincide com o período em que a expansão da matrícula no ensino superior ocorreu lentamente. A aceleração só ocorreu a partir da década de 1980.

Ramos (1991), que em continuidade aos estudos sobre distribuição de salários no Brasil, analisou no período entre 1976 e 1985, a relação entre escolaridade e desigualdade salarial entre mão-de-obra qualificada e não-qualificada. Sua pesquisa constatou que a educação contribui de duas formas para o bem-estar do indivíduo: a primeira diz respeito ao acesso a maiores salários e a segunda foi a redução da incerteza sobre os rendimentos futuros. O autor concluiu que a igualdade na distribuição da educação pode contribuir positivamente para a redução da desigualdade salarial.

Soares e Gonzaga (1999) por sua vez, analisaram as diferenças salariais entre trabalhadores que não são explicadas apenas por diferenças nos seus atributos produtivos. Utilizando como base de dados a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, verificaram que a educação é o determinante básico dos salários e do acesso a bons postos de trabalho no Brasil.

Fernandes e Narita (2001) analisaram o desempenho no mundo do trabalho das pessoas com formação superior entre os anos de 1980 e 1991. Os resultados da pesquisa demonstraram baixa e decrescente proporção de indivíduos graduados exercendo ocupações relacionadas à sua formação específica, porém, verificaram rendimento elevado para aqueles que exercem ocupações típicas de sua formação.

Barros, Henriques e Mendonça (2002) objetivaram demonstrar a necessidade de um processo acelerado e contínuo de expansão da escolaridade. Destacando que este seria um elemento estratégico para o desenvolvimento socioeconômico e sustentável do Brasil. Os resultados da pesquisa confirmaram que a heterogeneidade da escolaridade é o principal determinante para a desigualdade salarial brasileira.

Moretto (2003) sugere que a racionalidade comportamental deve ser considerada no capital humano como forma de análise do processo de escolha do ensino superior. Sua pesquisa analisou os processos decisórios de 2131 universitários ingressantes em 33 cursos de graduação de cinco universidades do município de São Paulo. A autora constatou que tendem a ser orientados pelo momento presente, estão parcialmente informados, são influenciados pela realização pessoal e pelas oportunidades do mundo do trabalho, por outro lado, são pouco influenciados pela família.

Machado (2003) objetivou em sua pesquisa determinar e analisar os resultados econômico-financeiros proporcionados aos profissionais concluintes de cursos de pós-graduação *lato sensu* em Contabilidade. A pesquisa foi realizada com 143 egressos da Universidade Federal da Paraíba. Os principais resultados demonstraram que os cursos de especialização não proporcionaram resultados econômico-financeiros aos concluintes e que os ingressantes não têm como foco aumentar o rendimento ao cursar uma especialização.

Frezatti e Kassai (2003) na pesquisa intitulada “Impacto de um curso de MBA em Controladoria na evolução de seus egressos” analisaram 299 executivos formados pelo programa. Constataram que 58% dos egressos tiveram evolução na carreira e 66% avaliaram positivamente o curso.

Curi (2006) objetivou em sua pesquisa identificar a relação entre o desempenho escolar e os salários dos jovens brasileiros. A pesquisa analisou se o desempenho dos alunos por meio das notas obtidas nos exames de proficiência realizados pelo INEP afeta os salários a serem obtidos cinco e seis anos depois. Utilizando dados do Censo de 2000 e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001, respectivamente. Os resultados da pesquisa apontaram que o desempenho dos alunos está positivamente relacionado aos investimentos em educação, e que as notas obtidas nos exames de proficiência são significantes para explicar os salários futuros.

Em 2007 o trabalho coordenado pelo Prof. Marcelo Neri do Centro de Políticas Sociais da FGV/SP teve como objetivo identificar o retorno relativo de diferentes carreiras

universitárias. Utilizando dados do Censo de 2000, a pesquisa constatou que os melhores cursos em termos de retorno salarial são o Mestrado e o Doutorado em Administração, em Medicina, em Economia e em Ciências Contábeis.

É possível verificar que tanto as pesquisas nacionais e quanto as internacionais apontam reflexos positivos como resultado da busca por maior escolaridade. As análises levaram em consideração diversos tipos de relações com os pressupostos da Teoria do Capital Humano em diversas áreas de conhecimento e níveis de escolaridade.

2.1.1 LIMITAÇÕES DA TEORIA DO CAPITAL HUMANO

A Teoria do Capital Humano é a explicação neoclássica para justificar as diferenças salariais, tendo como linha de pensamento que o indivíduo, assim como uma empresa, pode investir em capital humano, esperando um determinado retorno por ele. Esta teoria influenciou, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, a implementação de políticas de ampliação das oportunidades educacionais e de formação profissional, de forma a homogeneizar as qualidades da força de trabalho, com o objetivo de reduzir a pobreza e as desigualdades salariais e de distribuição de renda. (CACCIAMALI; FREITAS, 1992).

Cacciamali e Freitas (1992) analisam que este conjunto de políticas teve sua eficácia parcialmente contestada. A primeira contestação refere-se ao fato de responsabilizar o sistema escolar pelo aumento da produtividade do indivíduo. O investimento em educação deve ser considerado apenas no nível individual, onde o acréscimo salarial é obtido por meio da educação. O sistema escolar possui a função de sinalizador de mão-de-obra de acordo com os atributos exigidos pela demanda do mundo do trabalho.

A segunda contestação é de que nem sempre uma maior capacidade produtiva gerada pelo acúmulo de capital humano reflete-se no salário. Este repasse depende de outros fatores tais como: demanda de trabalho, estrutura do mercado, organização do trabalho, hierarquia e perfil das ocupações que podem reduzir a mobilidade do trabalho. (CACCIAMALI; FREITAS, 1992).

Para Baptiste (2001) a Teoria do Capital Humano só considera as realidades sociais: maximização da utilidade individual e livre-mercado. O ser humano é tratado apenas como *homines economici*, direcionados apenas pelo desejo de felicidade e segurança material, limitando o *status* socioeconômico das pessoas apenas ao investimento em educação. Para ele

as diferenças de produtividade não eram suficientes para explicar toda a injustiça social, e a teoria trata os homens como “lobos solitários” que misturam avareza com racionalidade econômica.

Schultz (1960) já havia se justificado destas críticas quando afirmou que a sua linha de pensamento sobre educação não desconsideraria as contribuições culturais. Sua intenção era determinar os benefícios econômicos advindos da educação, criando formas de identificação e mensuração para que pudessem ser tratados como capital. Seus estudos buscavam demonstrar que a educação poderia melhorar as habilidades das pessoas e em consequência haveria um aumento de rendimento.

Em oposição a estes argumentos, Shaffer (1961) alegou que o gasto direto com a melhoria do homem se realiza por causas distintas à expectativa de retorno monetário, e que isso não tem efeitos demonstráveis sobre a produção futura e satisfaz diretamente as necessidades. Argumenta ainda que não é possível separar os gastos de consumo e de investimento no homem, e que mesmo que se pudesse fazer isso, e fosse possível algum tipo de mensuração sobre o rendimento que resulta de um investimento, ainda sim, seria pouco prudente levando-se em conta o bem-estar social e econômico, utilizar essa informação como principal fundamento para a formação de políticas públicas ou privadas.

Sheehan (1975, p. 63) criticou de maneira severa a relação entre escolaridade e rendimentos:

[...] da mesma maneira como a associação observada entre educação e rendimentos é a base para a inferência de que a educação “causa” os diferenciais de rendimento, também podemos inferir igualmente, de um modo válido, que os diferenciais de rendimento são causados pelas diferenças raciais, religiosas, de aptidão e todos os outros tipos de diferença.

Moretto (2003) acredita que as críticas são pontuais e referem-se ao fato de que para muitos a teoria desconsiderou questões relevante como, por exemplo, as desigualdades e a segmentação existentes no mundo do trabalho, às variações na produtividade individual e a qualidade do ensino. Apesar disso, em sua maioria, não rejeitam a sua estrutura e nem o seu arcabouço teórico.

Diante do exposto, é oportuno esclarecer que esta pesquisa avaliou no que diz respeito à Teoria do Capital Humano, aspectos que na percepção dos egressos foram impactados pelo título de mestre. Desta forma, não considerará aspectos relacionados à política educacional que os mesmos estão inseridos, e nem mesmo questões relacionadas às desigualdades sociais.

2.1. 2 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE TEORIA DO CAPITAL HUMANO E PÓS-GRADUAÇÃO

A relação entre educação e investimento tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, fato que pode ser comprovado pelas inúmeras pesquisas nacionais e internacionais relacionadas ao tema. Destacam-se os estudos sobre a influência e percepções do título de mestre e doutor, especificamente na área de Ciências Contábeis, na vida profissional, acadêmica e social dos indivíduos analisados, tendo como plataforma teórica a Teoria do Capital Humano e a Pós-Graduação.

Nota-se que no Brasil, na área de Ciências Contábeis, o assunto começou a ser explorado com maior frequência a partir dos anos 2000. Dentre as pesquisas nacionais relacionadas ao tema na área de Ciências Contábeis, destaca-se a tese de Cunha (2007). A autora foi a precursora no estudo dos Doutores em Ciências Contábeis. Até então os estudos estavam relacionados aos impactos e influências da educação nos cursos de MBA e em análises gerais sobre as diversas áreas de conhecimento, como é o caso da pesquisa desenvolvido por Velloso (2004) que será apresentada ao longo deste tópico.

A pesquisa de Cunha, J. V. A. (2007) teve como objetivo identificar e analisar as avaliações e percepções dos doutores em Ciências Contábeis, titulados pela FEA/USP, sobre as influências do doutorado nos seus desenvolvimentos e nas suas responsabilidades sociais. A pesquisadora identificou, na percepção dos egressos, 19 fatores baseados na Teoria do Capital Humano que podem ser influenciados após a obtenção do título, conforme descrito no Quadro 4:

QUADRO 4 - FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE SEGUNDO A ÓTICA DA TEORIA DO CAPITAL HUMANO

Fatores	Descrição	Autores
Respeitabilidade e reconhecimento profissional/acadêmico	Representa a valorização da opinião do titulado na comunidade acadêmica e é base para o reconhecimento nacional e internacional, conferindo respeitabilidade à pessoa e maior deferência no tratamento	Cunha (2007, p.146)
Diferenciação profissional	Significa o maior valor atribuído pelo mercado	Dugan et al. (1999)
Espírito acadêmico	Significa o desenvolvimento do espírito investigativo e mais aberto a inovações	Cunha (2007, p. 147)
Amadurecimento pessoal	Representado pelo crescimento como pessoa e o aumento no relacionamento interpessoal	Cunha (2007, p. 147)
Produção acadêmica	Trata-se do desenvolvimento de um ambiente propício e estimulante da produção de pesquisa em ciência e tecnologia, provocado pela escolaridade	Blaug (1965)

continua

conclusão

Fatores	Descrição	Autores
Oportunidades na carreira	Maior acesso a posições e cargos importantes e altamente visíveis, não apenas em termos de pagamento, também em qualificações para posições em que doutores podem fazer a diferença, econômica, política e socialmente. Nem sempre se trata de uma opção profissional superior, mas são alternativas, tanto no mundo acadêmico quanto no mercado profissional.	Cunha (2007, p. 146)
Autonomia profissional	É a autonomia e independência conquistadas por meio do aumento de oportunidades que o título acarreta	Cunha (2007, p.147)
Habilidades cognitivas	Constituem-se nas competências relativas ao conhecimento desenvolvidas pela educação	Becker (1975), Baruch e Peiperl (2000) e Hunton et al. (2005)
Competências analíticas	Constituem-se no desenvolvimento provocado na capacidade de equacionar problemas e lidar com eles, pesquisar, analisar e concluir, de disciplina intelectual do trabalho. Denota capacidade em vencer obstáculos	Cunha (2007, p. 147)
Empregabilidade	Representa o alargamento das escolhas disponíveis ao indivíduo, não necessariamente monetárias, que a escolaridade permite	Schultz (1961), WEISBROD (1962)
Prestígio	Trata-se do reconhecimento da comunidade e do mercado como simbólico do conhecimento superior adquirido	Frezatti e Kassai (2003), Hunton et al. (2005)
Produtividade	Seu aumento atinge o indivíduo e os que se encontram a sua volta. Quanto mais indivíduos educados houver no mercado, mais produtivos eles tendem a ser	Haveman e Wolfe (1984), Rauch (1993), Galor e Moav (2003) e Ioschpe (2004)
Mobilidade profissional	Representa os meios que a escolaridade proporciona e que asseguram a flexibilidade e adaptabilidade ocupacional	Blaug (1965)
Responsabilidade social	A educação repercute na formação de líderes, eleitorado mais capacitado, consciência social, doação de tempo e dinheiro à caridade	Blaug (1965), Haveman e Wolfe (1984) e Ioschpe (2004)
Status	Significa o relacionamento provocado pelo prestígio na posição social. Advêm de uma mistura de salário e prestígio, <i>glamour</i> , privilégios e discriminação.	Schwartzman (1986) e Diniz (2000)
Remuneração	Constitui-se no retorno econômico proporcionado pela escolaridade ao indivíduo e até mesmo aos membros da comunidade em que vive	Blaug (1975), Rauch (1993), Dugan et al. (1999) e Moretti (2002)
Promoção social	Constitui-se no critério de inclusão social representado pelas qualidades adquiridas pela educação e aprendizagem. Um dos principais meios de exclusão e inclusão são as qualificações acadêmicas e profissionais, sendo que os diplomas determinam a posição social do indivíduo	Diniz (2000), Parkin (1979), Azevedo (1999) e Schwartzman (2001)
Estabilidade profissional	Significa a manutenção do emprego devido às transformações ocorridas no mercado de trabalho, com abundância de qualificação da força de trabalho	Waltenberg (2002), Machado et al. (2003), Paiva (2004)
Estilo de vida	Trata-se da repercussão produzida pela educação no bem-estar e que conduz até mesmo a alterações comportamentais	Bowen (1968), Newell et al. (1996) e Moretti (2002)

Fonte: Cunha, J. V. A. (2007, p. 143-147).

Cunha, J. V. A. (2007) verificou que a maioria dos Doutores são homens, casados e que possuem como principal atividade remunerada a academia, são principalmente oriundos de São Paulo e do próprio Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da FEA/USP. A média de idade dos doutores é 42 anos, este número é alto para padrões internacionais,

porém razoável para padrões nacionais. Este item contradiz a teoria, que considera que jovens estariam mais dispostos a renunciar ganhos para adquirir mais educação.

Os egressos buscaram o Doutorado para seguir ou aprimorar a carreira de pesquisador, porém, a pesquisa constatou que cerca de um terço dos 125 doutores nunca publicaram um artigo científico em periódicos ou eventos, se fizeram foi antes de 2004. A participação em atividades vinculadas à área acadêmica está concentrada em um número bem reduzido de doutores. A pesquisa concluiu que os doutores em Ciências Contábeis não tem retribuído positivamente às expectativas estabelecidas na formação. (CUNHA, J. V. A., 2007).

Os fatores que mais se destacaram foram: respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional, diferenciação profissional, espírito acadêmico, amadurecimento pessoal e produção acadêmica. A pesquisa concluiu que as motivações declaradas pelos egressos se materializaram em suas vidas acadêmico/profissionais. A pesquisa apontou que os egressos demonstraram grande satisfação quanto às contribuições do título de Doutor, verificou melhora significativa nos rendimentos. (CUNHA, J. V. A., 2007).

O trabalho apresentado por Venturini et al. (2008) analisou o perfil dos docentes de todos os programas de Pós-Graduação em Contabilidade no Brasil no triênio 2004-2006. Os resultados apontaram que a 44% dos docentes se concentram na Região Sudeste e os pesquisadores com bolsa CNPq pontuaram mais do que os que não possuem bolsa. A pesquisa identificou também expressivo crescimento da produção científica no triênio analisado de avaliação de publicação em periódicos.

A tese de Moraes (2009) teve como objetivo principal identificar e analisar as relações entre os perfis demográficos e profissiográficos dos mestres em Ciências Contábeis titulados no Brasil, sob a óptica da Teoria do Capital Humano e os indicadores de avaliação da Capes dos Programas de Pós-Graduação desses egressos. A pesquisa verificou o mercado como principal atividade remunerada, as atividades são desenvolvidas no setor público, primeiramente, e no setor privado. A concentração de mestres está nas regiões Sul e Sudeste. Verificou também uma melhora na faixa salarial após a conclusão do Mestrado, independentemente da atividade ser no mercado ou na academia, para homens ou mulheres. Os egressos percebem que os fatores identificados pela Teoria do Capital Humano sofreram algum tipo de alteração após a obtenção do título.

Os fatores mais bem avaliados foram espírito acadêmico e diferenciação profissional e o fator com avaliação menor foi a remuneração. Como a pesquisa avaliou diversos programas, nota-se uma percepção diferente entre os egressos de um programa para outro. Para Moraes (2009) as diferenças de percepções podem ser explicadas pelos diferentes estágios de evolução e o processo de consolidação dos programas.

Oro et al. (2010) investigaram o desenvolvimento profissional dos egressos do curso de graduação em Ciências Contábeis da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). A pesquisa constatou que poucos egressos saíram da região que residiam ao iniciar o curso, em sua maioria a atividade principal ligada à área contábil e estavam empregados no setor privado. A remuneração, outro fator apontado na Teoria de Capital Humano, melhorou significativamente comparada com o início do curso. De forma geral, os egressos perceberam uma melhoria de capital humano por meio da titulação, melhorando o nível de renda, oportunidades de trabalho e competitividade profissional. Esta influência refletiu de maneira positiva na vida profissional e pessoal.

Martins e Monte (2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2011) investigaram as variáveis que explicariam os desempenhos acadêmico e profissional dos mestres do Programa Multiinstitucional e Inter-Regional em Ciências Contábeis da UNB/UFPB/UFRN. Utilizando como base a premissa da Teoria do Capital Humano de que ao adquirir mais conhecimentos e habilidades o indivíduo aumentaria o valor de seu capital humano verificaram que a obtenção do título de mestre influenciou positivamente a empregabilidade, a produção acadêmica e a remuneração dos pesquisados. A pesquisa conseguiu também identificar o perfil destes mestres, constatando que a maioria é do gênero masculino, idade média de 39 anos e casados.

A pesquisa concluiu que o título de mestre influencia positivamente o desempenho acadêmico e profissional dos egressos da IES analisada, sendo que idade, estado civil, quantidade de graduações, possuir especialização, a especialização ser em Ciências Contábeis, quantidade de especializações, possuir doutorado, possuir doutorado em Ciências Contábeis, ser docente no ensino superior, residir em Estado integrante do Programa e participar de algum grupo de pesquisa são variáveis que influenciam o desempenho acadêmico; e gênero, principal atividade remunerada atual ser ligada ao mercado e ao setor público, ser docente no ensino superior e local onde atua profissionalmente as variáveis para o desempenho profissional. Os autores reforçam que a pesquisa fornece apenas um recorte da realidade, sugerem sua continuidade, uma vez que pesquisas desta natureza ainda são escassas na área. (MARTINS; MONTE, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2011).

A dissertação de Silva (2012) traçou o perfil dos mestres em Ciências Contábeis da Região Sul do Brasil. Com uma amostra de 164 mestres, sua pesquisa constatou que um pouco mais da metade dos egressos exercem exclusivamente a atividade acadêmica, a maior parte deles tem como primeira formação o curso de Ciências Contábeis. Outro ponto de destaque, é que em média estes egressos levaram 7 anos para ingressar no Mestrado e a maioria custeou o curso. Apesar da exigência da língua inglesa para o ingresso ao Mestrado, o conhecimento e domínio ainda são baixos. Atuam preferencialmente na região de origem e publicam mais em eventos do que em periódicos científicos.

Martins e Monte, (2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2011) e Silva (2012) verificaram nas respectivas pesquisas que quase a totalidade dos pesquisados são graduados em Ciências Contábeis e que poucos egressos seguiram para o Doutorado.

Dallabona, Oliveira e Rausch (2013) tiveram como objetivo identificar os avanços pessoais e profissionais dos egressos do programa de pós-graduação em Ciências Contábeis da Universidade Regional de Blumenau com 48 mestres formados no período de 2004 a 2011. Os resultados da pesquisa apontaram que os mestres da FURB a maioria dos respondentes é do gênero masculino, com idade na faixa de 30 a 40 anos, atuavam do mercado, tanto antes como depois do mestrado, após o mestrado a atuação como docente aumentou. Os egressos da FURB avaliam que após a titulação a remuneração melhorou e percebem que os fatores mais influenciados pelo título (CUNHA, J. V. A., 2007) são amadurecimento profissional (43,8%) e respeitabilidade e reconhecimento profissional/acadêmico (22,9%).

Ainda dentro do contexto nacional, outras pesquisas de mesma natureza são realizadas, porém optou-se por destacar três estudos sobre a pós-graduação que tiveram como objetivo analisar todas as áreas de conhecimento apresentando um panorama completo da participação e trajetória dos mestres e doutores em todo o Brasil.

O primeiro trabalho é de Velloso (2004) em seu artigo “A Pós-Graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país” baseado em um artigo anterior de sua autoria datado de 2002 (VELLOSO, 2002). Neste trabalho o autor estudou os mestres e doutores titulados nos anos 1990, contou com uma amostra de 8,7 mil egressos de 15 áreas do conhecimento de diversas instituições do país. Em sua análise agrupou os dados coletados em 2002 em três grupos de grandes áreas do conhecimento: Básicas (Agronomia, Bioquímica, Física, Geociências, Química e Sociologia), Tecnológicas (Engenharia Civil, Engenharia

Elétrica e Engenharia Mecânica) e Profissionais (Administração, Clínica Médica, Direito, Economia, Odontologia, e Psicologia).

O resultado da pesquisa apontou que o doutorado cumpre o papel de formação de investigadores, na pesquisa científica ou na pesquisa e desenvolvimento tecnológico; porém, ao avaliar os doutores entrevistados, verifica-se que eles percebem de maneira diferente a formação em pesquisa. Já para os mestrados, a percepção quanto à importância da pesquisa, apresenta o mesmo grau de sintonia com a sua realidade profissional.

Outro fato relevante apontado pela pesquisa é que para a maioria, nos três grupos avaliados, o mestrado é visualizado como a última etapa da sua formação acadêmica. Velloso (2004) constata o que já foi questionado por Beiguelman (1998, p. 37) quando afirma que se “os cursos de mestrado se destinam à formação de investigadores, qual o sentido, então, de os mestres serem obrigados a cumprir uma segunda maratona acadêmica, para a obtenção do Doutorado?”. A crítica aponta para melhorias na estrutura e na regulamentação da pós-graduação no Brasil.

Os achados da pesquisa também sugerem que a formação pós-graduada tende a ultrapassar os limites da academia ao considerar as demandas da sociedade, sugerindo que isso aumentaria a demanda por mestres no mundo do trabalho.

Os outros dois trabalhos foram elaborados pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) intitulados “Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira” e “Mestres 2012: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira”, resultado do estudo sobre os doutores e mestres titulados no Brasil. Os dados foram obtidos no Coleta CAPES, na RAIS (MTE) e no Censo do IBGE.

A pesquisa realizada com os doutores e doutorandos teve como período de análise de 1996 a 2008. Os resultados da pesquisa apontaram o crescimento do número de doutores titulados, apresentando uma taxa média de 11,9% ao ano. Verificou também que a concentração de empregos de doutores na educação está diminuindo e que existe uma tendência de dispersão do emprego de doutores para praticamente todos os setores de atividade. (CGEE, 2010).

Outro resultado importante é que as mulheres brasileiras deixaram de ser minoria entre os doutores titulados no Brasil a partir de 2004. A pesquisa destaca que o Brasil é pioneiro entre aqueles que conseguiram alcançar este marco histórico de igualdade de gênero no nível mais elevado de formação educacional. (CGEE, 2010).

Sobre a faixa etária analisada, verificou que o Brasil encontra-se atualmente em uma “janela de oportunidade demográfica”. Significa que haverá uma expansão da população na faixa etária entre 25 e 44 anos de idade até o ano de 2020. É nesta faixa que se encontra a maior parte dos estudantes de mestrado e doutorado. (CGEE, 2010).

A pesquisa realizada com os mestres e mestrandos teve como período de análise 1996 a 2009. Os resultados apontam que a formação de novos mestres cresceu 10,7% ao ano de 1996 a 2009 e parte significativa desse crescimento foi assegurado pelas instituições particulares. Outro dado importante é que assim como na pesquisa de Velloso (2004), a proporção de mestres com emprego formal na educação é menor do que a de doutores, e a proporção de mestres com emprego formal na indústria é mais de três vezes superior à de doutores. Os resultados apontam para uma tendência da natureza da pós-graduação brasileira transcender os limites da formação essencialmente voltada para a academia. (CGEE, 2012).

Outro item de destaque da pesquisa é que a maioria de mestres são mulheres quando analisadas todas as áreas de conhecimento, este fato contraria as pesquisas na área de Contábeis que constata a predominância de homens. Apesar dessa maioria, as mulheres ainda têm remuneração inferior se comparada com os homens. (CGEE, 2012).

Os dados analisados comprovam que a remuneração média dos brasileiros eleva-se de maneira significativa quando ele melhora o seu nível educacional, em concordância com os pressupostos da Teoria do Capital Humano. (CGEE, 2012).

2.2 A PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL

2.2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL

A pós-graduação tem origem no modelo de cátedras adotado nas primeiras universidades brasileiras criadas nos anos 1930. As universidades eram compostas por um número razoável de professores estrangeiros que vieram com a colaboração de governos europeus, outros vieram por asilo político, nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial. Neste período, o modelo institucional adotado para os estudos na pós-graduação tinha como elemento central a relação de tutoria, na qual se estabelecia ao professor um pequeno grupo de “discípulos”, que atuavam também como auxiliares nas atividades de ensino e pesquisa. O professor era responsável por definir o conteúdo e o volume das

atividades acadêmicas, além disso, determinava as questões, métodos e técnicas de pesquisa aceitáveis para o desenvolvimento da dissertação. (BALBACHEVSKY, 2005).

Este primeiro modelo de pós-graduação não teve muito impacto no ensino superior brasileiro. Fora da academia o título não tinha tanto reconhecimento, e não era exigido para ingresso na vida acadêmica. (BALBACHEVSKY, 2005).

É dentro deste contexto que surge, na era Vargas (1930-1945), a primeira reforma educacional, conhecida como “Reforma Francisco Campos”, instaurada pelo primeiro ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, por meio do Decreto 19.851/31. A Reforma Francisco Campos tratou dos seguintes aspectos: a) regulamentação e autorização de funcionamento da universidade, b) estabelecimento da finalidade social das universidades, c) estímulo à investigação científica e d) realização, nos institutos de ensino superior, de cursos normais, equiparados, de aperfeiçoamento, de especialização, livres, de extensão e de doutorado, que prolongassem a atividade técnica e científica dos institutos universitários, em benefício da sociedade. Além disso, fez referência a cursos de Doutorado a serem implantados, apontando para uma pós-graduação nos moldes europeus. (BRASIL, 1931).

O termo "pós-graduação" surge na década de 1940, quando foi utilizado formalmente no artigo 71 item e do Estatuto da Universidade do Brasil. Na década seguinte, firmaram-se os primeiros acordos entre Estados Unidos e Brasil. Estes acordos estabeleciam convênios para o intercâmbio de estudantes, pesquisadores e professores entre escolas e universidades norte-americanas e brasileiras. (SANTOS, C. M., 2003). Contudo, a discussão formal sobre Pós-Graduação acontece a partir da publicação da Lei nº. 4.024 de 20 de dezembro de 1961 (BRASIL, 1961). Em seu artigo 69 item a, a lei estabeleceu que as instituições de ensino de cursos superiores poderiam ministrar cursos de pós-graduação, exigindo como pré-requisito o diploma de graduação dos candidatos. (PELEIAS et al., 2007).

Santos, C. M. (2003) avalia que um dos fatores que contribuiu para a escolha do modelo norte-americano foi a tradição dos Estados Unidos em cursos de pós-graduação. E destaca um aspecto interessante do modelo no que se refere à terminologia utilizada. Os Estados Unidos utiliza o termo *undergraduate* para os cursos de graduação, e para os cursos de pós-graduação o termo *graduate*. No modelo americano, os cursos de pós-graduação são responsáveis pela formação, já no Brasil esta responsabilidade é dos cursos de graduação.

Verifica-se, portanto, que a pós-graduação no Brasil surgiu dentro de um contexto de dependência em relação às nações centrais, estabelecendo de certa forma uma relação de “parceria subordinada”. (SANTOS, C. M., 2003, p. 629).

os países subdesenvolvidos são, também, os que mais dependem da educação como fator social construtivo. Tais países precisam da educação para mobilizar o elemento humano e inseri-lo no sistema de produção nacional; precisam da educação para alargar o horizonte cultural do homem, adaptando-o ao presente e a uma complicada trama de aspirações, que dão sentido e continuidade às tendências de desenvolvimento econômico e de progresso social; e precisam da educação para formar novos tipos de personalidade, fomentar novos estilos de vida e incentivar novas formas de relações sociais, requeridos ou impostos pela gradual expansão de ordem social democrática. (FERNANDES, 1966 apud ROMANELLI, 1999, p. 183).

Santos, C. M. (2002) reforça que dentro de um contexto de dependência científica, o pesquisador é avaliado em função da repercussão internacional de sua produção e o tema de suas pesquisas deve ser aderente aos interesses dos países desenvolvidos. Após o Golpe de 1964, a ciência e a educação no Brasil seguiram as orientações externas do *United States Agency for International Development (USAID)*. Este fato reforçou a necessidade de uma adequação do sistema educacional brasileiro ao modelo de desenvolvimento econômico mundial. (ROMANELLI, 2001).

Com a institucionalização da pós-graduação, passou-se a utilizar de maneira sistemática alguns padrões como definição do número mínimo de créditos, qualificação e defesa pública para uma banca de professores, exigindo a presença de um professor externo para as de Mestrado e dois professores externos para as de Doutorado. O modelo preservou a relação tutorial entre aluno e professor orientador do modelo de cátedras. (BALBACHEVSKY, 2005).

Vale destacar que os anos 1960 foram palco de uma grande mudança na política educacional brasileira e de integração entre países periféricos e centrais. A educação passou a ser parte integrante dos planos econômicos globais, correlacionando forças sociais e desenvolvimento econômico capitalista. O objetivo das nações mais desenvolvidas era o aumento de mercados consumidores e o desestímulo à concorrência científica ou tecnológica. A partir daí, a Teoria do Capital Humano constitui-se no principal estatuto teórico da política educacional implantada, preocupando-se com o desenvolvimento social, com a distribuição de renda e com as relações entre os avanços educacionais e o desenvolvimento econômico de um país. (AGUIAR, 2010; FRIGOTTO, 1999; SANTOS, C. M., 2003).

Pires (2005, p. 44) argumenta que:

Dado o poder explicativo desta teoria e a legitimação em que fornece aos gastos com educação para preparar os indivíduos para a vida profissional, ela se tornou um dos fundamentos correntes das políticas educacionais, sob forte incentivo de organismos multilaterais de fomento, financiamento e assessoramento a governos.

Ainda nos anos 1960, com o objetivo de formar recursos humanos altamente qualificados para o desenvolvimento econômico do Brasil, almejado pelas novas políticas educacionais e incentivo à ciência e tecnologia, o governo investiu em bolsas de estudos para a capacitação de pesquisadores no exterior. Essa nova geração de pesquisadores formada fora do país trouxe conteúdo acadêmico para a pós-graduação brasileira. (BALBACHEVSKY, 2005).

Após a Lei nº. 4.024/61 (MEC, 1961) foi publicado o Parecer nº. 977/65 do Conselho de Educação Superior (CESu) que detalhou mais o modelo de Pós-Graduação, utilizando como inspiração o modelo norte-americano. O modelo americano tem grande influência germânica. Os americanos entendem que a Universidade deve dedicar-se às atividades e a elaboração de novos conhecimentos, por meio da pesquisa científica e tecnológica. (BRASIL, 1965).

O parecer nº 977/65 também distinguiu a Pós-Graduação *Lato Sensu e Stricto Sensu*. (PELEIAS et al., 2007). Balbachevsky (2005) complementa que foi esse parecer que estabeleceu o formato básico da pós-graduação brasileira, diferenciando os dois níveis de formação: mestrado e doutorado. Os dois cursos foram tratados como modalidades independentes, estabelecendo critérios específicos para cada um. (SANTOS, C. M., 2002):

- a) Currículo flexível, considerando área de concentração (major) e matérias de áreas afins (minor);
- b) Duração mínima de 1 (um) ano para o Mestrado e 2 (dois) anos para o Doutorado;
- c) Independência entre mestrado e doutorado;
- d) Distinção entre os graus (acadêmicos voltados para a pesquisa X profissionais);
- e) Divisão dos cursos em duas fases (aulas e orientação);
- f) Seleção rigorosa dos candidatos;
- g) Regime de tempo integral;
- h) Necessidade de credenciamento dos cursos para o reconhecimento dos diplomas.

Segundo Santos, C M. (2002) o Governo Federal tinha dois objetivos principais com a publicação deste parecer: a) formação de técnicos de alto nível, visando o desenvolvimento tecnológico nacional e b) formação de docentes qualificados para o ensino superior, visando atender à demanda gerada pelas novas instituições de ensino no país.

A reforma universitária de 1968 deixou a pós-graduação brasileira ainda mais semelhante ao modelo norte-americano. Distinguiu de maneira mais rígida o mestrado e o doutorado para a formação docente e estabeleceu os graus de mestre e doutor para o magistério superior. A Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 formalizou a necessidade de apenas uma carreira docente, que estabelecesse a integração de ensino e pesquisa. (BRASIL, 1968; SANTOS, C. M., 2002).

Na década de 1960 já existia uma diferenciação horizontal entre os cursos de graduação: cursos de mais prestígio (como Medicina, Engenharia e Direito) e cursos de segunda categoria (licenciaturas). Com a implantação da pós-graduação, surgiu uma diferenciação vertical (SANTOS, C. M., 2002). Fato previsto por Romanelli (2001) ao identificar que a mobilidade social antes proporcionada pelos cursos de graduação, seria transferida aos cursos de pós-graduação, que assumiriam o papel de propulsores do *status* social, e também por Cunha, L. A. C. R. A. (1974) que sinaliza para duas funções da pós-graduação: técnica (formação de docentes) e social (estabelecendo o valor simbólico ao diploma de mestrado antes reservado ao diploma de graduação).

O grande salto da pós-graduação ocorreu nos anos 1970 quando o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) criou o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) que serviu para pressionar a criação de uma nova agência especializada. Em 1971 a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) assumiu a secretaria do FNDCT. Em 1975, se estabelece o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) que tinha como meta formar 16.800 mestres e 1.400 doutores. O PNPG era parte do Plano Nacional de Desenvolvimento. Os recursos eram destinados à contratação de professores e funcionários, bolsas de estudo e para a instalação de novos cursos. (BRASIL, 1975). Neste período, o Conselho Nacional de Pesquisa é ampliado e torna-se o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), este conselho era subordinado ao Ministério do Planejamento. Neste período as agências de fomento tinham recursos para investir em ciência e tecnologia, apesar disso, as tentativas de desenvolvimento tecnológico do setor produtivo foram irrelevantes desestimulando a busca das empresas privadas. (BALBACHEVSKY, 2005).

A pós-graduação *stricto sensu* compreende programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação. A autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento destes cursos estão previstas na legislação, Resolução CNE/CES nº 1/2001, alterada pela Resolução CNE/CES nº 24/2002. (BRASIL, 2013d).

Em 1976 foi implantado o Sistema de Avaliação da Pós-Graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A CAPES tem como responsabilidade garantir o “desenvolvimento da pós-graduação e da pesquisa científica e tecnológica no Brasil”. (BRASIL, 2013b).

2. 2. 2 A PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS NO BRASIL

A pós-graduação em Ciências Contábeis no Brasil surgiu no final da década de 1950, com a promulgação do Decreto nº. 32.207 de 12 de maio de 1958 (SÃO PAULO, 1958). Contudo, Peleias et al. (2007) afirmam que os primeiros cursos de pós-graduação em Ciências Contábeis surgiram nos anos 1970, sendo pioneiro o Programa de Mestrado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, seguido pelo Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, que em 1991 foi reestruturado e transferido para a Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

O Programa de Doutorado em Ciências Contábeis surge em 1978 na FEA/USP, pioneiro e único até 2010, ano da primeira defesa da Tese da Universidade de Brasília. Ainda, em 1978, surge o Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fortemente apoiado por professores da FEA/USP. (PELEIAS et al., 2007).

Durante a década de 1980 não foram implantados novos programas. Isso só voltou a ocorrer na década seguinte, principalmente pelos reflexos da Lei n. 9394/96. (PELEIAS et al., 2007). Os autores afirmam que:

a criação dos programas *stricto sensu* semeou as condições necessárias para uma maior pesquisa e produção científica em Contabilidade no Brasil. O crescimento da produção científica levou a uma maior presença de trabalhos de pesquisa em Contabilidade em importantes eventos científicos brasileiros e internacionais, além da criação de eventos específicos, como o Congresso USP de Controladoria e Contabilidade. Como uma consequência do aumento da produção científica, abriu-se a possibilidade de publicação de trabalhos na área contábil em periódicos

classificados na Base Qualis da CAPES, seguida da criação e manutenção de periódicos por alguns programas *stricto sensu* de Contabilidade. (PELEIAS, et al., 2007, p. 30).

Outro fato que refletiu o esforço dos pesquisadores contábeis brasileiros foi a mudança da denominação da até então chamada área de “Administração e Turismo” da CAPES para área de “Administração, Ciências Contábeis e Turismo”, em 2007. (BRASIL, 2007).

A área de “Administração, Ciências Contábeis e Turismo” está representada por 148 programas e por 192 cursos. A área de Ciências Contábeis está representada por 19 programas e 28 cursos (mestrado acadêmico e profissional e doutorado), o que equivale a 13,8% e 15,4%, respectivamente, considerando o total de cursos da área Administração, a qual se insere a área de Contabilidade, segundo Tabela 1 disponível no site da CAPES:

TABELA 1 - PROGRAMAS E CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO – ÁREA “ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO”

Área	Programas de pós-graduação					Cursos de pós-graduação			
	Total	M	D	F	M/D	Total	M	D	F
ADMINISTRAÇÃO	138	37	2	55	44	182	81	46	55
TURISMO	8	4	0	2	2	10	6	2	2
Brasil:	146	41	2	57	46	192	87	48	57

Fonte: Brasil (2014b).

Apesar de existir uma evolução na área de Ciências Contábeis, verifica-se que ela ainda é pouco representativa em número de programas e cursos na área de avaliação da CAPES a que pertence.

2. 2. 3 BREVE HISTÓRICO DA FECAP

A história da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP) no ensino comercial brasileiro se inicia em 02 de junho de 1902. Sua instalação se deu por meio de uma sessão solene presidida por João Cândido Martins, presidente da Junta Comercial de São Paulo e secretariada pelos professores Horácio Berlinck e José da Costa Sampaio. Em sua criação recebeu a denominação de “Escola Prática de Comércio”, o início de suas aulas aconteceu no dia 15 de junho. Nesta época contava com 216 alunos regularmente matriculados e seu corpo docente era formado por 30 professores. (FECAP, [199-]).

Em 05 de janeiro de 1907 a Escola Prática de Comércio passou a ser denominada “Escola de Comércio Álvares Penteado”. Esta alteração de nome foi uma homenagem à

família Álvares Penteado, especialmente ao conde Antonio de Álvares Leite Penteado, que doou o terreno em frente ao Largo São Francisco para a construção da nova sede. A denominação Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP surge em 08 de dezembro de 1923. (FECAP, [199-]).

O objetivo principal da Escola de Comércio Álvares Penteado era atender à demanda decorrente da falta de profissionais brasileiros devidamente qualificados para o desenvolvimento de atividades administrativas e contábeis. (FECAP, [199-]).

A FECAP pode ser considerada a pioneira no oferecimento de um curso contábil no Brasil. O trabalho realizado por Martins, Silva e Ricardino Filho (2006) defende, porém, que este título é da Escola Politécnica, fato contestado por Iudícibus (2006, p. 41):

Provavelmente a primeira escola especializada no ensino da Contabilidade foi a Escola de Comércio Álvares Penteado, criada em 1902. Alguns autores preferem fazer recair a honra do pioneirismo na Escola Politécnica de São Paulo, a qual, alguns anos antes, em seu Curso Preliminar, já incluía a disciplina Escrituração Mercantil. Conquanto legalmente e cronologicamente tais autores possam ter razão, o fato de haver a disciplina de Escrituração Mercantil não caracteriza, a meu ver, um Curso de Contabilidade.

Atualmente, a FECAP possui três *campi*: Largo São Francisco, Liberdade e Pinheiros. A instituição oferece cursos de graduação em Administração, Ciências Contábeis, Economia, Publicidade, Relações Públicas, Relações Internacionais e Secretariado Executivo; cursos de pós-graduação; e os cursos de Mestrado Profissional em Administração e o Mestrado em Ciências Contábeis. (FECAP, 2013).

2. 2. 4 O PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA FECAP

Em 16 de dezembro de 1997 em reunião extraordinária do Conselho de Curadores da FECAP foi autorizada a instalação do curso de Mestrado em Controladoria e Contabilidade. Este projeto seria desenvolvido pelo Prof. Dr. João Eduardo Prudêncio Tinoco, com funcionamento no campus Largo São Francisco.

Após a autorização institucional para a criação do curso, o próximo passo foi submeter para avaliação da CAPES uma proposta para a criação do Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica. A iniciativa foi motivada não só pela intenção de obter a recomendação do curso, mas de receber da CAPES orientações de como conduzir o processo, e verificar qual a estrutura necessária para a instalação.

No 1º semestre de 1999 o Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica abriu as inscrições para o processo seletivo sob a coordenação da Profa. Dra. Nena Geruza Cei. A primeira turma foi formada por 19 alunos regularmente matriculados. Neste período o corpo docente era formado por 8 professores doutores: Anísio Candido Pereira, Antonio de Loureiro Gil, Antonio Robles Junior, Daniel Augusto Moreira, João Bosco Segreti, José Luís de Castro Neto, Nena Geruza Cei e Valter Beraldo. Em Junho de 2000 o programa já contava com 85 alunos matriculados.

Em 18 de março de 2002, segundo documento Ofício/CTC/CAPES n. 106/2002 o programa de Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica foi recomendado com nota 3, reconhecido pela Portaria nº 2.530, de 04 de setembro de 2002 (BRASIL, 2002c). Neste momento, o curso passou a ser avaliado periodicamente pela CAPES. (BRASIL, 2002a).

Em 02 de janeiro de 2003, com a saída da Profa. Dra. Nena Geruza Cei da instituição e conseqüentemente da coordenação do Mestrado, assume, nomeado pelo reitor, o Prof. Dr. João Bosco Segreti.

No mesmo ano, em 10 de abril, a então Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo – FACESP recebe credenciamento para Centro Universitário Álvares Penteado (BRASIL, 2002b). Tal modificação foi submetida à CAPES para que as providências de alteração em seus meios de comunicação fossem tomadas, garantindo a identificação da IES pelo público em geral. (FECAP, 2003).

Em 2005, em acordo com as orientações descritas nas fichas de avaliação da CAPES de anos anteriores, ocorreu uma modificação importante na estrutura curricular do curso. Esta alteração foi discutida e aprovada pelo coordenador Prof. Dr. João Bosco Segreti e pelo corpo docente formado pelos professores: Anísio Candido Pereira, Antonio Benedito Silva Oliveira, Claudio Parisi, Cecília Carmen Cunha Pontes, Dirceu da Silva, Elionor Farah Jreige Weffort, Ivam Ricardo Peleias, Pedro Luiz Côrtes e Roberto Coda. A nova grade reduziu o número de disciplinas, atualizou conteúdos e trouxe maior aderência entre disciplinas e as novas linhas de pesquisa e área de concentração. (FECAP, 2005a).

A mudança curricular foi o primeiro passo para a modificação que viria a seguir no curso. Seguindo as orientações da CAPES, esta modificação deveria ser aprovada internamente por meio dos Conselhos da FECAP.

Em 15 de julho de 2005, de acordo com a Portaria 010/05 (FECAP, 2005c), o reitor Prof. Dr. Alfredo Behrens Barbé designa para a função de coordenador do Mestrado o Prof. Dr. Anísio Candido Pereira, sua coordenação deu continuidade a alteração estrutural do curso proposta pelo Prof. Dr. João Bosco Segreti. Neste momento, o curso apresentava a área de concentração Controladoria e Contabilidade e as linhas de pesquisa Controladoria Aplicada e Gestão e Contabilidade Financeira. Em Dezembro de 2005, finalizando as mudanças, foi submetido ao reitor um pedido de anuência para a alteração do nome do Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica para Mestrado em Ciências Contábeis. (FECAP, 2005b).

Em 02 de fevereiro de 2006 a proposta de alteração do nome foi aprovada pelos Conselhos da FECAP (FECAP, 2006c; 2006b). O processo completo de alteração da estrutura e do nome do Mestrado foi submetido à CAPES em 17 de abril de 2006. (FECAP, 2006a). Em 19 de junho de 2006, o então representante de área, Prof. Dr. Tomás de Aquino Guimarães emitiu parecer favorável à alteração proposta. O representante entendeu que tal processo demonstrou ação efetiva da IES no atendimento às recomendações do Comitê de área, e salientou que a retirada do termo “estratégica” foi salutar, pois o referido termo não adicionava nada ao conteúdo do curso, tornando-se “lugar comum na área”. (BRASIL, 2006).

Em 27 de março de 2008, segundo a Portaria 04/08 (FECAP, 2008), o reitor Prof. Dr. Sérgio de Gouvêa Franco designa para a função de coordenador do Mestrado o Prof. Dr. Claudio Parisi. Neste período, especificamente no triênio 2007-2009 ocorre a consolidação do Mestrado em Ciências Contábeis com a obtenção do conceito 4 na avaliação da CAPES.

Em 2011, o Mestrado em Ciências Contábeis colaborou para a criação do Mestrado Profissional em Administração (ênfase Finanças). Este curso foi aprovado no 2º semestre de 2011 e formou até Agosto/2014, 22 mestres. A integração dos professores do Mestrado em Ciências Contábeis se dá por meio da linha de pesquisa “Finanças Corporativa e Controladoria”.

Desde a sua criação, o programa sofreu algumas alterações em sua estrutura, seguindo as orientações e tendências da academia e da CAPES. Atualmente, a estrutura do curso apresenta duas linhas de pesquisa: Controladoria Aplicada e Contabilidade Financeira. A grade curricular é composta por 18 disciplinas obrigatórias, eletivas e optativas. Entre essas disciplinas, destacam-se: a) metodologia da pesquisa e desenvolvimento de projetos, b) produção científica e c) didática do ensino da contabilidade. Tais disciplinas oferecem suporte

para que os alunos desenvolvam a dissertação, recebam o suporte para a atividade de pesquisa e produção acadêmica e a formação para o exercício da docência.

O corpo docente do curso é formado pelos professores: Claudio Parisi (coordenador), Anisio Candido Pereira (vice-coordenador), Aldy Fernandes da Silva, Betty Lilian Chan, Elionor Farah Jreige Weffort, Ivam Ricardo Peleias, Marcos Reinaldo Severino Peters, Mauro Fernando Gallo (egresso do Mestrado FECAP) e Vilma Geni Slomski. Além das atividades do programa, os professores desenvolvem atividades de destaque acadêmico, tais como: a) membros de Conselho Editorial e pareceristas dos principais periódicos científicos; b) membros de comitês científicos e pareceristas em eventos da área; c) participação na Comissão de Desenvolvimento Científico - CDC do CRC-SP – Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo; d) representação na ANPCONT e ANPAD; e) participação em grupos de pesquisa em outras IES.

Já o corpo discente, objeto de estudo nesta pesquisa, teve sua primeira turma de mestres formada em 2001, até Dezembro de 2013, o programa formou 305 mestres em Ciências Contábeis. Ao longo do período de existência do curso, conforme demonstrado na Tabela 2, a média de mestres formados durante os anos de 2002 e 2005 é de 30,6. Este fato reflete as mudanças nas políticas do sistema educacional brasileiro durante o final dos anos 1990. Velloso (2004, p. 595) afirma que “o aumento de matrículas de graduação foi um dos fatores que contribuiu para a ampliação do número de vagas para pós-graduados com titulação”. Nos 5 anos seguintes (2006 a 2010) esta média caiu para 21,4, demonstrando o equilíbrio da demanda.

TABELA 2 - MESTRES FORMADOS POR ANO DE CONCLUSÃO

Ano de conclusão	Mestres formados
2001	09
2002	43
2003	39
2004	23
2005	39
Média	30,6
2006	27
2007	25
2008	24
2009	14
2010	17
Média	21,4
2011	19
2012	13
2013	13
Total	305

Fonte: Fecap (2014).

O Mestrado em Ciências Contábeis formou 9,5% dos mestres na área, ficando em 4º lugar, atrás de USP (15,8%), PUC/SP (14,3%) e UERJ (11,0%), sendo que as duas primeiras são instituições que iniciaram suas atividades na década de 1970. Ao considerar as instituições particulares, o Mestrado da FECAP fica em 2º lugar neste ranking. (Tabela 3).

TABELA 3 - QUANTIDADE DE MESTRES EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS POR INSTITUIÇÃO

Sigla	Nome IES	Ano de início	Nível (*)	Mestres Formados até 31/12/2013	%
USP	Universidade de São Paulo	1970	M	509	15,8
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1978	M	460	14,3
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2006	M	356	11,0
UniFECAP	Centro Universitário FECAP	1999	M	305	9,5
FUCAPE	Fundação Inst. Capixaba de Pesq. Cont.Econ.e Finanças	2009	F	271	8,4
UNB	Universidade de Brasília	2007	M	257	8,0
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2000	M	236	7,2
FURB	Universidade Regional de Blumenau	2005	M	168	5,1
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro	1998	M	145	4,5
UFPR	Universidade Federal do Paraná	2005	M	92	2,9
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	2004	M	87	2,7
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2008	F	83	2,6
USP/RP	Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto	2005	M	80	2,5
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco	2007	M	57	1,8
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais	2007	M	40	1,2
UFAM	Universidade Federal do Amazonas	2006	F	32	1,0
UFBA	Universidade Federal da Bahia	2007	M	28	0,9
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo	2010	M	12	0,4
FUCAPE	Fundação Inst. Capixaba de Pesq. Cont.Econ.e Finanças	2009	M	5	0,2
Total				3223	100,0

(*) F – Mestrado Profissional e M – Mestrado Acadêmico.
Fonte: ANPCONT (2014).

Até 31 de dezembro de 2013, dentre os mestres formados pelo Programa 111 atuavam em instituições de ensino superior. Destes, 36 atuavam como coordenadores de cursos. Além disso, 66 mestrandos matriculados, 57 eram da cidade de São Paulo, 03 de outras cidades do Estado de São Paulo e 06 de outros estados brasileiros. Entre os mestres formados pela FECAP, 11 são Doutores, destes, 5 em Contabilidade e 6 em outras áreas do conhecimento (Quadro 5):

QUADRO 5 - EGRESSOS DOUTORES

Egresso	Curso	IES	Ano de conclusão	Orientador Doutorado
Mauro Fernando Gallo	Controladoria e Contabilidade	Universidade de São Paulo	2008	Prof. Dr. Carlos Alberto Pereira
Ivelise de Maria Mena Moreira	Ciências da Educação	Universidad Tecnológica Intercontinental	2009	Profª. Dra. Catarina Costa Fernandes
César Augusto Biancolino	Controladoria e Contabilidade	Universidade de São Paulo	2010	Prof. Dr. Edson Luiz Riccio
Ronaldo Frois de Carvalho	Educação (Currículo)	Pontifícia Universidade Católica - SP	2010	Prof. Dr. Marcos Tarciso Massetto
Fabio Ytoshi Shibao	Administração de Empresas	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2011	Prof. Dr. Roberto Giro Moori
Rodrigo de Souza Gonçalves	Ciências Contábeis	Universidade de Brasília	2011	Prof. Dr. Otávio Ribeiro de Medeiros
Elza Hofer	Administração de Empresas	Pontifícia Universidade Católica - PR	2012	Prof. Dr. Fernando Antonio Prado Gimenez
Otávio Gomes Cabello	Controladoria e Contabilidade	Universidade de São Paulo	2012	Prof. Dr. Carlos Alberto Pereira
Tiago Nascimento Borges Slavov	Controladoria e Contabilidade	Universidade de São Paulo	2013	Prof. Dr. Welington Rocha
Márcio Barros Souza	Administração de Empresas	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2014	Prof. Dr. Leonardo Fernando Cruz Basso
Valério Vitor Bonelli	Ciências Sociais	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2014	Profª. Dra. Noêmia Lazzareschi.

Fonte: Da autora, dados da pesquisa.

O discente da FECAP apresenta um perfil mais maduro, atuante, em sua maioria, no mercado e na área de Ciências Contábeis. Busca o Mestrado como uma nova fonte de renda e/ou novo campo de atuação quando se aposentar ou para sair do mercado. Além disso, os alunos utilizam de recursos próprios para o financiamento do curso, já que se trata de um Mestrado particular. (BRASIL, 2013c).

O Programa de Mestrado em Ciências Contábeis já está consolidado, conseguindo em sua última avaliação Trienal a nota 4. Desta forma, para os próximos anos, tem como principais tendências e objetivos:

- a) Criar maior sinergia e verticalização da produção entre o mestrado acadêmico de Ciências Contábeis e o Mestrado Profissional de Administração;
- b) Incentivar o intercâmbio de professores e alunos entre a FECAP e IES estrangeiras para desenvolvimento de projetos em conjunto;
- c) Incentivar a publicação de artigos científicos de professores, mestrandos e egressos em periódicos estrangeiros.

Entre estas tendências, destaca-se a criação do Doutorado em Ciências Contábeis. Os professores em colaboração com a coordenação desenvolveram um projeto de viabilidade de tal modalidade *stricto sensu* e o submeteram para a análise da Reitoria da instituição. (CAPES, 2013b).

3 METODOLOGIA

Para atender aos objetivos propostos neste trabalho, foi realizada uma pesquisa descritiva, uma vez que esta tem como finalidade expor as características da população e estabelecer relações entre variáveis. (GIL, 1999; VERGARA, 2009).

Os procedimentos adotados foram a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica, básica e essencial para qualquer atividade de pesquisa, uma vez que auxilia o pesquisador no conhecimento do tema. A pesquisa documental, utilizada para o delineamento do contexto histórico da pós-graduação, por meio da legislação, de documentos específicos sobre o Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP e para análise da produção científica dos egressos por meio da consulta aos respectivos currículos Lattes. Martins e Theóphilo (2007, p. 55) afirmam que este tipo de pesquisa é característica dos estudos que utilizam documentos como fonte de dados, informações e evidências.

A pesquisa de campo utiliza dados primários para a análise, como aplicação de questionários e realização de entrevistas (VERGARA, 2009). Para esta pesquisa foram utilizadas as duas opções.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO E DA AMOSTRA

A população é o conjunto de valores sobre o qual se pretende retirar conclusões (HILL; HILL, 2002). Em 30/08/2013, a população da pesquisa era de 297 mestres. Optou-se por estudar toda a população pela facilidade de acesso a totalidade dos mestres formados pela FECAP.

Definida a população, foi solicitada à coordenação do Mestrado autorização para a montagem de uma listagem com os nomes, telefones e e-mails dos egressos para o envio do questionário.

Ao final do período proposto para aplicação do questionário (16/09/2013 a 08/10/2013), 180 egressos responderam de maneira efetiva a pesquisa, o que correspondeu a 60,6% da população.

3.2 ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A definição das estratégias e dos instrumentos de coleta de dados depende dos objetivos que se pretende alcançar com a pesquisa e da população a ser investigada. Uma pesquisa pode fazer uso de um ou mais instrumentos para coleta de dados. Esta opção de tipo e número de instrumentos depende da concepção do pesquisador, da complexidade e abrangência do problema de pesquisa e das condições existentes.

Para a realização da presente pesquisa optou-se por três instrumentos de coleta de dados para atingir os objetivos propostos: questionário, currículo *lattes* e entrevista. A seguir será detalhado o processo de escolha das estratégias para a coleta de dados para cada um dos instrumentos.

3.2.1 QUESTIONÁRIO

Martins e Theóphilo (2007) afirmam que o questionário é um conjunto ordenado e consistente de perguntas a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever. Em complemento, Hair Jr. et al. (2005, p. 170) argumentam que um questionário “é um meio de obtenção de dados que não estão prontamente disponíveis na forma escrita ou eletrônica como dados secundários ou que não podem ser obtidos pela observação”.

O instrumento foi confeccionado via formulário eletrônico, esta estratégia é considerada uma forma mais segura, agradável e rápida tanto para os respondentes quanto para os pesquisadores, para tanto, foi utilizada a ferramenta disponibilizada pelo *SurveyMonkey* por meio do link <http://pt.surveymonkey.com/s/egressosFECAP>, o envio foi feito por e-mail para todos os egressos e o questionário ficou disponível para receber respostas do dia 16/09/2013 ao dia 08/10/2013. Durante este período foram realizadas novas remessas via e-mail e contatos via rede social Facebook®.

Este instrumento foi utilizado para que fosse possível atingir os seguintes objetivos específicos

- a) Traçar um perfil profissiográfico dos egressos do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP;
- b) Identificar as motivações que levaram o egresso a fazer o curso;

- c) Identificar os fatores discutidos pela Teoria do Capital Humano (CUNHA, J. V. A., 2007) que foram influenciados pelo título.

O questionário (APÊNDICE C) foi elaborado tendo como base os instrumentos de pesquisa aplicados nas teses de Cunha, J. V. A. (2007) e Moraes (2009), e foi estruturado da seguinte maneira:

A. Identificação: identificação pessoal dos respondentes, dados obtidos por meio do sistema acadêmico da Secretaria do Mestrado.

B. Trajetória acadêmica: identificação da trajetória acadêmica do respondente desde a graduação até o doutorado.

C. Atividade Atual: identificação das atividades exercidas pelo respondente, atualmente.

D. Atividade quando ingressou no Mestrado: apresentou os mesmos campos do item C, porém com a intenção de identificar as atividades exercidas quando ingressou no Mestrado.

E. Mestrado e trabalho: este bloco apresentou afirmativas que pretendiam avaliar os fatores que foram decisórios para a escolha do Mestrado. Optou-se pela utilização da escala *Likert* (1 – Discordo totalmente a 5 – Concordo totalmente), pois avaliou o grau de concordância para cada item analisado. Além das afirmativas originais, optou-se pela inclusão de duas afirmativas: “Os contatos acadêmicos ou profissionais obtidos durante o Mestrado em Ciências Contábeis seriam importantes para o meu desenvolvimento pessoal” e “Optei pelo ingresso no Mestrado por causa da indicação e incentivo de colegas que estavam matriculados no curso”, estas alterações foram motivadas pela experiência da pesquisadora. Já que notou-se que este itens estão presentes na fala da maioria daqueles que procuram o curso de Mestrado.

F. Influências do Mestrado: este bloco baseou-se nos fatores identificados por Cunha (2007), o respondente avaliou o grau de intensidade (1 – menos intenso a 10 – mais intenso) de cada fator provocado pelo título de mestre.

G. Ingresso Doutorado: este bloco foi aplicado somente para aqueles que não ingressaram no Doutorado. Teve como intenção identificar a motivação dos mestres para a continuidade da sua formação acadêmica.

3.2.2 CURRÍCULO LATTES

Para que fosse possível atender ao objetivo específico proposto “analisar a contribuição acadêmica dos egressos por meio da sua produção científica”, foi realizada a análise no currículo *lattes* de todos os egressos que responderam o questionário aplicado na primeira etapa da pesquisa.

Em 08/05/2014, de posse da listagem dos egressos, iniciou-se a coleta dos currículos na Plataforma Lattes (www.lattes.cnpq.br). A coleta foi realizada em um único dia (08/05/2014) a fim de estabelecer um corte em relação a possíveis alterações posteriores efetuadas no currículo por estes egressos.

Optou-se por fazer a análise dos currículos *lattes* dos egressos que responderam ao questionário (n=180), desta forma, analisou-se 168 (92,8%) currículos, já que 12 (7,2%) dos respondentes, não possuíam cadastro na plataforma.

A coleta de dados nos currículos dos egressos utilizou os seguintes itens da estrutura da Plataforma *Lattes*, conforme Quadro 6:

QUADRO 6 - ITENS ESCOLHIDOS PARA AVALIAÇÃO DO CURRÍCULO LATTES

ESTRUTURA CURRÍCULO LATTES	
Produção Bibliográfica	<ul style="list-style-type: none"> • Artigos em periódicos • Artigos aceitos em periódicos • Trabalhos completos e resumos publicados em anais • Livro e capítulo de livro
Atividade acadêmica:	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em bancas examinadoras e orientações concluídas

Fonte: Adaptado de Silva (2012).

A coleta de dados nos currículos dos egressos considerou toda a produção informada, diferente do que foi feito por Silva (2012), que adotou um critério temporal para cada tipo de produção. A opção por não seguir este critério temporal se deu pelo fato de que o histórico acadêmico do egresso seria relevante para esta pesquisa, uma vez que analisou e comparou a produção antes e depois do ingresso no Mestrado. Outro ponto interessante, foi verificar que a maioria (78,6%) dos currículos da amostra foi atualizada nos últimos 2 anos, o que sugere a continuidade e a preocupação em manter suas informações acadêmicas atualizadas mesmo após a conclusão do Mestrado, conforme indicado na Tabela 4.

TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS EGRESSOS POR ANO DE ATUALIZAÇÃO

Ano da última atualização	Quantidade de currículo	%
2014	66	39,3
2013	47	27,9
2012	19	11,3
2011	12	7,1
2010	9	5,4
2009	6	3,6
de 2008 a 2002	9	5,4
Total	168	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, CNPq (2013).

Os dados coletados nos currículos LATTES dos mestres foram tabulados em planilhas eletrônicas.

3.2.2.1 Limitações da pesquisa no Currículo Lattes

A avaliação da contribuição acadêmica dos mestres só foi possível por meio da análise do currículo Lattes, porém, se faz necessário identificar as limitações encontradas para a realização deste tópico da pesquisa. A primeira refere-se à qualidade e veracidade das informações, uma vez que o preenchimento é feito exclusivamente pelo pesquisador, a segunda refere-se ao fato de que um artigo pode ter sido produzido por mais de um mestre, o que gera uma duplicidade de informação e a terceira, e última, refere-se à Taxa de Conversão (TC), para o cálculo não foi verificado se o trabalho em evento foi realmente publicado no periódico. (BORBA et al., 2007).

3.2.3 ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas para atender o seguinte objetivo declarado na pesquisa: “analisar a trajetória profissional, acadêmica e social dos egressos doutores em Ciências Contábeis”.

A entrevista tem como propósito “entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador”. (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 86). Hair Jr. et al. (2005, p. 170) complementa que as entrevistas são

um “meio apropriado para reunir informações complexas e delicadas ou quando muita elaboração é necessária para entender os conceitos”.

O roteiro de entrevista (APÊNDICE C) foi desenvolvido e estruturado visando o contato com os egressos Doutores em Ciências Contábeis a fim de entender com maior profundidade, como foram influenciados pelos fatores afetados pela escolaridade (CUNHA, J. V. A., 2007).

O roteiro de entrevista foi composto de 2 blocos de questões, o primeiro com 6 perguntas relacionadas a experiência do egresso no Mestrado e o segundo com 9 perguntas relacionadas a experiência no Doutorado e a contribuição do Mestrado neste processo.

A intenção foi entrevistar os 5 (cinco) egressos que atendiam aos pré-requisitos ter respondido o questionário e ter o título de Doutor em Ciências Contábeis. A primeira entrevista foi realizada no dia 24/02/2014 com o Prof. Dr. Mauro Fernando Gallo. Em seguida, no dia 27/02/2014 foi enviada uma mensagem por e-mail com um pedido para a realização da entrevista para os outros 4 egressos que atendiam aos pré-requisitos estipulados. A entrevista foi agendada e realizada com 3 (três) Doutores em Ciências Contábeis egressos da FECAP, o quinto egresso não retornou os contatos feito por e-mail. Desta forma, considerando o prazo estipulado para o término da pesquisa, optou-se por manter 4 (quatro) entrevistas.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados: 1ª) Prof. Dr. Mauro Fernando Gallo em 24/02/2014; 2ª) Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov em 06/03/2014; 3ª) Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello em 18/03/2014 e 4ª) Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves em 24/03/2014.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

3.3.1 QUESTIONÁRIO

Para o primeiro tópico da análise, optou-se pela descrição do perfil do egresso encontrado na amostra, limitando-se apenas a descrição da característica mais preponderante das variáveis que caracterizam o indivíduo. Para a variável idade, foi realizada uma análise descritiva com média, mediana, mínimo, máximo e desvio padrão, para que fosse possível

identificar a idade dos egressos nos diferentes momentos do curso e o tempo transcorrido entre as formações.

Em seguida, foram realizadas análises de frequências das principais atividades de cada gênero no momento do ingresso e no momento atual, para a remuneração para cada gênero e para cada principal atividade nos momentos do ingresso e atual.

Para avaliar as motivações para o ingresso no mestrado, cada uma das perguntas foi analisada utilizando tabela de frequências por gênero e por principal atividade remunerada, e para avaliar os fatores que foram influenciados pelo título de Mestre foram desenvolvidas tabelas descritivas com média, mediana, mínimo, máximo e desvio padrão, por gênero e principal atividade remunerada. Ainda para avaliar estes fatores, foi desenvolvida uma Análise Fatorial para que fosse possível definir grupos de fatores obtidos e comparar os resultados com os fatores gerados por Moraes (2009).

Foi calculado também o Alpha de Cronbach para essas variáveis, com o objetivo de avaliar a confiabilidade do questionário.

A Análise Fatorial é uma técnica que permite a redução de variáveis através da identificação de Fatores comuns que são variáveis latentes mensuradas através de um conjunto de variáveis observáveis do estudo. Apesar de ser muitas vezes confundida com a análise de componentes principais, pode-se dizer que há uma grande diferença conceitual entre as duas metodologias. A análise de componentes principais tem como objetivo reduzir dimensão com o máximo de variabilidade explicada (todos os componentes juntos explicam 100% dos dados), enquanto que a análise fatorial busca a existência de fatores comuns, sendo que o total de variabilidade explicada não será necessariamente 100%. Apesar da diferença, para caso de grandes quantidades de variáveis medidas, os resultados das duas metodologias será muito próximo.

A definição do fator comum é feita através da otimização da função:

$$X = \beta F + E$$

onde X é o vetor de variáveis observáveis que acreditamos ser definida por um fator conceitual (F), F é o vetor de fatores conceituais que causou os valores na variável mensurada e E é o vetor de efeitos únicos das variáveis X, composto pelo fator único da variável e pelo erro aleatório.

As suposições da análise fatorial são de que os fatores únicos não são correlacionados entre si.

Os valores dos parâmetros são estimados através da matriz de correlações.

$$R = \beta'\beta + U$$

onde R é a matriz de correlações e U é uma matriz diagonal contendo as variâncias dos fatores únicos.

A variância comum entre as variáveis é conhecida como comunalidade e é expressa pela diagonal principal de R-U, em que cada elemento é variância da variável explicada pelo fator comum.

Para procurar uma melhor interpretação dos fatores, é prática comum fazer uma rotação ou uma transformação dos fatores. O método mais comum de rotação, tal que o resultado final será composto por fatores ortogonais, é o método *Varimax*.

A ideia do método consiste no seguinte: para cada rotação dos fatores que ocorre, há o aparecimento de altas cargas para poucas variáveis, enquanto que as demais cargas ficarão próximas de zero.

Quando a variância atinge o máximo, o fator tem maior interpretabilidade ou simplicidade, no sentido de que as cargas deste fator tendem ou à unidade, ou à zero. O critério de máxima simplicidade de uma matriz fatorial completa é definido como a maximização da soma destas simplicidades.

O Alfa de *Cronbach* é uma forma de estimar a confiabilidade de um questionário aplicado em uma pesquisa. Esse coeficiente mede a correlação entre respostas em um questionário através da análise das respostas dadas pelos respondentes, apresentando uma correlação média entre as perguntas. O coeficiente α é dado por:

$$\alpha = \frac{K}{K-1} \left[1 - \frac{\sum V_i}{V_t} \right]$$

Onde K é o número de itens, V_i é a variância de cada item e V_t é a variância total.

Valores de Alfa de *Cronbach* maiores que 0,8 indicam que o instrumento é confiável e produz mensurações estáveis e consistentes (HORA; MONTEIRO; ARICA, 2010). Valores menores que 0,8 indicam que o instrumento apresenta uma variabilidade heterogênea entre

seus itens e, portanto, poderá levar a conclusões equivocadas (HORA; MONTEIRO; ARICA, 2010).

O teste de Mann-Whitney é um teste não paramétrico alternativo ao teste t-Student para comparar as médias de duas amostras independentes, tal teste foi utilizado na análise ao segregar a amostra por gênero.

A única suposição necessária para a aplicação desse teste é que as duas amostras sejam independentes e aleatórias, e que as variáveis em análise sejam numéricas, contínuas ou ordinais.

A estatística teste é calculada combinando as observações das duas amostras em uma única variável de tamanho N_1+N_2 , sendo identificadas as respectivas amostras. Feito isso, essa variável é ordenada (ordem crescente) e é atribuído o posto 1 à primeira observação, 2 à segunda, e assim por diante. No caso de empates, é atribuído o posto médio que essas observações teriam se não fossem empates. Em seguida, calcula-se a soma dos postos das observações de cada amostra (W_1 e W_2). São calculadas as quantidades:

$$U_1 = N_1N_2 + \frac{N_2(N_2 + 1)}{2} - W_2$$

$$U_2 = N_1N_2 + \frac{N_1(N_1 + 1)}{2} - W_1$$

A estatística teste é: $U = \min(U_1, U_2)$

E a hipótese a ser testada é:

H0: as distribuições das duas amostras são iguais

Onde rejeitar H_0 significa que as duas amostras apresentam distribuições significativamente distintas.

3.3.2 CURRÍCULO LATTES

A seguir serão descritas as análises realizadas para cada um dos itens do currículo Lattes escolhidos para esta pesquisa. Para a análise foram criadas duas planilhas uma

considerando a produção antes do ano de ingresso no mestrado e outra considerando toda a produção a partir do ingresso no mestrado.

3.3.2.1 Produção Bibliográfica

- Artigos em periódicos avaliados pelo QUALIS

O critério de avaliação dos dados informados neste item foi o documento da área “Administração, Ciências Contábeis e Turismo” referente ao triênio 2007-2009, apesar de existir um documento de área mais atual (2013), este não apresenta uma tabela com a pontuação do estrato, desta forma optou-se por utilizar os critérios para a pontuação de periódicos do documento de área anterior.

Em seguida, utilizando o sistema *WebQualis*, foi realizada a consulta de cada periódico informado nos currículos. Os periódicos avaliados foram pontuados de acordo com seu estrato, os periódicos que não estavam na base foram desconsiderados da análise. A Tabela 5 apresenta a quantidade de periódicos em 2012 e 2014 em cada estrato e sua respectiva pontuação:

TABELA 5 - QUANTIDADE DE PERIÓDICOS POR ESTRATO QUALIS DA CAPES DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO

Estrato	Pontuação	Dados 2012	
		Quantidade de periódicos	%
A1	100	70	8,0
A2	80	78	9,0
B1	60	86	11,0
B2	50	101	12,0
B3	30	75	9,0
B4	20	71	8,0
B5	10	90	10,0
C	0	266	33,0
Total	-	837	100,0

Fonte: Silva (2012, p. 56).

- Artigos aceitos em periódicos

Para a avaliação deste item, utilizou-se o mesmo critério de Artigos completos publicados em periódicos.

- Trabalhos completos e resumos publicados em anais

Para os trabalhos completos publicados em eventos, os estratos de avaliação são apenas E1 e E2, conforme critério estabelecido pelo mesmo documento da área “Administração, Ciências Contábeis e Turismo” referente ao triênio 2007-2009 (BRASIL, 2009). Apesar de o documento fornecer uma pontuação pra cada estrato, optou-se, nesta pesquisa, por avaliar apenas a quantidade dos itens considerando a lista de eventos qualificados fornecida, uma vez que em 2010 a CAPES passou a não pontuar mais trabalhos apresentados em eventos por considerar que essas produções são provisórias, tornando-se permanentes somente a partir da publicação em um periódico (BRASIL, 2013a).

- Livro e capítulo de livro

Avaliou-se apenas a quantidade de livros publicados, organizações ou edições e capítulos de livros elaborados pelo egresso. Existe uma avaliação criteriosa da CAPES para cada publicação desta natureza, porém de maneira qualitativa, não havendo um critério objetivo sobre a pontuação.

3.3.2.2 *Atividade acadêmica*

- Bancas examinadoras e orientações concluídas

A atividade acadêmica verificou a participação do mestre em bancas examinadoras e orientações em trabalhos de conclusão de curso, monografias de especialização/MBA, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

3.3.2.3 *Taxa de conversão – TC*

Utilizou-se o cálculo para a Taxa de Conversão (TC) sugerido por Borba et al. (2007). A TC é a relação de trabalhos completos publicados em anais (publicação provisória) por artigos publicados em periódicos (publicação permanente).

$$TC = \frac{PUBLICAÇÃO\ PERMANENTE}{PUBLICAÇÃO\ PROVISÓRIA} \%$$

3.3.2.4 Índice de produtividade – IP

O Índice de Produtividade (IP) foi calculado de duas maneiras: orientações e publicações. O $IP_{\text{publicações}}$ é a relação de publicação permanente por tempo de formação (em anos) do mestre, já o $IP_{\text{orientações}}$ é a relação da quantidade de orientações concluídas (graduação, especialização, mestrado e doutorado) por tempo de formação (em anos) como mestre (BORBA et al., 2007).

$$IP_{\text{publicações}} = \frac{\text{PUBLICAÇÃO PERMANENTE}}{\text{TEMPO DE FORMAÇÃO COMO MESTRE}}$$

$$IP_{\text{orientações}} = \frac{\text{ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS}}{\text{TEMPO DE FORMAÇÃO COMO MESTRE}}$$

Por fim, para definir se houve melhora na quantidade e qualidade de publicações, também foi feita uma Análise Fatorial, considerando-se cada um dos tipos de publicação com os momentos antes e depois conjuntamente, e posteriormente comparou-se o escore de publicação entre os dois momentos através do teste de *Mann-Withney* para duas amostras.

3.3.3 ENTREVISTAS

A análise das entrevistas foi realizada por meio das transcrições integrais de todo o material gravado. Thompson (1992) afirma que nada substitui a transcrição completa. Complementa afirmando que a transcrição integral deve incluir tudo o que está gravado, com exceção de algumas pausas.

Para se efetuar a transcrição foram seguidos os procedimentos descritos por Alberti (2005), ou seja, ouve-se uma parte da gravação da entrevista para a familiarização do discurso, após ouve-se a construção das frases e transcreve-se.

As entrevistas foram de fácil compreensão, o que facilitou o processo de transcrição. Para as palavras que não foram possíveis compreender, utilizou-se marcações com o tempo de

entrevista entre colchetes. Alberti (2005) afirma que as marcações tem a função de suprir algumas deficiências quando da passagem da gravação para a forma escrita.

As transcrições foram organizadas por pergunta e por entrevistado, a intenção foi comparar as respostas entre eles. Em seguida, a análise teve como objetivo de identificar a presença dos fatores influenciados pelo título descritos por Cunha, J. V. A. (2007).

4 APRESENTAÇÃO E DUSCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO PARA EGRESSOS

4.1.1 PERFIL ATUAL DOS MESTRES EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA FECAP

Os mestres em Ciências Contábeis da FECAP são majoritariamente do gênero masculino (77,8%), idade média 47 anos, são casados (73,9%), possuem filhos (75%), residem no Estado de São Paulo (91,7%), possuem formação em Ciências Contábeis (72,2%). A principal atividade remunerada oscila entre mercado (37,8%), academia (27,8%) e ambos (33,9%) e apenas 1 não exerce nenhuma atividade (0,05%), a relação com a principal atividade remunerada é como empregado do setor privado (52%), seguido pelo setor público (16,2%). A remuneração bruta atual dos egressos está para 66,4% acima dos R\$ 9.000,00, sendo que, 48% afirmam receber acima de R\$ 12.000,00, conforme apresentado na Tabela 6.

TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO DA REMUNERAÇÃO BRUTA ATUAL

Faixa de remuneração	%	% acumulada
Acima de R\$ 12.000,00	48,0	48,0
Acima de R\$ 9.000,00 e Menor ou igual a R\$ 12.000,00	18,4	66,4
Acima de R\$ 6.000,00 e Menor ou igual a R\$ 9.000,00	19,5	85,9
Acima de R\$ 3.000,00 e Menor ou igual a R\$ 6.000,00	11,3	97,2
Menor ou igual a R\$ 3.000,00	2,8	100

Fonte: Da autora.

Na amostra analisada 52,8% afirmaram que a docência é a principal atividade remunerada. Destes, 44,0% atuam em Universidades e 29,5% em Centros Universitários. Mais da metade, 67,4% possuem regime de trabalho tempo parcial ou horista, apenas 11,6% possuem dedicação exclusiva. Quando questionados sobre as atividades de pesquisa, 49,5% afirmaram que desenvolvem atividades de pesquisa na atividade docente e 50,5% afirmaram que não.

Dos 49,5% que desenvolvem pesquisas, 42,5% pesquisam na área de Controladoria e Contabilidade Gerencial, não há destaque para outras áreas de conhecimento.

Estes achados confirmam o perfil identificado por Cunha J. V. A. (2007), Moraes (2009), Martins e Monte (2009a) e Silva (2012) em suas pesquisas.

A idade média dos mestres em Ciências Contábeis da FECAP é 47,2 anos (base 2013), com desvio padrão de 9,9 anos, mediana de 47 anos e moda de 37 anos. O egresso

mais idoso possuía 76 anos e o mais jovem 27 (Tabela 7). Moraes (2009) em pesquisa realizada com os mestres em Ciências Contábeis do Brasil, verificou que a idade média dos mestres era de 41 anos (base 2008), com desvio padrão de 9,3 anos, mediana de 40 anos e moda de 35 anos. O egresso mais velho possuía 69 anos e o mais novo 23 anos.

Ao ingressarem no mestrado, a idade média dos mestres da FECAP era de 38,5 anos, com desvio padrão de 9,3 anos, mediana de 38 anos e moda de 30 anos. O ingressante mais jovem tinha 23 anos e o mais velho 73 anos, sendo que 75% dos ingressantes tinham idade igual ou inferior a 45 anos (Tabela 7). Moraes (2009) em sua pesquisa verificou que a idade média dos ingressantes é de 34 anos, com desvio padrão de 7,8, mediana e moda de 33 anos. O ingressante mais jovem tinha 21 anos e o mais idoso tinha 60 anos, sendo que 75% dos ingressantes tinham idade igual ou inferior a 39 anos. Em pesquisa realizada com os mestres em Administração, Matos et al. (2002) verificaram que o ingresso ocorre, em média, aos 32 anos.

Os mestres em Ciências Contábeis da FECAP titularam-se, em média, com 40,6 anos, com desvio padrão de 9,3, mediana de 40 anos e moda de 35 anos. O mestre mais jovem tinha 24 anos e o mais idoso tinha 75 anos quando terminou o curso (Tabela 7). A pesquisa de Moraes (2009) identificou que os mestres em Ciências Contábeis brasileiros titularam-se, em média, com 36,6 anos, desvio padrão 7,8 anos, mediana 35 anos e moda 32 anos, o mestre mais jovem brasileiro a se titular tinha 23 anos e o mais idoso 63 anos. Comparando com os dados apresentados nesta pesquisa, verifica-se que a idade média de titulação dos mestres FECAP está acima da média nacional.

Moraes (2009) afirma que o ingresso e a titulação tardia dos mestres em Ciências Contábeis, em relação a outros cursos da mesma área de conhecimento, podem ser pelo alto índice de empregabilidade dos mestres quando da entrada do curso. Em sua pesquisa, 96,9% desenvolviam atividades remuneradas, fato também verificado nos mestres da FECAP, já que 99,5% dos egressos desenvolviam atividades remuneradas quando ingressaram no curso. O autor complementa que ao concluir a graduação o estudante tem condições de inserir-se no mundo do trabalho, em consequência disso, tende a adiar os estudos pós-graduados.

Matos et al. (2002) em pesquisa realizada com mestres em Administração, verificaram que 26,1% dos mestres titulavam-se até os 30 anos, 31,1% de 31 a 35 anos, 20,8% de 36 a 40 anos, 14,3% de 41 a 45 anos e 7,8% acima de 46 anos. A média da idade dos mestres em Administração era na faixa de 31 a 35 anos. Moraes (2009) em sua pesquisa

constatou que os mestres em Ciências Contábeis titulam-se mais tardiamente do que mestres na mesma área de conhecimento, fato que também foi verificado nesta pesquisa.

Ao comparar a idade média de titulação com outras áreas de conhecimento, confirma-se ainda mais esta constatação. Os mestres em Direito titularam-se com a idade média de 35 anos e os mestres em Economia com 32 anos (VELLOSO, 2002, 2003). A Tabela 7 apresenta os indicadores das idades dos Mestres em Ciências Contábeis da FECAP ao longo da trajetória acadêmica tendo como ano base 2013.

Na amostra analisada 24 mestres da FECAP ingressaram no Doutorado com idade média de 40,6 anos, desvio padrão de 9,6 anos, o mais novo ingressou com 27 anos e o mais velho com 59 anos. Já os 10 egressos doutores terminaram o Doutorado com idade média de 43,2, desvio padrão de 10,7 anos, o mais novo concluiu com 30 anos e o mais velho com 57 anos.

Em pesquisa realizada com os doutores em Ciências Contábeis, Cunha, J. V. A. (2007) verificou que a idade média dos doutores era de 51 anos (base 2007), com desvio padrão de 10,8 anos. O doutor mais velho possuía 79 anos e o mais novo 28 anos.

TABELA 7 - IDADE DOS MESTRES EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA FECAP DURANTE SUA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

	IDADE EM ANOS					
	Idade atual	no término da graduação	MESTRADO		DOUTORADO	
			início	término	início	término
	n=180	n=180	n=180	n=180	n=24	n=10
Média	47,2	26,8	38,5	40,6	40,6	43,2
Mediana	47	25	38	40	41	43
moda	37	23	30	35	48	33
desvio padrão	9,9	6,2	9,3	9,3	9,6	10,7
variância	105,3	40,5	89,8	91,1	91,7	115,5
coeficiente	0,21	0,21	0,24	0,23	0,24	0,25
mínimo	27	20	23	24	27	30
máximo	76	47	73	75	59	57
percentis	25	38,75	23	30,75	33	33
	50	47	25	38	40	43
	75	54	28,25	45	48	53,5

Fonte: Da autora.

Ao analisar o tempo médio do percurso acadêmico do egresso verificou-se que os mestres da FECAP em média levaram 12 anos, desvio padrão de 9,3 anos, com tempo mínimo igual a zero e tempo máximo igual a 44 anos para ingressarem no mestrado após a graduação. Apesar de a dispersão ser elevada, assim como nas pesquisas de Cunha, J. V. A. (2007) que

apontou 6 anos, com desvio padrão de 5,5, de Moraes (2009) 7,7 anos, com desvio padrão de 6,9 e de Silva (2012) 6,7 anos, o tempo médio transcorrido pelo egresso da FECAP foi ainda superior e mais disperso (Tabela 8). Para os mestres em Administração, o tempo médio entre a graduação e o mestrado é de 7 anos (MATOS et al., 2002).

Velloso e Velho (2001) afirmam que os mestres em Ciências Contábeis demoram 3 anos a mais que os seus pares de outras áreas de conhecimento para iniciar a pós-graduação.

Este tempo médio elevado, pode ser justificado pelo que já foi destacado por Moraes (2009, p. 62). A maioria dos egressos da FECAP já estava trabalhando quando iniciaram o Mestrado. Além disso, deve ser considerado, no caso da FECAP, o fato de ser um Mestrado particular, sendo assim, é fator preponderante ter uma fonte de renda para subsidiar seus estudos, seja total ou parcialmente. O que justificaria então um adiamento no ingresso na pós-graduação.

Ao analisar o tempo entre o Mestrado e Doutorado verificou-se que este tempo médio diminui para 5 anos, com desvio padrão de 2,8. Este dado pode ser justificado pelo próprio amadurecimento do egresso e por ter a sua trajetória acadêmica mais definida. Apesar disso, apenas 24 (13,3%) egressos são doutores ou doutorandos. Os que decidiram continuar seus estudos ingressam em diversas áreas do conhecimento, os preferidos são Ciências Contábeis (41,7%), seguido por Administração (37,5%), Educação (8,3%), Engenharia de Produção, Desenvolvimento Regional e Agrário e Ciências Sociais (12,5%).

Os mestres da FECAP analisados nesta pesquisa terminaram, em média, seus cursos há 8 anos, com desvio padrão de 3,3 anos, sendo que o mais recente terminou há 1 ano e o mais antigo há 13 anos.

TABELA 8 - TEMPO MÉDIO DO PERCURSO ACADÊMICO DOS EGRESSOS

	Tempo entre graduação e mestrado N=180	Tempo de término do mestrado N=180	Tempo entre mestrado e doutorado N=23
Média	12	8	5
Mediana	9	8	4
Desvio Padrão	9,3	3,3	2,8
Mínimo	0	1	0
Máximo	44	13	11

Fonte: Da autora.

Quando questionados sobre a continuidade de seus estudos, 109 (75,2%) egressos, excluindo os que são doutores ou doutorandos, afirmaram ter interesse em ingressar no Doutorado. Sendo que 58 (40,0%) pretendem fazer isso em até dois anos. Para este ingresso no Doutorado, os egressos consideram importante cuidar da produção científica (75,2%), ter

um projeto para a tese (71,6%), participar de um grupo de pesquisa (55,5%) e atuar como professor (45,8%).

Para 68,4% dos egressos, o mestrado seria a última etapa de sua formação acadêmica, tal percepção também foi obtida na pesquisa de Velloso (2004).

4.1.2 MUDANÇAS OCORRIDAS NO PERFIL DOS EGRESSOS APÓS A TITULAÇÃO

Ao analisar a mobilidade dos egressos no ingresso e no momento atual, verificou-se que a maioria dos egressos 95%, ou seja, 160 indivíduos permaneceram no Estado de São Paulo. Por outro lado, é possível observar um aumento de indivíduos residentes em cidades do interior do estado como Taubaté, São José dos Campos, Valinhos e Jundiaí, e em cidades da Grande São Paulo, como São Bernardo do Campo, Santo André e Mogi das Cruzes. Observou-se que a migração ocorreu para cidades dentro do estado de São Paulo.

Moraes (2009) também observou esta baixa mobilidade nos mestres em Ciências Contábeis do Brasil, assim como Matos et al. (2002) ao analisar os Mestres em Administração no período de 1994 a 1999, tal ocorrência se justifica pelo fato da maioria dos mestres estarem trabalhando no momento do ingresso no Mestrado.

A Tabela 9 analisou a principal atividade remunerada, observou-se que no ingresso do Mestrado 124 egressos (69%) atuavam exclusivamente no mercado e 55 egressos (30,5 %) atuavam na academia seja exclusivamente ou em paralelo a sua atividade no mercado. Atualmente, após a conclusão do mestrado, 111 egressos (61,6%) atuam na academia, sendo que 50 (45%) atuam exclusivamente na Academia (Tabela 9). Em âmbito nacional, a pesquisa de Moraes (2009) verificou que 55,6% dos mestres possuem a docência como parte de suas atividades, assim como Silva (2012), que apontou em sua pesquisa que 94,3% dos mestres da Região Sul tem a academia como atividade profissional.

Martins e Monte (2011) asseveram que a titulação tende a ser um fator “re-orientador” de opções profissionais. Os resultados demonstram que apesar de não ser ainda a totalidade, a maioria dos mestres analisados nesta pesquisa passaram a exercer a atividade docente, tal achado corrobora com o objetivo principal da Pós-Graduação *stricto sensu* que é a qualificação para o exercício da docência. (CUNHA, J. V. A., 2007).

TABELA 9 - TABELA DE FREQUÊNCIAS CRUZADAS PARA PRINCIPAL ATIVIDADE REMUNERADA (INGRESSO E MOMENTO ATUAL)

Principal atividade remunerada no ingresso	Principal atividade remunerada atual					Total
	<i>Missing</i>	Academia	Ambos, mercado e academia	Mercado		
<i>Missing</i>	N	0	1	0	0	1
	%	0	100	0	0	
Academia	N	0	10	4	0	14
	%	0	71	29	0	
Ambos, mercado e academia	N	0	12	24	5	41
	%	0	29	59	12	
Mercado	N	1	27	33	63	124
	%	1	22	27	51	
Total		1	50	61	68	180

Fonte: Da autora.

Ainda em relação à principal atividade remunerada, verificou-se que no ingresso do Mestrado a maioria estava empregada no Setor Privado (66,7%). Ao analisar o momento atual, observou-se uma distribuição entre a relação com a principal atividade remunerada, ainda que 50,5% continuem atuando no Setor Privado, notou-se uma migração para o Setor Público, para atividades autônomas (profissional liberal, assessor ou consultor) e atuação em negócios próprios. A pesquisa de Moraes (2009) apontou que a maioria dos Mestres em Ciências Contábeis está empregada no Setor Público (41,1%) e no Setor Privado (36,5%), nesta pesquisa, verificou-se esta tendência, porém, a maioria ainda continua atuando no Setor Privado.

Outro dado relevante, é que quando questionados sobre se a docência se inseria na sua principal atividade remunerada, no ingresso, apenas 37 mestres (20,5%) afirmaram que sim. Ao serem novamente questionados, só que considerando o momento atual, 95 mestres (52,7%) incluíram a docência na principal atividade remunerada. Dos 95 mestres que possuem a docência como principal atividade remunerada, 73,7% atua em Centro Universitário ou Universidade.

Tal fato não foi apontado por Cunha, J. V. A. (2007), que em sua pesquisa verificou que a maioria dos Doutores em Ciências Contábeis já tinha a academia como principal fonte de renda. Este dado se justifica pelo perfil altamente acadêmico da pós-graduação em nível de Doutorado, que tem como objetivo a formação de pesquisadores.

Apesar de haver um salto da atuação na atividade docente, e ser possível notar a influência do Mestrado para esta atividade, este número ainda é baixo. Matos et al. (2002, p. 84) ao fazer esta análise para os Mestres em Administração, afirmam que “[...] embora

idealizados para a preparação e qualificação de quadros docentes para o ensino superior – assim como os das demais áreas do conhecimento, não vem cumprindo esse papel para a maioria dos egressos”. Gouvêa e Zwicker (2000, p. 105) também comentam sobre este assunto “[...] em pequena escala, o programa cumpre seu papel de formação de docentes”.

Verificou-se que, ao comparar com outras áreas de conhecimento, os Mestres em Ciências Contábeis possuem maior inserção na docência em IES. Matos et al. (2002) em sua pesquisa apontou que 30,9% eram docentes em Instituições de Ensino Superior. O resultado com mestres em Economia apontou 29,8%. Moraes (2009) sugere que esta maior inserção pode ser explicada pelo número ainda reduzido de doutores em Ciências Contábeis no Brasil, que faz com que os mestres tenham maiores possibilidades de atuação na docência, se comparado com áreas como Administração e Economia, nas quais o número de doutores é muito maior.

Ao analisar o regime de trabalho em relação à docência, a maioria, tanto no ingresso quanto no momento atual, se caracteriza como horista ou tempo parcial à docência. Apesar de haver um aumento daqueles que se dedicam em tempo integral à docência ou exclusivo à docência e pesquisa, de 6 (16,2%) para 27 (28,4%), este número ainda é muito reduzido, uma vez que, como já mencionado por Moraes (2009) “o objetivo do mestrado acadêmico em Ciências Contábeis é preparar o egresso para atuar como professor e pesquisador, este não vem sendo alcançado de maneira satisfatória”. (Tabela 10).

Martins e Monte (2009a) em pesquisa realizada com mestres em Ciências Contábeis do Programa Interinstitucional UnB/UFPE/UFRN/UFPB, identificou que 35% dos egressos que exerciam a docência em regime de dedicação exclusiva e tempo integral e que após o Mestrado, estes passaram a representar 57,6% do total de docentes. Estes dados não são equivalentes aos encontrados nesta pesquisa, tal justificativa se dá pelo fato do Programa interinstitucional contemplar egressos de regiões carentes de Mestres em Ciências Contábeis, o que ocasiona uma maior oferta de vagas das instituições destas regiões.

Ao analisar os doutores em Ciências Contábeis, Cunha, J. V. A. (2007) verificou que 85,8% possuíam dedicação exclusiva à docência e pesquisa e dedicação integral à docência, dado já esperado, uma vez que este é o objetivo da formação em nível de doutorado.

TABELA 10 - TABELA DE FREQUÊNCIAS CRUZADAS PARA REGIME DE TRABALHO (INGRESSO E MOMENTO ATUAL)

Regime de trabalho no ingresso	Regime de trabalho atual						Total	
	<i>Missing</i>	Dedicação exclusiva à docência e pesquisa	Horista	Outra	Tempo integral à docência	Tempo parcial à docência		
<i>Missing</i>	N	77	9	20	7	10	20	143
	%	54	6	14	5	7	14	
Dedicação exclusiva à docência e pesquisa	N	0	2	0	0	0	0	2
	%	0	100	0	0	0	0	
Horista	N	5	0	6	0	0	4	15
	%	33	0	40	0	0	27	
Tempo integral à docência	N	0	0	0	0	4	0	4
	%	0	0	0	0	100	0	
Tempo parcial à docência	N	3	0	1	0	2	10	16
	%	19	0	6	0	13	63	
Total		85	11	27	7	16	34	180

Fonte: Da autora.

Ao avaliar o envolvimento com a pesquisa, notou-se que no ingresso do Mestrado, apenas 9 (24,3%) de 19 egressos estavam envolvidos em atividades de pesquisa. Atualmente, 47 (49,4%) dos egressos estão envolvidos com pesquisa, a área predominante é Controladoria e Contabilidade Gerencial (42,6%), seguida por Contabilidade para Usuários Externos (17,0%), Ensino e Pesquisa de Contabilidade (17,0%), e outras áreas (14,9%). A área de Mercado Financeiro, de Crédito e de Capitais foi escolhida por apenas 8,5% dos egressos, assim como na pesquisa de Moraes (2009) que apenas 5,6% indicaram esta área de pesquisa.

Os dados demonstram que o envolvimento da pesquisa não é apenas daqueles que tem dedicação exclusiva ou integral à docência e pesquisa, mas também daqueles que de alguma forma exercem a atividade docente, este é um ponto positivo, uma vez que aqueles que atuam em IES particulares e que não tem dedicação exclusiva ou integral à docência não são remunerados para desenvolver atividades de pesquisa. Porém, o ponto negativo deste achado é que a produtividade dos egressos ainda é muito baixa, já que apenas 49,4% daqueles que atuam na docência se dedicam a tal atividade.

Por fim, verificou-se que existe uma mudança na faixa salarial após a conclusão do Mestrado, conforme os dados da Tabela 11. Este achado corrobora com o pressuposto da Teoria do Capital Humano, onde a aquisição de níveis mais elevados de escolaridade ocasionaria melhor remuneração. Outro ponto relevante é que sendo a FECAP uma instituição particular, os dados sugerem que os egressos percebem a educação como investimento na perspectiva de aplicação de recursos, para a obtenção de benefícios futuros. (PINHO, 1996;

SCHULTZ, 1960; SHEENAN, 1975), uma vez que 150 (83,3%) dos egressos afirmaram não terem recebido auxílio financeiro para custear seus estudos.

TABELA 11 - TABELA DE FREQUÊNCIAS CRUZADAS PARA REMUNERAÇÃO MENSAL (INGRESSO E MOMENTO ATUAL)

Remuneração mensal no momento do ingresso	Remuneração mensal atual							Total
	Missing	Até R\$ 3.000,00	De R\$ 3.000,01 a R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,01 a R\$ 9.000,00	R\$ 9.000,01 a R\$ 12.000,00	Acima de R\$ 12.000,00		
<i>Missing</i>	N	0	0	0	0	0	1	1
	%	0	0	0	0	0	100	
Até R\$ 3.000,00	N	0	2	6	6	4	5	23
	%	0	9	26	26	17	22	
De R\$ 3.000,01 a R\$ 6.000,00	N	0	1	8	19	19	19	66
	%	0	2	12	29	29	29	
R\$ 6.000,01 a R\$ 9.000,00	N	1	0	4	8	7	20	40
	%	3	0	10	20	18	50	
R\$ 9.000,01 a R\$ 12.000,00	N	0	1	0	1	2	17	21
	%	0	5	0	5	10	81	
Acima de R\$ 12.000,00	N	0	1	2	1	1	24	29
	%	0	3	7	3	3	83	
Total		1	5	20	35	33	86	180

Fonte: Da autora.

A Tabela 12 apresenta a análise considerando o gênero em relação a principal atividade remunerada. Observou-se que, tanto entre homens como entre mulheres houve um aumento comparando o momento do ingresso e o atual para todas as atividades.

Para as mulheres os dados demonstraram que há uma migração do mercado para a academia, fato que também pode ser verificado ao analisar o gênero masculino. Percebeu-se, que existe uma tendência de que a atividade docente se insira na atividade remunerada do egresso de maneira exclusiva ou parcial.

TABELA 12 - TABELA CRUZADA DE PRINCIPAL ATIVIDADE REMUNERADA POR GÊNERO E MOMENTO NO CURSO

Principal atividade remunerada		No ingresso			Atual		
		Gênero		Total	Gênero		Total
		Feminino	Masculino		Feminino	Masculino	
<i>Missing</i>	N	1	0	1	0	1	1
	%	100	0		0	100	
Academia	N	6	8	14	19	31	50
	%	43	57		38	62	
Ambos, mercado e academia	N	10	31	41	8	53	61
	%	24	76		13	87	
Mercado	N	23	101	124	13	55	68
	%	19	81		19	81	
Total		40	140	180	40	140	180

Fonte: Da autora.

Em relação à remuneração mensal no ingresso e no momento atual, organizando pela principal atividade remunerada, observou-se que o número de egressos que estava no mercado diminuiu, tendo aumentado somente dentre os que ganham mais que R\$12.000,00. Já dentre os que ganham mais que R\$6.000,00, aumentou o número de indivíduos que passou para a academia no momento atual (Tabela 13).

TABELA 13 - TABELA CRUZADA DE REMUNERAÇÃO MENSAL POR PRINCIPAL ATIVIDADE REMUNERADA (INGRESSO E MOMENTO ATUAL)

Remuneração mensal	No ingresso					Atual			
	Principal atividade remunerada			Total	Principal atividade remunerada			Total	
	Academia	Mercado	Ambos, mercado e academia		Academia	Mercado	Ambos, mercado e academia		
<i>Missing</i>	N	0	0	0	1	0	0	0	1
	%	0	0	0		0	0	0	
Até R\$ 3.000,00	N	3	15	5	23	3	1	1	5
	%	13	65	22		60	20	20	
De R\$ 3.000,01 a R\$ 6.000,00	N	8	39	19	66	10	4	6	20
	%	12	59	29		50	20	30	
R\$ 6.000,01 a R\$ 9.000,00	N	3	29	8	40	19	7	9	35
	%	8	73	20		54	20	26	
R\$ 9.000,01 a R\$ 12.000,00	N	0	16	5	21	9	9	15	33
	%	0	76	24		27	27	45	
Acima de R\$ 12.000,00	N	0	25	4	29	9	47	30	86
	%	0	86	14		10	55	35	
Total		14	124	41	180	50	68	61	180

Fonte: Da autora.

Observou-se que os egressos do gênero feminino passaram a ganhar mais após a conclusão do mestrado, fato que também pode ser observado ao considerar o gênero masculino. No ingresso do mestrado, as mulheres recebiam, em sua maioria (70,0%), remuneração até R\$ 6.000,00, ao considerar a mesma proporção de homens, a remuneração chega até R\$ 12.000,00. Após a conclusão do mestrado, notou-se um aumento da quantidade de homens e mulheres em faixas salariais mais elevadas, porém, vale ressaltar que as mulheres continuam ganhando proporcionalmente menos que os homens. (Tabela 14). Este fato também foi identificado por Moraes (2009).

TABELA 14 - TABELA CRUZADA DE REMUNERAÇÃO MENSAL POR GÊNERO (INGRESSO E MOMENTO ATUAL)

Remuneração mensal		No ingresso			Atual		
		Gênero		Total	Gênero		Total
		Feminino	Masculino		Feminino	Masculino	
<i>Missing</i>	N	1	0	1	0	1	1
	%	100	0		0	100	
Até R\$ 3.000,00	N	8	15	23	1	4	5
	%	35	65		20	80	
De R\$ 3.000,01 a R\$ 6.000,00	N	20	46	66	8	12	20
	%	30	70		40	60	
R\$ 6.000,01 a R\$ 9.000,00	N	7	33	40	14	21	35
	%	18	83		40	60	
R\$ 9.000,01 a R\$ 12.000,00	N	2	19	21	9	24	33
	%	10	90		27	73	
Acima de R\$ 12.000,00	N	2	27	29	8	78	86
	%	7	93		9	91	
Total		40	140	180	40	140	180

Fonte: Da autora.

4.1.3 FATORES MOTIVADORES PARA A ESCOLHA DO MESTRADO

As questões do item E do questionário tiveram como objetivo analisar os fatores motivadores da escolha do mestrado na opinião dos egressos. Os respondentes utilizaram uma escala de 1. Discordo totalmente, 2. Discordo parcialmente, 3. Nem discordo, nem concordo, 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente para avaliar as seguintes afirmativas:

- a) busquei cursar o Mestrado em Ciências Contábeis para corrigir deficiências na formação da graduação;
- b) cursar o Mestrado em Ciências Contábeis seria fundamental para ingressar e/ou ascender na carreira docente;
- c) o Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria ampliar as possibilidades de trabalho;
- d) o Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria obter melhor nível de rendimentos;
- e) os contatos acadêmicos ou profissionais obtidos durante o Mestrado em Ciências Contábeis seriam importantes para o meu desenvolvimento pessoal;
- f) busquei cursar o Mestrado para alcançar prestígio profissional e social;
- g) busquei cursar o Mestrado em Ciências Contábeis para obter realização e satisfação pessoal;
- h) optei pelo ingresso no Mestrado por causa da indicação e incentivo de colegas que estavam matriculados no curso.

As afirmativas que apresentaram os maiores níveis de concordância, considerando parcialmente e totalmente, foram organizadas na Tabela 15.

Concordaram parcialmente e totalmente com a afirmativa “o mestrado possibilitaria ampliar as possibilidades de trabalho” 91% dos mestres. Este achado confirma o que é preconizado pela Teoria do Capital Humano, no que diz respeito à continuidade dos estudos para a ampliação de oportunidades de trabalho.

A segunda afirmativa com maior nível de concordância (90%) foi “busquei cursar o Mestrado para obter realização e satisfação pessoal”. Estudos sobre a Teoria do Capital Humano também evidenciam que a investimento em educação não estaria associado apenas a ganhos pecuniários, mas também a busca por satisfação pessoal (CUNHA, J. V. A., 2007).

A terceira afirmativa com maior nível de concordância (84%) foi “cursar o Mestrado em Ciências Contábeis seria fundamental para ingressar e/ou ascender na carreira docente”. Este achado convalida a afirmativa com maior nível de concordância e o objetivo principal do mestrado acadêmico que é a formação de docentes e pesquisadores. Verificou-se que os mestres reconhecem que este nível de formação acadêmica é importante para o ingresso e progresso na atividade docente.

A quarta afirmativa com maior nível de concordância (72%) foi “os contatos acadêmicos ou profissionais obtidos durante o Mestrado em Ciências Contábeis seriam importantes para o meu desenvolvimento pessoal”. Apesar de ser menor nível de concordância, apresenta-se de maneira representativa, e seu resultado relaciona-se com o fato de que o mestrado é reconhecido como uma rede de relacionamentos, e que esta, em alguns momentos, facilita o ingresso no mundo do trabalho.

TABELA 15 - TABELA DE FREQUÊNCIAS SOBRE OS FATORES DECISÓRIOS PARA A ESCOLHA DO MESTRADO COM MAIORES NÍVEIS DE CONCORDÂNCIA

Afirmativas	Resposta em escala likert					
	1	2	3	4	5	
O Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria ampliar as possibilidades de trabalho.	N	1	1	14	53	111
	%	1	1	8	29	62
Busquei cursar o Mestrado para obter realização e satisfação pessoal.	N	4	2	12	55	107
	%	2	1	7	31	59
Cursar o Mestrado em Ciências Contábeis seria fundamental para ingressar e/ou ascender na carreira docente.	N	5	10	15	41	109
	%	3	6	8	23	61

continua

conclusão

Afirmativas	Resposta em escala likert					
	1	2	3	4	5	
O Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria obter melhor nível de rendimentos.	N	5	6	23	61	85
	%	3	3	13	34	47
Os contatos acadêmicos ou profissionais obtidos durante o Mestrado em Ciências Contábeis seriam importantes para o meu desenvolvimento pessoal	N	3	9	38	61	69
	%	2	5	21	34	38

Fonte: Da autora.

As afirmativas que apresentaram os maiores níveis de discordância, considerando parcialmente e totalmente, foram organizadas na Tabela 16.

TABELA 16 - TABELA DE FREQUÊNCIAS SOBRE OS FATORES DECISÓRIOS PARA A ESCOLHA DO MESTRADO COM MAIORES NÍVEIS DE DISCORDÂNCIA

Afirmativas	Resposta em escala likert					
	1	2	3	4	5	
Optei pelo ingresso no Mestrado por causa da indicação e incentivo de colegas que estavam matriculados no curso.	N	96	25	21	26	12
	%	53	14	12	14	7
Busquei cursar o Mestrado em Ciências Contábeis para corrigir deficiências na formação da graduação.	N	96	22	24	32	6
	%	53	12	13	18	3

Fonte: Da autora.

Discordaram parcialmente e totalmente com a afirmativa “Optei pelo ingresso no Mestrado por causa da indicação e incentivo de colegas que estavam matriculados no curso.” 67% dos mestres. Este achado sugere que o mestrado é considerado um projeto de vida para os mestres, e mesmo que haja influência no processo de decisão em cursar o mestrado, fato que foi notado nas entrevistas com os egressos doutores em Ciências Contábeis, este não foi fator preponderante para esta escolha para a maioria dos mestres.

A segunda afirmativa com maior nível de discordância (65%) foi “busquei cursar o Mestrado em Ciências Contábeis para corrigir deficiências na formação da graduação” este dado também foi encontrado por Moraes (2009).

A afirmativa “busquei o mestrado para alcançar prestígio profissional e social” que se manteve neutra entre os respondentes. Este achado demonstra que não é unânime a busca por prestígio profissional e social (Tabela 17).

TABELA 17 - TABELA DE FREQUÊNCIAS SOBRE OS FATORES DECISÓRIOS PARA A ESCOLHA DO MESTRADO COM NÍVEIS DE NEUTROS DE CONCORDÂNCIA E DISCORDÂNCIA

Afirmativas	Resposta em escala <i>likert</i>					
	1	2	3	4	5	
	N	33	21	49	50	27
Busquei cursar o Mestrado para alcançar prestígio profissional e social.	%	18	12	27	28	15

Fonte: Da autora.

Observaram-se poucas diferenças dos níveis de concordância e discordância entre os gêneros masculino e feminino.

Ao segregar fatores decisórios para a escolha do mestrado considerando principal atividade remunerada, observaram-se níveis de concordância e discordância diferentes da análise anterior (Tabela 18).

TABELA 18 - TABELA DE FREQUÊNCIAS SOBRE OS FATORES DECISÓRIOS PARA A ESCOLHA DO MESTRADO POR PRINCIPAL ATIVIDADE REMUNERADA COM MAIORES NÍVEIS DE CONCORDÂNCIA

Questão		Academia					Mercado					Ambos				
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Cursar o Mestrado em Ciências Contábeis seria fundamental para ingressar e/ou ascender na carreira docente.	N	.	.	1	4	9	4	10	13	30	67	.	.	1	7	33
	%	.	.	7	29	64	3	8	10	24	54	.	.	2	17	80
O Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria ampliar as possibilidades de trabalho.	N	.	.	.	2	12	1	1	12	42	68	.	.	1	9	31
	%	.	.	.	14	86	1	1	10	34	55	.	.	2	22	76
O Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria obter melhor nível de rendimentos.	N	1	.	.	5	8	4	6	21	41	52	.	.	1	15	25
	%	7	.	.	36	57	3	5	17	33	42	.	.	2	37	61
Os contatos acadêmicos ou profissionais obtidos durante o Mestrado em Ciências Contábeis seriam importantes para o meu desenvolvimento pessoal.	N	.	1	2	3	8	2	7	27	47	41	1	1	8	11	20
	%	.	7	14	21	57	2	6	22	38	33	2	2	20	27	49
Busquei cursar o Mestrado para obter realização e satisfação pessoal.	N	.	.	.	4	10	1	2	7	42	72	3	.	5	9	24
	%	.	.	.	29	71	1	2	6	34	58	7	.	12	22	59

Fonte: Da autora.

Concordaram parcialmente e totalmente com a afirmativa “cursar o Mestrado em Ciências Contábeis seria fundamental para ingressar e/ou ascender na carreira docente.” 93% os egressos que têm como principal atividade remunerada a academia, 78% o Mercado e 97% as duas atividades. Os achados demonstraram que aqueles que atuam na academia, seja parcial ou totalmente, percebem mais dos que os egressos exclusivos de mercado, o Mestrado

como caminho para melhorar a sua formação como docente para obter oportunidade como docente e progresso em sua carreira na academia.

A afirmativa “o Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria ampliar as possibilidades de trabalho” apresentou níveis de concordância elevados, 100% para os egressos atuantes exclusivamente na academia, 89% para os de mercado e 98% para os que atuam na academia e no mercado. Este achado vem para confirmar e complementar a análise da afirmativa anterior. O mestrado acadêmico é uma exigência para a atuação docente em instituições de ensino superior, desta forma, é natural que aqueles que atuam na academia reconheçam o título como uma possibilidade de ampliação de suas possibilidades de trabalho (MORAES, 2009).

Concordam total e parcialmente com a afirmativa “o Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria obter melhor nível de rendimentos” 93% dos egressos que atuam somente na academia, 75% dos que atuam no mercado e 98% dos que atuam na academia e no mercado. Uma justificativa para estes achados seria a possibilidade de projeção na carreira docente ocasionada pelo título de mestre, principalmente para aqueles que atuam na academia, e para aqueles que incluem a docência em sua principal atividade remunerada. A intenção do egresso em investir em sua formação individual, e neste caso um Mestrado particular, é a possibilidade de oportunidades futuras de trabalho e em consequência maiores rendimentos. (BRIGGS, 1987; MINCER, 1981).

Sobre a afirmativa “os contatos acadêmicos ou profissionais obtidos durante o Mestrado em Ciências Contábeis seriam importantes para o meu desenvolvimento pessoal” concordam totalmente ou parcialmente 78% dos egressos atuantes na academia, 71% dos que atuam somente no Mercado e 76% dos que atuam no mercado e na academia.

Concordam total e parcialmente com a afirmativa “busquei cursar o Mestrado para obter realização e satisfação pessoal” 100% dos egressos que atuam somente na academia, 92% dos que atuam somente no mercado e 81% dos que atuam no mercado e na academia.

As afirmativas com maiores níveis de discordância são apresentadas na Tabela 19. A afirmativa “Busquei cursar o Mestrado em Ciências Contábeis para corrigir deficiências na formação da graduação” apresenta o maior nível de discordância para os egressos atuantes na academia e no mercado.

A afirmativa “Optei pelo ingresso no Mestrado por causa da indicação e incentivo de colegas que estavam matriculados no curso” também não é considerada importante pelos egressos da academia e do mercado ao tomar a decisão de cursar o Mestrado.

TABELA 19 - TABELA DE FREQUÊNCIAS SOBRE OS FATORES DECISÓRIOS PARA A ESCOLHA DO MESTRADO POR PRINCIPAL ATIVIDADE REMUNERADA COM MAIORES NÍVEIS DE DISCORDÂNCIA

Afirmativas		Academia					Mercado					Ambos				
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Busquei cursar o Mestrado em Ciências Contábeis para corrigir deficiências na formação da graduação.	N	8	1	1	4	.	64	15	21	20	4	24	6	2	8	1
	%	57	7	7	29	.	52	12	17	16	3	59	15	5	20	2
Optei pelo ingresso no Mestrado por causa da indicação e incentivo de colegas que estavam matriculados no curso.	N	6	1	2	3	2	67	17	13	20	7	22	7	6	3	3
	%	43	7	14	21	14	54	14	10	16	6	54	17	15	7	7

Fonte: Da autora.

A afirmativa “busquei cursar o Mestrado para alcançar prestígio profissional e social” foi ponto de discordância entre os egressos da academia, ao contrário do que considera os egressos atuantes no mercado (Tabela 20).

TABELA 20 - TABELA DE FREQUÊNCIAS SOBRE OS FATORES DECISÓRIOS PARA A ESCOLHA DO MESTRADO POR PRINCIPAL ATIVIDADE REMUNERADA NEUTRO

Afirmativa		Academia					Mercado					Ambos				
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Busquei cursar o Mestrado para alcançar prestígio profissional e social.	N	4	4	2	2	2	21	12	34	38	19	8	5	12	10	6
	%	29	29	14	14	14	17	10	27	31	15	20	12	29	24	15

Fonte: Da autora.

4.1.4 FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE

A pesquisa desenvolvida por Cunha, J. V. A. (2007) levantou 19 fatores identificados pelos Doutores em Ciências Contábeis como influenciados pela conclusão do Doutorado. Estes fatores foram levantados com base na Teoria do Capital Humano, que relaciona a ampliação de conhecimento por meio da educação a fatores pessoais, profissionais, financeiros e sociais.

Esta pesquisa utilizou os mesmos fatores apontados por Cunha, J. V. A. (2007) e solicitou aos mestres em Ciências Contábeis que os avaliassem utilizando uma escala de 0

(zero) a 10 (dez), considerando o grau de intensidade das alterações percebidas em sua vida pessoal, profissional, financeira e social.

A análise demonstrou que os cinco fatores de maior intensidade percebidos pelos mestres após a titulação foram espírito acadêmico, com média igual a 8,7, seguido de diferenciação profissional, média 8,3, competências analíticas, média 8,0, empregabilidade, média 7,9, oportunidades na carreira, média 7,9. Vale também destacar o fator respeitabilidade e reconhecimento acadêmico e profissional, o sexto fator de maior intensidade (média 7,9). Estes fatores sugerem que os mestres da FECAP reconhecem que o título oferece reconhecimento e melhores oportunidades profissionais confirmando os pressupostos da Teoria do Capital Humano (Tabela 21).

Na pesquisa de Moraes (2009) os cinco fatores que apresentaram as maiores médias para os mestres em Ciências Contábeis brasileiros são: espírito acadêmico, diferencial profissional, amadurecimento pessoal, competências analíticas e respeitabilidade e reconhecimento acadêmico e profissional.

Ao comparar os resultados de Moraes (2009) com os desta pesquisa, notou-se que o espírito acadêmico e a diferenciação profissional são os fatores que apresentam as maiores médias nas duas pesquisas. Verificou-se, em seguida, que os mestres da FECAP consideram os fatores empregabilidade e oportunidade na carreira com maior intensidade após a titulação, enquanto que os mestres brasileiros consideram o amadurecimento pessoal. Este dado pode estar relacionado ao que já foi constatado nesta pesquisa, os egressos da FECAP são mais maduros do que a média nacional, sugerindo que eles percebam que o amadurecimento pessoal não foi impactado pelo título.

Os cinco fatores percebidos pelos mestres com menor intensidade foram promoção social, com média 6,1, status, com média 6,1, estilo de vida, com média 6,2, estabilidade profissional com média 6,5 e responsabilidade social com média 6,7. Assim como na pesquisa de Moraes (2009), os fatores apontados pelos mestres da FECAP estão relacionados às expectativas sociais.

Outro dado relevante diz respeito ao fator remuneração, ainda que não apareça entre os cinco de menor intensidade, com média 6,8 e um dos maiores desvio padrão, 2,8. Esta análise sugere que não há uma homogeneidade nas respostas, muito semelhante aos dados encontrados por Moraes (2009) fato que ele destaca como uma contradição aos preceitos da Teoria do Capital Humano. Este achado também sugere que apesar de haver uma melhora na

faixa salarial após a titulação, os egressos não percebem que isso pode ter sido impactado pela titulação.

TABELA 21 - ANÁLISE DESCRITIVA DOS FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE

Variável	MESTRES FECAP						Mestres Brasileiros	
	N	Mínimo	Média	Mediana	Máximo	Desvio padrão	Média	Desvio Padrão
Espírito Acadêmico	180	2	8,7	9	10	1,7	8,9	1,53
Diferenciação profissional	180	0	8,3	9	10	1,9	8,5	1,70
Competências analíticas	180	0	8,0	8	10	1,8	8,3	1,53
Empregabilidade	180	0	7,9	8	10	2,2	8,2	1,90
Oportunidades na carreira	180	0	7,9	8	10	2,3	8,1	1,58
Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional	180	0	7,9	8	10	2,1	8,3	1,70
Habilidades cognitivas	180	0	7,8	8	10	1,9	8,1	1,58
Amadurecimento Pessoal	180	0	7,7	8	10	2,1	8,4	1,66
Autonomia profissional	180	0	7,4	8	10	2,3	8,0	2,07
Mobilidade profissional	180	0	7,2	8	10	2,5	7,9	1,95
Prestígio	180	0	7,1	8	10	2,6	8,2	1,80
Produtividade	180	0	7,0	8	10	2,5	7,7	1,91
Produção Acadêmica	180	0	7,0	8	10	2,5	7,7	2,07
Remuneração	180	0	6,8	8	10	2,8	7,0	2,44
Responsabilidade social	180	0	6,7	7	10	2,7	7,2	2,49
Estabilidade profissional	180	0	6,5	7	10	2,9	7,1	2,66
Estilo de vida	180	0	6,2	7	10	2,8	7,3	2,30
Status	180	0	6,1	7	10	2,7	7,5	2,19
Promoção Social	180	0	6,1	7	10	2,7	7,3	2,15

Fonte: Da autora.

Ao realizar a mesma análise, porém, segregando pela principal atividade remunerada, observou-se que o fator espírito acadêmico apresentou as maiores médias tanto para os egressos da academia (média 9,6) quanto para os de mercado (média 8,5). Destacou-se ainda que, para aqueles que atuam em ambas atividades, o fator diferenciação profissional também aparece com média elevada. 9,0, além do espírito acadêmico (média 9,0). (Tabela 22)

Já o fator de com a menor média foi promoção social, tanto para aqueles que têm como principal atividade remunerada a academia (7,1) quanto para os de mercado (6,7). Ao considerar aqueles atuam tanto na academia quanto no mercado, destacam-se dois fatores, promoção social e status.

Os resultados apontam que os mestres que têm como principal atividade remunerada a academia, total ou parcialmente, têm uma percepção mais positiva sobre o título de mestre do que atuam exclusivamente no mercado. Fato também verificado na pesquisa de Moraes (2009) e de Cunha, J. V. A. (2007).

TABELA 22 - ANÁLISE DESCRITIVA DOS FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE POR PRINCIPAL ATIVIDADE REMUNERADA

Variável	Academia						Mercado						Ambos					
	N	Mín.	Média	Mediana	Máx.	Desvio padrão	N	Mín.	Média	Mediana	Máx.	Desvio padrão	N	Mín.	Média	Mediana	Máx.	Desvio padrão
Amadurecimento Pessoal	14	5	8,9	9	10	1,5	124	0	7,4	8	10	2,3	41	2	8,2	8	10	1,6
Autonomia profissional	14	6	9,1	10	10	1,2	124	0	7,0	7	10	2,3	41	0	7,9	8	10	2,1
Competências analíticas	14	7	9,0	9	10	1,0	124	0	7,7	8	10	1,9	41	5	8,6	9	10	1,4
Diferenciação profissional	14	0	8,9	10	10	2,6	124	0	8,0	8	10	2,0	41	7	9,0	9	10	1,1
Empregabilidade	14	7	9,0	9	10	1,1	124	0	7,5	8	10	2,4	41	5	8,7	9	10	1,4
Espírito Acadêmico	14	8	9,6	10	10	0,6	124	2	8,5	9	10	1,9	41	7	9,0	9	10	0,9
Estabilidade profissional	14	0	7,4	9	10	3,2	124	0	5,9	7	10	2,8	41	0	7,7	8	10	2,5
Estilo de vida	14	2	7,4	8	10	2,2	124	0	5,9	6	10	2,8	41	0	6,6	8	10	2,9
Habilidades cognitivas	14	6	8,7	9	10	1,3	124	0	7,5	8	10	2,0	41	5	8,4	8	10	1,3
Mobilidade profissional	14	2	8,2	9	10	2,2	124	0	6,8	7	10	2,6	41	2	8,0	8	10	1,8
Oportunidades na carreira	14	6	9,1	10	10	1,3	124	0	7,5	8	10	2,5	41	5	8,7	9	10	1,4
Prestígio	14	1	7,8	9	10	2,5	124	0	6,9	7	10	2,6	41	0	7,4	8	10	2,4
Produção Acadêmica	14	5	8,6	9	10	1,4	124	0	6,6	7	10	2,6	41	0	7,6	8	10	2,4
Produtividade	14	7	9,0	9	10	1,0	124	0	6,5	7	10	2,4	41	0	7,7	8	10	2,5
Promoção Social	14	1	7,1	8	10	2,2	124	0	5,7	6	10	2,7	41	0	6,8	8	10	2,6
Remuneração	14	1	8,1	9	10	2,6	124	0	6,4	7	10	3,0	41	2	7,7	8	10	1,8
Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional	14	1	8,4	10	10	2,5	124	0	7,6	8	10	2,2	41	0	8,3	8	10	1,8
Responsabilidade social	14	1	7,8	8	10	2,5	124	0	6,4	7	10	2,9	41	0	7,1	8	10	2,4
Status	14	1	6,9	8	10	2,4	124	0	5,9	6	10	2,7	41	0	6,3	7	10	2,8

Fonte: Da autora.

O teste *Kruskall-Wallis* demonstrou que ao considerar o *p-value* menor do 0,05, verificou-se que os mestres que atuam no mercado e na academia têm percepções diferentes sobre a maioria das variáveis consideradas pela Teoria do Capital Humano: espírito acadêmico, promoção social, mobilidade profissional, amadurecimento pessoal, remuneração, habilidade cognitivas, empregabilidade, diferenciação profissional, competências analíticas, produção acadêmica, autonomia profissional, oportunidades na carreira, estabilidade profissional e produtividade. Para as outras variáveis: status, prestígio, responsabilidade social, estilo de vida e respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional não há diferença entre a percepção sobre a influência do título para os que atuam na academia e/ou no mercado (Tabela 23).

Ao considerar os mestres brasileiros, Moraes (2009) verificou que as variáveis que não apresentam diferenças ao considerar a principal atividade remunerada são: responsabilidade social, habilidade cognitivas, amadurecimento pessoal, competências analíticas, respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional.

TABELA 23 - TESTE KRUSKALL WALLIS PARA COMPARAÇÃO ENTRE AS PRINCIPAIS ATIVIDADES REMUNERADAS QUANTO AOS FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE

Variável	<i>p-value</i>
Status	0,3122
Prestígio	0,1792
Responsabilidade social	0,0839
Estilo de vida	0,0631
Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional	0,0588
Espírito Acadêmico	0,0396
Promoção Social	0,0165
Mobilidade profissional	0,0086
Amadurecimento Pessoal	0,0085
Remuneração	0,0083
Habilidades cognitivas	0,0041
Empregabilidade	0,0032
Diferenciação profissional	0,0025
Competências analíticas	0,0024
Produção Acadêmica	0,0012
Autonomia profissional	0,0007
Oportunidades na carreira	0,0005
Estabilidade profissional	0,0002
Produtividade	<.0001

Fonte: Da autora.

Ao realizar a análise por gênero, observou-se que as médias são muito próximas entre os gêneros, sendo, no geral, um pouco mais baixas no gênero masculino. (Tabela 24).

TABELA 24 - ANÁLISE DESCRITIVA DOS FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE POR GÊNERO

Variável	Feminino						Masculino					
	N	Mín.	Média	Mediana	Máx.	Desvio padrão	N	Mín.	Média	Mediana	Máx.	Desvio padrão
Amadurecimento Pessoal	40	1	8	9	10	1,9	140	0	8	8	10	2,2
Autonomia profissional	40	3	8	8	10	2,0	140	0	7	8	10	2,3
Competências analíticas	40	2	8	9	10	1,8	140	0	8	8	10	1,8
Diferenciação profissional	40	0	9	9	10	2,1	140	0	8	9	10	1,9
Empregabilidade	40	1	8	9	10	1,9	140	0	8	8	10	2,3
Espírito acadêmico	40	5	9	9	10	1,4	140	2	9	9	10	1,8
Estabilidade profissional	40	0	7	7	10	2,6	140	0	6	7	10	3,0
Estilo de vida	40	1	7	7	10	2,4	140	0	6	7	10	2,9
Habilidades cognitivas	40	4	8	9	10	1,6	140	0	8	8	10	2,0
Mobilidade profissional	40	2	8	8	10	2,1	140	0	7	8	10	2,6
Oportunidades na carreira	40	5	9	9	10	1,5	140	0	8	8	10	2,4
Prestígio	40	0	7	8	10	2,7	140	0	7	8	10	2,5
Produção Acadêmica	40	1	7	8	10	2,3	140	0	7	7	10	2,6
Produtividade	40	1	7	8	10	2,3	140	0	7	7	10	2,5
Promoção Social	40	0	6	7	10	2,6	140	0	6	7	10	2,7
Remuneração	40	0	7	7	10	2,8	140	0	7	8	10	2,8
Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional	40	1	8	8	10	2,1	140	0	8	8	10	2,2
Responsabilidade social	40	0	7	8	10	2,9	140	0	7	7	10	2,7
Status	40	0	6	7	10	2,6	140	0	6	7	10	2,7

Fonte: Da autora.

O teste de *Mann-Whitney* confirmou o que já foi possível verificar com a análise descritiva, não há diferenças significantes sobre as percepções entre os gêneros masculino e feminino quanto aos fatores que são influenciados pelo título, exceto para a variável amadurecimento pessoal que o *p-value* foi menor que 0,05, tal achado também foi encontrado por Moraes (2009, p. 108) que em sua pesquisa verificou que “homens e mulheres possuem iguais compreensões para a grande maioria dos fatores da Teoria do Capital Humano” (Tabela 25).

TABELA 25 - TESTE DE MANN-WHITNEY PARA COMPARAÇÃO ENTRE OS GÊNEROS QUANTO AOS FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE

Variável	<i>p-valor</i>
Promoção Social	0,9034
Status	0,7693
Remuneração	0,7366
Responsabilidade social	0,6294
Produtividade	0,5657
Espírito Acadêmico	0,5628
Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional	0,4948
Mobilidade profissional	0,4835
Estilo de vida	0,4006
Estabilidade profissional	0,3847
Prestígio	0,3212
Diferenciação profissional	0,2631
Autonomia profissional	0,2331
Produção Acadêmica	0,2012
Competências analíticas	0,1407
Habilidades cognitivas	0,0747
Empregabilidade	0,0609
Oportunidades na carreira	0,0599
Amadurecimento Pessoal	0,0278

Fonte: Da autora.

Ainda para avaliar os fatores influenciados pelo título de mestre, foi desenvolvida uma Análise Fatorial para que fosse possível definir grupos de fatores e comparar os resultados com os fatores gerados por Moraes (2009).

Observou-se, primeiramente, a significância estatística do Teste de *Bartlett* ($p\text{-value} < 0,0001$). O teste de *Bartlett* permite confirmar a possibilidade e adequação do método de análise fatorial para o tratamento dos dados ao verificar se há correlações desejáveis entre as variáveis (HAIR JUNIOR, 2005). Um teste significativo, que é o caso desta pesquisa, demonstra que a matriz de correlações não é uma matriz de identidade, e que, portanto, há algumas relações entre as variáveis que se espera incluir na análise, justificando a aplicação da Análise Fatorial.

Esse teste é sensível ao tamanho da amostra e por isso convém usar também a Medida de Adequacidade da Amostra (MSA) de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO). A medida de KMO varia entre zero e um e compara as correlações simples com as correlações parciais observadas entre as variáveis (HAIR JUNIOR, 2005). Um resultado maior que 0,5 indica que a análise fatorial é adequada para a amostra utilizada. O resultado obtido para o OIDP foi de 0,93, que é considerado como “admirável” (HAIR JUNIOR, 2005).

Pela Análise Fatorial foi possível extrair três fatores com cargas fatoriais acima de 0,40, sendo que a quantidade de fatores é definida pela quantidade de autovalores maiores do que 1 (HAIR JUNIOR, 2005), explicando assim 66% da variabilidade dos dados. As cargas fatoriais de todas as questões que compõe o fator são positivas, indicando que quanto maior o valor das questões maior o valor do fator. (Tabela 26)

O primeiro fator foi explicado pelos fatores prestígio, promoção social e status. O segundo fator foi explicado pelos fatores autonomia profissional, empregabilidade, estabilidade profissional e remuneração. E o terceiro e último fator foi explicado pelos fatores diferenciação profissional, mobilidade profissional, oportunidades de carreira e respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional. O percentual da variabilidade explicada por cada fator foi de 52%, 8% e 6%, respectivamente, e o Alfa de *Cronbach* das variáveis que compõem os fatores foi de 0,81, 0,84 e 0,86, respectivamente.

Os fatores amadurecimento pessoal, competências analíticas, espírito acadêmico, estilo de vida, habilidades cognitivas, produção acadêmica, produtividade e responsabilidade social não foram explicados pelos três fatores de autovalor maior que 1 e cargas fatoriais acima de 0,40.

TABELA 26 - CARGAS FATORIAIS APÓS ROTAÇÃO VARIMAX, AUTOVALORES, % DA VARIABILIDADE EXPLICADA, % ACUMULADO DA VARIABILIDADE EXPLICADA, ALFA DE CHRONBACH, TESTE DE BARTLLET E KMO DOS FATORES INFLUENCIADOS PELO TÍTULO DE MESTRE

Fator	Variável	Cargas fatoriais		
		Fator 1	Fator 2	Fator 3
Fator 1	Prestígio	0,80		
	Promoção Social	0,67		
	Status	0,84		
Fator 2	Autonomia profissional		0,57	
	Empregabilidade		0,67	
	Estabilidade profissional		0,72	
	Remuneração		0,68	
Fator 3	Diferenciação profissional			0,69
	Mobilidade profissional			0,44
	Oportunidades na carreira			0,56
	Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional			0,63
Autovalor		9,83	1,57	1,07
% da variabilidade		52%	8%	6%
% da variabilidade acumulado		52%	60%	66%

continua

Fator	Variável	conclusão		
		Cargas fatoriais		
		Fator 1	Fator 2	Fator 3
Alpha de Chronbach		0,81	0,84	0,86
Bartlett (p-valor)				<0.0001
KMO				0,93

Fonte: Da autora.

O resultado da análise fatorial demonstrou que os fatores preconizados pela Teoria do Capital Humano podem ser agrupados em três dimensões, conforme descrição a seguir:

- a) Fator 1, nominado Satisfação pessoal, agrupou três variáveis: Prestígio, Promoção Social e Status;
- b) Fator 2, nominado Empregabilidade e Remuneração, agrupou quatro variáveis: Autonomia profissional, Empregabilidade, Estabilidade profissional e Remuneração;
- c) Fator 3, nominado Destaque profissional, agrupou quatro variáveis: Diferenciação profissional, Mobilidade profissional, Oportunidades na carreira e Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional.

Ainda que a análise fatorial tenha seguido corretamente todos os procedimentos para sua execução e análise. Notou-se que o fator 3 – Destaque profissional, agrupou variáveis que não são correlacionadas por sua definição. Desta forma, decidiu-se o seguinte “reagrupamento”:

- a) Fator 1, nominado Satisfação pessoal: Prestígio, Promoção Social e Status;
- b) Fator 2, nominado Empregabilidade e Remuneração: Autonomia profissional, Empregabilidade, Estabilidade profissional, Remuneração e Oportunidades na carreira;
- c) Fator 3, nominado Destaque profissional: Diferenciação profissional, Mobilidade profissional e Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional.

Ao comparar os resultados desta pesquisa com os obtidos por Moraes (2009), é possível observar, que na sua pesquisa foram extraídos 04 fatores, e todas as variáveis foram contempladas nesses fatores com cargas fatoriais maiores que 0,40, diferente do que aconteceu nesta pesquisa.

Notou-se também, conforme pode ser visualizado no Quadro 7, que as variáveis contempladas nos três fatores identificados nesta pesquisa, aparecem nos dois primeiros fatores da pesquisa de Moraes (2009). As variáveis dos fatores que ele chamou de “Fatores Cognitivos” e “Produtividade” não foram contemplados em nenhum dos fatores identificados nesta pesquisa.

Destaca-se, portanto, que nesta pesquisa não foi possível sintetizar nas dimensões localizadas todos os fatores preconizados pela Teoria do Capital Humano.

QUADRO 7 - COMPARATIVO DA ANÁLISE FATORIAL EGRESSOS FECAP VERSUS EGRESSOS BRASILEIROS

		Egressos FECAP		Egressos Brasileiros (MORAES, 2009)	
Fator 1	Satisfação pessoal	Prestígio, Promoção Social e Status.	Autonomia e diferenciação profissional	Autonomia profissional, Diferenciação profissional, Empregabilidade, Estabilidade profissional, Mobilidade profissional, Oportunidades na carreira e Remuneração	
Fator 2	Empregabilidade e Remuneração	Autonomia profissional, Empregabilidade, Estabilidade profissional e Remuneração	Benefício Pessoais	Estilo de vida, Prestígio, Promoção social, Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional, Responsabilidade e <i>Status</i>	
Fator 3	Destaque profissional	Diferenciação profissional, Mobilidade profissional, Oportunidades na carreira e Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional	Fatores Cognitivos	Amadurecimento pessoal, Competências analíticas, Espírito acadêmico e habilidades cognitivas.	
Fator 4			Produtividade	Produção acadêmica e produtividade	

Fonte: Adaptado de Moraes (2009).

4.2 CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA DOS EGRESSOS – ANÁLISE DO CURRÍCULO LATTES

Este capítulo tem como objetivo analisar a contribuição acadêmica dos egressos por meio da análise do Currículo Lattes. Vale destacar que, o programa de pós-graduação da FECAP não tem curso de Doutorado e também é formado, principalmente, por alunos com perfil profissional, tais considerações são válidas pois apesar da pesquisa acadêmica ser um item de avaliação do Programa, não é esperado que se tenha o mesmo peso da avaliação de um curso de Doutorado, além disso, ao captar alunos com perfil profissional, a produção

acadêmica pode ficar em segundo plano. Desta forma, considerando os critérios pré-estabelecidos, os resultados são apresentados a seguir.

4.2.1 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

- Artigos publicados em periódicos

Os 168 mestres que tiveram seus currículos analisados nesta pesquisa produziram ao todo 216 artigos em periódicos, o que corresponde a 1,3 artigos por egresso. A pesquisa de Silva (2012) realizada com os mestres da Região Sul verificou que os 164 egressos analisados produziram 526 artigos, em média 3,2 artigos por egresso. Porém estes dados representam os quatro programas de Ciências Contábeis da Região Sul (UNISINOS, FURB, UFPR, UFSC).

A Tabela 27 apresenta a quantidade de artigos publicados por estrato de classificação dos periódicos:

TABELA 27 - PUBLICAÇÕES EM PERÍODICOS CLASSIFICADOS QUALIS ANTES E APÓS O INGRESSO NO MESTRADO

Estrato	Antes do ingresso no Mestrado		Após o ingresso no Mestrado	
	Quantidade publicada	%	Quantidade publicada	%
A1	0	0,0	0	0,0
A2	0	0,0	6	2,9
B1	2	20,0	49	23,8
B2	0	0,0	26	12,6
B3	2	20,0	26	12,6
B4	0	0,0	26	12,6
B5	4	40,0	73	35,5
C	2	20,0	0	0,0
Total	10	100,0	206	100,0

Fonte: Da autora.

Ao avaliar a publicação de artigos em periódicos antes do ano de ingresso no Mestrado, verificou-se que apenas 8 dos 168 mestres avaliados publicaram artigos em periódicos classificados pelo Qualis. Já quando se avalia a produção de artigos após o ingresso no Mestrado, o número de mestres sobe para 51. Nota-se na Tabela 29, que houve um aumento e uma melhoria expressivos na quantidade e na qualidade, respectivamente, das publicações dos egressos. Os mestres que mais publicaram em periódicos são: Igor Gabriel Lima, Rodrigo de Souza Gonçalves, Elza Hofer, César Augusto Biancolino, Mario Roberto dos Santos e Fabio Ytoshi Shibaou, juntos eles produziram 97 artigos, o que equivale a 47,1% da produção de periódicos. Estes mestres possuem tempo médio de formação de 7 anos, sendo que o egresso formado há mais tempo fez isso há 10 anos e o mais recente há 4 anos.

Ao analisar os dados considerando a pontuação de cada estrato, os alunos que mais pontuaram, segundo o Qualis, foram: Rodrigo de Souza Gonçalves, Elza Hofer, César Augusto Biancolino, Igor Gabriel Lima e Lucio de Souza Machado. Outro dado importante, é que tanto na avaliação qualitativa e quantitativa, com exceção do egresso Igor Gabriel Lima, todos são doutores ou estão cursando doutorado, o que justifica de certa forma a produtividade. Verifica-se também que 30,9%, ou seja, 52 egressos publicaram ao menos um artigo em periódico da base Qualis, considerando o período antes e depois do ingresso no Mestrado.

Ainda que a publicação em periódicos dos egressos corresponda apenas a 30,9% da amostra analisada, verificou-se que a maior parte dos artigos (99,1%) foi publicada em periódicos classificados pelo Qualis.

Silva (2012) avaliou que os mestres da Região Sul publicaram em sua maioria em periódicos do estrato C, já os Mestres da FECAP publicaram em sua maioria em periódicos estratos B5 (35,5%) e B1 (23,8%).

- Artigos aceitos em periódicos

Neste item avaliou-se apenas a produção após o ingresso no Mestrado, ao todo são 14 artigos já aceitos em periódicos aguardando a publicação (Tabela 28). Esta quantidade foi produzida por 9 egressos, são eles: Lucio de Souza Machado, Cesar Augusto Biancolino, Juliano Augusto Orsi de Araujo, Fabio Ytoshi Shibao, Marcus Vinicius Moreira Zittei, Mario Roberto dos Santos, Paschoal Tadeu Russo, Tiago Nascimento Borges Slavov e Udo Strassburg.

Os artigos aceitos para publicação concentram-se, em sua maioria, nos estratos B1 (42,9%) e B3 (21,4%). Silva (2012) verificou que os mestres da Região Sul tiveram 54 artigos aceitos em periódicos sendo que a maioria concentrou-se nos estratos B3 (33,3%) e B4 (27,7%).

TABELA 28 - ARTIGOS ACEITOS EM PERÍODICOS CLASSIFICADOS QUALIS APÓS O INGRESSO NO MESTRADO

Estrato	Quantidade	%
A1	0	0,0
A2	0	0,0
B1	6	42,9
B2	1	7,1
B3	3	21,4
B4	2	14,3
B5	2	14,3
C	0	0,0
Total	14	100,0

Fonte: Da autora.

Os dados demonstram que qualitativamente há uma melhora na publicação de artigos em periódicos, porém, quantitativamente, se mostra inferior ao comparar com a produção dos mestres da Região Sul.

- Trabalhos completos e resumos publicados em anais de congresso

Os egressos da FECAP publicaram 311 trabalhos e resumos em anais de congresso, sendo 180 em congressos classificados no estrato E1 (57,9%) e 131 (42,1%) no estrato E2, conforme apresentado na Tabela 29, o que significa em média 1,9 artigos por egresso.

Já os mestres da Região Sul publicaram 951 trabalhos em eventos, o que significa uma média de 5,8 trabalhos por mestre.

TABELA 29 - TRABALHOS COMPLETOS E RESUMOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSO CLASSIFICADOS QUALIS ANTES E APÓS O INGRESSO NO MESTRADO

Estrato	Antes do ingresso no Mestrado		Após o ingresso no Mestrado	
	Quantidade publicada	%	Quantidade publicada	%
E1	2	25,0	178	58,7
E2	6	75,0	125	41,3
Total	8	100,0	303	100,0

Fonte: Da autora.

Ao avaliar os trabalhos completos e resumos publicados em anais de eventos antes do ano de ingresso no Mestrado, verifica-se que apenas 4 dos 167 mestres avaliados apresentaram trabalhos em eventos classificados pelo Qualis. Já quando se avalia a produção de artigos após o ingresso no Mestrado, o número de mestres sobe para 70.

Os mestres que mais publicaram trabalhos em anais de congresso foram: Elza Hofer, César Augusto Biancolino, Lucio de Souza Machado, Marcus Vinicius Moreira Zittei e Fabio Ytoshi Shiba. Estes mestres possuem tempo médio de formação de 8 anos, sendo que o egresso formado há mais tempo fez isso há 10 anos e o mais recente há 6 anos.

Ao considerar a pontuação do estrato Qualis (E1 e E2) para classificar os trabalhos e resumos em congressos, os egressos que mais pontuaram foram: Elza Hofer, César Augusto Biancolino, Rodrigo de Souza Gonçalves, Lucio de Souza Machado e Mauro Fernando Gallo. Verificou-se todos os egressos são doutores ou estão cursando Doutorado.

- Livro e capítulo de livro

Os egressos publicaram 35 livros (55,6%) e 28 capítulos de livro (44,4%), avaliando toda a produção acadêmica, o que significa 0,4 livros e capítulos por egresso, este baixo índice pode ser explicado pela complexidade que envolve a publicação de um livro, uma vez que é necessária a preparação de todo o material, submissão para uma editora, aprovação para a publicação (Tabela 30).

Verificou-se que apenas 3 egressos publicaram livros e capítulos de livros antes do ingresso no Mestrado, após o ingresso a quantidade de egressos autores sobe para 33, o que corresponde a 19,6% da amostra analisada.

Os mestres da Região Sul publicaram, organizaram ou editaram 55 livros e publicaram 56 capítulos de livros. (SILVA, 2012).

TABELA 30 - LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS ANTES E APÓS O INGRESSO NO MESTRADO

Tipo	Antes do ingresso no Mestrado		Após o ingresso no Mestrado	
	Quantidade publicada	%	Quantidade publicada	%
Livro	3	50,0	32	56,1
Capítulo	3	50,0	25	43,9
Total	6	100,0	57	100,0

Fonte: Da autora.

Os mestres que mais publicaram livros e capítulos de livro foram: Fabio Rodrigues Oliveira, Ana Cristina Pereira, Rodrigo de Souza Gonçalves, Mauro Fernando Gallo e Valério Vitor Bonelli. Neste item, 4 dos 5 egressos são Doutores ou Doutorandos.

4.2.2 ATIVIDADE ACADÊMICA

- Orientações concluídas

Neste item, a contribuição dos egressos foi avaliada por meio das orientações de cursos de Graduação, Pós-graduação *lato sensu* e em alguns casos, *stricto sensu* (para os

casos de egressos Doutores). Foram orientados ao todo 2482 trabalhos de conclusão de curso, monografias e trabalhos de iniciação científica, dissertações, teses e orientações de outra natureza, sendo 132 (5,3%) antes do ingresso no Mestrado e 2350 (94,7%) após o ingresso no Mestrado, como é possível analisar na Tabela 31. Estas orientações foram realizadas por 96 egressos, ou seja, 57,1% da amostra analisada. Os mestres da Região Sul registraram em seus currículos 2.333 orientações concluídas (SILVA, 2012).

Em pesquisa realizada por Venturini et al. (2008) para identificação e análise dos perfis dos docentes participantes dos programas de pós-graduação em Contabilidade no Brasil, verificou que assim como nesta pesquisa, os docentes estavam fortemente centrados na orientação de trabalhos de conclusão de curso de graduação.

TABELA 31 - ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS ANTES E APÓS O INGRESSO NO MESTRADO

Tipo	Antes do ingresso no Mestrado		Após o ingresso no Mestrado	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Monografia	29	22,0	837	35,6
TCC	98	74,2	1156	49,2
Iniciação Científica	0	0,0	148	6,3
Outra natureza	5	3,8	189	8,0
Dissertação	0	0,0	16	0,7
Tese	0	0,0	4	0,2
Total	132	100,0	2350	100,0

Fonte: Da autora.

Os egressos que mais orientaram trabalhos antes do ingresso no Mestrado foram: Ricardo Maroni Neto, Elza Hofer, André Barauna Vieira, Paschoal Tadeu Russo, Luis Fernando da Rocha, e após o ingresso no Mestrado foram: Armindo Aparecido Evangelista, Marcus Vinicius Moreira Zittei, Lucio de Souza Machado, Paulo Nogueira Andrade Godoi, Ricardo Maroni Neto.

- Participação em bancas examinadoras

Assim como no item de orientações concluídas, verificou-se uma boa contribuição dos egressos na participação em bancas examinadoras (trabalho de conclusão de curso, monografia, dissertação e tese). Foram ao todo 2145 participações, sendo 269 (12,5%) antes do ingresso no Mestrado e 1876 (87,5%) após o ingresso no Mestrado (Tabela 32), sendo que a maioria das participações foi em trabalhos de conclusão de curso. Estas participações foram realizadas por 77 egressos, ou seja, 45,8% da amostra analisada.

Os mestres da Região Sul participaram de 2.925 bancas examinadoras, sendo 90,6% trabalhos de conclusão de curso, 8,6% monografias e 0,8% dissertações de mestrado.

TABELA 32 - PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS ANTES E APÓS O INGRESSO NO MESTRADO

Banca Examinadora	Antes do ingresso no Mestrado		Após o ingresso no Mestrado	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Trabalho de Conclusão de Curso	234	87,0	1519	81,0
Monografia	35	13,0	296	15,8
Dissertação	0	0,0	54	2,8
Tese	0	0,0	7	0,4
Total	269	100,0	1876	100,0

Fonte: Da autora.

Os egressos que mais participaram de bancas examinadoras antes do ingresso no Mestrado foram: Nilton Cezar Carraro, André Barauna Vieira, Nilson Manoel Santos, Adriana Alvarenga Matssura e Luís Fernando da Rocha, e após o ingresso no Mestrado foram: Daniel Azevedo Palma, Udo Strassburg, Lucio de Souza Machado, Luis Fernando da Rocha e Sandro Braz Silva.

4.2.3 TAXA DE CONVERSÃO – TC

Para avaliar a taxa de conversão considerou-se a quantidade de artigos publicados em periódicos (publicação permanente) em relação à quantidade de artigos publicados em eventos (publicação provisória) (BORBA et al., 2007). A pesquisa analisou a taxa de conversão de três maneiras: a) antes do ingresso; b) após o ingresso no Mestrado e c) toda a produção, os dados foram descritos na Tabela 33.

TABELA 33 - TAXA DE CONVERSÃO

Período no curso	Publicação Permanente	Publicação Provisória	Taxa de Conversão (%)
Antes do Ingresso	10	8	125
Após Ingresso	206	303	67,9
Antes + após o ingresso	216	311	69,4

Fonte: Da autora.

Os dados da pesquisa revelam que antes do ingresso no mestrado publicaram-se mais artigos em periódicos do que em eventos (125%), porém, em uma quantidade inferior ao totalizado após o ingresso. Após o ingresso, para quase 2 artigos em eventos, um foi publicado em periódico (67,9%). Já a taxa de conversão dos Doutores egressos foi 63%.

Em pesquisa realizada por Silva (2012) com os mestres da Região Sul, esta taxa foi de 43,9% sendo 1.814 artigos em eventos e 796 artigos em periódicos. Ao considerar os doutores e mestres em Ciências Contábeis da Universidade de São Paulo que concluíram o curso até

2005 Borba et al. (2007) verificaram uma taxa de conversão de 57,9%, sendo que os doutores publicaram 2.108 artigos em eventos e 1.220 em periódicos.

Verificou-se que a taxa de conversão dos mestres da FECAP foi superior ao considerar os mestres da Região Sul e os doutores em Ciências Contábeis. Apesar disso, ao considerar a quantidade publicada, notou-se que ela ainda é muito baixa.

4.2.4 ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE

O índice de produtividade foi calculado considerando quantidade de orientações concluídas dividido por tempo de formação (em anos) no período após o ingresso no Mestrado, e em seguida, quantidade de publicações (artigos completos em periódicos) dividida pelo tempo de formação (em anos). A Tabela 34 apresenta os cinco primeiros egressos com maior índice de produtividade de orientações.

Os resultados encontrados são superiores aos da pesquisa de Silva (2012) em que a primeira colocada apresentou o $IP_{orientações}$ igual a 5. É possível afirmar que os mestres da FECAP têm participado ativamente das atividades de orientações pelas instituições brasileiras, o que é um dado positivo da atividade docente. Ainda sim, apenas 38,1% dos egressos apresentaram $IP_{orientações}$ maior ou igual a 1.

TABELA 34 - ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE DE ORIENTAÇÕES

Ordem	Egresso	IP
1º	Marcus Vinicius Moreira Zittei	25,0
2º	Armino Aparecido Evangelista	23,2
3º	Pedro Claudio da Silva	13,5
4º	Lucio de Souza Machado	13,0
5º	José Orcélio do Nascimento	11,3

Fonte: Da autora.

A Tabela 35 apresenta os cinco primeiros egressos com maior índice de produtividade de artigos publicados em periódicos. O primeiro colocado possui o $IP_{publicações}$ três vezes maior que o segundo colocado. Verificou-se, também, que dos mestres analisados, 95,2% possuem índice de produtividade menor do que 1.

Na pesquisa realizada por Silva (2012) com os mestres da Região Sul, o $IP_{publicações}$ do primeiro colocado foi 20, bem superior ao valor encontrado nos mestres da FECAP. Tal achado sugere que os mestres da FECAP são mais produtivos nas orientações do que da publicação em periódicos.

TABELA 35 - ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE DE ARTIGOS EM PERÍODICOS

Ordem	Egresso	IP
1º	Igor Gabriel Lima	6,3
2º	Rodrigo de Souza Gonçalves	2,5
3º	Carlos Maciel Stieg	2,2
4º	Fabio Ytoshi Shibao	1,8
5º	Mario Roberto dos Santos	1,8

Fonte: Da autora.

As Tabelas 36 e 37 apresentam os índices de produtividade dos egressos doutores:

TABELA 36 - ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE DE ORIENTAÇÕES – EGRESSOS DOUTORES

Ordem	Egresso Doutor	IP
1º	Valério Vitor Bonelli	6,2
2º	Fabio Yothi Shibao	6,0
3º	Rodrigo de Souza Gonçalves	3,9
4º	Mauro Fernando Gallo	3,8
5º	Elza Hofer	3,7

Fonte: Da autora.

TABELA 37 - ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE DE ARTIGOS EM PERÍODICOS – EGRESSOS DOUTORES

Ordem	Egresso Doutor	IP
1º	Rodrigo de Souza Gonçalves	2,5
2º	Elza Hofer	1,9
3º	Fabio Ytoshi Shibao	1,8
4º	Cesar Augusto Biancolino	1,2
5º	Mauro Fernando Gallo e Valerio Vitor Bonelli	0,4

Fonte: Da autora.

Pode-se concluir que a quantidade e a qualidade das publicações é, em média, muito superior após o ingresso no Mestrado do que no ingresso.

Tal fato já foi indicado por Velloso e Velho (2001) ao analisar mestrados e doutorandos do Brasil, quando observaram em sua pesquisa que, geralmente, os mestrados na área de Ciências Sociais Aplicadas não haviam publicado artigos ou trabalhos antes do ingresso no curso.

4.3 OS EGRESSOS DOUTORES EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Este capítulo apresenta os resultados da análise dos dados obtidos com as entrevistas realizadas com os Doutores em Ciências Contábeis, egressos do Mestrado da FECAP. O propósito é atender ao seguinte objetivo: analisar a trajetória profissional, acadêmica e social dos egressos doutores em Ciências Contábeis.

4.3.1 PERFIL DOS EGRESSOS DOUTORES

Prof. Dr. Mauro Fernando Gallo, nasceu em 14 de fevereiro de 1951, casado, tem dois filhos e reside na cidade de Bauru/SP. Possui graduação em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo (1975), mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica pelo Centro Universitário Álvares Penteado (2002) e doutorado em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (2008). Atualmente é sócio da Gallo Planejamento Ltda. e professor pesquisador do Mestrado de Ciências Contábeis da FECAP. Foi suplente do Conselho Municipal de Contribuintes da Prefeitura Municipal de Bauru. Tem experiência nas áreas de Administração, Economia e Ciências Contábeis, atuando principalmente nos seguintes temas: Gestão e Planejamento Tributário, Contabilidade Tributária e Economia do Setor Público.

Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello, nasceu em 15 de junho de 1982, casado, tem um filho e reside na cidade de Bauru/SP. Possui graduação em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Econômicas de Bauru (2003), MBA em Controladoria e Finanças pela Instituição Toledo de Ensino (2005), mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica pela FECAP (2006) e doutorado em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (2012). Em 2011, realizou intercâmbio entre a USP e *Lousiana State University*. Atualmente é coordenador e professor do curso de Ciências Contábeis e do MBA em Gestão Tributária da Instituição Toledo de Ensino; professor do MBA em Gestão Tributária da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras/USP, do Instituto Nacional de Pós Graduação - INPG, Professor do MBA em Contabilidade e Direito Tributário do IPOG. Consultor Tributário - Otávio Cabello Consultoria e Assessoria Empresarial Ltda, sócio-consultor do Instituto de Gestão Contábil, Econômica e Financeira - IGEF. Tem experiência na área de Contabilidade, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão tributária, planejamento tributário, contabilidade societária e controladoria.

Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves, nasceu em 02 de julho de 1979, casado, tem um filho e reside em Brasília/DF. Possui graduação em Ciências Contábeis, e pós-graduação (*lato sensu*), mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégia pela FECAP e Doutorado em Ciências Contábeis pelo Programa Multiinstitucional e Inter-regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis (UnB/UFRN/UFPB). Na área de assessoria empresarial na área Contábil atua desde 1994, em que está centrada nas linhas de assessoria trabalhista; assessoria fiscal e assessoria contábil à empresas do setor privado. Na perícia judicial iniciou suas atividades no

ano de 2005, elaborando laudos e pareceres para auxiliar o Juízo em suas sentenças. Na área do ensino superior iniciou no ano de 2002, lecionando disciplinas nos cursos de Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Turismo e Hotelaria. Durante o ano de 2006 foi consultor do PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e atualmente é professor da UnB Universidade de Brasília e Coordenador do Programa Multiinstitucional e Inter-regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis (UnB/UFRN/UFPB). Teve pesquisa premiada no VI Prêmio SOF de Monografias como a melhor na temática: qualidade do gasto público. Suas pesquisas são desenvolvidas na área de evidenciação de relatórios financeiros, evidenciação de relatórios de responsabilidade social e relatórios de prestação de contas à conselhos de saúde.

Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov, nasceu em 26 de abril de 1980, casado, tem duas filhas e reside na cidade de Sorocaba/SP. Possui graduação em Ciências Contábeis pela Universidade de Sorocaba (2002) e mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica pelo Centro Universitário FECAP (2004) e doutorado em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (2013). Professor Universitário e Palestrante. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Ciências Contábeis, atuando principalmente nos seguintes temas: contabilidade societária (PME), sistemas de informações contábeis, SPED, gestão de custos e controladoria.

4.3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS EGRESSOS DOUTORES

Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, exceto a do Prof. Rodrigo que foi realizada via *skype*, todas foram gravadas e posteriormente transcritas. Antes do início das entrevistas, foi exposto o tema e os objetivos da pesquisa, e solicitado ao entrevistado à autorização para a gravação e transcrição da conversa, sendo que todos aceitaram com os termos.

As entrevistas foram realizadas utilizando um roteiro pré-definido (APÊNDICE C) e dividido em dois blocos de perguntas:

- a) 1º Bloco, com 6 perguntas relacionadas à experiência durante e após a conclusão do Mestrado;
- b) 2º Bloco, com 9 perguntas relacionadas à experiência durante e após a conclusão do Doutorado.

As entrevistas foram gravadas e transcritas de maneira integral, em seguida, foram encaminhadas por e-mail aos entrevistados, solicitando a análise para possíveis correções e/ou acréscimos. O conteúdo das entrevistas está no APÊNDICE E.

4.3.2.1 Análise do bloco de perguntas sobre a experiência antes e após a conclusão do Mestrado

A questão 1 procurou obter informações sobre como surgiu, para os entrevistados, o interesse em cursar o mestrado, visando identificar o que eles procuraram quando decidiram ingressar e foi formulada da seguinte maneira: **“Como foi o processo decisório de ingresso no Mestrado?”**. As respostas obtidas foram sintetizadas no Quadro 8.

QUADRO 8 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 1

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“eu estava próximo da aposentadoria e pensei em trabalhar com consultoria, já dava aulas há muitos anos e pensei em ou fazer Direito Tributário ou em fazer Mestrado em Contabilidade e considere que o melhor seria o Mestrado pra mim, já que eu não tinha um curso, não tenho um curso de Bacharel em Ciências Contábeis; tinha técnico, tinha feito economia, e aí optei pelo Mestrado em Contabilidade”.
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Bom, eu desde o segundo ano de faculdade coloquei na minha cabeça... Eu participei, na época, do II Seminário USP de Controladoria e Contabilidade, não era nem congresso [...] conseguimos aprovar um artigo, apresentar e eu vivenciei pela primeira vez um universo acadêmico assim, que eu nunca tinha vivenciado [...] acho que vou querer seguir essa área de docência, porque eu gostei de fazer o artigo, gostei da pesquisa, então desde o segundo ano de faculdade eu decidi que ia querer seguir essa carreira. Não sabia, no entanto, onde fazer o mestrado ainda... estava no segundo ano, mas me interessei em fazer iniciação científica, sempre me preocupando em direcionar minha graduação de forma que eu conseguisse depois ingressar no mestrado. E depois, no quarto ano da faculdade, mais ou menos, eu conheci o Mauro Gallo e comecei a participar do grupo de pesquisa lá da FEA, em Controladoria e Gestão Tributária, onde nós desenvolvemos alguns estudos, algumas pesquisas e o Gallo tinha feito mestrado aí e me falou: Otávio, eu conheço o pessoal lá, é uma instituição séria. E, como eu já tinha participado do grupo de pesquisa, tinha alguma produção acadêmica já, alguma produção de artigos, eu decidi participar do processo seletivo da FECAP e consegui ingressar.”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Eu já fiz a especialização na FECAP e já estava na docência logo no segundo semestre da minha especialização. Aí, acabou acontecendo como algo natural, em decorrência da minha atividade docente. Naquele momento, por já conhecer um pouco a FECAP, eu acabei escolhendo fazer um processo seletivo aqui, e nem tentei, na verdade, outras instituições. Mas, foi algo natural, em decorrência dessa atividade, e pela busca de outros caminhos em termos profissionais.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“Ingresso no mestrado. O mestrado, na idade em que eu fiz, que eu fiz na FECAP, veio numa oportunidade na idade muito interessante, porque eu tinha acabado de me graduar no curso de Ciências Contábeis, de Sorocaba, na UNISO, foi em 2002, nesse momento eu tinha a intenção de terminando a graduação, de continuar, de fazer um curso de pós-graduação. Por atuar na área empresarial, não ter experiência acadêmica, nem em pensar em academia, em dar aula [...] minha intenção principal, quando eu terminei a graduação, era fazer um MBA, cogitava fazer um MBA na FECAP, onde já tinha feito alguns estudos. Só que na mesma época eu comecei a trabalhar com consultoria na área de Sistema de Informação, implantando sistemas, consultoria em empresa, lidando com diretoria e isso acabou me deixando carente por metodologias de ensino no sentido da atividade de consultoria, como eu estava e

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
	<p>tinha a parte de escritório, mas também tinha a parte de treinar o grupo de pessoas, profissionais em questões relacionadas a contabilidade, custos, controladoria, então eu comecei a perceber e sentia um pouco de falta de alguma bagagem em relação a isto. Na mesma época, eu tinha um cunhado que estava fazendo mestrado e me sugeriu que: “por que você não vai tentar fazer um mestrado?”. E eu pesquisei, terminei a graduação sem nem imaginar a possibilidade de fazer um mestrado, mas pesquisei e por estar em Sorocaba, principalmente, lá no interior você não tem esse contato, inclusive a dificuldade é maior em fazer uma pós-graduação e acabei me interessando por fazer o mestrado, percebendo a oportunidade, algumas características diferentes que teria no MBA. Tentei participar de um processo de seleção na FECAP e ingressei [...] eu tive a oportunidade de na entrevista ser entrevistado pelo Professor Gil, que eu também não o conhecia, mas como eu apresentei para ele a proposta de fazer uma pesquisa de sair da área contábil, societária e ficar na parte de gestão, controladoria, sistema, ele se interessou pelo meu tino de pesquisar esse assunto e isso me permitiu ingressar no mestrado. Depois disso, é claro, que as coisas mudaram bastante na minha vida”.</p>

Fonte: Da autora.

Ao avaliar as respostas dos doutores, observou-se que a decisão em ingressar no mestrado se deu pela busca de uma melhor formação. Um dos entrevistados, o Prof. Otávio, afirmou que já na graduação tinha o interesse pela pesquisa.

A questão 2 procurou identificar se o ingresso no mestrado se deu por algum tipo de influência e foi formulada da seguinte maneira: “**Este ingresso ao Mestrado se deu por algum tipo de influencia? Se sim, qual?**” e estão sintetizadas no Quadro 9.

QUADRO 9 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 2

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	<p>“Eu cheguei a verificar pesquisas sobre Mestrado em Contabilidade e Mestrado em Economia, porque, na verdade, quando eu me formei na Graduação eu pensava em fazer Contabilidade, então o curso era base e aí durante o curso, era o ano dos milagres econômicos, eu fui levado pra Economia pela influência, daí gostei, e cheguei a pensar mas não achei nada em Economia na área que eu gostava, seria ou desenvolvimento econômico ou economia de empresa, viável pra que eu fizesse, porque ainda estava trabalhando, precisava fazer um dia por semana no máximo, e aí eu comecei a ponderar Contabilidade; Contabilidade em São Paulo praticamente USP e FECAP não lembro se na época tinha PUC já”.</p>
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	<p>“Foi o Mauro Gallo que me influenciou. Na verdade, eu nem participei de outro processo seletivo. Tentei direto na FECAP, já deu certo e, como eu tinha uma boa referência – e era em São Paulo também, não precisava me deslocar para longe, eu que já moro no interior – então, foi em função disso.”</p>
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	<p>“Na verdade a decisão ocorreu naturalmente. Meu orientador na especialização foi o professor (Ralf), na verdade veio estimular essa decisão, mas, não foi uma influência externa propriamente dita, essas influências externas só vieram corroborar aquilo que eu já tinha em mente a fazer.”</p>

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“ Na mesma época, eu tinha um cunhado que estava fazendo mestrado e me sugeriu que: “por que você não vai tentar fazer um mestrado?”. “Realmente, porque de alguma forma quando você está terminando uma graduação, você sem ter contato, principalmente na minha época porque não tive aula com nenhum professor que era mestre, inclusive mestre, mestre, ou seja todos os professores da UNISO, até então, eram todos especialistas, um ou outro mestre, mas em áreas muito, não afins a área contábil, então eu não tive contato com mestre no ponto vista docentes, professores mestrados e então para mim, eu não sabia o que era um mestrado. Nesse aspecto, realmente, meu cunhado acabou sendo um pouco decisivo, porque como ele tinha ingressado no programa de mestrado na área dele que é Tecnologia e Sistema de Informação, uma área muito diferente, ele fez um mestrado, começou a dar aula, ele começou a gostar de fazer e me sugeriu também a fazer isso, e isso foi na pergunta que você fez, isso foi um dos fatores decisivos sim”.

Fonte: Da autora.

Observou-se nas respostas que o ingresso no Mestrado se deu, na maioria das vezes, por algum tipo de influência e incentivo de professores ou parentes.

A questão 3 procurou identificar como foi a preparação para o ingresso no mestrado e foi formulada da seguinte maneira: “**Como você se preparou para o ingresso no Mestrado?**” e estão sintetizadas no Quadro 10.

QUADRO 10 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 3

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Não, não me preparei. De verdade, não”. “Eu acho que se eu tivesse feito curso de ciências contábeis teria sido melhor para eu fazer o Mestrado em Contabilidade.”
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Na graduação eu tinha publicado um artigo, depois eu consegui publicar outro artigo em um congresso que não tinha tanta relevância, era em uma convenção da entidade de classe, do CRC, e também eu já tinha escrito alguns artigos pelo grupo de pesquisa. E também, tive que estudar pro ANPAD, pra fazer a prova, lembrar aqueles conceitos que tinha – já no mestrado eu tive que me preparar para isso.”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Bom. Eu posso te dizer que para o teste ANPAD eu não me preparei, mas, para a prova específica eu me preparei sozinho. Peguei a bibliografia que estava no edital e me preparei sozinho, estudando por conta.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“A minha preparação, na verdade, foi muito mais, uma preparação emocional muito grande, porque eu trabalhava com consultoria e eu tinha um horário um pouco mais flexível do que um profissional que atua batendo cartão, um trabalho das oito às cinco. Só que a minha grande preocupação, não era casado na época, eu me casei depois de terminar o mestrado, mas eu estava namorando e eu já sabia que ia se complicar, tinha que estudar, eu tinha uma preocupação gigantesca de ia dar conta, fiz o técnico, fiz a graduação lá no interior, embora sempre um estudante e um profissional dedicado, lógico que eu sabia que teria deficiências de conhecimentos e deficiências de conteúdo técnico de bagagem mesmo, de entrar num mestrado, eu me preparei muito emocionalmente para imaginar o que eu iria encontrar. Eu tive essa referência do meu cunhado por estar num mestrado, mas eu também conversei com outros colegas, tinha até mais um colega, até cito o nome dele, o Professor Miro, que era um colega que tinha feito um mestrado em outra área, na área de Letras, um cara muito comunicativo, então ele me dava muitas dicas [...] principalmente na relação em questão de produção de texto, porque eu acho que uma grande característica de um curso de pós-graduação não é só adquirir bagagem,

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
	pós-graduação, <i>stricto sensu</i> , mestrado, doutorado, não é adquirir conhecimento é socializar o conhecimento através da produção científica, se não tem essa experiência, não se tem essa prática profissionalmente falando, nem academicamente numa graduação, não sabia o que era isso. O trabalho de conclusão do curso de graduação, vamos dizer o que eu fiz no curso de conclusão de pós-graduação foi equivalente ao primeiro artigo que apresentei para a primeira disciplina que fiz para o mestrado, então no ponto de vista que tive que me preparar muito nesse sentido, de saber o que eu ia encontrar, me preparar mas assim, não que eu tenha estudado, nada disso, porque que eu não sabia o que eu ia encontrar, então eu estava me preparando, foi mais uma preparação emocional [...]”.

Fonte: Da autora.

Ao analisar a preparação dos entrevistados para o ingresso no mestrado, notou-se que apenas o Prof. Otávio considerou a produção de artigos para este ingresso no Mestrado, o restante dos entrevistados comenta sobre a preparação para o processo seletivo, e um deles, o Prof. Tiago, comenta sobre a preparação emocional antes do ingresso, uma vez que residindo em outra cidade a mudança iria ser bem impactante.

A questão 4 procurou identificar como o fato de estar cursando o Mestrado influenciou nos rendimentos e na dedicação profissional que o entrevistado tinha até aquele momento e foi formulada da seguinte maneira: **“Durante o Mestrado houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?”** e estão sintetizadas no Quadro 11.

QUADRO 11 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 4

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Tive, tive que abrir mão de algumas aulas que eu dava, tive que abrir mão pelo caso de morar em Bauru e eu estava trabalhando em São Paulo - não, eu comecei o Mestrado trabalhando em Bauru; meu delegado não me liberou pra vir um dia por semana fazer o Mestrado, meu Chefê tinha me liberado e o Delegado não; aí eu insisti, vim, pagando falta, fiquei com faltas na Receita Federal, depois a superintendência me transferiu para São Paulo, pra eu poder fazer o Mestrado aqui”.
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Na época... assim, desde o primeiro mês que eu ingressei na faculdade eu consegui um estágio na área de contabilidade. Foi tudo muito rápido, do estágio, em três meses eu consegui um emprego com carteira assinada, pois, passado uns oito meses, desse emprego com carteira assinado em um escritório, eu fui para outro escritório para ganhar mais. Aí, fui para outro escritório pra ganhar mais, até que eu virei. Eu estava no último ano, não era contador ainda [...] eu fui mudando de emprego rápido. Aí, no último ano de faculdade, eu já era um funcionário externo de um escritório de contabilidade. Eu fazia a contabilidade sozinho de uma rede de concessionárias. Quando eu terminei, peguei me CRC, os donos me chamaram para ser gerente administrativo, e combinou, justamente, com o meu ingresso no mestrado. Eu fiquei uns três meses trabalhando como gerente administrativo, eles me liberando um dia e meio para eu fazer o mestrado. Só que chegou um momento que eu percebi que precisaria largar, abandonar, para me dedicar mais ao mestrado, até porque eu tinha uma outra renda como professor porque, quando eu entrei no mestrado, eu consegui ser efetivado como professor na instituição de ensino onde eu me graduei.” “É óbvio que era uma remuneração ínfima perto do que eu ganhava

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
	como gerente administrativo, mas como eu morava ainda com a minha mãe, não tinha grandes responsabilidades financeiras, vamos dizer assim, eu decidi abandonar esse meu emprego, ficar só ministrando aula e fazendo mestrado. E, de vez em quando, eu fazia um outro bico na área de auditoria, que nem era muito a minha praia, mas para ter uma renda extra. Então, efetivamente aí, eu tive que dar um passo para trás e abdicar de receita para conseguir me dedicar.”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“As duas coisas. Na verdade, não tem como você se dedicar a outras atividades durante o mestrado. Tem que deixar de fazer algumas coisas para se dedicar ao mestrado, então, a quantidade de horas que eu tinha no escritório diminuiu substancialmente. Algumas ideias que eu tinha, em termos profissionais, só vieram após o mestrado mesmo. Então, houve mesmo um curso de oportunidade que, desde a primeira semana o Prof. Ivam já falava sobre isso... (risos)”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“Na verdade, no meu caso foi ao contrário, embora, geralmente quando a gente ingressa em um curso de pós-graduação, é sabido que você vai acabar abdicando, mas o que acabou acontecendo para mim foi o contrário, por conta da oportunidade de lecionar, [...]. Eu consegui, na verdade eu fiz uma proposta para o coordenador do curso que eu tinha acabado de me formar lá na época em Sorocaba, o Professor Celso, falei: “olha Celso, estou fazendo mestrado, se surgir uma aula eu estou à disposição, vou tentar encarar”. Com a ausência, vou falar até a palavra é essa, não é nem falta, é a ausência de mestres no curso lá em Sorocaba, ou seja, na minha região, logo que iniciei o mestrado, a aula comecei em março em julho eu já comecei dar aula na UNISO. Lógico que não foi fácil, num primeiro momento, foi a trancos e barrancos o processo de aprendizado em si, só isso acabou em função das atividades profissional que eu desenvolvia, isso acabou aumentando minha remuneração, porque comecei a dar aula e consegui conciliar, com a atividade que eu vinha fazendo, atividade profissional, que de alguma forma o gestor, nessa época, já começou a perceber que: <esse cara está crescendo e pode ser que ele já pule do barco>, então de alguma forma ele me ajudou a segurar. O que aconteceu é que meus finais de semana começaram a ficar muito comprometidos, sábado e domingo foi estudando, ou seja que aquilo que a gente passaria passeando, descansando um pouco, eu passava estudando, isso na verdade, para compensar que na semana eu estava trabalhando, quando não estava na consultoria, estava dando aula e estava na FECAP, então minha vida no período do mestrado foi isso”.

Fonte: Da autora.

Observou-se que para a maioria dos entrevistados houve sim uma abdicção de rendimentos e uma mudança na dedicação profissional quando ingressaram no mestrado, porém, não totalmente, o que se justifica já que o mestrado da FECAP é particular e todos os entrevistados estudavam sem bolsa de estudos.

A questão 5 procurou identificar como os entrevistados reconhecem o título de mestre nas diversas esferas de sua vida e foi formulada da seguinte maneira: **“O que o título de mestre trouxe de mais significativo no aspecto profissional, acadêmico e social?”** e estão sintetizadas no Quadro 12.

QUADRO 12 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 5

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	<p>“Um aspecto, vamos pensar assim no profissional; no profissional ele ajuda no sentido de maior desenvolvimento da sua carreira, seja eu, por exemplo, já terminei Mestrado, aposentado, dando consultoria, o próprio pessoal encara de uma maneira diferente, na parte da academia me despertou um sentido de mudar a posição de leitor para autor, coisa que eu jamais tinha pensado, nunca tinha pensado em publicar um artigo científico, quanto mais internacional, se alguém falasse pra mim ia dizer que estava maluco. Por exemplo, abriu possibilidades, por estar no Mestrado, eu comecei a dar aula em Pós-Graduação, abriu possibilidade pra dar aula em pós-graduação ainda como Mestrando, foi meu primeiro lugar que eu dei aula; e socialmente eu acho que abriu muitas oportunidades, porque através dos congressos e coisas, relacionamento, novas pessoas, novos conhecimentos, nova postura de análise das coisas, por exemplo, no meu caso acho que não é nem aqui que cabe, eu entrei no mestrado sabendo o que eu queria fazer e achando que eu sabia tudo sobre o tema, porque planejamento tributário nas organizações, eu considerava como eu estava no ofício estudava sei tudo disso daí; um belo dia viraram pra mim e falaram como é isso daí no exterior? Não faço nem ideia, nunca parei pra me preocupar sobre isso, estou preocupado aqui como é aqui. E fui pesquisar e descobri outras coisas, coisas novas, eu acho que isso é gostoso”.</p>
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	<p>“Bom, profissional... Depois que eu concluí o meu mestrado conseguia bastantes aulas de pós-graduação. Isso foi muito positivo, até hoje eu tenho, entre aspas, essa carteira de pós-graduação, isso contribui bastante. Do ponto de vista de consultoria, um pouquinho antes de defender, eu arrumei um emprego em um escritório de consultoria e isso acabou pesando também na abordagem com os clientes, por ter esta titulação que dava um peso um pouco maior na hora de fechar um contrato de consultoria, isso do ponto de vista profissional.”</p> <p>“O acadêmico... me possibilitou ter mais aulas de pós, tanto na pós quanto na graduação. Percebi pelo fato de ter que estudar e escrever muito, isso me ajudou a melhorar a minha escrita, vamos dizer assim. Isso eu percebo até hoje, o início da minha evolução foi no mestrado. E pessoalmente, eu acho que para qualquer ser humano, quando a gente conquista algo que foi fruto de muito suor, é algo extremamente gratificante. Então, no mestrado não foi diferente.”</p>
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	<p>“Eu vou falar primeiro do aspecto acadêmico. Em termos de conhecimento, eu vejo que a elaboração da dissertação foi o que mais me marcou, em termos de contribuição do mestrado. Evidentemente que as disciplinas são legais etc., mas, em termos de formação acadêmica, eu acho que a elaboração da dissertação foi o mais marcante, porque é o momento em que você se debruça em algumas coisas que antes eram desconhecidas para você, totalmente. E você, quase solitariamente vai atrás de algumas soluções, e acaba desvendando esse percurso em termos de metodologia, o percurso metodológico da tua dissertação, o que antes, para mim, era totalmente desconhecido. Isso, em termos profissionais, foi algo também muito interessante porque, a maneira sistemática de você pensar todo o seu trabalho, em decorrência da contribuição acadêmica, ela deságua no profissional – porque você se organiza melhor, pensa de uma maneira mais sistematizada. Nos trabalhos, sejam de consultoria ou perícia, você acaba tendo um salto qualitativo muito grande porque você já vai no foco do que tem que fazer. Então, todo esse percurso que a gente faz no acadêmico, no trabalho científico, deságua na questão profissional. Na questão social, se a gente imaginar que a docência é algo que impacta a vida das pessoas, é interessante porque, o mestrado, na minha perspectiva, ao contrário do doutorado, ele te dá um pouco mais profundidade em termos de conteúdo e em sala de aula. Por isso que eu sempre falo que o mestrado tem um impacto muito mais relevante que o doutorado, em termos de docência. No doutorado, a sua aquisição vai para a questão de pesquisa acadêmica, não necessariamente traz repercussão, proporcionalmente falando, em sala de aula. Então, o mestrado tem esta contribuição muito interessante, muito embora, como especialista em termos técnicos, você tem esse conhecimento, mas no mestrado você agrega o escopo de termos técnicos também com conhecimento acadêmico – isso traz um impacto muito interessante em sala de aula”.</p>

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	<p>“No ponto de vista profissional, o mestrado claro, para a atividade acadêmica foi decisivo, sem ingressar no mestrado eu não teria oportunidade, pelo menos naquele momento, com a minha idade inclusive, lá com vinte e três anos, quando comecei a dar aula na UNISO, então eu não teria oportunidade de ingressar na carreira acadêmica, nem era um plano de carreira, nem um plano profissional em relação a isso, então o mestrado foi decisivo para ingressar na carreira acadêmica que de alguma forma estou até hoje. Do ponto de vista social, o mestrado foi mais a questão da autorrealização, ele é um título e ele tem um reconhecimento que as pessoas ponderam quando você fala que se fez um mestrado, ponderam sua expertise, sua quantidade de estudo, a dedicação a algum projeto, então realmente você tem uma realização pessoal muito grande de fazer um mestrado, ainda mais para mim, sempre fui profissional, sempre fui um bom estudante, mas nunca tive oportunidades de trabalhar muito cedo e tudo mais, sempre dediquei muito naquilo na condição que me apresentavam, fiz o técnico em Sorocaba, fiz a graduação em Sorocaba, mas eu nunca imaginava que aquilo seria o suficiente para conseguir vencer um curso de pós-graduação e todos meus professores na FECAP, principalmente professores do mais alto gabarito e a gente acaba percebendo que depende muito de você, aquela história que até hoje eu falo isso, que embora a gente tenha uma faculdade e bons cursos, mas é muito mais do aluno do que do professor, isso é uma coisa que as vezes ouve muito, mas no mestrado é que isso que me deixou muito claro, de certa forma, inclusive meu desempenho no mestrado foi bom, mesmo sendo mais jovem, mesmo sendo o com menos bagagem, menos experiência, mas eu fui o que terminou mais cedo o mestrado, na época tive publicação que a maioria não teve, na verdade isso me fez perceber isso, é o esforço, a estrutura logicamente acaba é claro, ajuda muito auxiliando muito o processo, mas não é decisivo, ou seja, sem o esforço isso não seria possível, o mestrado do ponto vista social me apresentou isso”.</p>

Fonte: Da autora.

Sobre o aspecto profissional, os entrevistados relataram que o mestrado foi decisivo para o desenvolvimento da carreira, seja pelo ingresso na academia e melhores oportunidades na carreira, como pela contribuição no desenvolvimento dos alunos de graduação e pós-graduação, utilizando uma maneira mais sistematizada de pensar e organizar as ideias, que acabam impactando diretamente na forma de conduzir os trabalhos profissionais, características do fator competências analíticas (CUNHA, J. V. A., 2007). A aquisição de educação trouxe maior empregabilidade, ou seja, foi possível absorver outras atividades profissionais devido a melhor formação (SCHULTZ, 1961; WEISBROD, 1962 apud CUNHA, J. V. A., 2007).

Ao considerar o aspecto acadêmico, os entrevistados apontaram o fato de se colocarem na posição de “autor” (pesquisador), ou seja, passaram a ter um pensamento mais crítico no momento em que pesquisam sobre áreas de interesse (BLAUG, 1965 apud CUNHA, J. V. A., 2007). Afirmaram também que há um ganho superior de conhecimento, até mais que no Doutorado.

E finalmente, no aspecto social afirmaram que o mestrado contribuiu para um aumento da rede de relacionamento, por meio do curso e da participação em eventos científicos, características do fator amadurecimento pessoal identificado por Cunha, J. V. A. (2007). Consideram também que adquiriram uma nova postura para a análise dos problemas e o impacto da formação na atividade docente. Além disso, os entrevistados consideram a conclusão do mestrado, um projeto que traz autorrealização e reconhecimento profissional e pessoal (CUNHA, J. V. A., 2007).

A questão 6 procurou identificar como os entrevistados trataram da produção científica durante o mestrado e foi formulada da seguinte maneira: **“Como você tratou da sua produção acadêmica no Mestrado?”** e estão sintetizadas no Quadro 13.

QUADRO 13 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 6

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Durante o mestrado eu já comecei a produzir, porque naquela época o Mestrado aqui pedia, você tinha inclusive aquela possibilidade de dois artigos eliminar uma disciplina, opcional, não sei se ainda tem isso, mas tinha esse aspecto, eu comecei porque as disciplinas pediam artigos e tal, eu que não tinha produzido nada antes, nunca tinha produzido nada, estava acostumado sim, a dar entrevista, a fazer coisas assim, mas a produzir artigos científicos nunca tinha feito nada; tinha feito meu TCC lá na graduação, aqui na graduação né, e nunca mais fiz mais nada parou aí. Então o Mestrado me despertou, [...] mas um artigo que foi feito no Mestrado na cadeira do Robles foi o meu primeiro artigo internacional que publicou no Uruguai, no congresso do Uruguai, e que foi útil pra mim depois na hora de entrar no Doutorado”.
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Bom, eu produzi no mestrado, que eu consigo me lembrar, eu consegui publicar um artigo na ANPAD, na disciplina do Parisi, de controladoria – foi um artigo da disciplina de controladoria, era em grupo, mas eu escrevi sozinho. Depois eu publiquei esse artigo junto com o Cláudio, só nós dois. Então, acho que foi algo muito positivo. Em outras disciplinas... é que foi curto o mestrado, eu fiz em vinte e dois meses, se eu não me engano, foi essa publicação que eu consegui no mestrado. Depois que eu terminei, a minha dissertação eu consegui publicar no congresso USP. Acho que foi isso que aconteceu, se não me falha a memória, é que já faz um tempinho que eu terminei... (risos)”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Isso eu acho que foi um problema durante o mestrado. Na verdade, quando a gente entra no mestrado, quando a gente vem essencialmente do mercado, a gente tem a visão de que o mestrado é um curso que vai te dar contribuições em termos acadêmicos para a sala de aula e não tem uma relação tão direta em termos profissionais. Só que você, eu falo por mim, na verdade, você não tem uma visão sistêmica do processo de avaliação do mestrado. Naquela ocasião foi muito marcante pra mim, quando eu entrei em 2004, o mestrado em Ciências Contábeis estava sendo descredenciado, tinha caído da nota três para a nota dois. Aí, eu ficava ouvindo aquele zunzunzum – eu vou chegar lá na produção acadêmica – mas aí a gente não foi devidamente esclarecido sobre o nosso papel de discente no programa. A gente sabia que tinha que fazer as disciplinas, então era “vamos fazer as disciplinas”. E se falava em artigos, mas a gente não sabia exatamente para que serviriam os artigos. Então, acho que isso foi uma falha na nossa entrada, em termos de enfatizar qual era a nossa contribuição, enquanto alunos, para o programa. A produção acadêmica, durante o período em que nós estivemos, foi praticamente

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
	nula. Tive somente um artigo – fiz uma disciplina com o professor Cláudio Parisi – e a disciplina fazia com que a gente tivesse que fazer, mas a gente não sabia, na verdade, o impacto que isso tinha para o programa. Quando eu saí do programa com a dissertação, aí sim eu realizei as publicações, mas eu diria que esta questão da produção acadêmica, durante o programa, foi praticamente nula.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“O que acontece é assim, até hoje, a questão da produção científica, a produção acadêmica ela é um grande desafio para quem não está dedicado exclusivamente para o ensino, o grande problema ainda hoje, ainda na época do mestrado e já foi isso, era eu produzir trabalhos e isso demanda muito tempo, então para produzir bons trabalhos e eu sempre tive uma percepção em relação a isso e a oportunidade que tive no mestrado, foi algo que levei para o doutorado, tive a oportunidade também no doutorado de encontrar meu orientador no doutorado o Professor Wellington, que acabou reforçando alguma coisa que o Gil também fazia no mestrado e que vi também com muitos professores na FECAP, do Parisi, do Robles, o Professor Ivam, que é a questão da qualidade do trabalho científico, se for para escrever, repetir e passar, dar uma nova roupagem é muito melhor não escrever, para não perder tempo, então para quantidade, para conteúdo, os trabalhos que eu fiz, a produção acadêmica tanto para os artigos para a disciplinas quanto para aqueles artigos que a gente pretendia encaminhar para o congresso, a gente sempre procurou fazer de uma forma que não fosse simplesmente uma coisa repetitiva, que muitos trabalhos, inclusive já tem vários, muitos, que muitos estudos publicados no congresso do Brasil principalmente, são de péssima qualidade, embora são aprovados, que estão bem escritos, porque tem começo, meio e fim, mas são de péssima qualidade, ou seja não estão agregando nada, você lê aquilo, concorda e não muda nada a vida de quem usa aquele texto, então de alguma forma a minha preocupação que eu tive contato por conversar com Professor Gil, principalmente, mas com todos os professores que tive na FECAP e eu tentei levar isso para o doutorado e sempre fazer essa análise crítica, ou seja, na produção acadêmica desenvolver uma análise crítica do conhecimento, do conteúdo das áreas de estudo”.

Fonte: Da autora.

Ao serem questionados sobre a produção científica durante o mestrado, apenas dois tiveram artigos aprovados durante o curso, sendo que estes artigos foram desenvolvidos nas disciplinas cursadas. Os entrevistados afirmam que somente após o mestrado, foi possível a produção de artigos, principalmente oriundos da dissertação.

O Prof. Rodrigo faz uma crítica a este respeito, afirmando que quando ingressou no mestrado não estava tão claro qual era o papel do discente na produção acadêmica do programa, e que isso talvez, não tenha despertado nos alunos o interesse pela pesquisa. Os alunos estavam mais preocupados em concluir as disciplinas e defender a dissertação. Já o Prof. Tiago afirma que teve dificuldade em produzir durante o mestrado, principalmente pela falta de tempo, uma vez que o trabalho científico exige uma dedicação extra.

4.3.2.2 Análise do bloco de perguntas sobre a experiência antes e após a conclusão do Doutorado

O segundo bloco de perguntas teve como objetivo analisar a experiência dos egressos antes e após a conclusão do Doutorado.

A questão 7 procurou identificar a motivação para ingressar do Doutorado e foi formulada da seguinte maneira: **“Quando surgiu a intenção de ingressar no Doutorado?”** e estão sintetizadas no Quadro 14:

QUADRO 14 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 7

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Foi por brincadeira. Eu sou muito teimoso, e todo mundo dizia que na USP não se entrava fácil, e eu fui ver; aconteceu exatamente assim, eu cheguei, eu vou prestar um (ANPAD) não estudei nada, prestei um (ANPAD), se eu passar num (ANPAD) eu não preciso nem estudar contabilidade, se eu passar no (ANPAD), e prestei o (ANPAD) de brincadeira, vim aqui, parece que é aqui mesmo, quando eu vi eu estava aprovado no (ANPAD), eu disse, Meu Deus do céu, e agora se eu reprovar em contabilidade? Aí eu resolvi, peguei os dois principais livros da bibliografia e fui estudar contabilidade para não ficar reprovado em contabilidade, e não fiquei, graças a Deus. E na entrevista, acho que uma coisa que ajudou muito no caso, é que eu estava na área tributária, já aposentado, então eu tinha tempo disponível pra eles”
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Quando eu terminei o mestrado já tinha em vista que eu ia querer fazer o doutorado. Eu sabia que, na época, a minha única chance era fazer na FEA, até porque era a única disponível para se fazer. E, eu não queria fazer em outra área, como muitos fazem – acabam indo fazer engenharia de produção, educação etc. Eu queria fazer em contabilidade e queria fazer lá na FEA, até porque era a única possibilidade. Então, logo que terminou, eu já tinha isso em mente que eu ia querer fazer. Não aconteceu logo em seguida, primeiro porque já tinha passado o prazo, eu esperei um ano. Aí eu tentei, no primeiro ano eu não consegui, fui até a entrevista e não consegui. No segundo ano que eu tentei, consegui entrar. Fiz o teste ANPAD”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Eu terminei o mestrado em 2006, nisso eu fui para Brasília, em um projeto de consultoria para as Nações Unidas e, enquanto estava em Brasília, prestei concurso para a UNB. Antes mesmo de entrar na UNB, eu já tinha interesse de fazer o doutorado e, naquele momento, já se falava inclusive no doutorado da UNB. Em 2007 saiu o primeiro processo seletivo e aí, eu já tinha, digamos assim, “desanuviado” o mestrado um pouco, já tinha um ano e meio afastado da sala de aula e decidi fazer o doutorado, como processo natural por estar também já na academia, na Universidade de Brasília, naquela ocasião. Mas antes mesmo de entrar na Universidade de Brasília eu já tinha interesse em fazer o doutorado, não sabia quando nem onde, mas foi algo que aconteceu naturalmente. Na verdade, eu nem esperava que eu fosse fazer em 2008, processo foi de 2007 para a primeira turma em 2008, mas acabei entrando. Foi bacana porque também ocorreu de forma natural, quer dizer, o mundo não ia acabar se eu não entrasse naquele momento, então, aconteceu de forma natural.”

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	<p>“A intenção de ingressar no doutorado, no meu caso, foi logo depois do mestrado, porque eu terminei o mestrado na FECAP, que estava começando na minha carreira acadêmica na UNISO, percebendo, pelo menos, na condição naquela época da universidade [...] a UNISO estava passando por um processo de crescimento, projeção de crescimento no sentido de universidade, então, propostas de novos programas de pós-graduação, inclusive de mestrado na área de Ciências Sociais aplicadas, por isso eu terminei o mestrado, ainda passei um ano para resolver algumas coisas, me casei, fazendo algumas coisas de cunho pessoal, mas logo em seguida eu ingressei na tentativa de um doutorado. [...] cheguei a ingressar na UNIMEP, num programa em doutorado de Engenharia de Produção, só que no ano em que ingressei a UNIMEP passou por uma crise institucional e mandou muitos professores embora, então ficou muito ruim a qualidade, tive uma percepção muito ruim do programa em si, pelo menos daquilo que eu ia desenvolver dentro mesmo do curso de Engenharia de Produção [...] já que não estava no doutorado, comecei a lutar para produzir artigos, escrevi muitos artigos, inclusive com o Professor Biancolino, com o Professor Gil, para que eu tivesse, voltasse a ter essa visão um pouco acadêmica e também ter um currículo mais apresentável para o ingresso no programa de doutorado, tinha produção, mas pouca produção então eu quis incrementar. Fazendo isso, retornei lá para USP, participei do processo com o projeto, naquela época eu já estava mais acadêmico do que profissional, porque eu já estava coordenando o curso de Ciências Contábeis da UNISO, na época, já estava dando aula na universidade pública na FATEC, na época foi um período curto que assumi na FATEC, então a USP percebeu a minha dedicação maior a vida acadêmica e acabei ingressando na USP”.</p>

Fonte: Da autora.

Para os entrevistados o ingresso no Doutorado se deu naturalmente, como um processo de evolução na sua carreira acadêmica em busca de autonomia profissional (CUNHA, J. V. A., 2007). Notou-se que o ingresso não é imediato, pois ao terminar o mestrado, existe um período para organização da vida profissional e pessoal, este dado pode estar relacionado com o que já foi identificado nesta e em outras pesquisas, que alunos em Ciências Contábeis ingressam tardiamente nos cursos de graduação e pós-graduação, se comparado com áreas afins, claro que é necessária uma avaliação mais detalhada sobre o tema. Porém, ao analisar as entrevistas, percebeu-se que o fato de ingressarem no mercado de trabalho muito cedo, e muitas vezes de maneira concomitante a aquisição de escolaridade, faz com que considerem adiar o ingresso no mestrado e no doutorado, para tratar de questões pessoais.

A questão 8 procurou identificar como os entrevistados se prepararam para o ingresso no Doutorado e foi formulada da seguinte maneira: “**Como você se preparou para o ingresso no Doutorado?**” e estão sintetizadas no Quadro 15.

QUADRO 15 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 8

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	[não houve uma preparação específica]
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Não foi fácil não [...] Eu tive que estudar de novo pro ANPAD. Eu tenho uma tia que é doutora em matemática, que era o que mais me pegava. O inglês, o português e o raciocínio lógico... Raciocínio lógico eu tive que estudar também, comprei um livro, estudei bastante e a minha tia, eu sentei com ela várias vezes para estudar o raciocínio quantitativo, principalmente, que era o meu calcanhar de Aquiles. Eu fiz quatro testes pra ter uma nota que eu achava que iria conseguir ingressar. Eu me preparei também, bastante, para as provas específicas, que era de contabilidade societária e gerencial, que na minha graduação, infelizmente, como eu já tinha me formado há seis anos antes de prestar doutorado, eu não tive uma base muito boa de societária e de gerencial. Então, eu peguei o edital, a recomendação bibliográfica e estudei bastante para as provas específicas, tanto que nos dois anos que eu tentei eu fui bem, no ANPAD e nessa prova específica. Então, eu me preparei bastante.”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Foi semelhante ao do mestrado. Naquele momento a única diferença que tinha é que eu tinha que estudar um pouco mais de estatística por causa da prova de métodos quantitativos, que não tinha na época que era prova específica de Contabilidade. A prova foi também específica em contabilidade, métodos quantitativos, inglês e redação. Acabei focando muito na questão de contabilidade e métodos quantitativos, estudando sozinho. Cheguei a estudar também com alguns colegas que iriam fazer o processo seletivo, foi desta maneira.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“A situação já foi muito diferente da época do mestrado para o doutorado, porque eu já sabia o que ia encontrar, logicamente mesmo sabendo que o doutorado na USP você tem toda uma filosofia diferente, por exemplo, na FECAP foi um mestrado, mas que onde existia a conciliação da vida profissional dos alunos, por ser uma instituição privada, a USP não, uma instituição pública e a recomendação era que o aluno se dedicasse completamente, para o programa de pós-graduação. Nessa época eu me preparei nesse sentido, a preparação foi mais de fato ter que abrir mão de aula, ter que abrir mão de consultorias, ter que abrir mão de trabalhos para me dedicar a pós-graduação. Algo que eu fiz em parte, algo que eu não consegui fazer como poderia ter feito acadêmico que surgiu no ano de 2010, acabaram surgindo muitas mudanças na área que atuo profissionalmente, mistério, muitas coisas que acabaram me tirando muito do programa de pós-graduação, sempre tive uma construção profissional muito forte nessa época, que tive que conciliar isso com o doutorado, mas não houve essa preparação como foi na época do mestrado de preocupação o que ia encontrar, sabia o que ia ter que escrever, sabia que ia ter que me dedicar e ter que abrir mão já de muitas coisas também, principalmente em relação a remuneração, então no doutorado, se no mestrado a minha remuneração incrementou, no doutorado minha remuneração, no começo eu ainda consegui conciliar, mas depois tive que abrir mão de muitas atividades profissionais, então minha remuneração caiu bastante.”

Fonte: Da autora.

De um modo geral, a preparação foi semelhante a do ingresso para o mestrado. Um dos entrevistados, o Prof. Tiago afirma que além da preparação para o processo, teve a preparação para a mudança profissional, uma vez que o mestrado, no caso dele, da USP exigia a dedicação exclusiva.

A questão 9 procurou identificar como os entrevistados avaliam a contribuição do mestrado para o ingresso e conclusão do doutorado e foi formulada da seguinte maneira:

“Como o Mestrado contribuiu para o desenvolvimento e conclusão do Doutorado?” e estão sintetizadas no Quadro 16.

QUADRO 16 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 9

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Olha, quem foi meu aluno aqui já me viu falar várias vezes, eu considero que o Doutorado é mais fácil que o Mestrado, porque eu digo que a grande luta no Mestrado é a gente aprender a usar de metodologias científicas, porque por mais que a gente tenha prática de escrever, lê bastante, você não tem aquela metodologia científica que você apanha muito, você deve estar sabendo, você passou o que todos colegas passam. Quando você chega no Doutorado, você já tem, pelo menos o Mestrado me ensinou muito com isso, e eu cheguei já no Doutorado com isso em termos com uma facilidade, então pra mim é mais tranquilo, não tinha mais preocupação da metodologia científica, minha preocupação era o assunto que eu ia tratar, foi nesse aspecto, então nisso o Mestrado me ajudou muito”.
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Bom, eu acho que o amadurecimento, em termos de como conduzir disciplinas em uma pós-graduação <i>stricto sensu</i> ... Eu acho que como nisso eu já tinha uma experiência, você tem um amadurecimento maior, em relação a ter uma tarimba, uma experiência, uma expertise maior em realizar pesquisas... Então, você entender metodologia, no mestrado a gente aprende metodologia, no doutorado você já sabe. Você nem precisa “fazer cadeira” nessa disciplina, porque se parte do pressuposto de que você já sabe – isso eu aprendi bastante no mestrado. Nas disciplinas que eu tive de ensino, ligadas à preparação como docente no doutorado, lembro que tive aula com professor Ivan, de Didática no Ensino da Contabilidade, isso também me auxiliou. Em termos gerais, foram essas situações, e, por fim também, o fato de já ter escrito uma dissertação. É óbvio que a tese é diferente, mas se você já escreveu uma dissertação, isso contribui de alguma forma.”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Ah, total. Já no questionário eu tinha afirmado isso. O salto qualitativo que a gente tem, na minha perspectiva, ele se deu no mestrado. A minha percepção é essa, chegou no doutorado, você vai se aprofundar em questões específicas, mas, na verdade, não seria diferente se tivessem esses tópicos no mestrado. Então, a base que a gente teve aqui no mestrado foi muito importante. Novamente, volto a destacar o processo de você fazer uma boa dissertação – isso é o que faz você dar um salto qualitativo, na minha perspectiva, em termos metodológicos, em você pensar de uma forma sistêmica e isso acaba contribuindo para o resto da sua vida.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	[não foi possível extrair da transcrição os dados para resposta desta questão].

Fonte: Da autora.

Os entrevistados afirmam que no mestrado a contribuição é muito maior que no doutorado, pois é no mestrado que o discente adquire mais conhecimento, aprende a pesquisar e tem um amadurecimento como pesquisador, este item transparece o que já foi apontado por Velloso (2004), sobre a percepção de que o mestrado é a última formação acadêmica.

A questão 10 procurou identificar se houve abdicação de rendimentos e na dedicação profissional ao ingressaram no doutorado e foi formulada da seguinte maneira: “**Durante o Doutorado houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?**” e estão sintetizadas no Quadro 17.

QUADRO 17 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 10

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	<p>“Muito, foi uma coisa engraçada, eu dizia o Doutorado na USP era o Doutorado grátis mais caro do país que eu conhecia, eu falava isso quando eu estava fazendo, porque eu já dava consultoria, e dava mais aulas; ao entrar pro Doutorado, não que eles exigissem lá, mas pela própria necessidade do que fazer, eu tive que reduzir sensivelmente as aulas, reduzir consultoria, e ficar um pouco mais aqui, em São Paulo só na base do trabalho mesmo, de pesquisas e tudo isso, só que de repente começou a nascer a consultoria e aí o meu valor de consultoria mudou, não era mais o valor que eu dava antes, eu recebia valores a mais do que eu recebia antes; o início do Doutorado foi início de abrir mão de remunerações, mas depois, eu diria, da metade do Doutorado pra frente melhorou”.</p>
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	<p>“Nossa, Amanda, se eu contar pra você... o meu doutorado foi com a ajuda de Deus mesmo, porque eu tinha mil e uma coisas pra fazer. Eu era o coordenador do curso, porque quando eu ingressei no doutorado, me chamaram para ser coordenador da graduação. Eu era coordenador dessa pós-graduação, que eu sou até hoje, minha esposa estava grávida, eu estava construindo a minha casa... foi assim, uma loucura. Eu tive que coordenar muito bem o meu tempo para conseguir fazer. E eu era sócio de um escritório, hoje eu sou autônomo. Como eu era sócio, meus sócios não queriam nem saber, eu tinha que trabalhar, não é verdade? Hoje eu penso que eu poderia ter aproveitado muito mais o meu doutorado se eu tivesse abdicado de algumas coisas. Então, eu queria ter feito disciplina, que na hora eu não peguei porque eu sabia que não ia dar conta, eu tinha medo de reprovar e me queimar de alguma forma. Então assim, se você pegar o meu histórico escolar, eu fui bem. Das seis disciplinas que eu fiz, só duas eu tirei B, quatro eu tirei A, o que eu fiz, eu fiz bem feito. Mas eu fiz o mínimo, eram seis disciplinas, eu fiz seis disciplinas. Tinha que publicar não sei quantos artigos, eu publiquei exatamente a quantidade de artigos, entendeu? Eu fiz o que precisava fazer para terminar. Eu não consegui me dedicar um pouco além para ter, talvez, um conhecimento um pouco maior, se é que você me entende, em função dos inúmeros compromissos que eu tinha.”</p>
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	<p>“Não, aí já foi diferente. Assim, eu tive dispensa para poder fazer o doutorado. Lá na Universidade eu cheguei o primeiro semestre sem estar dispensado, depois eu tive dois anos de dedicação...” “saí da rotina da universidade para me dedicar tão somente ao doutorado. Nesse caso eu não posso falar de abdicação de rendimentos porque, naquele momento, eu não estava fazendo qualquer tipo de outra atividade que não da universidade. Evidentemente, teve uma série de motivos que não vêm ao caso, mas eu não posso falar de abdicação de rendimentos nem de tempo, que foram totalmente dedicados ao doutorado. Neste momento não, pela primeira vez na vida, me pagaram para estudar.”</p>
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	<p>“Acho que foi isso, que quando você ingressa num doutorado, principalmente num programa de doutorado, vamos dizer, como o da USP pela filosofia ali apresentada, o profissional tem que estar ciente de que terá que abrir mão de outras coisas, se eu tivesse me dedicado somente ao doutorado, eu sei que teria muitas oportunidades, teria muitas condições que infelizmente eu não consegui ter no programa de doutorado da USP. Ali eu tinha portas para fazer pesquisas no exterior, fazer doutorado sanduíche, as portas são muitas as portas que um programa de doutorado como esse abre, só que para você entrar nessas portas você tem que fechar outras e no meu caso eu não poderia fechar essas portas, por exemplo pelo menos eu fiz a escolha assim, abrir mão da minha casa, continuei morando em Sorocaba, não abri mão de algumas atividades profissionais que eu tinha, institucionais inclusive, acabei me arrependendo porque por exemplo lá na UNISO ela acabou mudando a filosofia todo mundo que era titulado mandou embora, então foi bem assim que aconteceu, mas não me arrependi, talvez eu entrei lá e ter largado já as aulas da UNISO, me dedicado mais ao doutorado, não teria passado o que passei lá na UNISO e de alguma forma queria até ter conseguido talvez mais algumas coisas no doutorado que eu acabei não conseguindo.”</p>

Fonte: Da autora.

Os entrevistados afirmaram que diferente do mestrado, no doutorado tiveram que abrir mão de rendimentos e atividades que desenvolviam para se dedicar exclusivamente ao curso. Somente o Prof. Rodrigo teve licença remunerada das atividades que desenvolvia na própria universidade que cursou o doutorado.

A questão 11 procurou identificar como os entrevistados trataram na produção acadêmica durante o doutorado e foi formulada da seguinte maneira: **“Como você tratou a produção acadêmica no Doutorado?”** e estão sintetizadas no Quadro 18.

QUADRO 18 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 11

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Se eu não estou enganado, no Doutorado eu acabei produzindo bem mais que no Mestrado, até porque o período é mais longo né, produzir mais e houve a possibilidade de produção e muita coisa que era fruto de trabalho de consultorias junto com professores de lá, então teve isso também”.
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Vou falar a você, não foi muito. Eu publique dois artigos, nos praticamente quatro anos que fiquei lá, três anos e meio, porque eu não tinha tempo. Os dois artigos que eu publiquei foi em função da disciplina, eu tinha que escrever a tese, eu tinha um contato muito limitado com o orientador no doutorado. Então, minha preocupação era muito mais escrever a minha tese do que ficar produzindo artigos, em função do meu escasso tempo.”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Aí sim foi diferente. Você tem uma noção mais abrangente do que é a sua participação no programa, a sua participação como ex-aluno de outro programa. Então, naquele momento, a gente tem uma percepção mais madura em relação à produção acadêmica, aí não parei de produzir. Em 2006 a gente saiu daqui e já em 2006 eu comecei a ter uma produção acadêmica contínua. Então, chegar ao doutorado só veio ratificar esse percurso de dedicação à produção acadêmica, o que não parou. Mas já com essa visão mais madura do que é produção acadêmica, diferentemente do mestrado.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“Principalmente o senso crítico no período do doutorado, oportunidade que eu também tive nas aulas, dos vários professores que tive no doutorado, eu acabei desenvolvendo muito isso, ou seja, ter uma produção clara, no doutorado você é obrigado a ter mais produção mais do que foi no mestrado. No mestrado a produção era um <i>plus</i> e no doutorado a produção é uma condição, então muda muito em relação a isso, no doutorado tinha aquela condição de que já que estava mais dedicado, consequentemente tinha que ter mais produto das disciplinas, produtos de pré-tese, ou seja, de trabalhos já envolvidos com os assuntos da tese em si, da pesquisa em si, então você já não é mais incentivo, eu acho que o que muda num doutorado, num mestrado é que o artigo é que se no mestrado um artigo é, vamos dizer, é uma coisa boa, no doutorado é uma necessidade básica. Você tem que ter a produção, senão você está ali só para passar o tempo.”

Fonte: Da autora.

Os entrevistados afirmaram que no doutorado houve aumento na produção acadêmica, diferente do que acontece no mestrado, a justificativa dada por eles é que cursar o mestrado trouxe amadurecimento pessoal e o desenvolvimento de competências para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica (CUNHA, J. V. A., 2007).

A questão 12 procurou identificar como os entrevistados reconhecem o título de doutor das diversas esferas de sua vida e foi formulada da seguinte maneira: **“O que o título de Doutor trouxe de mais significativo no aspecto profissional, acadêmico e social?”** e estão sintetizadas no Quadro 19.

QUADRO 19 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 12

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Bom, em termos de consultoria mudou muito completamente o nível de relacionamento com clientes no aspecto de eles acabam dando muito valor, porém como um amigo meu diz, nós vamos feder igualzinho os outros quando morrer; Doutor fede igualzinho - mas o próprio cliente te recebe de forma diferente, então melhorou os valores de consultoria, o tipo de clientela, e sem contar na possibilidade de trabalhar no Mestrado que é uma oportunidade muito boa”.
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Sinceramente, eu acho que isso não pesou, se eu fosse mestre eles aceitariam da mesma forma. Aqui na instituição, na graduação, também não mudou muita coisa, porque eu já estava consolidado. Então, não senti que de alguma forma isso pôde contribuir para o meu crescimento acadêmico. Acho que um pequeno incremento na aula de pós-graduação. Eu participei de um processo seletivo só para ver como é que era, pra UNICAMP, professor de contabilidade e eu fui bem, fiquei em terceiro lugar, só tinha uma vaga, não consegui entrar, mas achei que fui bem e graças a meu título de doutor eu tive a oportunidade de fazer. Fui aprovado nesse concurso, nesse caso, se quiserem me chamar, eu estou aprovado. Profissionalmente, em termos de consultoria, isso é algo relevante. Em muitas ocasiões isso foi algo relevante para pensar e fechar algum contrato ou não. É óbvio, voltando um pouco pro acadêmico, que quando você vai ministrar uma aula em uma pós e você é doutor, isso impõe um pouco mais de respeito com os alunos. Profissional, como eu disse, em consultoria e pessoal, acho que é a mesma afirmação que eu fiz para o mestrado: não que eu faça as coisas na minha vida buscando prestígio, eu não tenho esse anseio, sempre prego a simplicidade, humildade, invariavelmente isso acaba acontecendo – até pela quantidade de doutores que tem no país, isso traz um pouco de prestígio.”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Em termos profissionais, a minha inserção na universidade ela é fundamental, porque, a estrutura da universidade, se você não tem um título de doutor, basicamente você não consegue nada – em todos os aspectos. Em contrapartida, ao ter o título, você consegue muitas outras coisas, o que é mais trabalho. Mas assim, você está em um programa de pós... em uma universidade pública. Acho que o grande atrativo é você se dedicar a pesquisa, se não for assim... Não tem razão de ser, não é? E aí, conseqüentemente, você participa de processos concorrenciais de editais, de fomento à pesquisa, tem maior visibilidade em termos de inserção acadêmica para a sua pesquisa. Lá dentro da universidade, o maior ganho é esse: você estar no programa. Em termos sociais, eu acho que acaba se confundindo um pouco – você acaba contribuindo de outra maneira. Ao se dedicar, não somente na graduação, mas você ter também uma dedicação também na pós-graduação, isso traz uma inserção bem relevante, porque você passa a ter um contato com os alunos, tanto de <i>stricto</i> quanto de graduação. Como eu já falei, acadêmico e profissional se confundem, por estar na universidade. Então, acho que essa inserção na pós é o principal fator de você fazer um doutorado, ao estar na posição que eu estava naquele momento.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“No meu doutorado não mudou nada em relação ao mestrado, infelizmente na verdade, o meu sentimento com relação da titulação em si, mas porque para mim, o que tenho feito ultimamente não tem sido estar em relação e sim estar em relação ao doutorado, ou seja, o que eu tenho feito hoje profissionalmente, não está muito condicionado ao título de doutor da USP, está muito mais condicionados aos contatos que a gente construiu, está muito mais relacionado a experiência nas atividades em que a gente faz, por quê? Porque por exemplo, acabei no meu caso

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
	<p>pessoal, acabei passando por isso, a institucionalmente na universidade em que eu estava, que de certa forma eu investi muito no doutorado, para construir universidade em Sorocaba, acabou que pegou todos os titulados que não tivesse um determinado grupo e mandaram embora, ou seja, para questão de redução de custos, então infelizmente o ensino superior no Brasil hoje, não valoriza mais título de doutor, porque doutor como tem que pagar mais do que o mestre ou que o especialista, então o doutor ele só é chamado no último caso, só para computar o ponto de vista estatístico, então o ensino em si o doutorado acabou me ajudando mais em relação a ensino, foi o contato também, ou seja, foi ter aula com os professores, talvez entraria um aspecto interessante, porque não eu teria isso de não tivesse feito doutorado, se eu tivesse feito uma graduação na USP, por exemplo, talvez eu teria a mesma condição de contato, com professores como Professor Martins, Professor Frezatti, professores de renome, mas para mim que não tive essa oportunidade na graduação, não tive essa oportunidade no mestrado, o doutorado foi para ter contato com esses outros professores, que me ajudaram também, a me formar profissionalmente e a formar a minha, ajudar a me formar enquanto pessoa, é isso que o meu orientador, principalmente o meu Professor Wellington, na USP, foi um caso ímpar, o Professor Gil me colocou nesse mundo e o Professor Wellington me mostrou o que é esse mundo de forma muito mais clara, do ponto de vista do que é o cientista, de como tem que se trabalhado a ciência na nossa área contábil, então o doutorado foi mais isso, foi o contato, foi a estrutura, as aulas, os contatos com os colegas também, mas que no meu caso menos, do que maioria dos estudantes de doutorado, porque a maioria dos estudantes de doutorado eles ficam dedicados ao projeto, ficam dedicados ao programa, estão lá todos os dias na fê, eu não tive isso, eu só ia lá quando tinha aula, eu ia só por conta de ter atividades por residir fora de São Paulo, para mim foi isso, a minha sensação hoje é que o título de doutorado, não mudou tanto o que eu já tinha obtido em relação ao título de mestrado da FECAP, o que foi mais para mim um doutorado, foi esse aprimoramento do que eu desenvolvi no mestrado e o contato também e o processo de aprendizado com os professores, principalmente os professores da FEA que juntos com os da FECAP são os melhores, então para falar assim, para provocar.”</p>

Fonte: Da autora.

Os entrevistados que estão vinculados à pós-graduação *stricto sensu*, Profs. Mauro e Rodrigo têm uma percepção mais positiva sobre o título de Doutor, uma vez que estão executando a atividade referente à sua formação. Um ponto que chama a atenção, é que o campo de atuação dos doutores em Ciências Contábeis é limitado, não existem muitas oportunidades para que o Doutor exerça a atividade de pesquisa em programas de Pós-Graduação, e nem sempre são absorvidos pelos cursos de graduação, uma vez que a contratação de doutores tem um custo mais elevado do que a de mestres.

Para os demais, o ganho está no aprendizado e no contato com os professores referência na área. Os que atuam com consultoria afirmam que o título de doutor agrega valor para a atividade que eles realizam, ainda que reconheçam que somente o título de mestre já possibilitaria o acesso a estas oportunidades (CUNHA, J. V. A., 2007).

A questão 13 procurou identificar as atividades acadêmicas e profissionais realizadas pelos entrevistados atualmente e foi formulada da seguinte maneira: “**Quais atividades acadêmicas e profissionais você realiza atualmente?**” e estão sintetizadas no Quadro 20.

QUADRO 20 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 13

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Eu trabalho com consultoria em gestão tributária, trabalho como sócio dessa empresa, é uma mesma empresa, hoje ela é uma incorporadora mobiliária, fazendo incorporações de imóveis, além disso trabalho com aulas no <i>Lato sensu</i> e no Mestrado, além o tempo que a gente se dedica hoje em escrever livros ou escrever artigos, coisas desse tipo”.
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Como eu disse, eu sou coordenador da graduação do curso de Ciências Contábeis aqui da Instituição Toledo de Ensino. Também sou professor, eu dou graduação na disciplina de contabilidade tributária e controladoria. Oriento estágio com Ciências Contábeis e oriento o TCC de Ciências Contábeis. Na pós-graduação <i>lato sensu</i> eu sou o coordenador MBA de gestão tributária da Instituição Toledo de Ensino, também ministro aula no MBA e dou aula em pós-graduação no MBA de tributário do INPG, que é o Instituto Nacional de Pós-Graduação, no IPOG, que é o Instituto de Pós-Graduação – esses dois tem um caráter nacional, viajo vários estados. Na FIPECAFI eu também dou aula em uma disciplina MBA de gestão tributária deles, Gestão Tributária da Cadeia Produtiva. Tenho um escritório aqui em Bauru onde sou autônomo, desenvolvo projetos de gestão tributária para clientes aqui do interior de São Paulo. Sou sócio do Cláudio Parisi, Elionor, Paschoal... Somos em sete pessoas do (IGEF), que é uma empresa aí de São Paulo onde eu desenvolvo consultoria também.”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Hoje, na verdade, por estar como coordenador do programa de pós, eu quase não consigo fazer nada fora da academia. Então, atividades extra-academia são praticamente nulas. Hoje, a atividade de coordenação consome todo o tempo que você tem e mais um pouco. Prejudica, inclusive, sua rotina de produção acadêmica, grupo de pesquisa que estava começando a ter uma solidificação, ele dá uma estagnada, porque você acaba não tendo tanto tempo para se dedicar a ele.” “Você vira um burocrata. Especialmente o momento que a gente está passando lá, que é o desmembramento do programa, então, esse ano a gente está acertando de ter um programa próprio na universidade, e depois a gente vai ficar com dois programas, andando de forma paralela. Então, talvez fosse o pior cenário para ser coordenador naquele momento. Hoje é basicamente isso. Até então eu estava atuando na atividade pericial – que é uma atividade muito bacana, dá essa liga muito legal em termos de contribuição acadêmica, para o judiciário. E o judiciário tem essa visão da contribuição da academia para as decisões, no caso, do juiz, mas hoje, temporariamente, não estou atuando mais. Basicamente, hoje, estou exclusivamente, integralmente, na universidade.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“Hoje eu tenho me dedicado a atividades que eu já vinha me dedicando antes do doutorado, na verdade hoje para mim é que o doutorado, não mudou tanto a minha vida [...]eu precisei abrir mão das atividades de graduação, por exemplo, que eu sempre me dediquei, ou seja, foi a construção, eu abri mão da graduação, por que eu abri mão da graduação? Porque hoje a graduação, como eu ainda não tive a oportunidade de participar de um processo de seleção de uma universidade pública, nesses últimos dois anos não surgiram tantos concursos, porque é isso que para um professor, um doutorado, um estudante, um formado em contabilidade, ele precisa, porque para você usar o título em si, o título ele acaba sendo uma condição para o ingresso por exemplo, para uma universidade federal, uma universidade pública. Então sem estar em uma universidade pública o doutorado então você entra em uma universidade privada, [...] elas não estão chamando os doutores, por conta de ter essa remuneração diferenciada, que por mais que você seja o melhor professor [...] estou me dedicando ao curso de pós-graduação e cursos profissionais, que na verdade o que mais eu tenho feito são palestras, inclusive até por aqui, pela casa (FECAP), pelo CRC, SECON, cursos, além das consultorias nas empresas”.

Fonte: Da autora.

O Prof. Mauro continua trabalhando com consultoria em gestão tributária, tem essa empresa desde antes do mestrado, que agora é uma incorporadora imobiliária, fazendo incorporações de imóveis, atua como docente em cursos *Lato sensu* e no Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP. Afirma também que dedica parte do seu tempo para a pesquisa, na produção de artigos e livros relacionados com a área tributária.

O Prof. Otávio é coordenador da graduação do curso de Ciências Contábeis da Instituição Toledo de Ensino e professor das disciplinas contabilidade tributária e controladoria. Orientador de estágios e TCC de Ciências Contábeis. Na pós-graduação *lato sensu* coordena o MBA de gestão tributária da Instituição Toledo de Ensino, também ministra aulas no MBA e no MBA de tributário do INPG - Instituto Nacional de Pós-Graduação, no IPOG - Instituto de Pós-Graduação. Tem um escritório em Bauru, onde desenvolve projetos de gestão tributária para clientes do interior de São Paulo. É sócio em uma empresa com sete sócios, chamada IGEF, que é uma empresa de São Paulo onde desenvolve consultoria também.

O Prof. Rodrigo é coordenador do Mestrado em Ciências Contábeis da UNB, por esta razão, afirma que as atividades extra-academia são praticamente nulas, o que prejudica, inclusive, “sua rotina de produção acadêmica, grupo de pesquisa que estava começando a ter uma solidificação, ele dá uma estagnada, porque você acaba não tendo tanto tempo para se dedicar a ele”.

O Prof. Tiago tem se dedicado à cursos de pós-graduação e cursos profissionais, tem proferido muitas palestras, para órgãos como CRC, SESCON. Além de consultorias nas empresas. Afirma que seu interesse é ingressar em um programa de pós-graduação, porém, não visualiza muitas oportunidades para exercer sua carreira docente.

A questão 14 procurou identificar se os entrevistados reconhecem que a formação acadêmica propiciou mais acesso as oportunidades na carreira e melhores rendimentos e foi formulada da seguinte maneira: **“Você atribui à sua formação acadêmica mais acesso as oportunidades na carreira e melhores rendimentos?”** e estão sintetizadas no Quadro 21.

QUADRO 21 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 14

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	“Sim, eu não tenho dúvidas e isso não é pra jogar confete não, mas eu não posso nunca esquecer da FECAP, por que, o que aconteceu? Eu sou daqueles que jamais pensei que ia ter chance em fazer uma faculdade, eu escolhi o Técnico, porque terminando o técnico eu já teria uma profissão, eu já trabalhava e pra fazer o técnico tinha que pagar, porque meus pais não tinham condições; então quando eu escolhi o técnico em contabilidade, que eu fiz na FECAP, eu nunca pensei em fazer uma faculdade; o técnico possibilitou que eu fizesse uma faculdade, foi feito na FECAP; imagina se algum dia eu pensei em Mestrado ou Doutorado. Eu tive professores aqui que eram Doutores em Contabilidade quando eu estava no técnico, nunca falaram que eram Doutor. Não sei se você já ouviu falar dele, Edmundo Eboli Bonini, que era Doutor em contabilidade ele nunca falou. E daí eu fui descobrir no livro da (Nanci) que ele era Doutor em Contabilidade, vendo uma relação que ela publicou. Então eu nunca pensei nisso, foi muito depois, quase já pra aposentar que eu fui fazer Mestrado e depois Doutorado, mas mudou muito e tudo isso foi em cima da FECAP, então pra mim eu não me arrependo de nada, do estudo e de nada disso”.
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	“Sem dúvida nenhuma”
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	“Sem dúvida. Nesse sentido, sim. Eu diria que, se eu estivesse em outros locais, eu talvez tivesse outras oportunidades. Mas esta trajetória que eu tive, confunde, inevitavelmente, a vida profissional e pessoal. Sem dúvida alguma, ela que abre as portas e que vem abrindo as portas até hoje.”
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	“Sim, não há dúvida que a condição, realmente, que justamente, que no meu caso o que acontece, eu lido com o meu profissionalmente hoje os cursos, os treinamentos, as palestras, são problemas muito práticos, problemas que muitas empresas de consultoria vendem sistemas, muitas empresas de consultoria vendem soluções de projeto, de avaliação, então esses assuntos contábeis de hoje [...]financeiramente hoje, o mercado que o Brasil, ainda está aquecido, as empresas ainda estão, o mercado ele carente por bons profissionais, por profissionais que tenham tanto conhecimento técnico, essa visão de lapidar os problemas, de apresentar soluções para os problemas que de alguma forma o mestrado, que o doutorado ajudam a parte científica de um programa de pós-graduação ajuda nisso, então as empresas estão carentes por esse tipo de coisa, só que é aquela história, a partir do momento que você vai para a empresa, você vai ser bem remunerado, você vai ter conhecimento, mas num grupo muito restrito do diretor da empresa, subordinar os funcionários e só, ou seja, e acionistas, tudo bem, é um grupo muito mais restrito hoje no que a atividade que a gente faz.”

Fonte: Da autora.

Todos os entrevistados reconhecem que a progressão na formação acadêmica contribuiu de maneira positiva para obterem oportunidades na carreira e melhores rendimentos, corroborando com os pressupostos da Teoria do Capital Humano.

A questão 15 procurou identificar como os entrevistados avaliam o seu papel como pesquisador e foi formulada da seguinte maneira: “**Como você avalia os reflexos da sua formação na sociedade: Qual o seu papel como pesquisador?**” e estão sintetizadas no Quadro 22.

QUADRO 22 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 15

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Mauro Gallo	<p>“Eu acho que como eu pesquiso numa área específica, que é tributos, eu acho que isso tem muita contribuição a passar, lógico que as mudanças não são fáceis, porque com tributo eu entendo que muita coisa tem que ser mudada na legislação, mas a gente sabe que essas coisas não mudam facilmente, então o que a gente tem trabalhado muito, nisso que eu acho que é uma contribuição grande para a sociedade, junto às empresas nessa consultoria de gestão é como pagar menos de maneira legal [...] Por exemplo, dois casos recentes agora, que fechou no ano ai, fechar dois casos, um dos casos, uma empresa que fatura em média 3 milhões e meio no ano, ela economizou quase 100 mil reais de tributos no ano; uma outra empresa eu fatura na faixa de 85 milhões, economizou 2 milhões e meio de tributos. Isso a gente tem feito em várias empresas, quer dizer é uma colaboração para a sociedade pelo lado de orientação nas empresas de como gerir melhor várias situações do tributo, mas além disso eu acho que teria muitas situações onde poderia ajudar a melhoria na mudança da legislação tributária, só que isso tem mais resistência, a gente conseguiu alguma coisa no IPI de cigarro, mas realmente até hoje é o único fruto que deu assim real, pode dizer, os outros a gente segue batendo, falando, mas pra ter mudança é difícil”</p>
Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello	<p>“Eu entendo que a minha maior colaboração para a sociedade como pesquisador, não só a preocupação na hora em que vou produzir, mas orientar alguém, dar uma sugestão para alguém produzir um artigo, é sempre pensando nisso. Porque, a maior crítica que eu faço, conheço vários outros colegas que fazem também, é que a academia no Brasil é muito solitária, ela produz para ela mesma e não para a sociedade. Então, eu sempre tento. Como a área tributária tem tudo a ver com a sociedade, eu tento sempre fazer esse link. Muitos estudos que eu já fiz eu mando para jornais em circulação ser eles veiculam, para mostrar que aquilo tem alguma contribuição.”</p>
Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves	<p>“Essa é uma tarefa muito difícil: conseguir com que nossas pesquisas tenham aderência na sociedade [...] De forma concreta, coincidentemente hoje, assim, foi publicada no Diário Oficial do estado de Goiás uma regulamentação que advém de uma pesquisa nossa. Então, o papel que a gente exerce, sem dúvida alguma, a gente faz um esforço para que seja útil para a sociedade. Não é tão simples, está é a realidade. Na vertente que eu venho pesquisando, como uma das vertentes cai na área pública, esta acaba tendo uma maior aderência. Ai sim a gente vê alguns resultados um pouco mais concretos em termos do que a gente pesquisa e do nosso papel como pesquisador para a sociedade. Quando a gente cai na vertente privada, quer dizer, das empresas de capital aberto, essa contribuição, na verdade, acaba sendo quase que nula. Por mais que você entenda que exista uma contribuição, existe contribuição sem aderência – e sem aderência ela é nula. Então, é uma dualidade o que a gente vive enquanto pesquisador, de forma concreta, a gente pode ver: de um lado existe e do outro lado, apesar de ter um potencial para ter e acaba não tendo.” “Ou a gente não é suficiente para fazer valer essa aderência. Eu acho que a gente tem de admitir nossas falhas enquanto formação... de vender a pesquisa como algo útil. [...] Ou a gente não sabe, ou é mais cômodo não tentar fazer também. A gente vive uma série de outras coisas – a gente pode estar mais preocupado, por exemplo, em ter mais publicações do que fazer esta publicação ter uma aderência na sociedade. Então, é por isso que é uma das variáveis que estão sendo cobradas no programa – que a gente ter uma aderência junto à sociedade. Então, enquanto pesquisador, por mais que você se satisfaça, do ponto de vista acadêmico, isso não é suficiente. Eu acho que tem muito pra gente fazer em termos de aderência do que a gente faz para a sociedade, para virar realmente alguma coisa que preste. Mas, como pesquisador, pegando a minha curta trajetória, de 2006 para cá, temos aí alguns anos, e com o resultado que a gente teve recentemente, a gente já fez alguma coisa que serviu para alguém”</p>

continua

conclusão

Entrevistados	Respostas
Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov	<p>“É a questão de perceber os problemas e estruturar esses problemas de forma a encontrar respostas, ou seja a própria estrutura científica também do problema, do objetivo, do desenvolvimento de chegar na conclusão, é a base das diversas situações do dia a dia das empresas das situações mais simples às mais complicadas [...] do ponto de vista de aspecto social, eu estou convicto do que o que eu faço nesses cursos, nas palestras estão muito relacionados com aquilo que desenvolvi no mestrado, eu não teria essa mesma condição se tivesse feito um curso de MBA, por exemplo ou outro tipo de curso de pós-graduação, graduação que eu não tive isso na graduação, porque lá você não tem a preocupação metodológica, essa preocupação do conhecimento, do que você está falando, se aquilo que você está falando é (falseável), do que você está falando não é uma falácia, se tudo o que você está falando e algo que não tem base, não têm referências, então tudo isso a gente lê toda hora, está lendo textos, está vendo consultores apresentarem ideias, soluções e os diretores e os gerentes estão fazendo isso, toda hora, em todo lugar, a todo momento acontece isso na nossa área empresarial. Só que a gente sai desse grupo, ou seja, a gente faz as coisas, prepara, oferece soluções, prepara textos, prepara apresentações sempre com esse cuidado em relação ao que você está apresentando. Eu acho que isso é a grande contribuição e a grande contribuição que eu recebi no mestrado é o que eu continuo devolvendo para a sociedade de uma forma geral”.</p>

Fonte: Da autora.

Os entrevistados reconhecem o seu papel como pesquisador e a importância da produção científica para a sociedade, porém, afirmaram que a sociedade não reconhece este papel, ou seja, na opinião deles ainda existe pouca aderência do mercado para aquilo que é produzido na academia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria do Capital Humano preconiza que uma maior escolaridade leva a um aumento no nível de renda, melhor qualidade de vida e maiores oportunidades profissionais e sociais (MORAES, 2009).

Com base neste pressuposto, esta pesquisa teve como objetivo analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria do Capital Humano. Para tanto foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) traçar um perfil profissiográfico dos egressos do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP; b) identificar as motivações que levaram o egresso a fazer o curso; c) identificar os fatores discutidos pela Teoria do Capital Humano (CUNHA, 2007) que foram influenciados pelo título; d) analisar a contribuição acadêmica dos egressos por meio da sua produção científica; e e) analisar a trajetória profissional, acadêmica e social dos egressos doutores em Ciências Contábeis.

A pesquisa apontou que os mestres em Ciências Contábeis da FECAP são majoritariamente do gênero masculino, com idade média 47 anos, casados, com filhos, residentes da cidade de São Paulo e com formação em Ciências Contábeis. A principal atividade remunerada oscila entre mercado e academia, a maioria está empregada no setor privado e tem remuneração acima dos R\$ 9.000,00.

Apenas metade da amostra (52,8%) afirmou que a docência faz parte da sua principal atividade remunerada atualmente, este número é baixo uma vez que um dos objetivos da pós-graduação é a formação de professores para o exercício da docência. Apesar disso, ao considerar a mudança das atividades nos dois momentos do curso, a pesquisa demonstrou que ao ingressarem no mestrado a maioria atuava exclusivamente no mercado, e após a conclusão houve uma migração do mercado para a academia, os egressos passaram a atuar na academia de maneira exclusiva ou concomitante a atividade desenvolvida no mercado.

Os dados da pesquisa demonstraram que os mestres da FECAP ingressam e concluem o Mestrado tardiamente, se comparado com a média nacional dos egressos em Ciências Contábeis e de outras áreas de conhecimento. Em média, os egressos FECAP ingressaram com de 38,5 anos e concluem seus cursos com 40,6 anos.

A maioria dos egressos, 109 (75,2%), excluindo os que são doutores ou doutorandos, afirmaram ter interesse em ingressar no Doutorado, pretendendo fazer isso em até dois anos.

Apesar disso, a pesquisa verificou que apenas dez egressos são doutores, sendo que cinco são doutores em Ciências Contábeis. Este dado deve ser considerado como um alerta, e até algo que deve ser investigado, pois apesar do interesse da maioria em ingressar no Doutorado, poucos concluem o mestrado. Um dos pontos pode ser o número reduzido de cursos em Ciências Contábeis, o que muitas vezes desmotiva os indivíduos que não querem ir para outra área de conhecimento.

Uma constatação importante, e que comprova um dos pressupostos da Teoria do Capital Humano, diz respeito à remuneração. Notou-se que após a conclusão do curso houve uma migração de faixa salarial, sendo que no ingresso a maioria recebia abaixo de R\$ 6.000,00 e atualmente recebem acima de R\$ 6.000,00. Verificou-se que esta melhor remuneração acontece tanto para o gênero masculino quanto para o feminino, porém, os homens recebem as remunerações mais altas. Ao considerar a principal atividade remunerada os dados apontaram que o mercado remunera melhor que a academia.

Ao considerar os fatores motivadores para a escolha do Mestrado, verificou-se que a maioria escolheu o mestrado visando ampliar as possibilidades de trabalho, para obter realização e satisfação pessoal e para ingressarem e/ou ascenderem na carreira docente, estes achados corroboram com o que é preconizado pela Teoria do Capital Humano. Além disso, reforçam que os mestres tem a percepção do papel exercido pela pós-graduação, ainda que na prática não exerçam a atividade docente em sua maioria, como apontado nesta pesquisa. Não foram notadas diferenças significativas ao segregar por gênero.

Os fatores percebidos pelos mestres da FECAP como mais influenciados pelo título de mestre (CUNHA, J. V. A., 2007), organizados pela média, foram: espírito acadêmico, diferenciação profissional, competências analíticas, empregabilidade, oportunidades na carreira, respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional, habilidade cognitivas, amadurecimento pessoal, autonomia profissional, mobilidade profissional, prestígio, produtividade, produção acadêmica, remuneração, responsabilidade social, estabilidade profissional, estilo de vida, *status* e promoção social.

Ao realizar a análise fatorial foram obtidos três fatores, considerando apenas dez variáveis: Fator 1 - nominado Satisfação pessoal, agrupou três variáveis: Prestígio, Promoção Social e *Status*; Fator 2 - nominado Empregabilidade e Remuneração, agrupou quatro variáveis: Autonomia profissional, Empregabilidade, Estabilidade profissional Remuneração e Oportunidades na carreira; e Fator 3 - nominado Destaque profissional, agrupou quatro

variáveis: Diferenciação profissional, Mobilidade profissional, e Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional.

A contribuição acadêmica dos mestres da FECAP se concentra nas atividades de orientação e participações em bancas examinadoras. Os dados chamaram a atenção para a questão da publicação de trabalhos em eventos e em periódicos, apesar de ter tido uma melhora quantitativa e qualitativa ao considerar os momentos antes e depois do ingresso no Mestrado, ao comparar com outros programas a produção do Mestrado em Ciências Contábeis é inferior.

Ao analisar a trajetória profissional, acadêmica e social dos egressos doutores em Ciências Contábeis, constatou-se que os entrevistados reconhecem o seu papel como pesquisador e a importância da produção científica para a sociedade, porém, afirmaram que a sociedade não reconhece este papel, ou seja, na opinião deles ainda existe pouca aderência do mercado para aquilo que é produzido na academia.

De um modo geral, os egressos doutores tem perfil semelhante, todos são de cidade do interior de São Paulo, e em algum momento do curso, migraram para trabalhar em outras cidades e até outras regiões, fato que foi considerado por Schultz (1960), que considerava o processo de migração na realização dos estudos, ou seja, indivíduos e famílias se ajustavam às oportunidades de emprego. A atuação em nível de pós-graduação *stricto sensu* está presente para dois entrevistados, os outros dois afirmaram que é difícil a inserção em programas de pós-graduação. Este dado reforça ainda mais a necessidade de crescimento da pós-graduação em Ciências Contábeis, para que novos programas possam absorver novos doutores. Todos reconhecem que há um aumento de oportunidade de trabalho e melhores rendimentos após a aquisição de educação. A maioria afirmou que foi apenas durante o Doutorado que houve uma maior abdicção de rendimentos, porém, não de maneira integral. Apenas o Prof. Rodrigo afirmou que “recebeu para estudar“ no Doutorado. Constatou-se que os egressos doutores percebem o mestrado como fator decisivo para o desenvolvimento da carreira, e que o ganho no doutorado é menor.

Diante do exposto, é possível considerar que o título influenciou positivamente os egressos da FECAP considerando os fatores preconizados pela Teoria do Capital Humano, porém, ainda se faz necessário melhorar a formação docente, para aumentar a participação dos egressos em instituições de ensino superior e o papel de pesquisador, para o aumento da produção científica do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP.

Uma sugestão seria a melhoria do processo de seleção, já proposto por Moraes (2009), porém, tal sugestão é ponto de discussão, uma vez que ao considerar que o processo seletivo de programas particulares atrai muitos profissionais de mercado e que nem sempre tem o perfil acadêmico.

Sugere-se, portanto, que ocorra uma melhoria no processo de formação dos mestres, com a criação de atividades e/ou disciplinas que desenvolvam ainda mais a atividade docente e a produção de artigos científicos. Além disso, a proposta de continuidade da pesquisa, explorando a fator “espírito acadêmico” sob a percepção dos mestres.

Por fim, vale ressaltar que a proposta deste trabalho foi analisar os mestres de uma instituição de ensino e a influência da titulação nos diversos aspectos de sua vida, desta forma, vale ponderar que este é apenas um recorte da realidade em questão, e que não são consideradas como respostas definitivas ao problema analisado. Desta forma, recomenda-se para a continuidade de estudos relacionados à contribuição do título de mestre, uma análise das grades dos programas de mestrado e doutorado, para que seja possível verificar se os pós-graduandos estão recebendo a formação necessária para aquilo que se espera deles.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. C. Um legado do século XX para a política educacional do século XXI: a teoria do capital humano. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 40, p. 126-144, dez. 2010. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/40/art08_40.pdf >. Acesso em: 22 nov. 2011.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS (ANPCONT). **Mestres e doutores formados em contabilidade nos PPGS até 31.12.2013**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <amanda.chirotto@fecap.br> em 24 jun. 2014.
- BALBACHEVSKY, E. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: BROCK, C.; SCHWARTZMAN, S. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 275-304. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/9posgrado.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.
- BAPTISTE, I. Educating lone wolves: pedagogical implications of human capital theory. **Adult Education Quartely**, Washington, v. 51, n. 3, p. 184-201, maio 2001.
- BARROS, R. P.; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. **Pelo fim das décadas perdidas: educação e desenvolvimento sustentável no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.
- BARUCH, Y.; PEIRPERL, M. The impact of an MBA on graduate careers. **Human Resource Management Journal**, Oxford, v. 10, n. 2, p. 69-90, 2000.
- BEIGUELMAN, B. Reflexões sobre a pós-graduação brasileira. In: PALATNIK, M. et al. (Orgs.). **A pós-graduação no Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. p. 33-48.
- BORBA, J. A. et al. Um olhar nos currículos Lattes dos Doutores em Controladoria e Contabilidade formados pela Universidade de São Paulo. In: ENCONTRO DA ANPAD, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. CD-ROM.
- BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 19.851**, de 11 de abril de 1931. Dispõe que, o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica

e administrativa das universidades é instituída no presente decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-norma-pl.html>>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Documento de área 2009**. 2009. Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/publico/documentosDeArea.seam?conversationPropagation=beginl>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Documento de área 2013**. 2013a. Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/publico/documentosDeArea.seam?conversationPropagation=begin>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **História e missão**. 2013b. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Mestrado/Doutorados reconhecidos**. 2014a. Disponível em: <<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarRegiao>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Mestrado/Doutorados reconhecidos**. 2014b. Disponível em: <<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarArea&identificador=27#>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Ofício/CTC/CAPES n. 106/2002**. Brasília, 18 mar. 2002.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Ofício nº 341-04/2006/CAA/CAPES**. Brasília, 19 jun. 2006.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Parecer nº 977/65**, de 3 de dezembro de 1965. Definição dos Cursos de Pós-Graduação. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Parecer_CESU_977_1965.pdf>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Planilha com notas finas da Avaliação Trienal 2013 após recurso**. 2014c. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Planilha-notas-finais-Avaliacao-Trienal-2013-apos-recurso.xls>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Portaria nº 13**, de 22 de fevereiro de 2007. Altera a denominação da área de “Administração e Turismo” para “Administração, Ciências Contábeis e Turismo”. Disponível em: <http://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-13-2007_198994.html>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Proposta do Programa**. 2013c. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao>>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. **Lei nº 5.540**, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-norma-actualizada-pl.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 22 nov. 2011.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Pós-Graduação. **Plano Nacional de Pós-Graduação no Brasil**. Brasília, 1975. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/I_PNPG.pdf>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. Ministério da Educação. Portaria Ministerial nº 927, de 27 de março de 2002b. Credenciamento para Centro Universitário. **Diário Oficial**, Brasília, Seção 1, p. 60, 28 mar. 2002.

_____. Ministério da Educação. Portaria nº 2.530, de 04 de setembro de 2002c. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 173, p. 26, 6 set. 2002. Disponível em:

<<http://www.pr2.ufrj.br/site/public/suporte/de/legislacao/2530-02.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. Ministério da Educação. **Pós-Graduação**. [2013d]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=385&Itemid=316>. Acesso em: 01 abr. 2013.

BRIGGS, V. M. Human resource development and the formulation of national economic policy. **Journal of Economic Issues**, Knoxville, v. 21, n. 3, p. 1207-1240, Sept. 1987.

CACCIAMALI, M. C.; FREITAS, P. S. Do capital humano ao salário-eficiência: uma aplicação para analisar os diferenciais de salários em cinco ramos manufatureiros da Grande São Paulo. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 343-368, ago. 1992.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Doutores 2010**: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira. 2010. Disponível em: <<http://www.cgee.org.br/atividades/redirect/6401>>. Acesso em: 06 maio 2013.

_____. **Mestres 2012**: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira. 2012. Disponível em: <http://www.cgee.org.br/publicacoes/mestres_e_doutores.php>. Acesso em: 06 maio 2013.

CNPq. **Plataforma Lattes**. 2013. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 07 maio 2013.

CUNHA, J. V. A. **Doutores em Ciências Contábeis da FEA/USP**: análise sob a óptica da Teoria do Capital Humano. 2007. 269 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____; CORNACCHIONE JUNIOR, E. B. Contribuições acadêmicas dos doutores em Ciências Contábeis: uma análise dos currículos Lattes. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 8., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FEA/USP, 2008. Disponível em: <<http://www.congressosp.fipecafi.org/web/artigos82008/454.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____; _____. MARTINS, G. A. Fatores que são influenciados pelo título de Doutor: aplicações da técnica *Delphi*. **RIC - Revista de Informação Contábil**, Recife, PE, v. 2, n. 4, p. 38-61, out./dez. 2008.

_____; _____. Doutores em Ciências Contábeis: análise sob a óptica da Teoria do Capital Humano. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 14, n. 3, p. 532-557, maio/jun. 2010.

CUNHA, L. A. C. R. A. A pós-graduação no Brasil: função técnica e função social. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 14, n. 5, p. 66-70, set./out. 1974.

CURI, A. Z. **A relação entre o desempenho escolar e os salários no Brasil**. 2006. 79 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DALLABONA, L. F.; OLIVEIRA, A. F.; RAUSCH, R. B. Avanços pessoais e profissionais adquiridos por meio da titulação de mestre em Ciências Contábeis. **Revista de Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 39-62, abr./jun. 2013.

FERNANDES, R.; NARITA, R. D. T. Instrução superior e mercado de trabalho no Brasil. **Revista de Econometria Aplicada**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 7-32, jan./mar. 2001.

FREZATTI, F.; KASSAI, S. Estudo do impacto de um curso MBA em Controladoria na evolução de seus egressos. **Revista de Contabilidade & Finanças – USP**, São Paulo, ed. comemorativa, p. 54-65, out. 2003.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2000.

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO (FECAP). **Alteração do nome de Mestrado do UniFECAP**. São Paulo, 17 abr. 2006a.

_____. **Ata de reunião do Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica**. São Paulo, 31 jan. 2005a.

_____. **Ata da reunião ordinária do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE**. São Paulo, 02 fev. 2006b.

_____. **Ata da reunião ordinária do Conselho Universitário – CONSUNI**. São Paulo, 02 fev. 2006c.

_____. **Dissertações**. São Paulo, 2014. Disponível em:
<<http://www.fecap.br/portalinstitucional/mestrado/dissertacoes.php>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

_____. **Informações gerais sobre o Mestrado em Administração**. São Paulo, [199-].

_____. **Ofício 118/03**. São Paulo, 10 abr. 2003.

_____. **Pedido para alteração do nome do Mestrado**. São Paulo, 15 dez. 2005b.

_____. **Portaria 04/08**. Designação do coordenador do programa de pós-graduação stricto sensu em Ciências Contábeis do Centro Universitário FECAP. São Paulo, 27 mar. 2008.

_____. **Portaria 010/05**. Designação do coordenador do curso de Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica do Centro Universitário Álvares Penteado. São Paulo, 15 jul. 2005c.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOUVÊA, M. A.; ZWICKER, R. O mestrado profissionalizante e o perfil dos alunos de um mestrado acadêmico: resultados de uma pesquisa empírica. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 99-110, jul./set. 2000.

HAIR JUNIOR, J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HILL, M. M.; HILL, A. **Investigação por questionário**. 2. ed. rev. e corr. Lisboa: Sílabo, 2002.

HINCHLIFFE, J. K. Education and the labour market. In: PSACHAROPOULOS, G. (Org.). **Economics of education: research and studies**. [S.1]: Pergamon Press, 1987. p. 141-146.

HORA, H. R. M.; MONTEIRO, G. T. R.; ARICA, J. Confiabilidade em questionários para a qualidade: um estudo com o coeficiente alfa de Cronbach. **Produto & Produção**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 85-103, jun. 2010.

HUNTER, W.; BROWN, D. S. World Bank directives, domestic interests, and the politics of human capital investment in Latin America. **Comparative Political Studies**, Thousand

Oaks, v. 33, n. 1, p. 113-143, Feb. 2000. Disponível em:
<<http://cps.sagepub.com/content/33/1/113.full.pdf+html>>. Acesso em: 29 mar. 2013.

IUDÍCIBUS, S. **Teoria da contabilidade**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LAM, D.; LEVISON, D. Idade, experiência, escolaridade e diferenciais de renda: Estados Unidos e Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 219-256, ago. 1990.

LANGONI, C. G. **Distribuição da renda e desenvolvimento econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

LOENING, J. L. **Effects of primary, secondary and tertiary education on economic growth**. World Bank Policy Research Working Paper, n. 3610, maio 2005. Disponível em:
<http://www.wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/IW3P/IB/2005/05/12/00011823_20050512131611/Rendered/PDF/wps3610.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2013.

LOUSADA, A. C. Z.; MARTINS, G. A. Egressos como fonte de informação à gestão dos cursos de Ciências Contábeis. **Revista Contabilidade & Finanças – USP**, São Paulo, v. 16, n. 37, p. 73-84, jan./abr. 2005.

MACHADO, M. R. **O resultado econômico-financeiro proporcionado aos profissionais mediante conclusão de cursos de pós-graduação *lato sensu* em Contabilidade, 1988-2001**. 2003. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis)-Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, João Pessoa, 2003.

MARTINS, E.; SILVA, A. F.; RICARDINO FILHO, A. A. Escola Politécnica: possivelmente o primeiro curso formal de Contabilidade do Estado de São Paulo. **Revista Contabilidade e Finanças – USP**, São Paulo, v. 17, n. 42, p. 113-122, set./dez. 2006.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, O. S.; MONTE, P. A. Fatores determinantes da variação salarial dos mestres em Contabilidade. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 49, p. 13-22, set./dez. 2010a.

_____; _____. Mestres em Ciências Contábeis: uma análise sob a ótica da Teoria do Capital Humano. **REPeC - Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 1-22, maio/ago. 2009a.

_____; _____. Motivações, expectativas e influências relacionadas ao título de mestre em Ciências Contábeis pelo Programa UnB/UFPB/UFPE/UFRN. **Contabilidade, Gestão e Governança**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 16-31, jan./abr. 2010b.

_____; _____. Um recorte da produção científica dos egressos de um Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Contabilidade. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, Florianópolis, v. 1, n. 12, p. 127-150, jul./dez. 2009b.

_____; _____. Variáveis que explicam os desempenhos acadêmico e profissional dos mestres em Contabilidade do Programa Multiinstitucional UnB/UFPB/ UFRN. **Revista Universo Contábil**, Blumenau, v. 7, n. 1, p. 68-87, jan./mar. 2011.

_____; VASCONCELOS, A. F.; MONTE, P. A. IES pública X IES privada: uma investigação sobre o mito da influência do tipo de IES na atuação profissional do contador. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 39-64, abr./jun. 2009.

MATOS, B. P. et al. Formação acadêmica e mercado de trabalho: os destinos profissionais de mestres e doutores em Administração. In: VELLOSO, J. (Org.) **A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país**. Brasília: Capes, Ministério da Educação; Unesco, 2002. v. 1. p. 61-100.

MINCER, J. **Human capital and economic growth**. Working paper, 1981. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w0803>>. Acesso em: 07 maio 2013.

MORAES, R. O. **Mestres em Ciências Contábeis sob a óptica da teoria do capital humano**. 2009. 148 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) -Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MORETTI, E. Estimating the social return to higher education: evidence from longitudinal and repeated cross-sectional data. **Journal of Econometrics**, Amsterdam, v. 121, n. 1/2, p. 175-212, 2004. Disponível em: <<http://emlab.berkeley.edu/~moretti/socret.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2013.

MORETTO, C. F. **Ensino superior, escolha e racionalidade: os processos de decisão dos universitários do município de São Paulo**. 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Teoria Econômica)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-25042003-143715/publico/Completo_Cleide.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2013.

NERI, M. (Coord.). **O retorno da educação no mercado de trabalho**. [20--]. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/simulador/quali2/Apresenta%C3%A7%C3%A3o/FGV_Pesquisa_Retornos_da_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 23 maio 2013.

ORO, I. M. et al. Egressos em Ciências Contábeis: análise do desenvolvimento profissional sob o enfoque da Teoria do Capital Humano. **Revista Universo Contábil**, Blumenau, v. 6, n. 4, p. 35-49, out./dez. 2010.

PSACHAROPOULOS, G; PATRINOS, H. A. **Returns to investment in education**: a further update. Policy Research Working Paper, n. 2881. 2002. Disponível em: <http://www-wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/WDSP/IB/2002/09/27/000094946_02091705491654/Rendered/PDF/multi0page.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2013.

PELEIAS, I. R. et al. Evolução do ensino da contabilidade no Brasil: uma análise histórica. **Revista Contabilidade & Finanças - USP**, São Paulo, v. 18, n. esp., jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-70772007000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 17 jan. 2013.

PINHO, C. M. **Economia da educação e desenvolvimento econômico**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.

PIRES, V. **Economia da educação**: para além do capital humano. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMOS, L. Educação, desigualdade de renda e ciclo econômico no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 423-448, dez. 1991.

RAUCH, J. E. Productivity gains from geographic concentration of human capital: evidence from the cities. **Journal of Urban Economics**, San Diego, n. 34, p. 380-400, 1993. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w3905.pdf?new_window=1>. Acesso em: 29 mar. 2013.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil**. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SANTOS, C. M. Os primeiros passos da Pós-Graduação no Brasil: a questão da dependência. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, p. 479-492, out./dez. 2002.

_____. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. **Educação & Sociedade** [online], Campinas, v. 24, n. 83, p. 627-641, ago. 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 2013.

SANTOS, R. A. Teoria do capital humano: uma análise do caso brasileiro. **Análise**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 18-30, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/2457/4153>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. **Decreto nº 32.207**, de 12 de maio de 1958. Do Doutorado na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1958/decreto-32207-12.05.1958.html>>. Acesso em: 07 maio 2013.

SAUL, R. P. As raízes renegadas da teoria do capital humano. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 230-273, jul./dez. 2004.

SCHULTZ, T. W. Capital formation by education. **The Journal of Political Economy**, Chicago, v. 68, n. 6, p. 571-583, Dec. 1960.

_____. Investment in human capital. **The American Economic Review**, Nashville, v. 51, n. 1, p. 1-17, Mar. 1961.

_____. **Valor econômico da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SENNA, J. Escolaridade, experiência no trabalho e salários no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 163-193, abr./jun. 1976.

SHAFFER, H. G. Investment in human capital: comment. **The American Economic Review**, Nashville, v. 51, n. 5, p. 1026-1035, Dec. 1961.

SHEEHAN, J. **Economia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SILVA, M. M. **Mestres em Ciências Contábeis da região sul do Brasil**: um estudo sobre à luz da Teoria do Capital Humano. 2012. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SOARES, R. R.; GONZAGA, G. Determinação de salários no Brasil: dualidade ou não-linearidade no retorno à educação? **Revista de Econometria**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 367-404, nov. 1999.

TANNEN, M. B. New estimates of the returns to schooling in Brazil. **Economics of Education Review**, Oxford, v. 10, n. 2, p. 123-135, 1991.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELLOSO, J. Mestres e doutores no país: destinos profissionais e políticas de pós-graduação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 583-611, set/dez. 2004.

_____. (Org.). **A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país**. Brasília: Capes, Ministério da Educação; Unesco, 2002. v. 1.

_____. (Org.). **A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país**. Brasília: Capes, Ministério da Educação; Unesco, 2003. v. 2.

_____; VELHO, L. **Mestrandos e doutorandos no país: trajetórias de formação**. Brasília: Capes, 2001.

VENTURINI, J. et al. Identificação e análise dos perfis dos docentes participantes dos Programas de Pós-Graduação em Contabilidade no Brasil. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 8., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FEA/USP, 2008. Disponível em: <<http://www.congressosp.fipecafi.org/web/artigos82008/555.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2013.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ZULA, K. J. CHERMACK, T. J. Human capital planning: a review of literature and implications for human resource development. **Human Resource Development Review**, Thousand Oaks, v. 6, n. 3, p. 245-262, Sept. 2007. Disponível em: <<http://hrd.sagepub.com/content/6/3/245.full.pdf+html>>. Acesso em: 29 mar. 2013.

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO QUESTIONÁRIO

De: amanda.chirotto

Enviada em: segunda-feira, 16 de setembro de 2013 14:02

Para: meira@bookkeepers.com.br

Assunto: Pesquisa: A influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano

Prezado Abdon Meira Neto,

Sou aluna do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP. Eu e meu orientador, Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias, estamos desenvolvendo uma pesquisa cujo objetivo é analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano. Nesse sentido, muito apreciaríamos a sua valiosa colaboração, respondendo o questionário, publicado no seguinte link:

<http://pt.surveymonkey.com/s/egressosFECAP>

O questionário é simples e levará em torno de 8 minutos para o preenchimento total. Não será feita qualquer divulgação nominal dos respondentes na dissertação.

Desde já agradecemos o apoio para a realização desta etapa do trabalho e estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos. Solicitamos o especial obséquio de divulgar esta pesquisa entre os seus colegas de turma do Mestrado.

Saudações acadêmicas,

Amanda Russo Chirotto
Mestranda do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP

Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias
Orientador e professor do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da FECAP

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO¹

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

A. IDENTIFICAÇÃO

As informações do item A referem-se ao perfil do respondente.

*** 1. Nome:**

*** 2. Cidade onde reside atualmente:**

*** 3. UF:**

*** 4. Estado Civil Atual:**

<input type="radio"/> Solteiro;	<input type="radio"/> União estável;
<input type="radio"/> Casado;	<input type="radio"/> Viúvo;
<input type="radio"/> Separado/Divorciado;	

Outro (especifique).

*** 5. Tem filhos?**

Não;

Sim.

Se sim, quantos?

*** 6. Grau máximo de formação do pai:**

<input type="radio"/> Analfabeto;	<input type="radio"/> Graduação;
<input type="radio"/> Ensino fundamental;	<input type="radio"/> Pós-graduação/Especialização/MBA;
<input type="radio"/> Ensino médio;	<input type="radio"/> Pós-graduação (Mestrado e/ou Doutorado).

Outro (especifique)

*** 7. Grau máximo de formação da mãe:**

<input type="radio"/> Analfabeto;	<input type="radio"/> Graduação;
<input type="radio"/> Ensino fundamental;	<input type="radio"/> Pós-graduação/Especialização/MBA;
<input type="radio"/> Ensino médio;	<input type="radio"/> Pós-graduação (Mestrado e/ou Doutorado).

Outro (especifique)

¹ Adaptado de Cunha (2007) e Moraes (2009).

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM**B. TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

As informações do item B referem-se a trajetória acadêmica do egresso até o Mestrado. Caso tenha ingressado ou concluído o Doutorado, haverá um item específico para isso no último item.

*** 8. Graduação:**

Informe a Instituição onde cursou sua graduação. Caso possua mais de uma graduação, por favor, informe a que julgar mais relevante para a sua formação.

Início (mm/aaaa):	<input type="text"/>
Término (mm/aaaa):	<input type="text"/>
Curso:	<input type="text"/>
IES:	<input type="text"/>
UF:	<input type="text"/>

9. Pós-Graduação:

Informe a Instituição onde cursou sua pós-graduação. Caso possua mais de uma pós-graduação, por favor, informe a que julgar mais relevante para a sua formação.

Início (mm/aaaa):	<input type="text"/>
Término (mm/aaaa):	<input type="text"/>
Curso:	<input type="text"/>
IES:	<input type="text"/>
UF:	<input type="text"/>

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM**C. ATIVIDADE ATUAL**

As informações do item C referem-se à atividade que você exerce atualmente.

*** 10. Sua principal atividade remunerada está ligada à:**

- Mercado;
- Academia;
- Ambos, mercado e academia;
- Não exerço nenhuma atividade remunerada.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM*** 11. Qual a sua relação com a principal atividade remunerada?**

- Empregado do setor público; Proprietário ou sócio-proprietário;
- Empregado do setor privado; Aposentado.
- Autônomo, profissional liberal; assessor; consultor;
- Outra (especifique)

*** 12. A docência no ensino superior se insere na sua principal atividade remunerada?**

- Não;
- Sim.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM*** 13. Natureza da Instituição na qual você é docente:**

- Universidade; Instituto Isolado (Faculdade);
 Centro Universitário; CEFET;
 Outra (especifique)

*** 14. Regime de trabalho:**

- Dedicção exclusiva à docência e pesquisa; Tempo parcial a docência;
 Tempo Integral a docência; Horista;
 Outra (especifique)

*** 15. Suas atividades atuais envolvem pesquisa?**

- Não;
 Sim.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM*** 16. Informe a área em que, predominantemente, efetua pesquisas:**

- Contabilidade para usuários externos; Ensino e Pesquisa de Contabilidade;
- Controladoria e Contabilidade Gerencial; Mercado Financeiro, de Crédito e de Capitais;
- Outra (especifique)

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

*** 17. Indique a sua remuneração bruta mensal atual:**

- Até R\$ 3.000,00;
- De R\$ 3.000,01 a R\$ 6.000,00;
- R\$ 6.000,01 a R\$ 9.000,00;
- R\$ 9.000,01 a R\$ 12.000,00;
- Acima de R\$ 12.000,00.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM**D. ATIVIDADE QUANDO DO INGRESSO NO MESTRADO**

As informações do item D referem-se às atividades que você desenvolvia quando da época do ingresso do Mestrado em Ciências Contábeis (Controladoria e Contabilidade Estratégica).

*** 18. Na época do ingresso no Mestrado sua principal atividade remunerada estava ligada a:**

- | | |
|---------------------------------|---|
| <input type="radio"/> Mercado; | <input type="radio"/> Ambos, mercado e academia; |
| <input type="radio"/> Academia; | <input type="radio"/> Não exercia nenhuma atividade remunerada. |

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM*** 19. Em que cidade você desenvolvia sua principal atividade remunerada?**Cidade: UF: *** 20. Estado Civil quando ingressou no Mestrado:** Solteiro; União estável; Casado; Viúvo; Separado/Divorciado;Outro (especifique):
*** 21. Tinha filhos quando ingressou no Mestrado?** Não; Sim.Se sim, quantos?
*** 22. Quando do ingresso no Mestrado, qual era a sua relação com a principal atividade remunerada?** Empregado do setor público; Proprietário ou sócio-proprietário; Empregado do setor privado; Aposentado; Autônomo, profissional liberal; assessor; consultor; Outra (especifique)
*** 23. Quando do ingresso no Mestrado, era docente no ensino superior na principal atividade remunerada?** Não; Sim.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM***24. Natureza da Instituição na qual você era docente:**

- Universidade; Instituto Isolado (Faculdade);
 Centro Universitário; CEFET;
 Outra (especifique)

***25. Regime de trabalho em que se dedicava:**

- Dedicção exclusiva à docência e pesquisa; Tempo parcial a docência;
 Tempo Integral a docência; Horista;
 Outro (especifique)

***26. Suas atividades antes do ingresso no Mestrado envolviam pesquisa?**

- Não;
 Sim.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM***27. Informe a área em que, predominantemente, efetuava pesquisas:**

- Contabilidade para usuários externos; Ensino e Pesquisa de Contabilidade;
- Controladoria e Contabilidade Gerencial; Mercado Financeiro, de Crédito e de Capitais;
- Outra (especifique)

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

***28. Indique em que faixa de remuneração mensal total, aproximadamente, se situava na época do ingresso no Mestrado:**

- Até R\$ 3.000,00;
- De R\$ 3.000,01 a R\$ 6.000,00;
- R\$ 6.000,01 a R\$ 9.000,00;
- R\$ 9.000,01 a R\$ 12.000,00;
- Acima de R\$ 12.000,00.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

***29. Você recebeu algum tipo de auxílio financeiro para cursar o Mestrado?**

- Não;
- Sim.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM*** 30. Este auxílio foi:**

- Parcial;
 Integral.

Outro (especifique)

*** 31. A instituição que forneceu este auxílio era:**

- Privada; Órgão de Classe;
 Pública; Instituição de Ensino;

Outro (especifique)

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

E. MESTRADO E TRABALHO

*** 32. Avalie as afirmativas, conforme os fatores que foram decisivos na escolha do Mestrado. Assinale:**

- (1) **Discordo totalmente**
 (2) **Discordo parcialmente**
 (3) **Nem discordo, nem concordo**
 (4) **Concordo parcialmente**
 (5) **Concordo totalmente**

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Busquei cursar o Mestrado em Ciências Contábeis para corrigir deficiências na formação da graduação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cursar o Mestrado em Ciências Contábeis seria fundamental para ingressar e/ou ascender na carreira docente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria ampliar as possibilidades de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O Mestrado em Ciências Contábeis possibilitaria obter melhor nível de rendimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os contatos acadêmicos ou profissionais obtidos durante o Mestrado em Ciências Contábeis seriam importantes para o meu desenvolvimento pessoal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Busquei cursar o Mestrado para alcançar prestígio profissional e social.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Busquei cursar o Mestrado para obter realização e satisfação pessoal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Optei pelo ingresso no Mestrado por causa da indicação e incentivo de colegas que estavam matriculados no curso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

F. INFLUÊNCIAS DO MESTRADO

*** 33. Em termos de alterações ocorridas após a conclusão do seu mestrado, avalie os fatores abaixo de 0 (zero), para menos intenso, a 10 (dez) para mais intenso, conforme o grau de intensidade provocada pelo título de Mestre em Ciências Contábeis.**

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Amadurecimento pessoal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Autonomia profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Competências analíticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Diferenciação profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Empregabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Espírito acadêmico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Estabilidade profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Estilo de vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Habilidades cognitivas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Mobilidade profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Oportunidades na carreira	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Prestígio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Produção acadêmica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Produtividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Promoção social	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Remuneração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Respeitabilidade e reconhecimento acadêmico/profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Responsabilidade Social	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Status	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM**G. CONTRIBUIÇÕES DO MESTRADO**

***34. Você atua como docente na FECAP?**

Não;

Sim.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

*** 35. Em qual(is) curso(s)?**

- Colégio;
 Graduação;
 Pós-Graduação;
 Mestrado;

Outro (especifique).

*** 36. Além das atividades de docente, você exerce alguma atividade de pesquisa na FECAP?**

- Não;
 Sim.

Se sim, especifique.

37. Você acredita que ter cursado o Mestrado influenciou de maneira positiva seus familiares na busca de melhor formação?

- Não;
 Sim.

Se sim, de que maneira?

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM**H. INGRESSO DOUTORADO**

***38. Você já é Doutor ou Doutorando?**

Não;

Sim.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

*** 39. Você tem planos de ingressar no Doutorado?**

- Não;
- Sim.

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM***40. Em quanto tempo pretende fazer isso?**

- até 1 ano; Entre 3 e 4 anos;
 Entre 1 e 2 anos; Após 4 anos.

Ja estou participando de um processo seletivo para Doutorado. Informe curso e IES.

***41. Você considera que a sua trajetória acadêmica estaria completa ao cursar o Doutorado?**

- Não;
 Sim.

***42. Identifique os itens que, em sua opinião, são importantes para o ingresso no Doutorado:**

- Produção acadêmica;
 Participação em grupos de pesquisa;
 Projeto de Tese de Doutorado;
 Atuação como professor;

Outro (especifique)

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM**CONTATO DOUTORES E DOUTORANDOS**

A 2ª etapa desta pesquisa prevê uma entrevista com os Mestres que ingressaram e/ou concluíram o Doutorado. Por favor, informe seus meios de contato para que possa ser dada continuidade a pesquisa:

43. Informe seus meios de contato atualizados e onde cursou ou cursa o Doutorado:

Curso:

IES:

E-mail de contato alternativo:

Telefone:

Celular:

A INFLUÊNCIA DO TÍTULO DE MESTRE NOS EGRESSOS EM

44. Utilize este espaço para fazer comentários sobre algo que considera importante e relevante durante ou após a sua experiência no Mestrado:

APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA

1º Bloco de perguntas – Experiência no Mestrado

Q.1- Como foi o processo decisório de ingresso no Mestrado?

Q.2 – Este ingresso ao Mestrado se deu por algum tipo de influência? Se sim, qual?

Q.3 – Como você se preparou para ingressar no Mestrado?

Q.4 – Durante o Mestrado houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?

Q.5 – O que o título de mestre trouxe de mais significativo no aspecto profissional, acadêmico e social?

Q.6 – Como você tratou da sua produção acadêmica no Mestrado?

2º Bloco de perguntas – Experiência no Doutorado

Q.7 – Quando surgiu a intenção de ingressar no Doutorado?

Q.8 - Como você se preparou para o ingresso no Doutorado?

Q.9 – Como o Mestrado contribuiu para o desenvolvimento e conclusão do Doutorado?

Q.10 - Durante o Doutorado houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?

Q.11 – Como você tratou da sua produção acadêmica no Doutorado?

Q.12 – O que o título de Doutor trouxe de mais significativo no aspecto profissional, acadêmico e social?

Q.13 - Quais atividades acadêmicas e profissionais você realiza atualmente?

Q.14 – Você atribui à sua formação acadêmica mais acesso as oportunidades na carreira e melhores rendimentos?

Q.15 – Como você avalia os reflexos da sua formação na sociedade? Qual o seu papel como pesquisador?

Abertura para comentários, críticas e/ou sugestões do entrevistado.

APÊNDICE D – E-MAIL SOLICITANDO ENTREVISTA

De: amanda.chirotto

Enviada em: quinta-feira, 27 de fevereiro de 2014 12:19

Para: biancolino@hotmail.com

Assunto: Pedido de colaboração para participar de pesquisa acadêmica contábil

Prezado Prof. Dr. Cesar Augusto Biancolino,

A Sra. Amanda Russo Chirotto é aluna do **Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP**, e estou efetuando a pesquisa para sua dissertação de mestrado, intitulada “**A influência do título de mestre nos egressos em ciências contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da teoria do capital humano**”. O objetivo é analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano.

Segue anexa a síntese do projeto de pesquisa, para sua apreciação.

Nós precisamos entrevistar os egressos do Programa de Mestrado que já são doutores em Ciências Contábeis. O Sr., juntamente com outros 4 professores doutores, é uma das pessoas que pode contribuir de forma decisiva para o sucesso deste trabalho.

Desta forma, queremos convidá-lo a participar da pesquisa. Após sua concordância, gostaríamos de agendar uma entrevista com duração de até 60 minutos, preferencialmente presencial.

Na entrevista os dados obtidos serão gravados, transcritos e remetidos a V. Sa., para conhecimento e ratificação / retificação. Na sequência, os dados serão usados para a conclusão da pesquisa e redação da dissertação.

Caso V. Sa. aceite colaborar, solicito o especial obséquio de informar, nos telefones e e-mails abaixo informados. Pedimos licença e tomaremos a liberdade de, em sete dias após a remessa desta correspondência, fazer contato consigo, para saber sua decisão.

Estamos à disposição para esclarecimentos adicionais. Esperamos sinceramente que o Sr. possa colaborar conosco.

Receba nossas saudações acadêmicas e contábeis.

Cláudio Parisi
Coordenador do Programa
de Mestrado
11-3272-2301 –
claudio.parisi@uol.com.br

Ivam Ricardo Peleias
Professor Orientador
11-3272-2338 /11-
99909-6949 –
ivamrp@fecap.br

Amanda Russo Chirotto
Mestranda Pesquisadora
11 3272-2301/11 9 8850-9128
– amanda.chirotto@fecap.br

De: amanda.chirotto [<mailto:amanda.chirotto@fecap.br>]

Enviada em: quinta-feira, 27 de fevereiro de 2014 12:21

Para: otacabello@uol.com.br

Assunto: Pedido de colaboração para participar de pesquisa acadêmica contábil

Prezado Prof. Dr. Otávio Gomes Cabello,

A Sra. Amanda Russo Chirotto é aluna do **Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP**, e estou efetuando a pesquisa para sua dissertação de mestrado, intitulada “**A influência do título de mestre nos egressos em ciências contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da teoria do capital humano**”. O objetivo é analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano.

Segue anexa a síntese do projeto de pesquisa, para sua apreciação.

Nós precisamos entrevistar os egressos do Programa de Mestrado que já são doutores em Ciências Contábeis. O Sr., juntamente com outros 4 professores doutores, é uma das pessoas que pode contribuir de forma decisiva para o sucesso deste trabalho.

Desta forma, queremos convidá-lo a participar da pesquisa. Após sua concordância, gostaríamos de agendar uma entrevista com duração de até 60 minutos, preferencialmente presencial.

Na entrevista os dados obtidos serão gravados, transcritos e remetidos a V. Sa., para conhecimento e ratificação / retificação. Na sequência, os dados serão usados para a conclusão da pesquisa e redação da dissertação.

Caso V. Sa. aceite colaborar, solicito o especial obséquio de informar, nos telefones e e-mails abaixo informados. Pedimos licença e tomaremos a liberdade de, em sete dias após a remessa desta correspondência, fazer contato consigo, para saber sua decisão.

Estamos à disposição para esclarecimentos adicionais. Esperamos sinceramente que o Sr. possa colaborar conosco.

Receba nossas saudações acadêmicas e contábeis.

Cláudio Parisi
Coordenador do Programa
de Mestrado
11-3272-2301 –
claudio.parisi@uol.com.br

Ivam Ricardo Peleias
Professor Orientador
11-3272-2338 /11-
99909-6949 –
ivamrp@fecap.br

Amanda Russo Chirotto
Mestranda Pesquisadora
11 3272-2301/11 9 8850-9128
– amanda.chirotto@fecap.br

De: amanda.chirotto

Enviada em: quinta-feira, 27 de fevereiro de 2014 12:23

Para: goncalves@unb.br

Assunto: Pedido de colaboração para participar de pesquisa acadêmica contábil

Prezado Prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves,

A Sra. Amanda Russo Chirotto é aluna do **Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP**, e estou efetuando a pesquisa para sua dissertação de mestrado, intitulada “**A influência do título de mestre nos egressos em ciências contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da teoria do capital humano**”. O objetivo é analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano.

Nós precisamos entrevistar os egressos do Programa de Mestrado que já são doutores em Ciências Contábeis. O Sr., juntamente com outros 4 professores doutores, é uma das pessoas que pode contribuir de forma decisiva para o sucesso deste trabalho.

Desta forma, queremos convidá-lo a participar da pesquisa. Após sua concordância, gostaríamos de agendar uma entrevista com duração de até 60 minutos, preferencialmente presencial.

Na entrevista os dados obtidos serão gravados, transcritos e remetidos a V. Sa., para conhecimento e ratificação / retificação. Na sequência, os dados serão usados para a conclusão da pesquisa e redação da dissertação.

Caso V. Sa. aceite colaborar, solicito o especial obséquio de informar, nos telefones e e-mails abaixo informados. Pedimos licença e tomaremos a liberdade de, em sete dias após a remessa desta correspondência, fazer contato consigo, para saber sua decisão.

Estamos à disposição para esclarecimentos adicionais. Esperamos sinceramente que o Sr. possa colaborar conosco.

Receba nossas saudações acadêmicas e contábeis.

Cláudio Parisi
Coordenador do Programa
de Mestrado
11-3272-2301 –
claudio.parisi@uol.com.br

Ivam Ricardo Peleias
Professor Orientador
11-3272-2338 /11-
99909-6949 –
ivamrp@fecap.br

Amanda Russo Chirotto
Mestranda Pesquisadora
11 3272-2301/11 9 8850-9128
– amanda.chirotto@fecap.br

De: amanda.chirotto

Enviada em: quinta-feira, 27 de fevereiro de 2014 12:24

Para: TNBORGES@GMAIL.COM

Assunto: Pedido de colaboração para participar de pesquisa acadêmica contábil

Prezado Prof. Dr. Tiago Nascimento Borges Slavov,

A Sra. Amanda Russo Chirotto é aluna do **Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP**, e estou efetuando a pesquisa para sua dissertação de mestrado, intitulada “**A influência do título de mestre nos egressos em ciências contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da teoria do capital humano**”. O objetivo é analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano.

Segue anexa a síntese do projeto de pesquisa, para sua apreciação.

Nós precisamos entrevistar os egressos do Programa de Mestrado que já são doutores em Ciências Contábeis. O Sr., juntamente com outros 4 professores doutores, é uma das pessoas que pode contribuir de forma decisiva para o sucesso deste trabalho.

Desta forma, queremos convidá-lo a participar da pesquisa. Após sua concordância, gostaríamos de agendar uma entrevista com duração de até 60 minutos, preferencialmente presencial.

Na entrevista os dados obtidos serão gravados, transcritos e remetidos a V. Sa., para conhecimento e ratificação / retificação. Na sequência, os dados serão usados para a conclusão da pesquisa e redação da dissertação.

Caso V. Sa. aceite colaborar, solicito o especial obséquio de informar, nos telefones e e-mails abaixo informados. Pedimos licença e tomaremos a liberdade de, em sete dias após a remessa desta correspondência, fazer contato consigo, para saber sua decisão.

Estamos à disposição para esclarecimentos adicionais. Esperamos sinceramente que o Sr. possa colaborar conosco.

Receba nossas saudações acadêmicas e contábeis.

Cláudio Parisi
Coordenador do Programa
de Mestrado
11-3272-2301 –
claudio.parsi@uol.com.br

Ivam Ricardo Peleias
Professor Orientador
11-3272-2338 /11-
99909-6949 –
ivamrp@fecap.br

Amanda Russo Chirotto
Mestranda Pesquisadora
11 3272-2301/11 9 8850-9128
– amanda.chirotto@fecap.br

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

PROF. DR. MAURO FERNANDO GALLO – 24/02/2014

Amanda: Iniciando a entrevista com o Professor Mauro Gallo, primeiro bloco de perguntas, questão 1: Como foi o processo decisório de ingresso no Mestrado?

Prof. Mauro: Como foi?

Amanda: Isso

Prof. Mauro: ah, bom, eu estava próximo da aposentadoria e pensei em trabalhar com consultoria, já dava aulas há muitos anos e pensei em ou fazer Direito Tributário ou em fazer Mestrado em Contabilidade e considerei que o melhor seria o Mestrado pra mim, que eu não tinha um curso, não tenho um curso de Bacharel em Ciências Contábeis; tinha técnico, tinha feito economia, e aí optei pelo Mestrado em Contabilidade, e como eu tinha sido aluno aqui da casa eu optei pela FECAP.

Amanda: Certo, esse ingresso no Mestrado se deu por algum tipo de influência? Você foi influenciado por alguém na hora da decidir sobre ingressar no Mestrado?

Prof. Mauro: Olha, eu cheguei a verificar pesquisas sobre Mestrado em Contabilidade e Mestrado em Economia, porque, na verdade, quando eu me formei na Graduação eu pensava em fazer Contabilidade, então o curso era base e aí durante o curso, era o ano dos milagres econômicos, eu fui levado pra Economia pela influência, daí gostei, e cheguei a pensar mas não achei nada em Economia na área que eu gostava, seria ou desenvolvimento econômico ou economia de empresa, viável pra que eu fizesse, porque ainda estava trabalhando, precisava fazer um dia por semana no máximo, e aí eu comecei a ponderar Contabilidade; Contabilidade em São Paulo praticamente USP e FECAP não lembro se na época tinha PUC já.

Amanda: Acho que tinha a PUC já.

Prof. Mauro: Acho que tinha PUC, e foi pela FECAP onde eu prestei, basicamente.

Entrevistadora: Você teve algum tipo de preparação para você ingressar no Mestrado? Você se preparou para esse ingresso?

Prof. Mauro: Não, não me preparei. De verdade, não.

Amanda: Você acha que para o seu ingresso faltou alguma coisa? Ter feito algo antes?

Prof. Mauro: Eu acho que se eu tivesse feito curso de ciências contábeis teria sido melhor para eu fazer o Mestrado em Contabilidade.

Amanda: Teria ajudado mais?

Prof. Mauro: Teria ajudado

Amanda: Durante o Mestrado houve alguma mudança, tratando da questão profissional, já que o Mestrado consome certo tempo, houve alguma mudança na sua dedicação profissional? E no seu rendimento? Teve que abrir mão de algo durante o Mestrado?

Prof. Mauro: Tive, tive que abrir mão de algumas aulas que eu dava, tive que abrir mão pelo caso de morar em Bauru e eu estava trabalhando em São Paulo - não, eu comecei o Mestrado trabalhando em Bauru; meu delegado não me liberou pra vir um dia por semana fazer o Mestrado, mas eu... meu Chefe tinha me liberado e o Delegado não; aí eu insisti, vim, pagando falta, fiquei com faltas na Receita Federal, três primeiras aulas tive falta, depois a superintendência me transferiu para São Paulo, pra eu poder fazer o Mestrado aqui.

Amanda: Então houve algum tipo de perda salarial? Ou diminuição desse seu rendimento mensal?

Prof. Mauro: Houve um pouco no início do Mestrado.

Amanda: No início?

Prof. Mauro: Que eu abri mão de aulas da graduação que eu dava, e eu tive essas 3 faltas que pesaram naquela época e pesa até hoje na aposentadoria, aquilo considera uma diminuição pequena.

Amanda: O que você acha que o título de Mestre trouxe de mais significativo em três áreas: no aspecto profissional, no aspecto acadêmico e social?

Prof. Mauro Gallo: Um aspecto, vamos pensar assim no profissional; no profissional ele ajuda no sentido de maior desenvolvimento da sua carreira, seja eu, por exemplo, já terminei Mestrado, aposentado, dando consultoria, o próprio pessoal encara de uma maneira diferente, na parte da academia me despertou um sentido de mudar a posição de leitor para autor, coisa que eu jamais tinha pensado, nunca tinha pensado em publicar um artigo científico, quanto

mais internacional, se alguém falasse pra mim ia dizer que estava maluco. Por exemplo, abriu possibilidades, por estar no Mestrado, eu comecei a dar aula em Pós-Graduação, abriu possibilidade pra dar aula em pós-graduação ainda como Mestrando, foi meu primeiro lugar que eu dei aula; e socialmente eu acho que abriu muitas oportunidades, porque através dos congressos e coisas, relacionamento, novas pessoas, novos conhecimentos, nova postura de análise das coisas, por exemplo, no meu caso acho que não é nem aqui que cabe, eu entrei no mestrado sabendo o que eu queria fazer e achando que eu sabia tudo sobre o tema, porque planejamento tributário nas organizações, eu considerava como eu estava no ofício estudava sei tudo disso daí; um belo dia viraram pra mim e falaram como é isso daí no exterior? Não faço nem ideia, nunca parei pra me preocupar sobre isso, estou preocupado aqui como é aqui. E fui pesquisar e descobri outras coisas, coisas novas, eu acho que isso é gostoso.

Amanda: Essa experiência?

Prof. Mauro: É.

Amanda: Abre um pouco a mente.

Prof. Mauro: Completamente, você muda de posição.

Amanda: Certo. E falando sobre a produção acadêmica, como que você tratou a produção acadêmica durante o mestrado? Você produzia mais ou essa produção aconteceu depois do mestrado?

Prof. Mauro Gallo: Durante o mestrado eu já comecei a produzir, porque naquela época o Mestrado aqui pedia, você tinha inclusive aquela possibilidade de dois artigos eliminar uma disciplina, opcional, não sei se ainda tem isso, mas tinha esse aspecto, eu comecei porque as disciplinas pediam artigos e tal, eu que não tinha produzido nada antes, nunca tinha produzido nada, estava acostumado sim, a dar entrevista, a fazer coisas assim, mas a produzir artigos científicos nunca tinha feito nada; tinha feito meu TCC lá na graduação, aqui na graduação né, e nunca mais fiz mais nada parou aí. Então o Mestrado me despertou, e até no Mestrado, eu estava no Mestrado ainda, acho que eu já tinha saído do Mestrado... mas um artigo que foi feito no Mestrado na cadeira do Robles foi o meu primeiro artigo internacional que publicou no Uruguai, no congresso do Uruguai, e que foi útil pra mim depois na hora de entrar no Doutorado.

Entrevistadora: Certo. Então agora para o segundo bloco de perguntas e já falando sobre o Doutorado. Quando que surgiu a intenção do Doutorado, de ingressar no Doutorado?

Prof. Mauro Gallo: Foi por brincadeira. Eu sou muito teimoso, e todo mundo dizia que na USP não se entrava fácil, e eu fui ver; aconteceu exatamente assim, eu cheguei, eu vou prestar um (ANPAD) não estudei nada, prestei um (ANPAD), se eu passar num (ANPAD) eu não preciso nem estudar contabilidade, se eu passar no (ANPAD), e prestei o (ANPAD) de

brincadeira, vim aqui, parece que é aqui mesmo, quando eu vi eu estava aprovado no (ANPAD), eu disse, Meu Deus do céu, e agora se eu reprovar em contabilidade? Aí eu resolvi, peguei os dois principais livros da bibliografia e fui estudar contabilidade para não ficar reprovado em contabilidade, e não fiquei, graças a Deus. E na entrevista, acho que uma coisa que ajudou muito no caso, é que eu estava na área tributária, já aposentado, então eu tinha tempo disponível pra eles, porque quando eu fui fazer a entrevista tinha quatro daqui fazendo, o Paulo Marcelo estava, o Ronaldo, que é o coordenador contábeis.

Prof. Mauro: A Lúcia desistiu antes, porque ela passou num concurso para SEFAZ, ela fez uma cartinha desistindo, ela não compareceu na entrevista, mas os outros três foram, e só eu que acabei ingressando, mas acho que foi por isso, eu tinha tempo disponível, tinha conhecimento na área tributária, e eles tinham necessidade de funcionário tributário, estava nascendo o núcleo lá de Pesquisas tributária, foi assim mesmo, foi por brincadeira, foi por teimosia, até eu brinquei, na minha idade entrar num Doutorado, mas aí eu falei depois que você está dentro do Doutorado da USP é lógico que você não vai sair né, mas eu não brinco com o pós-doutorado porque eu não vou fazer.

Amanda: Não...mais você acredita que essa intenção de ingressar no Doutorado surgiu já durante o Mestrado? O que despertou buscar o doutorado? O que você buscou?

Prof. Mauro: Na verdade, eu sempre gostei muito de estudar, então pra mim foi o gosto pela pesquisa; agora, lógico, considerava que eu não iria entrar, mas o gosto pela pesquisa que me fez pensar no Doutorado.

Amanda: Certo. Como que você vê a contribuição do Mestrado? Você acredita que o Mestrado contribuiu pra esse desenvolvimento até a conclusão do Doutorado?

Prof. Mauro: Olha, quem foi meu aluno aqui já me viu falar várias vezes, eu considero que o Doutorado é mais fácil que o Mestrado, porque eu digo que a grande luta no Mestrado é a gente aprender a usar de metodologias científicas, porque por mais que a gente tenha prática de escrever, lê bastante, você não tem aquela metodologia científica que você apanha muito, você deve estar sabendo, você passou o que todos colegas passam. Quando você chega no Doutorado, você já tem, pelo menos o Mestrado me ensinou muito com isso, e eu cheguei já no Doutorado com isso em termos com uma facilidade, então pra mim é mais tranquilo, não tinha mais preocupação da metodologia científica, minha preocupação era o assunto que eu ia tratar, foi nesse aspecto, então nisso o Mestrado me ajudou muito.

Amanda: Durante o Doutorado houve alguma mudança também na sua dedicação profissional ou abriu mão de algum rendimento durante o Doutorado?

Prof. Mauro: aí foi muito, foi uma coisa engraçada, eu dizia o Doutorado na USP era o Doutorado grátis mais caro do país que eu conhecia, eu falava isso quando eu estava fazendo, porque eu já dava consultoria, e dava mais aulas; ao entrar pro Doutorado, não que eles exigissem lá, mas pela própria necessidade do que fazer, eu tive que reduzir sensivelmente as

aulas, reduzir consultoria, e ficar um pouco mais aqui, em São Paulo só na base do trabalho mesmo, de pesquisas e tudo isso, só que de repente começou a nascer a consultoria e aí o meu valor de consultoria mudou, não era mais o valor que eu dava antes, eu recebia valores a mais do que eu recebia antes; o início do Doutorado foi início de abrir mão de remunerações, mas depois, eu diria, da metade do Doutorado pra frente melhorou.

Amanda: Entendi, e sobre a produção, como foi a produção já no Doutorado, como você tratou da produção acadêmica no Doutorado?

Prof. Mauro: Se eu não estou enganado, no Doutorado eu acabei produzindo bem mais que no Mestrado, até porque o período é mais longo né, produzir mais e houve a possibilidade de produção e muita coisa que era fruto de trabalho de consultorias junto com professores de lá, então teve isso também.

Amanda: Teve um aumento.

Prof. Mauro: Teve um aumento de produção.

Amanda: O que o título, já no título de Doutor, o que ele trouxe de mais significativo pro aspecto profissional, acadêmico e social.

Prof. Mauro Gallo: Bom, em termos de consultoria mudou muito completamente o nível de relacionamento com clientes no aspecto de eles acabam dando muito valor, porém como um amigo meu diz, nós vamos feder igualzinho os outros quando morrer; Doutor fede igualzinho - mas o próprio cliente te recebe de forma diferente, então melhorou os valores de consultoria, o tipo de clientela, e sem contar na possibilidade de trabalhar no Mestrado que é uma oportunidade muito boa.

Amanda: Que já foi o que já aconteceu com você, o ingresso já...

Prof. Mauro: Ingresso imediato.

Amanda: Imediato já no programa de Mestrado da FECAP. Você acha que de alguma forma a sua formação como Doutor influenciou a sociedade de alguma forma? Ou seja, na sociedade, eu digo assim, próxima até dos seus familiares ou de repente na sociedade?

Prof. Mauro: Eu acho o seguinte, bom, algumas coisas que a gente pode pensar, primeiro: até dando aula de graduação, eu acho que principalmente o aluno de graduação eles se espelham nos professores, e eu sempre fiz questão de dizer que pra eles, muitas vezes, Doutor não é alguém que sabe tudo sobre contabilidade né, então eu sempre fiz questão de dizer que é um diferencial na área de pesquisas e tudo isso, mas de qualquer maneira você nota que você incentiva; hoje você tem o Bruno, que é alguém que seguramente a gente incentivou, você

tem o Otávio, que passou por aqui que seguramente a gente incentivou, pessoas que a gente tem uma ligação direta que sabe que teve um incentivo, e sem contar outros que de repente você nem sabe que incentivou. Isso, por um lado, do outro lado teve trabalhos que fizeram mudança até em legislação; teve trabalho de consultoria que mudou a tributação de cidade no Brasil, então que fez com que as indústrias ficassem maiores e pagassem mais tributos, o governo arrecadasse mais, e foi, eu acho que isso, gratificante porque é uma mudança pra sociedade.

Amanda: E é um retorno.

Prof. Mauro: E é um retorno.

Amanda: Da academia.

Prof. Mauro: Da Academia, então eu vejo isso.

Amanda: Certo, e quais são as suas atividades profissionais atualmente, atividades profissionais e acadêmicas atualmente?

Prof. Mauro: Bom, eu trabalho com consultoria em gestão tributária, trabalho como sócio dessa empresa, é uma mesma empresa, hoje ela é uma incorporadora imobiliária, fazendo incorporações de imóveis, além disso trabalho com aulas no *Lato sensu* e no Mestrado, além o tempo que a gente se dedica hoje em escrever livros ou escrever artigos, coisas desse tipo.

Amanda: Certo, então mais aí pra gente reforçar, você atribui a formação acadêmica esse acesso que você teve a melhor oportunidade na carreira e a melhores rendimento?

Prof. Mauro: Sim, eu não tenho dúvidas e isso não é pra jogar confete não, mas eu não posso nunca esquecer da FECAP, por que, o que aconteceu? Eu sou daqueles que jamais pensei que ia ter chance em fazer uma faculdade, eu escolhi o Técnico, porque terminando o técnico eu já teria uma profissão, eu já trabalhava e pra fazer o técnico tinha que pagar, porque meus pais não tinham condições; então quando eu escolhi o técnico em contabilidade, que eu fiz na FECAP, eu nunca pensei em fazer uma faculdade; o técnico possibilitou que eu fizesse uma faculdade, foi feito na FECAP; imagina se algum dia eu pensei em Mestrado ou Doutorado. Eu tive professores aqui que eram Doutores em Contabilidade quando eu estava no técnico, nunca falaram que eram Doutor. Não sei se você já ouviu falar dele, Edmundo Eboli Bonini, que era Doutor em contabilidade ele nunca falou. E daí eu fui descobrir no livro da (Nanci) que ele era Doutor em Contabilidade, vendo uma relação que ela publicou. Então eu nunca pensei nisso, foi muito depois, quase já pra aposentar que eu fui fazer Mestrado e depois Doutorado, mas mudou muito e tudo isso foi em cima da FECAP, então pra mim eu não me arrependo de nada, do estudo e de nada disso.

Amanda: Certo, e como que você avalia os reflexos de sua formação na sociedade? Qual é o seu papel? Como você verifica o seu papel, identifica seu papel como pesquisador?

Prof. Mauro: Eu acho que como eu pesquiso numa área específica, que é tributos, eu acho que isso tem muita contribuição a passar, lógico que as mudanças não são fáceis, porque com tributo eu entendo que muita coisa tem que ser mudada na legislação, mas a gente sabe que essas coisas não mudam facilmente, então o que a gente tem trabalhado muito, nisso que eu acho que é uma contribuição grande para a sociedade, junto às empresas nessa consultoria de gestão é como pagar menos de maneira legal; então a maioria das empresas desperdiça dinheiro em tributo, pagam mais do que deveriam pagar, e aí você fazendo esse trabalho, você traz elas pro pagamento. Por exemplo, dois casos recentes agora, que fechou no ano aí, fechar dois casos, um dos casos, uma empresa que fatura em média 3 milhões e meio no ano, ela economizou quase 100 mil reais de tributos no ano; uma outra empresa eu fatura na faixa de 85 milhões, economizou 2 milhões e meio de tributos. Isso a gente tem feito em várias empresas, quer dizer é uma colaboração para a sociedade pelo lado de orientação nas empresas de como gerir melhor várias situações do tributo, mas além disso eu acho que teria muitas situações onde poderia ajudar a melhoria na mudança da legislação tributária, só que isso tem mais resistência, a gente conseguiu alguma coisa no IPI de cigarro, mas realmente até hoje é o único fruto que deu assim real, pode dizer, os outros a gente segue batendo, falando, mas pra ter mudança é difícil.

Amanda: É difícil, mas é válido por já ter tido alguma coisa.

Prof. Mauro: Sim, sim, sim.

Amanda: No sentido que você teve um retorno naquilo que você pesquisa na prática.

Prof. Mauro: No lado mais difícil de mudança, tanto que eu lembro perfeitamente, eu cheguei na Receita Federal em Brasília com o Carlos Pereira e com o dono da empresa, que era Presidente do Sindicato de São Paulo, aí os colegas de superintendência com quem eu trabalhei. Quando chegava, ué, a hora que iam me cumprimentar né falaram baixinho “está assessorando o sonegador?”. Porque eles consideram algumas indústrias de cigarro como sonegadores, e o presidente do sindicato não queria sonegar, ele queria justamente equalizar a tributação no sentido de quem é menor paga menos e quem é maior paga mais. Tiveram que mudar a lei, mudaram, porque não ficou só no ministério da fazenda, foi apresentado para ministério público, foi apresentado pra ministério da saúde, pra todos os órgãos pra mostrar que dava pra arrecadar mais tributo, que as empresas que deveriam arrecadar não estavam arrecadando, e aí eles foram lá e pressionaram e mudou a lei, mas é coisa que a gente... não é fácil.

Amanda: Não é fácil.

Prof. Mauro: Não é fácil. Esse próprio trabalho da Erica é um trabalho, o do Fábio, e o da Érica vai mais ou menos na mesma linha, são dois trabalhos no sentido de mudança de lei, para PIS e COFINS, e tem problemas, mas sabe se lá, um dia deve dar, está publicando artigo do que está fazendo, tá...

Amanda: Uma forma de divulgar na academia pra ver se reflete em alguma forma na sociedade.

Prof. Mauro Gallo: Exatamente, levando pra essas revistas técnicas também, o tema, levando coisa assim.

Amanda: Certo, então seria isso Professor, queria saber se você tem alguma contribuição, gostaria de complementar ou de fazer algum tipo de comentário sobre esse roteiro de entrevista, ou complementar com alguma outra informação a respeito?

Prof. Mauro: Eu acho que basicamente seria isso, aqui tratou sobre tudo, do envolvimento da coisa. Você tem hoje quantos Doutores que passaram pela FECAP?

Amanda: Então, entre Doutores e Doutorando são 22, mas em contabilidade eu tenho 5, que seriam 5 o foco dessa entrevista.

Prof. Mauro: Legal

Amanda: Eu agradeço sua ajuda, Professor.

PROF. DR. TIAGO NASCIMENTO BORGES SLAVOV – 06/03/2014

Amanda: Estou iniciando a gravação com o Professor Tiago. A primeira pergunta é: Como foi o processo decisório de ingresso no mestrado?

Prof. Tiago: Ingresso no mestrado. O mestrado, na idade em que eu fiz, que eu fiz na FECAP, veio numa oportunidade na idade muito interessante, porque eu tinha acabado de me graduar no curso de Ciências Contábeis, de Sorocaba, na UNISO, foi em 2002, nesse momento eu tinha a intenção de terminando a graduação, eu tinha intenção de continuar, de fazer um curso de pós-graduação. Por atuar na área empresarial, não ter experiência acadêmica, nem em pensar em academia, em dar aula, embora eu tivesse um desempenho mediano na graduação, não era um bom desempenho assim, mas tinha um bom desempenho na graduação, mas a minha intenção principal, quando eu terminei a graduação, a minha intenção era fazer um MBA, cogitava fazer um MBA na FECAP, onde já tinha feito alguns estudos. Só que na mesma época eu comecei a trabalhar com consultoria na área de Sistema de Informação, implantando sistemas, consultoria em empresa, lidando com diretoria e isso acabou me deixando carente por metodologias de ensino no sentido da atividade de consultoria, como eu estava e tinha a parte de escritório, mas também tinha a parte de treinar o grupo de pessoas, profissionais em questões relacionadas a contabilidade, custos, controladoria, então eu comecei a perceber e sentia um pouco de falta de alguma bagagem em relação a isto. Na mesma época, eu tinha um cunhado que estava fazendo mestrado e me sugeriu que: “por que você não vai tentar fazer um mestrado?”. E eu pesquisei, terminei a graduação sem nem imaginar a possibilidade de fazer um mestrado, mas pesquisei e por estar em Sorocaba, principalmente, lá no interior você não tem esse contato, inclusive a dificuldade é maior em fazer uma pós-graduação e acabei me interessando por fazer o mestrado, percebendo a oportunidade, algumas características diferentes que teria no MBA. Tentei participar de um processo de seleção na FECAP, ingressei e tive a sorte de conseguir ingressar, porque não foi um processo fácil, eu acho que na minha idade o ingresso se deve, em parte, não só em parte, na parte técnica, mas eu tive a oportunidade de na entrevista ser entrevistado pelo Professor Gil, que eu também não o conhecia, mas como eu apresentei para ele a proposta de fazer uma pesquisa de sair da área contábil, societária e ficar na parte de gestão, controladoria, sistema, ele, com certeza, deve ter se interessado pelo meu tino de pesquisar esse assunto e isso me permitiu ingressar no mestrado. Depois disso, é claro, que as coisas mudaram bastante na minha vida.

Amanda: Você comentou que foi um cunhado seu que fez essa indicação. Você acredita que foi essa a maior influência de ter procurado o mestrado?

Prof. Tiago: Realmente, porque de alguma forma quando você está terminando uma graduação, você sem ter contato, principalmente na minha época porque não tive aula com nenhum professor que era mestre, inclusive mestre, mestre, ou seja todos os professores da UNISO, até então, eram todos especialistas, um ou outro mestre, mas em áreas muito, não afins a área contábil, então eu não tive contato com mestre no ponto vista docentes, professores mestrados e então para mim, eu não sabia o que era um mestrado. Nesse aspecto, realmente, meu cunhado acabou sendo um pouco decisivo, porque como ele tinha ingressado no programa de mestrado na área dele que é Tecnologia e Sistema de Informação, uma área muito diferente, ele fez um mestrado, começou a dar aula, ele começou a gostar de fazer e me

sugeri também a fazer isso, e isso foi na pergunta que você fez, isso foi um dos fatores decisivos sim.

Amanda: Como você se preparou para ingressar no mestrado?

Prof. Tiago: A minha preparação, na verdade, foi muito mais, uma preparação emocional muito grande, porque eu trabalhava com consultoria e eu tinha um horário um pouco mais flexível do que um profissional que atua batendo cartão, um trabalho das oito às cinco. Só que a minha grande preocupação, não era casado na época, eu me casei depois de terminar o mestrado, mas eu estava namorando e eu já sabia que ia se complicar, tinha que estudar, eu tinha uma preocupação gigantesca de ia dar conta, fiz o técnico, fiz a graduação lá no interior, embora sempre um estudante e um profissional dedicado, lógico que eu sabia que teria deficiências de conhecimentos e deficiências de conteúdo técnico de bagagem mesmo, de entrar num mestrado, eu me preparei muito emocionalmente para imaginar o que eu iria encontrar. Eu tive essa referência do meu cunhado por estar num mestrado, mas eu também conversei com outros colegas, tinha até mais um colega, até cito o nome dele, o Professor Miro, que era um colega que tinha feito um mestrado em outra área, na área de Letras, um cara muito comunicativo, então ele me dava muitas dicas no sentido de: <olha, tinha alguém lá, você vai conseguir, vai dar certo, não se desespere., principalmente na relação em questão de produção de texto, porque eu acho que uma grande característica de um curso de pós-graduação não é só adquirir bagagem, pós-graduação, stricto sensu, mestrado, doutorado, não é adquirir conhecimento é socializar o conhecimento através da produção científica, se não tem essa experiência, não se tem essa prática profissionalmente falando, nem academicamente numa graduação, não sabia o que era isso. O trabalho de conclusão do curso de graduação, vamos dizer o que eu fiz no curso de conclusão de pós-graduação foi equivalente ao primeiro artigo que apresentei para a primeira disciplina que fiz para o mestrado, então no ponto de vista que tive que me preparar muito nesse sentido, de saber o que eu ia encontrar, me preparar mas assim, não que eu tenha estudado, nada disso, porque eu não sabia o que eu ia encontrar, então eu estava me preparando, foi mais uma preparação emocional e encarar o tranco, que não foi nada fácil.

Amanda: Que foi até uma mudança de cidade.

Prof. Tiago: Eu até viajava, mas lá época de 2003, ainda era possível por conta da questão de trânsito e tudo mais, eu tinha condições. Saía quatro e meia de Sorocaba e chegava seis e meia na FECAP, na Liberdade e muitos colegas trabalhando em São Paulo, na cidade de São Paulo não conseguiam chegar tão cedo quanto eu chegava, mas por causa do contrafluxo, pegava ônibus, pegava Metrô e chegava no horário, isso foi na época, hoje infelizmente não daria para fazer isso.

Amanda: Durante o mestrado houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?

Prof. Tiago: Na verdade, no meu caso foi ao contrário, embora, geralmente quando a gente ingressa em um curso de pós-graduação, é sabido que você vai acabar abdicando, mas o que

acabou acontecendo para mim foi o contrário, por conta da oportunidade de lecionar, porque também não era a intenção, ou seja, eu ingressei no mestrado sem intenção acadêmica, sem plano de carreira acadêmica, mas ingressando no mestrado, conhecendo, conversando, inclusive com os próprios colegas, tendo as referências aqui. Eu consegui, na verdade eu fiz uma proposta para o coordenador do curso que eu tinha acabado de me formar lá na época em Sorocaba, o Professor Celso, falei: “olha Celso, estou fazendo mestrado, se surgir uma aula eu estou à disposição, vou tentar encarar”. Com a ausência, vou falar até a palavra é essa, não é nem falta, é a ausência de mestres no curso lá em Sorocaba, ou seja, na minha região, logo que iniciei o mestrado, a aula comecei em março em julho eu já comecei dar aula na UNISO. Lógico que não foi fácil, num primeiro momento, foi a trancos e barrancos o processo de aprendizado em si, só isso acabou em função das atividades profissional que eu desenvolvia, isso acabou aumentando minha remuneração, porque comecei a dar aula e consegui conciliar, com a atividade que eu vinha fazendo, atividade profissional, que de alguma forma o gestor, nessa época, já começou a perceber que: <esse cara está crescendo e pode ser que ele já pule do barco>, então de alguma forma ele me ajudou a segurar. O que aconteceu é que meus finais de semana começaram a ficar muito comprometidos, sábado e domingo foi estudando, ou seja que aquilo que a gente passaria passeando, descansando um pouco, eu passava estudando, isso na verdade, para compensar que na semana eu estava trabalhando, quando não estava na consultoria, estava dando aula e estava na FECAP, então minha vida no período do mestrado foi isso.

Amanda: Em sua opinião, o que o título de mestre, lhe trouxe de mais significativo no aspecto profissional, acadêmico e social?

Prof. Tiago: No ponto de vista profissional, o mestrado claro, para a atividade acadêmica foi decisivo, sem ingressar no mestrado eu não teria oportunidade, pelo menos naquele momento, com a minha idade inclusive, lá com vinte e três anos, quando comecei a dar aula na UNISO, então eu não teria oportunidade de ingressar na carreira acadêmica, nem era um plano de carreira, nem um plano profissional em relação a isso, então o mestrado foi decisivo para ingressar na carreira acadêmica que de alguma forma estou até hoje. Do ponto de vista social, o mestrado foi mais a questão da autorrealização, ele é um título e ele tem um reconhecimento que as pessoas ponderam quando você fala que se fez um mestrado, ponderam sua expertise, sua quantidade de estudo, a dedicação a algum projeto, então realmente você tem uma realização pessoal muito grande de fazer um mestrado, ainda mais para mim, sempre fui profissional, sempre fui um bom estudante, mas nunca tive oportunidades de trabalhar muito cedo e tudo mais, sempre dediquei muito naquilo na condição que me apresentavam, fiz o técnico em Sorocaba, fiz a graduação em Sorocaba, mas eu nunca imaginava que aquilo seria o suficiente para conseguir vencer um curso de pós-graduação e todos meus professores na FECAP, principalmente professores do mais alto gabarito e a gente acaba percebendo que depende muito de você, aquela história que até hoje eu falo isso, que embora a gente tenha uma faculdade e bons cursos, mas é muito mais do aluno do que do professor, isso é uma coisa que as vezes ouve muito, mas no mestrado é que isso que me deixou muito claro, de certa forma, inclusive meu desempenho no mestrado foi bom, mesmo sendo mais jovem, mesmo sendo o com menos bagagem, menos experiência, mas eu fui o que terminou mais cedo o mestrado, na época tive publicação que a maioria não teve, na verdade isso me fez perceber isso, é o esforço, a estrutura logicamente acaba é claro, ajuda muito auxiliando muito o processo, mas não é decisivo, ou seja, sem o esforço isso não seria possível, o mestrado do ponto vista social me apresentou isso.

Amanda: Como você tratou da sua produção acadêmica durante o mestrado?

Prof. Tiago: O que acontece é assim, até hoje, a questão da produção científica, a produção acadêmica ela é um grande desafio para quem não está dedicado exclusivamente para o ensino, o grande problema ainda hoje, ainda na época do mestrado e já foi isso, era eu produzir trabalhos e isso demanda muito tempo, então para produzir bons trabalhos e eu sempre tive uma percepção em relação a isso e a oportunidade que tive no mestrado, foi algo que levei para o doutorado, tive a oportunidade também no doutorado de encontrar meu orientador no doutorado o Professor Wellington, que acabou reforçando alguma coisa que o Gil também fazia no mestrado e que vi também com muitos professores na FECAP, [?12m41]do Parise, do Rubens, o Professor Ivan, do Professor Peleias, que é a questão da qualidade do trabalho científico, se for para escrever, repetir e passar, dar uma nova roupagem é muito melhor não escrever, para não perder tempo, então para quantidade, para conteúdo, os trabalhos que eu fiz, a produção acadêmica tanto para os artigos para a disciplinas quanto para aqueles artigos que a gente pretendia encaminhar para o congresso, a gente sempre procurou fazer de uma forma que não fosse simplesmente uma coisa repetitiva, que muitos trabalhos, inclusive já tem vários, muitos, que muitos estudos publicados no congresso do Brasil principalmente, são de péssima qualidade, embora são aprovados, que estão bem escritos, porque tem começo, meio e fim, mas são de péssima qualidade, ou seja não estão agregando nada, você lê aquilo, concorda e não muda nada a vida de quem usa aquele texto, então de alguma forma a minha preocupação que eu tive contato por conversar com Professor Gil, principalmente, mas com todos os professores que tive na FECAP e eu tentei levar isso para o doutorado e sempre fazer essa análise crítica, ou seja, na produção acadêmica desenvolver uma análise crítica do conhecimento, do conteúdo das áreas de estudo.

Amanda: Segundo bloco de perguntas. Falando do doutorado. Quando surgiu a intenção de ingressar no doutorado?

Prof. Tiago: A intenção de ingressar no doutorado, no meu caso, foi logo depois do mestrado, porque eu terminei o mestrado na FECAP, que estava começando na minha carreira acadêmica na UNISO, percebendo, pelo menos, na condição naquela época da universidade, hoje a própria universidade mudou muito, perdeu muito em qualidade, perdeu muito em estrutura de filosofia do que é uma universidade, mas naquela época, por exemplo, a UNISO estava passando por um processo de crescimento, projeção de crescimento no sentido de universidade, então, propostas de novos programas de pós-graduação, inclusive de mestrado na área de Ciências Sociais aplicadas, por isso eu terminei o mestrado, ainda passei um ano para resolver algumas coisas, me casei, fazendo algumas coisas de cunho pessoal, mas logo em seguida eu ingressei na tentativa de um doutorado. Já no ano seguinte eu comecei a conversar com os professores para tentar ingressar na USP, para tentar ingressar em um outro curso de pós-graduação, doutorado, porque na USP, naquele momento, porque eu estava desenvolvendo uma atividade profissional fazendo as consultorias, a USP naquele momento me pareceu tão convidativa para ingresso, porque eu estava com e não tinha intenção, eu estava recém-casado, acertando um monte de coisas, eu não estava com intenção de abdicar principalmente, dos aspectos financeiros, abdicar de recurso financeiro, de trabalho para me dedicar exclusivamente ao doutorado, naquela época isso não me passou pela cabeça. Então eu fui pesquisar programas de pós-graduação particulares, que conseguisse conciliar a

atividade profissional, ingressei na UNIMEP, optei inicialmente pelo curso de Engenharia de Produção, porque tinha na época o Professor Padovesi, ele é muito conhecido na área de controladoria, que é a área que eu atuo, conversei com ele, cheguei a fazer algumas reuniões com ele, inclusive na empresa que ele trabalhava na área na época, cheguei a ingressar na UNIMEP, num programa em doutorado de Engenharia de Produção, só que no ano em que ingressei a UNIMEP passou por uma crise institucional e mandou muitos professores embora, então ficou muito ruim a qualidade, tive uma perspectiva, percepção muito ruim do programa em si, pelo menos daquilo que eu ia desenvolver dentro mesmo do curso de Engenharia de Produção, o que eu ia desenvolver na linha de controladoria, tanto que o Professor Padovesi mesmo ele acabou se afastando e eu perdi a referência e acabei abandonando a UNIMEP, isso foi no terceiro ano depois que eu fiz o mestrado, primeiro ano eu só resolvi minhas coisas, no segundo ano participei dos processos, pesquisando e no terceiro ano já ingressei na UNIMEP, depois dessa experiência na UNIMEP eu já fui de novo, sem perder ou entendes de entrar num programa de doutorado, fui tentando e tendo um cuidado de no ano seguinte produzir artigos, dediquei já que não estava no doutorado, comecei a lutar para produzir artigos, escrevi muitos artigos, inclusive com o Professor [?17m29]Bercolino, com o Professor Gil, para que eu tivesse, voltasse a ter essa visão um pouco acadêmica e também ter um currículo mais apresentável para o ingresso no programa de doutorado, tinha produção, mas pouca produção então eu quis incrementar. Fazendo isso, retornei lá para USP, participei do processo com o projeto, naquela época eu já estava mais acadêmico do que profissional, porque eu já estava coordenando o curso de Ciências Contábeis da UNISO, na época, já estava dando aula na universidade pública na FATEC, na época foi um período curto que assumi na FATEC, então a USP percebeu a minha dedicação maior a vida acadêmica e acabei ingressando na USP.

Amanda: Como foi o ingresso para o doutorado, teve algum tipo de preparo diferente do mestrado?

Prof. Tiago: A situação já foi muito diferente da época do mestrado para o doutorado, porque eu já sabia o que ia encontrar, logicamente mesmo sabendo que o doutorado na USP você tem toda uma filosofia diferente, por exemplo, na FECAP foi um mestrado, mas que onde existia a conciliação da vida profissional dos alunos, por ser uma instituição privada, a USP não, uma instituição pública e a recomendação era que o aluno se dedicasse completamente, para o programa de pós-graduação. Nessa época eu me preparei nesse sentido, a preparação foi mais de fato ter que abrir mão de aula, ter que abrir mão de consultorias, ter que abrir mão de trabalhos para me dedicar a pós-graduação. Algo que eu fiz em parte, algo que eu não consegui fazer como poderia ter feito acadêmico que surgiu no ano de 2010, acabaram surgindo muitas mudanças na área que atuo profissionalmente, mistério, muitas coisas que acabaram me tirando muito do programa de pós-graduação, sempre tive uma construção profissional muito forte nessa época, que tive que conciliar isso com o doutorado, mas não houve essa preparação como foi na época do mestrado de preocupação o que ia encontrar, sabia o que ia ter que escrever, sabia que ia ter que me dedicar e ter que abrir mão já de muitas coisas também, principalmente em relação a remuneração, então no doutorado, se no mestrado a minha remuneração incrementou, no doutorado minha remuneração, no começo eu ainda consegui conciliar, mas depois tive que abrir mão de muitas atividades profissionais, então minha remuneração caiu bastante.

Amanda: Essa seria a próxima pergunta, se durante o doutorado houve alguma mudança?

Prof. Tiago: Acho que foi isso, que quando você ingressa num doutorado, principalmente num programa de doutorado, vamos dizer, como o da USP pela filosofia ali apresentada, o profissional tem que estar ciente de que terá que abrir mão de outras coisas, se eu tivesse me dedicado somente ao doutorado, eu sei que teria muitas oportunidades, teria muitas condições que infelizmente eu não consegui ter no programa de doutorado da USP. Ali eu tinha portas para fazer pesquisas no exterior, fazer doutorado sanduíche, as portas são muitas as portas que um programa de doutorado como esse abre, só que para você entrar nessas portas você tem que fechar outras e no meu caso eu não poderia fechar essas portas, por exemplo pelo menos eu fiz a escolha assim, abrir mão da minha casa, continuei morando em Sorocaba, não abri mão de algumas atividades profissionais que eu tinha, institucionais inclusive, acabei me arrependendo porque por exemplo lá na UNISO ela acabou mudando a filosofia todo mundo que era titulado mandou embora, então foi bem assim que aconteceu, mas não me arrependi, talvez eu entrei lá e ter largado já as aulas da UNISO, me dedicado mais ao doutorado, não teria passado o que passei lá na UNISO e de alguma forma queria até ter conseguido talvez mais algumas coisas no doutorado que eu acabei não conseguindo.

Amanda: Você tratou de maneira diferente a produção acadêmica durante o doutorado?

Prof. Tiago: Principalmente o senso crítico no período do doutorado, oportunidade que eu também tive nas aulas, nos professores, dos vários professores que tive no doutorado, eu acabei desenvolvendo muito isso, ou seja, ter uma produção clara, no doutorado você é obrigado a ter mais produção ainda no que foi na época do mestrado. No mestrado a produção era um *plus* e no doutorado a produção é uma condição, então muda muito em relação a isso, mas é aquela história, no doutorado tinha aquela condição de que já que estava mais dedicado, conseqüentemente tinha que ter mais produto das disciplinas, produtos de pré-tese, ou seja, de trabalhos já envolvidos com os assuntos da tese em si, da pesquisa em si, então você já não é mais incentivo, eu acho que o que muda num doutorado, num mestrado é que o artigo é que se no mestrado um artigo é, vamos dizer, é uma coisa boa, no doutorado é uma necessidade básica. Você tem que ter a produção, senão você está ali só para passar o tempo.

Amanda: Agora falando do título de doutor. O que ele trouxe de mais significativo no aspecto profissional, acadêmico e social?

Prof. Tiago: No momento, hoje eu falo, que no meu doutorado não mudou nada em relação ao mestrado, infelizmente na verdade, o meu sentimento com relação da titulação em si, mas porque para mim, o que tenho feito ultimamente não tem sido estar em relação e sim estar em relação ao doutorado, ou seja, o que eu tenho feito hoje profissionalmente, não está muito condicionado ao título de doutor da USP, está muito mais condicionados aos contatos que a gente construiu, está muito mais relacionado a experiência nas atividades em que a gente faz, por quê? Porque por exemplo, acabei no meu caso pessoal, acabei passando por isso, a institucionalmente na universidade em que eu estava, que de certa forma eu investi muito no doutorado, para construir universidade em Sorocaba, acabou que pegou todos os titulados que não tivesse um determinado grupo e mandaram embora, ou seja, para questão de redução de custos, então infelizmente o ensino superior no Brasil hoje, não valoriza mais título de doutor, porque doutor como tem que pagar mais do que o mestre ou que o especialista, então o doutor

ele só é chamado no último caso, só para computar o ponto de vista estatístico, então o ensino em si o doutorado acabou me ajudando mais em relação a ensino, foi o contato também, ou seja, foi ter aula com os professores, talvez entraria um aspecto interessante, porque não eu teria isso de não tivesse feito doutorado, se eu tivesse feito uma graduação na USP, por exemplo, talvez eu teria a mesma condição de contato, com professores como Professor Martins, Professor Presato, professores de renome, mas para mim que não tive essa oportunidade na graduação, não tive essa oportunidade no mestrado, o doutorado foi para ter contato com esses outros professores, que me ajudaram também, a me formar profissionalmente e a formar a minha, ajudar a me formar enquanto pessoa, é isso que o meu orientador, principalmente o meu Professor Wellington, na USP, foi um caso ímpar, o Professor Gil me colocou nesse mundo e o Professor Wellington me mostrou o que é esse mundo de forma muito mais clara, do ponto de vista do que é o cientista, de como tem que se trabalhado a ciência na nossa área contábil, então o doutorado foi mais isso, foi o contato, foi a estrutura, as aulas, os contatos com os colegas também, mas que no meu caso menos, do que maioria dos estudantes de doutorado, porque a maioria dos estudantes de doutorado eles ficam dedicados ao projeto, ficam dedicados ao programa, estão lá todos os dias na fé, eu não tive isso, eu só ia lá quando tinha aula, eu ia só por conta de ter atividades por residir fora de São Paulo, para mim foi isso, a minha sensação hoje é que o título de doutorado, não mudou tanto o que eu já tinha obtido em relação ao título de mestrado da FECAP, o que foi mais para mim um doutorado, foi esse aprimoramento do que eu desenvolvi no mestrado e o contato também e o processo de aprendizado com os professores, principalmente os professores da FEA que juntos com os da FECAP são os melhores, então para falar assim, para provocar.

Amanda: Atualmente, quais as atividades acadêmicas e profissionais você realiza?

Prof. Tiago: Hoje eu tenho me dedicado a atividades que eu já vinha me dedicando antes do doutorado, na verdade hoje para mim é que o doutorado, não mudou tanto a minha vida, na verdade o que mais mudou, por exemplo, mais depois que eu terminei o doutorado, é que eu precisei abrir mão das atividades de graduação, por exemplo, que eu sempre me dediquei, ou seja, foi a construção, eu abri mão da graduação, por que eu abri mão da graduação? Porque hoje a graduação, como eu ainda não tive a oportunidade de participar de um processo de seleção de uma universidade pública, nesses últimos dois anos não surgiram tantos concursos, porque é isso que para um professor, um doutorado, um estudante, um formado em contabilidade, ele precisa, porque para você usar o título em si, o título ele acaba sendo uma condição para o ingresso por exemplo, para uma universidade federal, uma universidade pública. Então sem estar em uma universidade pública o doutorado então você entra em uma universidade privada, e hoje é como eu disse, elas não estão chamando os doutores, por conta de ter essa remuneração diferenciada, que por mais que você seja o melhor professor, eles sabem disso, mas eles vão chamar o mais barato, então isso o que está acontecendo no ensino privado de maneira pelo menos, a maneira que percebo e aos contatos que eu percebo, então eu abri mão das aulas de graduação, ou seja, coisa que há mais de dez anos eu fazia, inclusive esse ano abri mão, totalmente das aulas de graduação e estou me dedicando ao curso de pós-graduação e cursos profissionais, que na verdade o que mais eu tenho feito são palestras, inclusive até por aqui, pela casa, pelo CRC, SECON, cursos, além das consultorias nas empresas, então esse é o xis da questão, esse é o grande desafio hoje, de, por exemplo, de quem faz hoje um estudo, faz um mestrado, faz uma pós-graduação, porque o ensino hoje está remunerando muito mal, isso é inegável, aquela hora/aula, hoje aquela hora/aula do curso de pós-graduação são hoje de uma faculdade de ponta é o mesmo valor que você recebe de uma

empresa, de uma consultoria e você tem muito menos trabalho, ou seja, na consultoria você vai entrar na empresa, você vai oferecer modelos, vai aparecer situações, ter uma responsabilidade por um processo, só que é muito menos trabalhoso, do que hoje você preparar aula, lançar nota, avaliação, cobrança por produção científica, que é a vida acadêmica, então de alguma forma é cada vez mais claro, estou falando na minha visão, naquilo que eu construí profissionalmente e academicamente, mas hoje é cada vez mais difícil você tirar o pé do mercado, ou seja, se você quer ter uma boa remuneração, não dá mais, por exemplo, para um professor recém ingressante num curso de graduação, de pós-graduação achar que ele vai construir um patrimônio financeiro, inclusive, só dando aula, ele vai conseguir se sustentar, conciliar com outras coisas, então a atividade acadêmica e como o doutorado exige um pouco isso, ou seja ele exige dedicação, a menos que você ingresse num curso de pós-graduação, que você tenha condições de além do salário, desenvolver projetos possam te oferecer outros tipos de vantagens, é muito difícil isso e profissionalmente é o que eu tenho feito hoje, tenho me dedicado a algumas atividades, cursos profissionais, cursos palestras, cursos de pós-graduação, mas e sem deixar de fazer consultorias, ou seja tenho as empresas que faço consultoria e é isso que acaba sendo importante, gostaria muito mais de, tenho na minha condição, ainda tenho o meu projeto de existir um concurso numa boa instituição que me ofereça um plano interessante, largar esses cursos profissionais e ficar dedicado a esse curso de pós-graduação ou curso de graduação, quem sabe na área acadêmica, mas esse é meu projeto.

Amanda: Acho que você já respondeu mais ou menos, mas você atribui a sua formação acadêmica, mais acessos as oportunidades na carreira e melhores condições de rendimento, você atribui que isso foi por causa da formação acadêmica?

Prof. Tiago: No meu caso, sim, por conta da formação acadêmica não do doutorado em si, a pergunta é genérica.

Amanda: a entrevistadora concorda.

Prof. Tiago: Sim, não há dúvida que a condição, realmente, que justamente, que no meu caso o que acontece, eu lido com o meu profissionalmente hoje os cursos, os treinamentos, as palestras, são problemas muito práticos, problemas que muitas empresas de consultoria vendem sistemas, muitas empresas de consultoria vendem soluções de projeto, de avaliação, então esses assuntos contábeis de hoje, a própria [?30m32] IRFs, aspectos tributários, SPEDs, então esses termos hoje são termos que afetam todas as empresas, de todos os tipos, de todas as organizações, desde a pequena até a grande, claro que a gente sabe que hoje se você trabalha em uma grande empresa, tem uma política de remuneração, que tem uma política de trabalho, que hoje me pagaria muito mais do que como funcionário, do que como analista, como um gerente da área contábil, hoje receberia muito mais do ponto de vista do salário do que o que eu estou fazendo hoje, fora dos cursos, isso porque hoje a gente trabalha com empresas de renome, não cursinhos por ai, só o que acontece? É que a gente acaba fazendo é porque a gente percebe essa visibilidade, de que eu faço o que eu gosto, ou seja, esses cursos nessas atividades eu faço o que gosto, porque eu percebo que estou falando para aquele aluno, o aluno aqui que eu falo é o profissional que tem um escritório, um contador, que no meu caso, faz parte do público são profissionais da área contábil, eu sei que estou ajudando eles, ou seja, talvez a minha ideia, a forma de organizar, o meu conhecimento em função de um

assunto na área contábil, na área fiscal, na área tecnológica eu ajudo os profissionais, ainda hoje estou tentando, estou tendo meu retorno, é claro que não estou me sacrificando totalmente em função disso, mas ainda eu faço porque percebo que pessoalmente isso me satisfaz muito nesse aspecto, por estar profissionalmente estar fazendo alguma coisa que gosto e de perceber isso do ponto de visto do público, agora por exemplo financeiramente é uma coisa que não pode ficar pensando muito, porque financeiramente hoje, o mercado que o Brasil, ainda está aquecido, as empresas ainda estão, o mercado ele carente por bons profissionais, por profissionais que tenham tanto conhecimento técnico, essa visão de lapidar os problemas, de apresentar soluções para os problemas que de alguma forma o mestrado, que o doutorado ajuda a parte científica de um programa de pós-graduação ajuda nisso, então as empresas estão carentes por esse tipo de coisa, só que é aquela história, a partir do momento que você vai para a empresa, você vai ser bem remunerado, você vai ter conhecimento, mas num grupo muito restrito do diretor da empresa, subordinar os funcionários e só, ou seja, e acionistas, tudo bem, é um grupo muito mais restrito hoje no que a atividade que a gente faz.

Amanda: Para finalizar, como você avalia os reflexos da sua formação na sociedade, ou seja, qual o seu papel como pesquisador?

Prof. Tiago: É como eu disse, de alguma forma a pesquisa e profissionalmente na atividade em que eu venho desenvolvendo hoje, eu faço muito isso, o que a pesquisa me proporcionou, ou seja a mental de metodologia de pesquisa, ou seja a ideia envolvida no curso de pós-graduação, doutorado, mestrado, ou seja o desenvolvimento disso no mestrado e aprimorei no doutorado, é a questão de perceber os problemas e estruturar esses problemas de forma a encontrar respostas, ou seja a própria estrutura científica também do problema, do objetivo, do desenvolvimento de chegar na conclusão, é a base das diversas situações do dia a dia das empresas das situações mais simples às mais complicadas, a minha vantagem no caso é que eu tenho lidado com assuntos que são assuntos que estão na vanguarda, por exemplo a questão de SPEDs, essa questão das próprias normas contábeis, que são problemas que as maiorias dos profissionais não sabem ainda como lidar, para você fazer hoje, dar um treinamento, para você preparar um livro, para você preparar algum material, dar uma consultoria sobre um assunto, por exemplo sobre o assunto relacionado SPEDs, sobre o assunto relacionado [?34m18], o que eu faço hoje é pegar aquilo que aprendi no programa de mestrado doutorado, ou seja, tentar identificar problemas e pós objetivos, estruturar todo o cenário, a situação-problema, todas as referências, todas as variáveis, para chegar lá no final e dar uma solução e falar: “olha é isso”. Porque, normalmente o que acaba acontecendo para quem não faz o mestrado, para quem não faz o doutorado, pelo menos é com a gente percebe isso nas empresas de uma forma geral, é que tem muita gente que resolve os problemas de uma forma não muito estruturada, vai resolvendo, apresenta soluções, apresenta ideias, apresenta documentos, textos, projetos, mas com opiniões inconsistentes, sem apresentar bases, sem apresentar referências, então tudo isso que a gente usa para fazer um artigo científico, hoje a gente usa para resolver os maiores problemas da humanidade, ou seja na nossa área contábil, para resolver os principais problemas contábeis. Então é isso que eu faço, do ponto de vista de aspecto social, eu estou convicto do que o que eu faço nesses cursos, nas palestras estão muito relacionados naquilo que desenvolvi no mestrado, eu não teria essa mesma condição se tivesse feito um curso de MBA, por exemplo ou outro tipo de curso de pós-graduação, graduação que eu não tive isso na graduação, porque lá você não tem a preocupação metodológica, essa preocupação do conhecimento, do que você está falando, se aquilo que você está falando é (falseável), do que você está falando não é uma falácia, se tudo

o que você está falando e algo que não tem base, não têm referências, então tudo isso a gente lê toda hora, está lendo textos, está vendo consultores apresentarem ideias, soluções e os diretores e os gerentes estão fazendo isso, toda hora, em todo lugar, a todo momento acontece isso na nossa área empresarial. Só que a gente sai desse grupo, ou seja, a gente faz as coisas, prepara, oferece soluções, prepara textos, prepara apresentações sempre com esse cuidado em relação ao que você está apresentando. Eu acho que isso é a grande contribuição e a grande contribuição que eu recebi no mestrado é o que eu continuo devolvendo para a sociedade de uma forma geral.

Amanda: Para finalizar, gostaria de saber se há algum comentário, alguma sugestão a fazer sobre esse roteiro, sobre a condução da entrevista?

Prof. Tiago: Se eram esses os objetivos que eu apresentei, para esse tipo de depoimento, da minha parte eu não tenho muito mais a acrescentar, realmente hoje o que seria mais, o que seria muito mais interessante desse estudo, você vai compartilhar isso, é porque quando eu falo da questão de remuneração, a gente tem que tomar muito cuidado, é que eu não estou desestimulando quem está fazendo mestrado, não é isso, nem fazer o doutorado, pelo menos é como eu disse se não fizesse o mestrado, doutorado, o doutorado eu tive, realmente, ali eu tive mais problemas por não ter podido ter me dedicado tanto, se tivesse me dedicado mais, eu teria muito mais retorno cultural, então foi isso que aconteceu em relação ao meu doutorado, mas principalmente em relação a oportunidade de fazer um pós-graduação, eu vejo isso como o Brasil que é um dos países que tem a quantidade de mestres e doutores que é infinitamente menor do que a maior parte dos países desenvolvidos principalmente, mas mesmo os países em desenvolvimento no mundo, porque o Brasil não tem essa valorização da construção do saber e isso acontece e é notório, como por exemplo nos trabalhos publicados, na nossa área, artigos de congressos, artigos até alguns periódicos, você vê como são ruins, mas com que base? Isso tem um monte de artigos, tem um monte de professor, um monte de estudos que provam que são ruins, só que, se só fossem publicados, fossem apresentados os congressos, apenas os trabalhos bons, não teria congresso, porque teria meia dúzia de trabalhos, eu entendo que essa necessidade de aprimoramento, mas isso ainda é muito novo no Brasil, lembro de quando eu fiz o meu mestrado, eram poucos mestrados no Brasil, eu participava de uma elite, hoje têm muito mais mestrados, muito mais mestres, já existem muito mais profissionais hoje, com essa formação, mas não quer dizer que necessariamente a qualidade tenha aumentado assim como acontece na graduação, só que você cria pelo menos, uma condição maior desses profissionais, que de dez que ingressam no mercado um ou dois perceberem isso, fico muito nessa esperança de perceberem isso, que do ponto de vista científico e profissional o mestrado dá essa oportunidade, abre essas portas que outros cursos, outros tipos de formação, de especialização não ofereceriam, acho que seria mais esse comentário sobre a pergunta que fala sobre remuneração, porque não é uma crítica, não é nenhuma ponderação em relação a isso, mas essa visão que o pessoal as vezes acha que vai fazer um mestrado, que vai dar aula, ficar rico dando aula, não vai ficar rico dando aula, é que você vai fazer uma coisa que talvez numa atividade profissional, que uma função gerencial, uma função executiva, você acaba fazer algo que te dê muito mais prazer, agora não é fazer também só por de dar prazer, não, é ainda é o cuidado que ainda, que infelizmente não dá para se ter nos programas de pós-graduação no Brasil, que fazer esse compromisso. Essa sua última pergunta, seria algo que deveria ser checado de todos os alunos que terminam o mestrado hoje, ou seja, de que forma que o mestrado, lógico que tanto na área pública quanto nos mestrados privados, eu entendo que justamente não denegriu o conceito do

mestrado, de que forma de o que foi desenvolvido no mestrado o que está sendo devolvido para a sociedade e não só para o mestrando, que se o mestrado quer essa característica, o desenvolvimento científico e a ciência em si só para a sociedade em forma de produtos, na forma de pesquisas, na forma de conhecimentos, não necessariamente você precisa ser um professor, mas que você ser um empresário que fez um mestrado, mas que você cria soluções de negócios, que podem ser replicadas e que melhorem o ambiente de competição no Brasil, as empresas brasileiras ficam melhores, mas o problema é quando a pessoa faz o mestrado e não aplica aquilo que ela faz ou pior, ou seja, põe em uso de forma indevido, ou seja o que faz o mestrado só para dar aula e dar aula de forma que daria fazer o mestrado, acho que é mais nesse sentido, essa minha visão hoje sobre o assunto, é nesse sentido.

Amanda: Obrigada.

PROF. DR. RODRIGO DE SOUZA GONÇALVES - 24/03/2014

Amanda: Iniciando a entrevista, com o professor Rodrigo. Então, Rodrigo, resumindo: é uma continuação daquele questionário que eu enviei anteriormente. O objetivo da entrevista é tentar detectar de maneira mais detalhada, as mudanças ocorridas após o mestrado e após o doutorado, o impacto do título em sua vida profissional, acadêmica e pessoal. Então, vou começar com o primeiro bloco de perguntas, a questão número um: como foi o processo decisório de ingresso no mestrado?

Prof. Rodrigo: Bom, foi na ocasião da especialização. Eu já fiz a especialização na FECAP e já estava na docência logo no segundo semestre da minha especialização. Aí, acabou acontecendo como algo natural, em decorrência da minha atividade docente. Naquele momento, por já conhecer um pouco a FECAP, eu acabei escolhendo fazer um processo seletivo aqui, e nem tentei, na verdade, outras instituições. Mas, foi algo natural, em decorrência dessa atividade, e pela busca de outros caminhos em termos profissionais.

Amanda: Certo. E este ingresso no mestrado se deu por algum tipo de influência? Você falou que foi por causa de já conhecer a FECAP, para dar continuidade. Mas, para você, teve alguma pessoa ou algo que marcou essa decisão, que influenciou?

Prof. Rodrigo: Na verdade a decisão ocorreu naturalmente. Meu orientador na especialização foi o professor (Ralf), na verdade veio estimular essa decisão, mas, não foi uma influência externa propriamente dita, essas influências externas só vieram corroborar aquilo que eu já tinha em mente a fazer.

Amanda: Certo. E como você se preparou para ingressar no mestrado?

Prof. Rodrigo: Bom. Eu posso te dizer que para o teste ANPAD eu não me preparei, mas, para a prova específica eu me preparei sozinho. Peguei a bibliografia que estava no edital e me preparei sozinho, estudando por conta.

Amanda: Certo. Durante o mestrado, houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicção de rendimentos?

Prof. Rodrigo: As duas coisas. Na verdade, não tem como você se dedicar a outras atividades durante o mestrado. Tem que deixar de fazer algumas coisas para se dedicar ao mestrado, então, a quantidade de horas que eu tinha no escritório diminuiu substancialmente. Algumas ideias que eu tinha, em termos profissionais, só vieram após o mestrado mesmo. Então, houve mesmo um curso de oportunidade que, desde a primeira semana o Prof. Ivam já falava sobre isso... (risos)

Amanda: E o que o título de mestre de mais significativo no aspecto profissional, acadêmico e social?

Prof. Rodrigo: Vamos lá. Eu vou falar primeiro do aspecto acadêmico. Em termos de conhecimento, eu vejo que a elaboração da dissertação foi o que mais me marcou, em termos de contribuição do mestrado. Evidentemente que as disciplinas são legais etc., mas, em termos de formação acadêmica, eu acho que a elaboração da dissertação foi o mais marcante, porque é o momento em que você se debruça em algumas coisas que antes eram desconhecidas para você, totalmente. E você, quase solitariamente vai atrás de algumas soluções, e acaba desvendando esse percurso em termos de metodologia, o percurso metodológico da tua dissertação, o que antes, para mim, era totalmente desconhecido. Isso, em termos profissionais, foi algo também muito interessante porque, a maneira sistemática de você pensar todo o seu trabalho, em decorrência da contribuição acadêmica, ela deságua no profissional – porque você se organiza melhor, pensa de uma maneira mais sistematizada. Nos trabalhos, sejam de consultoria ou perícia, você acaba tendo um salto qualitativo muito grande porque você já vai no foco do que tem que fazer. Então, todo esse percurso que a gente faz no acadêmico, no trabalho científico, deságua na questão profissional. Na questão social, se a gente imaginar que a docência é algo que impacta a vida das pessoas, é interessante porque, o mestrado, na minha perspectiva, ao contrário do doutorado, ele te dá um pouco mais profundidade em termos de conteúdo e em sala de aula. Por isso que eu sempre falo que o mestrado tem um impacto muito mais relevante que o doutorado, em termos de docência. No doutorado, a sua aquisição vai para a questão de pesquisa acadêmica, não necessariamente traz repercussão, proporcionalmente falando, em sala de aula. Então, o mestrado tem esta contribuição muito interessante, muito embora, como especialista em termos técnicos, você tem esse conhecimento, mas no mestrado você agrega o escopo de termos técnicos também com conhecimento acadêmico – isso traz um impacto muito interessante em sala de aula.

Amanda: Como você tratou da produção acadêmica e científica, no mestrado?

Prof. Rodrigo: Isso eu acho que foi um problema durante o mestrado. Na verdade, quando a gente entra no mestrado, quando a gente vem essencialmente do mercado, a gente tem a visão de que o mestrado é um curso que vai te dar contribuições em termos acadêmicos para a sala de aula e não tem uma relação tão direta em termos profissionais. Só que você, eu falo por mim, na verdade, você não tem uma visão sistêmica do processo de avaliação do mestrado. Naquela ocasião foi muito marcante pra mim, quando eu entrei em 2004, o mestrado em Ciências Contábeis estava sendo descredenciado, tinha caído da nota três para a nota dois. Aí, eu ficava ouvindo aquele zunzunzum – eu vou chegar lá na produção acadêmica – mas aí a gente não foi devidamente esclarecido sobre o nosso papel de discente no programa. A gente sabia que tinha que fazer as disciplinas, então era “vamos fazer as disciplinas”. E se falava em artigos, mas a gente não sabia exatamente para que serviriam os artigos. Então, acho que isso foi uma falha na nossa entrada, em termos de enfatizar qual era a nossa contribuição, enquanto alunos, para o programa. A produção acadêmica, durante o período em que nós estivemos, foi praticamente nula. Tive somente um artigo – fiz uma disciplina com o professor Cláudio Parisi – e a disciplina fazia com que a gente tivesse que fazer, mas a gente não sabia, na verdade, o impacto que isso tinha para o programa. Quando eu saí do programa com a dissertação, aí sim eu realizei as publicações, mas eu diria que esta questão da produção acadêmica, durante o programa, foi praticamente nula.

Amanda: O segundo bloco de perguntas é mais relacionado ao doutorado – algumas perguntas se repetem, mas voltadas para a questão do doutorado. Quando que surgiu a intenção de ingressar no doutorado?

Prof. Rodrigo: Eu terminei o mestrado em 2006, nisso eu fui para Brasília, em um projeto de consultoria para as Nações Unidas e, enquanto estava em Brasília, prestei concurso para a UNB. Antes mesmo de entrar na UNB, eu já tinha interesse de fazer o doutorado e, naquele momento, já se falava inclusive no doutorado da UNB. Em 2007 saiu o primeiro processo seletivo e aí, eu já tinha, digamos assim, “desanuviado” o mestrado um pouco, já tinha um ano e meio afastado da sala de aula e decidi fazer o doutorado, como processo natural por estar também já na academia, na Universidade de Brasília, naquela ocasião. Mas antes mesmo de entrar na Universidade de Brasília eu já tinha interesse em fazer o doutorado, não sabia quando nem onde, mas foi algo que aconteceu naturalmente. Na verdade, eu nem esperava que eu fosse fazer em 2008, processo foi de 2007 para a primeira turma em 2008, mas acabei entrando. Foi bacana porque também ocorreu de forma natural, quer dizer, o mundo não ia acabar se eu não entrasse naquele momento, então, aconteceu de forma natural.

Amanda: Teve algum preparo especial para esse ingresso no doutorado, diferente do que você fez para o mestrado?

Prof. Rodrigo: Não, foi semelhante ao do mestrado. Naquele momento a única diferença que tinha é que eu tinha que estudar um pouco mais de estatística por causa da prova de métodos quantitativos, que não tinha na época que era prova específica de Contabilidade. A prova foi também específica em contabilidade, métodos quantitativos, inglês e redação. Acabei focando muito na questão de contabilidade e métodos quantitativos, estudando sozinho. Cheguei a estudar também com alguns colegas que iriam fazer o processo seletivo, foi desta maneira.

Amanda: Como você analisa a contribuição – ou se houve contribuição realmente – do mestrado em seu desenvolvimento e para a conclusão do doutorado?

Prof. Rodrigo: Ah, total. Já no questionário eu tinha afirmado isso. O salto qualitativo que a gente tem, na minha perspectiva, ele se deu no mestrado. A minha percepção é essa, chegou no doutorado, você vai se aprofundar em questões específicas, mas, na verdade, não seria diferente se tivessem esses tópicos no mestrado. Então, a base que a gente teve aqui no mestrado foi muito importante. Novamente, volto a destacar o processo de você fazer uma boa dissertação – isso é o que faz você dar um salto qualitativo, na minha perspectiva, em termos metodológicos, em você pensar de uma forma sistêmica e isso acaba contribuindo para o resto da sua vida.

Amanda: Durante o doutorado, houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?

Prof. Rodrigo: Não, aí já foi diferente. Assim, eu tive dispensa para poder fazer o doutorado. Lá na Universidade eu cheguei o primeiro semestre sem estar dispensado, depois eu tive dois anos de dedicação...

Amanda: O dispensado que você fala é da consultoria?

Prof. Rodrigo: Não, sair de sala de aula e outras atividades profissionais da universidade.

Amanda: Entendi.

Prof. Rodrigo: Então, saí da rotina da universidade para me dedicar tão somente ao doutorado. Nesse caso eu não posso falar de abdicação de rendimentos porque, naquele momento, eu não estava fazendo qualquer tipo de outra atividade que não da universidade. Evidentemente, teve uma série de motivos que não vêm ao caso, mas eu não posso falar de abdicação de rendimentos nem de tempo, que foram totalmente dedicados ao doutorado. Neste momento não, pela primeira vez na vida, me pagaram para estudar.

Amanda: Entendi. Então, estava ótimo (risos)

Prof. Rodrigo: Estava ótimo!

Amanda: E como você tratou da sua produção acadêmica no seu doutorado?

Prof. Rodrigo: Aí sim foi diferente. Você tem uma noção mais abrangente do que é a sua participação no programa, a sua participação como ex-aluno de outro programa. Então, naquele momento, a gente tem uma percepção mais madura em relação à produção acadêmica, aí não parei de produzir. Em 2006 a gente saiu daqui e já em 2006 eu começo a ter uma produção acadêmica contínua. Então, chegar ao doutorado só veio ratificar esse percurso de dedicação à produção acadêmica, o que não parou. Mas já com essa visão mais madura do que é produção acadêmica, diferentemente do mestrado.

Amanda: E o que o título de doutor trouxe de mais significativo, no aspecto profissional, acadêmico e social?

Prof. Rodrigo: Em termos profissionais, a minha inserção na universidade ela é fundamental, porque, a estrutura da universidade, se você não tem um título de doutor, basicamente você não consegue nada – em todos os aspectos. Em contrapartida, ao ter o título, você consegue muitas outras coisas, o que é mais trabalho. Mas assim, você está em um programa de pós... em uma universidade pública. Acho que o grande atrativo é você se dedicar a pesquisa, se não for assim...

Amanda: Não tem razão de ser...

Prof. Rodrigo: Não tem razão de ser, não é? E aí, conseqüentemente, você participa de processos concorrenciais de editais, de fomento à pesquisa, tem maior visibilidade em termos de inserção acadêmica para a sua pesquisa. Lá dentro da universidade, o maior ganho é esse: você estar no programa. Em termos sociais, eu acho que acaba se confundindo um pouco – você acaba contribuindo de outra maneira. Ao se dedicar, não somente na graduação, mas você ter também uma dedicação também na pós-graduação, isso traz uma inserção bem relevante, porque você passa a ter um contato com os alunos, tanto de *stricto* quanto de graduação. Aí, como eu já falei, acadêmico e profissional se confundem, por estar na universidade. Então, acho que essa inserção na pós é o principal fator de você fazer um doutorado, ao estar na posição que eu estava naquele momento.

Amanda: Quais atividades acadêmicas e profissionais você realiza atualmente?

Prof. Rodrigo: Hoje, na verdade, por estar como coordenador do programa de pós, eu quase não consigo fazer nada fora da academia. Então, atividades extra-academia são praticamente nulas. Hoje, a atividade de coordenação consome todo o tempo que você tem e mais um pouco. Prejudica, inclusive, sua rotina de produção acadêmica, grupo de pesquisa que estava começando a ter uma solidificação, ele dá uma estagnada, porque você acaba não tendo tanto tempo para se dedicar a ele.

Amanda: Fica mais preso à parte administrativa...

Prof. Rodrigo: Fica. Você vira um burocrata. Especialmente o momento que a gente está passando lá, que é o desmembramento do programa, então, esse ano a gente está acertando de ter um programa próprio na universidade, e depois a gente vai ficar com dois programas, andando de forma paralela. Então, talvez fosse o pior cenário para ser coordenador naquele momento. Hoje é basicamente isso. Até então eu estava atuando na atividade pericial – que é uma atividade muito bacana, dá essa liga muito legal em termos de contribuição acadêmica, para o judiciário. E o judiciário tem essa visão da contribuição da academia para as decisões, no caso, do juiz, mas hoje, temporariamente, não estou atuando mais. Basicamente, hoje, estou exclusivamente, integralmente, na universidade.

Amanda: Você atribui a sua formação acadêmica mais acesso à oportunidade na carreira e melhores rendimentos?

Prof. Rodrigo: Quando a gente fala formação, seria o mestrado e o doutorado e não onde?

Amanda: Isso.

Prof. Rodrigo: Sem dúvida. Nesse sentido, sim. Eu diria que, se eu estivesse em outros locais, eu talvez tivesse outras oportunidades. Mas esta trajetória que eu tive, confunde, inevitavelmente, a vida profissional e pessoal. Sem dúvida alguma, ela que abre as portas e que vem abrindo as portas até hoje.

Amanda: Para finalizar: como você avalia os reflexos da sua formação na sociedade? Ou seja, qual é o seu papel como pesquisador? Como você entende o seu papel como pesquisador?

Prof. Rodrigo: Essa é uma tarefa muito difícil: conseguir com que nossas pesquisas tenham aderência na sociedade, não é tão simples este exercício, por mais que a gente queira dizer assim: a pesquisa que eu faço presta para alguma coisa. Afinal de contas, se usarem isso poderá ser bom para aquilo, esse é um aspecto. De forma concreta, coincidentemente hoje, assim, foi publicada no Diário Oficial do estado de Goiás uma regulamentação que advém de uma pesquisa nossa. Então, o papel que a gente exerce, sem dúvida alguma, a gente faz um esforço para que seja útil para a sociedade. Não é tão simples, está é a realidade. Na vertente que eu venho pesquisando, como uma das vertentes cai na área pública, esta acaba tendo uma maior aderência. Aí sim a gente vê alguns resultados um pouco mais concretos em termos do que a gente pesquisa e do nosso papel como pesquisador para a sociedade. Quando a gente cai na vertente privada, quer dizer, das empresas de capital aberto, essa contribuição, na verdade, acaba sendo quase que nula. Por mais que você entenda que exista uma contribuição, existe contribuição sem aderência – e sem aderência ela é nula. Então, é uma dualidade o que a gente vive enquanto pesquisador, de forma concreta, a gente pode ver: de um lado existe e do outro lado, apesar de ter um potencial para ter e acaba não tendo.

Amanda: Tem uma resistência, talvez...

Prof. Rodrigo: Ou a gente não é suficiente para fazer valer essa aderência. Eu acho que a gente tem de admitir nossas falhas enquanto formação... de vender a pesquisa como algo útil. A gente pode até enxergar que isso tem potencial, mas não sabe pegar e dizer “oh, meu amigo, você pode usar isso para alguma coisa”. Ou a gente não sabe, ou é mais cômodo não tentar fazer também. A gente vive uma série de outras coisas – a gente pode estar mais preocupado, por exemplo, em ter mais publicações do que fazer esta publicação ter uma aderência na sociedade. Então, é por isso que é uma das variáveis que estão sendo cobradas no programa – que a gente ter uma aderência junto à sociedade. Porque, realmente, a gente acaba vivendo em um mundo onde a gente acredita que pode ter aderência, mas não vai naquela porta pra dizer: “você pode usar”. Então, enquanto pesquisador, por mais que você se satisfaça, do ponto de vista acadêmico, isso não é suficiente. Eu acho que tem muito pra gente fazer em termos de aderência do que a gente faz para a sociedade, para virar realmente alguma coisa que preste. Mas, como pesquisador, pegando a minha curta trajetória, de 2006 para cá, temos aí alguns anos, e com o resultado que a gente teve recentemente, a gente já fez alguma coisa que serviu para alguém, sabe... (risos)

Amanda: É! Certo (risos). Então, tá. Agradeço a sua participação, e, para finalizar, queria ver se você tem alguma sugestão, algum comentário a fazer, do que a gente conversou até agora...

Prof. Rodrigo: Olha, o que eu ressaltai e volto a ressaltar é aquilo que eu comentei no questionário: a contribuição do mestrado, muito embora, se você pensar em termos sociais, possa ter maior valor o título de doutor, em termos pessoais eu acho que o curso de mestrado – não sei se é assim com todo mundo, mas comigo foi – ele foi muito mais impactante do que o próprio doutorado. Se você falar assim, “hoje”, evidentemente eu não teria as mesmas condições que eu tenho hoje, mas, se a gente analisar separadamente o impacto de um e de outro, o mestrado, sem dúvida alguma, me trouxe um salto qualitativo muito mais interessante do que o próprio doutorado. Era só isso que eu queria destacar e que eu já destaquei no questionário.

Amanda: Está ótimo. Obrigada.

PROF. DR. OTÁVIO GOMES CABELLO – 18/03/2014 (VIA SKYPE)

Prof. Otávio: Oi, Amanda.

Amanda: Oi, Prof. Otávio.

Prof. Otávio: Tudo bem?

Amanda: Tudo jóia! Você me ouviu bem?

Prof. Otávio: Ouço, e você?

Amanda: Também, tudo bem.

Amanda: Primeiro eu queria agradecer, Otávio? Por sua ajuda.

Prof. Otávio: Que é isso, é um prazer poder ajudar.

Amanda: O objetivo da entrevista é complementar o questionário que eu te enviei anteriormente. A ideia é tentar detectar, por meio da entrevista, as mudanças que ocorreram nos mestres, nos egressos aqui da FECAP, depois do doutorado.

Prof. Otávio: Eu cheguei a responder o questionário, não é?

Amanda: Respondeu sim.

Prof. Otávio: É porque eu respondi um monte esses dias, já nem sei.

Amanda: Não, respondeu sim... a ideia foi pegar os cinco doutores em contabilidade para aplicar essa pesquisa.

Prof. Otávio: Beleza.

Amanda: Tá bom? Então eu vou iniciar o primeiro bloco de perguntas. Agora é mais sobre a sua experiência no mestrado. A primeira pergunta seria: como foi o processo decisório de ingresso no mestrado?

Prof. Otávio: Bom, eu desde o segundo ano de faculdade coloquei na minha cabeça... Eu

participei, na época, do II Seminário USP de Controladoria e Contabilidade, não era nem congresso... eu, em conjunto com mais três colegas da graduação, estávamos no segundo ano de faculdade aqui em Bauru e conseguimos aprovar um artigo, apresentar e eu vivenciei pela primeira vez um universo acadêmico assim, que eu nunca tinha vivenciado, que era numa instituição de ponta, a USP e eu fiz: ah, acho que vou querer seguir essa área de docência, porque eu gostei de fazer o artigo, gostei da pesquisa, então... desde o segundo ano de faculdade eu decidi que ia querer seguir essa carreira. Não sabia, no entanto, onde fazer o mestrado ainda... estava no segundo ano, mas me interessei em fazer iniciação científica, sempre me preocupando em direcionar minha graduação de forma que eu conseguisse depois ingressar no mestrado. E depois, no quarto ano da faculdade, mais ou menos, eu conheci o Mauro Gallo e comecei a participar do grupo de pesquisa lá da FEA, em Controladoria e Gestão Tributária, onde nós desenvolvemos alguns estudos, algumas pesquisas e o Gallo tinha feito mestrado aí e me falou: Otávio, eu conheço o pessoal lá, é uma instituição séria. E, como eu já tinha participado do grupo de pesquisa, tinha alguma produção acadêmica já, alguma produção de artigos, eu decidi participar do processo seletivo da FECAP e consegui ingressar.

Amanda: Certo. A segunda questão – acho que você já respondeu um pouco. Esse ingresso no mestrado se deu por algum tipo de influência? Se sim, qual foi esta influência?

Prof. Otávio: Foi o Mauro Gallo que me influenciou. Na verdade, eu nem participei de outro processo seletivo. Tentei direto na FECAP, já deu certo e, como eu tinha uma boa referência – e era em São Paulo também, não precisava me deslocar para longe, eu que já moro no interior – então, foi em função disso.

Amanda: A questão três seria: você consegue identificar que preparação específica você fez para ingressar no mestrado? Você me disse que produzia, ingressou em um grupo de pesquisa...

Prof. Otávio: Isso.

Amanda: Foi essa a sua preparação?

Prof. Otávio: É, como eu disse. Na graduação eu tinha publicado um artigo, depois eu consegui publicar outro artigo em um congresso que não tinha tanta relevância, era em uma convenção da entidade de classe, do CRC, e também eu já tinha escrito alguns artigos pelo grupo de pesquisa. E também, tive que estudar pro ANPAD, pra fazer a prova, lembrar aqueles conceitos que tinha – já no mestrado eu tive que me preparar para isso.

Amanda: Certo.

Prof. Otávio: Aliás, dou graças a Deus que eu não preciso mais fazer essa prova (risos)

Amanda: Acabou (risos). Durante o mestrado, houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?

Prof. Otávio: Houve. Na época... assim, desde o primeiro mês que eu ingressei na faculdade eu consegui um estágio na área de contabilidade. Foi tudo muito rápido, do estágio, em três meses eu consegui um emprego com carteira assinada, pois, passado uns oito meses, desse emprego com carteira assinado em um escritório, eu fui para outro escritório para ganhar mais. Aí, fui para outro escritório pra ganhar mais, até que eu virei. Eu estava no último ano, não era contador ainda...

[PAUSA PARA ATENDER TELEFONE]

Onde eu estava?

Amanda: Então, retornado a gravação, eu perguntei para você: durante o mestrado, houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?

Prof. Otávio: Então, como eu estava dizendo, eu fui mudando de emprego rápido. Aí, no último ano de faculdade, eu já era um funcionário externo de um escritório de contabilidade. Eu fazia a contabilidade sozinho de uma rede de concessionárias. Quando eu terminei, peguei me CRC, os donos me chamaram para ser gerente administrativo, e combinou, justamente, com o meu ingresso no mestrado. Eu fiquei uns três meses trabalhando como gerente administrativo, eles me liberando um dia e meio para eu fazer o mestrado. Só que chegou um momento que eu percebi que precisaria largar, abandonar, para me dedicar mais ao mestrado, até porque eu tinha uma outra renda como professor porque, quando eu entrei no mestrado, eu consegui ser efetivado como professor na instituição de ensino onde eu me graduei.

Amanda: Certo.

Prof. Otávio: É óbvio que era uma remuneração ínfima perto do que eu ganhava como gerente administrativo, mas como eu morava ainda com a minha mãe, não tinha grandes responsabilidades financeiras, vamos dizer assim, eu decidi abandonar esse meu emprego, ficar só ministrando aula e fazendo mestrado. E, de vez em quando, eu fazia um outro bico na área de auditoria, que nem era muito a minha praia, mas para ter uma renda extra. Então, efetivamente aí, eu tive que dar um passo para trás e abdicar de receita para conseguir me dedicar.

Amanda: Certo. A próxima questão: o que o título de mestre de mais significativo no aspecto profissional, acadêmico e social?

Prof. Otávio: Bom, profissional... Depois que eu concluí o meu mestrado conseguia bastantes aulas de pós-graduação. Isso foi muito positivo, até hoje eu tenho, entre aspas, essa carteira de pós-graduação, isso contribui bastante. Do ponto de vista de consultoria, um pouquinho antes de defender, eu arrumei um emprego em um escritório de consultoria e isso acabou pesando também na abordagem com os clientes, por ter esta titulação que dava um peso um pouco

maior na hora de fechar um contrato de consultoria, isso do ponto de vista profissional.

Amanda: E o acadêmico...

Prof. Otávio: O acadêmico... me possibilitou ter mais aulas de pós, tanto na pós quanto na graduação. Percebi pelo fato de ter que estudar e escrever muito, isso me ajudou a melhorar a minha escrita, vamos dizer assim. Isso eu percebo até hoje, o início da minha evolução foi no mestrado. E pessoalmente, eu acho que para qualquer ser humano, quando a gente conquista algo que foi fruto de muito suor, é algo extremamente gratificante. Então, no mestrado não foi diferente.

Amanda: E sobre a produção acadêmica, como você tratou da produção durante o mestrado?

Prof. Otávio: Bom, eu produzi no mestrado, que eu consigo me lembrar, eu consegui publicar um artigo na ANPAD, na disciplina do Parisi, de controladoria – foi um artigo da disciplina de controladoria, era em grupo, mas eu escrevi sozinho. Depois eu publiquei esse artigo junto com o Cláudio, só nós dois. Então, acho que foi algo muito positivo. Em outras disciplinas... é que foi curto o mestrado, eu fiz em vinte e dois meses, se eu não me engano, foi essa publicação que eu consegui no mestrado. Depois que eu terminei, a minha dissertação eu consegui publicar no congresso USP. Acho que foi isso que aconteceu, se não me falha a memória, é que já faz um tempinho que eu terminei... (risos)

Amanda: Agora vamos para o segundo bloco de perguntas, que é voltado mais para o doutorado. Quando surgiu a intenção de ingressar no doutorado?

Prof. Otávio: Quando eu terminei o mestrado já tinha em vista que eu ia querer fazer o doutorado. Eu sabia que, na época, a minha única chance era fazer na FEA, até porque era a única disponível para se fazer. E, eu não queria fazer em outra área, como muitos fazem – acabam indo fazer engenharia de produção, educação etc. Eu queria fazer em contabilidade e queria fazer lá na FEA, até porque era a única possibilidade. Então, logo que terminou, eu já tinha isso em mente que eu ia querer fazer. Não aconteceu logo em seguida, primeiro porque já tinha passado o prazo, eu esperei um ano. Aí eu tentei, no primeiro ano eu não consegui, fui até a entrevista e não consegui. No segundo ano que eu tentei, consegui entrar. Fiz o Teste ANPAD.

Amanda: Como foi a sua preparação para ingressar no doutorado?

Prof. Otávio: Não foi fácil não, viu, Amanda? Eu tive que estudar de novo pro ANPAD. Eu tenho uma tia que é doutora em matemática, que era o que mais me pegava. O inglês, o português e o raciocínio lógico... Raciocínio lógico eu tive que estudar também, comprei um livro, estudei bastante e a minha tia, eu sentei com ela várias vezes para estudar o raciocínio quantitativo, principalmente, que era o meu calcanhar de Aquiles. Eu fiz quatro testes pra ter uma nota que eu achava que iria conseguir ingressar. Eu me preparei também, bastante, para

as provas específicas, que era de contabilidade societária e gerencial, que na minha graduação, infelizmente, como eu já tinha me formado há seis anos antes de prestar doutorado, eu não tive uma base muito boa de societária e de gerencial. Então, eu peguei o edital, a recomendação bibliográfica e estudei bastante para as provas específicas, tanto que nos dois anos que eu tentei eu fui bem, no ANPAD e nessa prova específica. Então, eu me preparei bastante.

Amanda: Você falou que tentou duas vezes. Da primeira vez que você não conseguiu, qual foi o ponto que pegou pra você não passar?

Prof. Otávio: Assim, é uma incógnita. A gente sabe que a última etapa do processo de doutorado é a entrevista. Eu passei na prova da ANPAD, passei na análise do currículo, passei no projeto, aí cheguei na entrevista. Cheguei, fiz a entrevista, como na segunda vez, eu não vi diferença em relação a isso. Simplesmente, na hora que saiu a lista final, eu não estava relacionado. Eu não sei, eu reprovei na entrevista, se é para responder a pergunta. Mas dizer qual foi o motivo, eles não falam.

Amanda: Entendi. Na segunda vez você fez da mesma forma...

Prof. Otávio: A mesma coisa, fui aprovado em todas as etapas, fiz a entrevista da mesma forma e fui aprovado.

Amanda:- Certo.

Prof. Otávio: Eu não sei se era em função... porque, só o Carlos Alberto Pereira era o orientador da área tributária, meu projeto era na área tributária. Eu não sei se na primeira vez que eu tentei ele não tinha vaga disponível para orientação. Eu não sei e também nunca perguntei isso depois, quando ele foi meu orientador.

Amanda: Tá. Como o mestrado contribuiu para o desenvolvimento e conclusão do doutorado?

Prof. Otávio: Bom, eu acho que o amadurecimento, em termos de como conduzir disciplinas em uma pós-graduação *stricto sensu*... Eu acho que como nisso eu já tinha uma experiência, você tem um amadurecimento maior, em relação a ter uma tarimba, uma experiência, uma expertise maior em realizar pesquisas... Então, você entender metodologia, no mestrado a gente aprende metodologia, no doutorado você já sabe. Você nem precisa “fazer cadeira” nessa disciplina, porque se parte do pressuposto de que você já sabe – isso eu aprendi bastante no mestrado. Nas disciplinas que eu tive de ensino, ligadas à preparação como docente no doutorado, lembro que tive aula com professor Ivan, de Didática no Ensino da Contabilidade, isso também me auxiliou. Em termos gerais, foram essas situações, e, por fim também, o fato de já ter escrito uma dissertação. É óbvio que a tese é diferente, mas se você já escreveu uma dissertação, isso contribui de alguma forma.

Amanda: Agora falando do doutorado, houve alguma mudança na sua dedicação profissional ou uma abdicação de rendimentos?

Prof. Otávio: Nossa, Amanda, se eu contar pra você... o meu doutorado foi com a ajuda de Deus mesmo, porque eu tinha mil e uma coisas pra fazer. Eu era o coordenador do curso, porque quando eu ingressei no doutorado, me chamaram para ser coordenador da graduação. Eu era coordenador dessa pós-graduação, que eu sou até hoje, minha esposa estava grávida, eu estava construindo a minha casa... foi assim, uma loucura. Eu tive que coordenar muito bem o meu tempo para conseguir fazer. E eu era sócio de um escritório, hoje eu sou autônomo. Como eu era sócio, meus sócios não queriam nem saber, eu tinha que trabalhar, não é verdade? Hoje eu penso que eu poderia ter aproveitado muito mais o meu doutorado se eu tivesse abdicado de algumas coisas. Então, eu queria ter feito disciplina, que na hora eu não peguei porque eu sabia que não ia dar conta, eu tinha medo de reprovar e me queimar de alguma forma. Então assim, se você pegar o meu histórico escolar, eu fui bem. Das seis disciplinas que eu fiz, só duas eu tirei B, quatro eu tirei A, o que eu fiz, eu fiz bem feito. Mas eu fiz o mínimo, eram seis disciplinas, eu fiz seis disciplinas. Tinha que publicar não sei quantos artigos, eu publiquei exatamente a quantidade de artigos, entendeu? Eu fiz o que precisava fazer para terminar. Eu não consegui me dedicar um pouco além para ter, talvez, um conhecimento um pouco maior, se é que você me entende, em função dos inúmeros compromissos que eu tinha.

Amanda: E como foi o tratamento da produção acadêmica no doutorado?

Prof. Otávio: Vou falar a você, não foi muito. Eu publiquei dois artigos, nos praticamente quatro anos que fiquei lá, três anos e meio, porque eu não tinha tempo. Os dois artigos que eu publiquei foi em função da disciplina, eu tinha que escrever a tese, eu tinha um contato muito limitado com o orientador no doutorado. Então, minha preocupação era muito mais escrever a minha tese do que ficar produzindo artigos, em função do meu escasso tempo.

Amanda: E o que o título de doutor trouxe de mais significativo, no aspecto profissional, acadêmico e social?

Prof. Otávio: Sinceramente, eu acho que isso não pesou, se eu fosse mestre eles aceitariam da mesma forma. Aqui na instituição, na graduação, também não mudou muita coisa, porque eu já estava consolidado, vamos dizer assim. Então, não senti que de alguma forma isso pôde contribuir para o meu crescimento acadêmico. Acho que um pequeno incremento na aula de pós-graduação. Eu participei de um processo seletivo só para ver como é que era, pra UNICAMP, professor de contabilidade e eu fui bem, fiquei em terceiro lugar, só tinha uma vaga, não consegui entrar, mas achei que fui bem e graças a meu título de doutor eu tive a oportunidade de fazer. Fui aprovado nesse concurso, nesse caso, se quiserem me chamar, eu estou aprovado. Profissionalmente, em termos de consultoria, isso é algo relevante. Em muitas ocasiões isso foi algo relevante para pesar e fechar algum contrato ou não. É óbvio, voltando um pouco pro acadêmico, que quando você vai ministrar uma aula em uma pós e você é doutor, isso impõe um pouco mais de respeito com os alunos. Profissional, como eu

disse, em consultoria e pessoal, acho que é a mesma afirmação que eu fiz para o mestrado: não que eu faça as coisas na minha vida buscando prestígio, eu não tenho esse anseio, sempre prego a simplicidade, humildade... mas, invariavelmente isso acaba acontecendo, de forma natural – até pela quantidade de doutores que tem no país, isso acaba trazendo um pouco de prestígio. Acho que basicamente seria isso.

Amanda: E quais as atividades acadêmicas/profissionais você realiza atualmente?

Prof. Otávio: Como eu disse, eu sou coordenador da graduação do curso de Ciências Contábeis aqui da Instituição Toledo de Ensino. Também sou professor, eu dou graduação na disciplina de contabilidade tributária e controladoria. Oriento estágio com Ciências Contábeis e oriento o TCC de Ciências Contábeis. Na pós-graduação *lato senso* eu sou o coordenador MBA de gestão tributária da Instituição Toledo de Ensino, também ministro aula no MBA e dou aula em pós-graduação no MBA de tributário do INPG, que é o Instituto Nacional de Pós-Graduação, no IPOG, que é o Instituto de Pós-Graduação – esses dois tem um caráter nacional, viajo vários estados. Na FIPECAFI eu também dou aula em uma disciplina MBA de gestão tributária deles, Gestão Tributária da Cadeia Produtiva. Tenho um escritório aqui em Bauru onde sou autônomo, desenvolvo projetos de gestão tributária para clientes aqui do interior de São Paulo. Sou sócio do Cláudio Parisi, Elionor, Paschoal... Somos em sete pessoas do (IGEF), que é uma empresa aí de São Paulo onde eu desenvolvo consultoria também. Acho que só (risos).

Amanda: Você atribui a sua formação acadêmica – você já respondeu – a mais acesso a oportunidade na carreira e melhores rendimentos?

Prof. Otávio: Sem dúvida nenhuma.

Amanda: Como você avalia os reflexos da sua formação na sociedade? Qual o seu papel como pesquisador?

Prof. Otávio: Na sociedade, nossa. Você sabe que, modéstia à parte, sempre quando eu penso em um tema de pesquisa, principalmente para dar uma sugestão para algum orientando. Eu sempre dou uma sugestão de um tema, óbvio que é na área tributária, mas que tem um reflexo social. Eu entendo que a minha maior colaboração para a sociedade como pesquisador, não só a preocupação na hora em que vou produzir, mas orientar alguém, dar uma sugestão para alguém produzir um artigo, é sempre pensando nisso. Porque, a maior crítica que eu faço, conheço vários outros colegas que fazem também, é que a academia no Brasil é muito solitária, ela produz para ela mesma e não para a sociedade. Então, eu sempre tento. Como a área tributária tem tudo a ver com a sociedade, eu tento sempre fazer esse link. Muitos estudos que eu já fiz eu mando para jornais em circulação ser se eles veiculam, para mostrar que aquilo tem alguma contribuição.

Amanda: Já finalizei, essa seria a última pergunta. Se você quiser complementar, com algum comentário, alguma sugestão sobre as perguntas...

Prof. Otávio: Não, Amanda, eu acho que pelo objetivo da sua pesquisa está muito bem fechado o bloco de questões, para você conseguir cumprir essa pesquisa aí. Eu acho que não teria nada a acrescentar não.

Amanda: Ótimo. Agradeço, mais uma vez, a sua participação, Otávio.

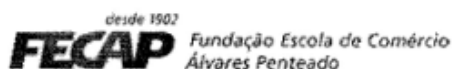
Prof. Otávio: Que é isso, o prazer é todo meu, poder ajudar você.

Amanda: Obrigada. Eu vou encaminhar para você, após a transcrição, o conteúdo dessa entrevista. Para a sua aprovação, caso você queira restringir alguma fala do que a gente conversou.

Prof. Otávio: Então tá bom, obrigado!

Amanda:- Obrigada.

APÊNDICE F – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ



Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e dados biográficos

Pelo presente instrumento, eu, **Mauro Fernando Gallo**, **AUTORIZO**, o uso de som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a mestrand-a-pesquisadora Amanda Russo Chiroto, inscrita no CPF/MF 298.670.388-78, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, a ser veiculado sem limitação de tempo ou de números de exibições, primariamente no material em texto desenvolvido como dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), intitulada **“A influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da Teoria do Capital Humano”** com o objetivo de analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria do Capital Humano.

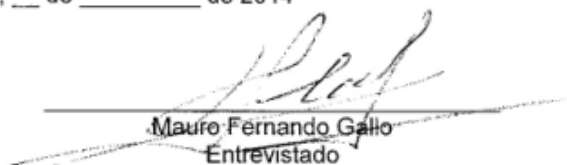
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 24/02/2014, pela mestrand-a-pesquisadora e pela FECAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact-disc” interativo), “home vídeo”, DAT (“digital áudio tape”), DVD (“digital vídeo disc”), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FECAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Esta autorização foi concedida mediante o compromisso da mestrand-a-pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. Tive acesso à transcrição de minha gravação antes da publicação;
2. Receberei uma cópia impressa e encadernada do trabalho final; e,
3. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, ___ de _____ de 2014



Mauro Fernando Gallo
Entrevistado

Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e dados biográficos

Pelo presente instrumento, eu, **Rodrigo de Souza Gonçalves**, AUTORIZO, o uso de som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a mestranda-pesquisadora Amanda Russo Chiroto, inscrito no CPF/MF 298.670.388-78, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentado, a ser veiculado sem limitação de tempo ou de números de exibições, primariamente no material em texto desenvolvido como dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), intitulada "A influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da Teoria do Capital Humano" com o objetivo de analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 24/02/2014, pela mestranda-pesquisadora e a FECAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home vídeo", DAT ("digital áudio tape"), DVD ("digital vídeo disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FECAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Esta autorização foi concedida mediante o compromisso da mestranda-pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. Tive acesso à transcrição de minha gravação antes da publicação;
2. Receberei uma cópia impressa e encadernada do trabalho final; e,
3. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 11 de Julho de 2014.



Rodrigo de Souza Gonçalves
Entrevistado

Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e dados biográficos

Pelo presente instrumento, eu, **Otávio Gomes Cabello**, **AUTORIZO**, o uso de som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a mestranda-pesquisadora Amanda Russo Chiroto, inscrito no CPF/MF 298.670.388-78, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentado, a ser veiculado sem limitação de tempo ou de números de exibições, primariamente no material em texto desenvolvido como dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), intitulada "**A influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da Teoria do Capital Humano**" com o objetivo de analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 24/02/2014, pela mestranda-pesquisadora e a FECAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home vídeo", DAT ("digital áudio tape"), DVD ("digital vídeo disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FECAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Esta autorização foi concedida mediante o compromisso da mestranda-pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. Tive acesso à transcrição de minha gravação antes da publicação;
2. Receberei uma cópia impressa e encadernada do trabalho final; e,
3. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 17 de julho de 2014.



Otávio Gomes Cabello

Entrevistado

Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e dados biográficos

Pelo presente instrumento, eu, **Tiago Nascimento Borges Slavov**, AUTORIZO, o uso de som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido a mestranda-pesquisadora Amanda Russo Chiotto, inscrito no CPF/MF 298.670.388-78, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentado, a ser veiculado sem limitação de tempo ou de números de exibições, primariamente no material em texto desenvolvido como dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), intitulada “A influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP: uma análise sob a ótica da Teoria do Capital Humano” com o objetivo de analisar a influência do título de mestre nos egressos em Ciências Contábeis da FECAP sob a ótica da Teoria da Capital Humano.

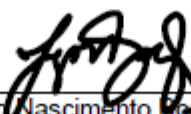
Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 24/02/2014, pela mestranda-pesquisadora e a FECAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact-disc” interativo), “home vídeo”, DAT (“digital áudio tape”), DVD (“digital vídeo disc”), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FECAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Esta autorização foi concedida mediante o compromisso da mestranda-pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. Tive acesso à transcrição de minha gravação antes da publicação;
2. Receberei uma cópia impressa e encadernada do trabalho final; e,
3. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 14 de JUHO de 2014.



Tiago Nascimento Borges Slavov
Entrevistado